



**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Mestrado em Lazer e Desenvolvimento Local**

**O TEMPO LIVRE DOS IDOSOS DO CONCELHO  
DE OLIVEIRA DO BAIRRO**

**Marisa da Silva Freitas**

**Coimbra, 2011**



**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Mestrado em Lazer e Desenvolvimento Local**

**O TEMPO LIVRE DOS IDOSOS DO CONCELHO DE OLIVEIRA  
DO BAIRRO**

Dissertação de mestrado apresentada à  
Faculdade de Ciências do Desporto e  
Educação Física da Universidade de  
Coimbra com vista à obtenção do grau  
de mestre em Lazer e Desenvolvimento  
Local

Orientador: **Professor Doutor Rui  
Adelino Machado Gomes**

**Marisa da Silva Freitas**

**Coimbra, 2011**

Freitas, M. (2011). *O tempo livre dos idosos do Concelho de Oliveira do Bairro*.  
Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação  
Física, Coimbra, Portugal.

**Aos meus pais, verdadeiros  
exemplos de dignidade, dedicação  
e amor, e à minha filha por ser a  
consagração de tudo isso...**

## **AGRADECIMENTOS**

A realização desta dissertação de mestrado apenas foi possível com o apoio e colaboração de um vasto conjunto de pessoas às quais não podia deixar de manifestar a minha profunda gratidão. Sem a sua preciosa ajuda não teria sido possível desenvolver esta investigação, pelo que gostaria de manifestar o meu sincero agradecimento:

Ao professor e orientador Rui Gomes, pelo total apoio, encorajamento, disponibilidade e acima de tudo pelo extraordinário profissionalismo.

Ao Gabinete de Apoio Social da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, na pessoa do Dr. Hélio Ferreira, pela pronta disponibilidade e pelas pertinentes informações facultadas.

A todos os idosos que pacientemente cooperaram no preenchimento do questionário e aos muitos munícipes que das mais diversas formas tornaram possível a recolha de dados.

À professora Paula Pinto pela colaboração na correcção ortográfica e gramatical.

À minha mãe, pela incansável colaboração e pelos sábios conselhos que me prestou.

Aos meus amigos e familiares, por toda a paciência e compreensão, sobretudo nos momentos de maior cansaço e preocupação.

Ao Fábio, porque esteve e está incondicionalmente ao meu lado...

A todos os que de alguma forma cooperaram e contribuíram para que esta pesquisa chegasse a bom porto o meu MUITO OBRIGADA!

## RESUMO

O impacto provocado pela alteração da dinâmica demográfica exigiu o reequilíbrio das interações sociais e fomentou a necessidade de caracterizar o fenómeno e repensar o papel e o valor da pessoa idosa na sociedade. Como tal, no século em que o trabalho viu o seu papel principal ser partilhado com o lazer, o envelhecimento ganhou projecção e reconduziu as suas orientações fazendo recair sobre a ocupação do tempo livre uma importante fatia do quotidiano, ancorando-se no seu estudo a compreensão dos usos e costumes da população idosa no que respeita às práticas culturais. É neste âmbito - estudo do tempo livre dos idosos, reformados e não institucionalizados - que o problema central desta investigação encontra o seu foco e procura responder à insuficiente informação sociológica, demarcando-se das perspectivas meramente físicas ou psicológicas e incidindo de uma forma mais completa nos comportamentos culturais e sociais deste grupo. Pretendemos por isso, caracterizar as diferentes formas de apropriação do tempo livre deste grupo social, identificando que usos fazem do tempo e espaço, aferindo também constrangimentos e motivações. A amostra é constituída por 199 idosos reformados e não institucionalizados do Concelho de Oliveira do Bairro. Destes, 114 são mulheres e 85 são homens, ambos com idades superiores a 65 anos. Os dados foram recolhidos através da aplicação de um questionário, tendo este sido elaborado com base no modelo utilizado por Rosa (1999) no estudo intitulado "Reformados e Tempos Livres". Para tratamento dos dados utilizámos a Análise de Clusters, mais precisamente o Ward Method. Criámos também classes específicas relativamente ao género, instrução, idade, valor da reforma, idade da reforma, motivo da reforma, outros rendimentos, estado civil, agregado familiar e freguesia. Foram também utilizados a ANOVA, o teste de Kruskal-Wallis, o teste K-S, o teste de *Levene* e o teste do Qui-quadrado de Pearson. As conclusões revelaram essencialmente que os idosos possuem uma visão dual do processo de envelhecimento; que o tempo livre é um elemento fundamental nas vivências deste grupo, fomentando a manutenção de actividades várias de índole pessoal e social; e que os factores socioculturais assumem uma influência categórica nos seus usos do tempo livre, apresentando-se como um factor coersivo e orientador de comportamentos.

**Palavras-chave:** *Lazer. Tempo livre. Envelhecimento. Idosos*

---

## ABSTRACT

The new demographic orientations have showed that social organization is changing and gaining new direction towards the marked aging of population. This process as, not only required a rebalance of social interactions, but also promoted the necessity to characterize the phenomenon as well as developed the need to understand the role of the elderly's in nowadays society. All this is strongly linked to the decrease on the role of work in daily life and, by consequence, to the increase of the importance of leisure, which can provide an excellent study base in this field. It's in this scenario – elderly's retired and non-institutionalized free time - that we developed the main problem of this investigation. With this study we want to respond to the insufficient sociological works in this area, focusing in a much more inclusive and complete scope and distancing ourselves from restricted and specific psychological or physical perspectives. With this investigation we aim to characterize the elderly's free time and understand not only how they spend it, but also analyze their motivations and constraints. The stratified sample consists of 199 subjects with the following characteristics: retired, not institutionalized and living in the county of Oliveira do Bairro. This group is represented by 114 females and 85 males, both over 65 years. Data were collected using a sociological questionnaire based on the model used by Rosa (1999) in the study entitled "Reformados e Tempos Livres". To process data we used the Cluster Analyses, more precisely the *Ward Method* and we also created specific classes according to gender, age, education, retirement pay, reason of retirement, retirement age, incomes, marital status, family and county which were processed using the Anova, the Kruskal-Wallis test, the *Levene's test*, the Chi-square test and Pearson's test. The main conclusions have showed that the elders have a dual vision of the aging process; that the fact of having free time is central in their daily life experiences and promotes the maintenance of an active social role developing personal and social skills; and that the social and cultural factors have a major influence in the uses that they give to their free time, presenting itself as a coercive and guiding element.

**Keywords:** Leisure. Free time. Aging. Elders.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	V
ABSTRACT .....	VI
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>PARTE I – PROBLEMÁTICA</b>	
<b>CAPITULO I - LAZER E ENVELHECIMENTO</b> .....	20
1. ENQUADRAMENTO SOCIOLOGICO DO ENVELHECIMENTO .....	20
2. LAZER E CICLOS DE VIDA .....	29
3. OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE DOS IDOSOS .....	46
<b>PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO</b>	
<b>CAPITULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA</b> .....	58
1. PERSPECTIVA GERAL .....	58
2. CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO .....	59
3. ACÇÕES DESENVOLVIDAS PELO MUNICIPIO .....	66
<b>CAPITULO III - QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO</b> .....	67
<b>CAPITULO IV - APONTAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	69
1. AMOSTRA .....	69
2. INSTRUMENTOS .....	70
3. MÉTODOS ESTATÍSTICOS UTILIZADOS .....	71
<b>CAPITULO V - APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b> .....	74
1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	74
2. CARACTERIZAÇÃO GERAL – ENVELHECIMENTO .....	83
3. CARACTERIZAÇÃO GERAL – TEMPO LIVRE E O USO QUE OS IDOSOS FAZEM DELE .....	87
4. CARACTERIZAÇÃO GERAL – CONSTRANGIMENTOS SOCIAIS E PESSOAIS NO USO DO TEMPO LIVRE .....	95
5. CARACTERIZAÇÃO GERAL – INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES LOCAIS NA OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE .....	97
6. ANÁLISE COMPARATIVA .....	100
7. ANÁLISE DE CLUSTERS .....	130
<b>CONCLUSÕES</b> .....	136
<b>LIMITAÇÕES DO ESTUDO</b> .....	143
<b>RECOMENDAÇÕES</b> .....	143
<b>BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA</b> .....	144
<b>ANEXOS</b>	



## ÍNDICE GERAL

NOTA DE ABERTURA .....	III
AGRADECIMENTOS .....	IV
RESUMO .....	V
ABSTRACT .....	VI
SUMÁRIO .....	VII
ÍNDICE DE TABELAS .....	XI
ÍNDICE DE FIGURAS .....	XI
ÍNDICE DE QUADROS .....	XII
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	XIII
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
PROBLEMA A ESTUDAR .....	16
OBJECTO DE ESTUDO .....	16
1. Objectivos da pesquisa .....	17
2. Pertinência do estudo .....	18
<b>PARTE I – PROBLEMÁTICA</b>	
<b>CAPITULO I – LAZER E ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>20</b>
1. ENQUADRAMENTO SOCIOLÓGICO DO ENVELHECIMENTO .....	20
1.1. Uma questão semântica ou cultural? .....	23
1.2. Influência destes conceitos sobre o lazer .....	25
1.3. Lazer e aposentação .....	26
2. LAZER E CICLOS DE VIDA .....	29
2.1. Entendendo o lazer .....	29
2.2. Breve resenha histórica .....	29
2.3. Lazer, ócio, tempo livre e lazer: que conceitos .....	33
2.4. Lazer ao longo da vida .....	40
2.5. Corpo e lazer .....	42
3. OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE DOS IDOSOS .....	46
3.1. A importância do passado .....	46
3.2. A influência da educação por género .....	48
3.3. A importância do capital cultural .....	50
3.4. A manutenção das redes sociais .....	51
3.5. Vivências em meio rural e urbano .....	53
4. TEMPO LIVRE E TRABALHO ENTRE OS IDOSOS .....	55
4.1. Reforma, tempo livre por excelência? .....	55
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b>	
<b>CAPITULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA .....</b>	<b>58</b>
1. PERSPECTIVA GERAL .....	58
2. CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO .....	59
2.1. Economia local .....	59

2.2. Evolução populacional.....	60
2.3. Educação.....	62
2.4. Cultura e lazer.....	62
2.4.1. associações.....	63
2.4.2. equipamentos culturais.....	64
2.4.3. equipamentos desportivos.....	64
2.4.4. cursos extra-escolares.....	64
2.4.5. despesas em cultura e desporto.....	65
2.4.6. valências para idosos.....	65
2.4.7. acessibilidades.....	65
3. ACÇÕES DESENVOLVIDAS PELO MUNICÍPIO.....	66
<b>CAPITULO III – QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO.....</b>	<b>67</b>
<b>CAPITULO IV – APONTAMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>69</b>
1. AMOSTRA.....	69
2. INSTRUMENTOS.....	70
3. MÉTODOS ESTATÍSTICOS UTILIZADOS.....	71
3.1. Estatística descritiva.....	71
3.2. Testes estatísticos utilizados.....	72
<b>CAPITULO V – APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....</b>	<b>74</b>
1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	74
1.1. Distribuição por género.....	74
1.2. Distribuição por idade.....	74
1.3. Habilitações literárias.....	75
1.4. Actividade profissional antes da reforma.....	75
1.5. Idade da reforma do inquirido.....	76
1.6. Motivos da reforma.....	77
1.7. Valor da reforma.....	77
1.8. Outros rendimentos.....	78
1.9. Manutenção de uma actividade profissional remunerada.....	78
1.10. Estado civil.....	78
1.11. Descendência directa.....	79
1.12. Composição do agregado familiar.....	79
1.13. Idade do cônjuge.....	80
1.14. Habilitações académicas do cônjuge.....	80
1.15. Actividade profissional do cônjuge antes da reforma.....	81
1.16. Idade de reforma do cônjuge.....	81
1.17. Motivos de reforma do cônjuge.....	82
1.18. Manutenção de uma actividade profissional (cônjuge).....	82
2. CARACTERIZAÇÃO GERAL – ENVELHECIMENTO.....	83
2.1. Percepção de si e dos outros.....	83
2.1.1. conceito de idoso e velho.....	83
2.2. Sentimentos sobre a velhice.....	85
2.3. Percepção social da velhice.....	86

3. CARACTERIZAÇÃO GERAL – TEMPO LIVRE E O USO QUE OS IDOSOS FAZEM DELE .....	87
3.1. Diferença entre tempo livre e tempo de trabalho.....	87
3.2. Ocupação geral do tempo .....	88
3.3. Conceito de tempo livre.....	89
3.4. Práticas de tempo livre.....	90
3.4.1. trabalhos domésticos e cuidados à família.....	90
3.4.2. actividades cívicas e voluntariado.....	90
3.4.3. vida social e entretenimento e meios audiovisuais.....	91
3.4.4. prática de desportos.....	92
3.4.5. férias.....	93
4. CARACTERIZAÇÃO GERAL – CONSTRANGIMENTOS SOCIAIS E PESSOAIS NO USO DO TEMPO LIVRE.....	95
5. CARACTERIZAÇÃO GERAL – INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES LOCAIS NA OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE.....	97
5.1. Associações e sociedades recreativas.....	99
5.1.1. grau de associativismo antes da reforma.....	99
5.1.2. grau de associativismo depois da reforma.....	99
6. ANÁLISE COMPARATIVA.....	100
6.1. Envelhecimento percepção de si e dos outros.....	101
6.1.1. conceito de idoso.....	101
6.1.2. conceito de velho.....	103
6.1.3. sentimentos sobre a velhice.....	105
6.1.4. preocupações relativas ao envelhecimento.....	106
6.1.5. percepção social da velhice.....	107
6.2. Tempo livre e o uso que os idosos fazem dele.....	108
6.2.1. distinção entre tempo livre e tempo de trabalho <u>antes</u> da reforma.....	108
6.2.2. distinção entre tempo livre e tempo de trabalho <u>após</u> da reforma.....	109
6.2.3. ocupação do tempo.....	110
6.2.4. redes sociais dos idosos que efectuaram distinção entre tempo de trabalho e tempo livre.....	112
6.2.5. conceito de tempo livre sob a influência das variáveis sociodemográficas.....	113
6.2.6. o uso do tempo livre à luz das variáveis sociodemográficas.....	115
6.2.7. influência das variáveis sociodemográficas sobre o conceito de férias.....	123
6.2.8. redes sociais dos idosos e a ocupação do tempo livre.....	125
6.3. Constrangimentos sociais e pessoais no uso do tempo livre.....	126
6.3.1. grau de satisfação com a forma como ocupa o tempo livre.....	129
7. ANÁLISE DE CLUSTERS.....	130
7.1. Caracterização dos clusters.....	130
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>136</b>
<b>LIMITAÇÕES DO ESTUDO .....</b>	<b>143</b>
<b>RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>143</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>144</b>
<b>WEBGRAFIA .....</b>	<b>148</b>
<b>ANEXOS</b>	

## ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1 – População concelhia residente por sexo e grupo etário</i> .....	60
<i>Tabela 2 – Evolução demográfica da última década</i> .....	60
<i>Tabela 3 – População segundo grupo etário e sexo, por freguesia</i> .....	61
<i>Tabela 4 – População segundo nível de instrução e sexo</i> .....	62
<i>Tabela 5 – Tipos de associações por freguesias</i> .....	63
<i>Tabela 6 – Distribuição da amostra por sexo e freguesia</i> .....	69
<i>Tabela 7 – Estatísticas referentes à idade do inquirido</i> .....	74
<i>Tabela 8 – Estatísticas referentes à idade da reforma</i> .....	76
<i>Tabela 9 – Manutenção de uma actividade profissional remunerada</i> .....	78
<i>Tabela 10 – Estatísticas referentes ao número de filhos</i> .....	79
<i>Tabela 11 - Estatísticas referentes à idade do cônjuge</i> .....	80
<i>Tabela 12 - Estatísticas referentes à idade da reforma do cônjuge</i> .....	81
<i>Tabela 13 – Manutenção de uma actividade profissional remunerada (cônjuge)</i> ..	82
<i>Tabela 14 – Clusters</i> .....	130

## ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1 – Corpo enquanto projecto inacabado</i> .....	45
<i>Figura 2 – Modelo de análise</i> .....	68
<i>Figura 3 - Enquadramento dos clusters</i> .....	134

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização das práticas de lazer e tempos livres.....	38
Quadro 2 – Classificação das actividades de lazer.....	41
Quadro 3 – Instalações desportivas por freguesia.....	64
Quadro 4 <sup>a</sup> , 4b e 4c - Classes sociodemográficas.....	100
Quadro 5 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de idoso.....	101
Quadro 6 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de velho.....	103
Quadro 7 – Variáveis sociodemográficas e a forma como encaram a velhice.....	105
Quadro 8 – Variáveis sociodemográficas e a imagem social do idoso.....	107
Quadro 9 – Variáveis sociodemográficas e a ocupação do tempo.....	110
Quadro 10 – Variáveis sociodemográficas e redes sociais na ocupação do tempo .....	112
Quadro 11 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de tempo livre.....	113
Quadro 12 – Variáveis sociodemográficas na categoria de “trabalhos domésticos e cuidados à família”.....	115
Quadro 13 – Variáveis sociodemográficas na categoria de “actividades cívicas e de voluntariado”.....	117
Quadro 14a – Variáveis sociodemográficas na categoria de “vida social e entretenimento”.....	118
Quadro 14b – Variáveis sociodemográficas na categoria de “vida social e entretenimento”.....	120
Quadro 15 – Variáveis sociodemográficas na categoria de “prática de desportos” .....	122
Quadro 16 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de férias.....	123
Quadro 17 – Influência das variáveis sociodemográficas sobre as redes sociais dos idosos na ocupação do tempo livre.....	125
Quadro 18 – Influência das variáveis sociodemográficas sobre as férias.....	128
Quadro 19 – Análise de clusters.....	131

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição gráfica da composição da amostra por freguesia.....	69
Gráfico 2 – Composição da amostra por género.....	74
Gráfico 3 - Dispersão da idade.....	75
Gráfico 4 – Idade.....	75
Gráfico 5 - Nível de instrução.....	75
Gráfico 6 - Idade da reforma.....	76
Gráfico 7 - Dispersão da idade da reforma.....	76
Gráfico 8 – Motivos da reforma.....	77
Gráfico 9 – Valor da reforma.....	77
Gráfico 10 - Rendimentos para além da reforma.....	78
Gráfico 11 – Estado civil.....	78
Gráfico 12 – Número de elementos do agregado familiar.....	79
Gráfico 13 - Idade do cônjuge.....	80
Gráfico 14 - Dispersão da idade do cônjuge.....	80
Gráfico 15 - Nível de instrução do cônjuge.....	80
Gráfico 16 – Motivos da reforma do cônjuge.....	82
Gráfico 17 – Conceito de “idoso”.....	83
Gráfico 18 – Conceito de “velho”.....	84
Gráfico 19 – Valores médios observados do conceito de “velho”.....	84
Gráfico 20 – Percepção da velhice.....	85
Gráficos 21a e 21b – Os idosos perante a sociedade.....	86
Gráfico 22 - Distinção entre tempo de trabalho e tempo livre.....	87
Gráfico 23 – Ocupação do tempo.....	88
Gráfico 24 – Com quem passa o tempo.....	88
Gráfico 25 – Conceito de tempo livre.....	89
Gráfico 26 – Ocupação do tempo livre na categoria de “Trabalhos domésticos e cuidados à família”.....	90
Gráfico 27 – Ocupação do tempo livre na categoria de “Actividades cívicas e de voluntariado”.....	90
Gráfico 28a e 28b – Ocupação do tempo livre na categoria de “Vida social e entretenimento e meios audiovisuais”.....	91
Gráfico 29 – Ocupação do tempo livre na categoria de “prática de desportos”.....	92
Gráfico 30 – Conceito de férias.....	93
Gráfico 31 – Frequência com que passa férias.....	93

---

Gráfico 32 – Com quem passa o tempo livre.....	94
Gráfico 33 – Constrangimentos no uso do tempo livre.....	95
Gráfico 34 – Importância atribuída à ocupação do tempo livre.....	96
Gráfico 35 – Conhecimento das actividades promovidas pelas instituições.....	97
Gráfico 36 – Participação nas actividades promovidas pelas instituições.....	97
Gráfico 37 – Motivos de participação nas actividades.....	98
Gráfico 38 – Motivos de não participação nas actividades.....	98
Gráfico 39 – Sócio (antes da reforma).....	99
Gráfico 40 – Dirigente (antes da reforma).....	99
Gráfico 41 – Sócio (após da reforma).....	99
Gráfico 42 – Dirigente (após da reforma).....	99
Gráfico 43 – Influência do género sobre a distinção entre tempos antes da reforma .....	109
Gráfico 44 – Influência da composição do agregado familiar sobre a distinção entre tempos após a reforma.....	109

## INTRODUÇÃO

Foi sobretudo a partir da segunda metade do século XX, graças ao forte desenvolvimento tecnológico, que o envelhecimento populacional se tornou uma realidade e conquistou uma dimensão social notória. O impacto da alteração da dinâmica demográfica exigiu o reequilíbrio das interações sociais e fomentou a necessidade de caracterizar o fenómeno e de repensar o papel e o valor da pessoa idosa na sociedade. A decorrer em simultâneo, numa outra página social, surge a conquista do tempo livre, enquanto momento liberto do trabalho e propicio àquilo que Dumazedier designou de “três D” – descanso, divertimento e desenvolvimento – e promove-se um uso do tempo e do espaço que contemple a realização e a satisfação pessoal.

O cruzamento destes fenómenos é algo inevitável, não só pela importância social que os idosos adquiriram enquanto grupo social, mas também porque estes representam o *ex-libris* do tempo livre, sendo que este último se afigura cada vez mais como um elemento estruturante do seu quotidiano, sobretudo se tivermos presente que a velhice é, actualmente, um momento pleno de faculdades e possibilidades.

São estes os pontos-chave desta investigação e é através deles que procuraremos reflectir sobre ambos os fenómenos, relacionando-os. Como tal, a presente dissertação tem como objectivo principal estudar o tempo livre dos idosos e compreender como o ocupam, procurando ainda analisar o fenómeno do envelhecimento aos olhos dos inquiridos. O concelho de Oliveira do Bairro albergou esta pesquisa e a dinâmica pública também foi alvo de análise, uma vez que pretendemos verificar que ofertas as entidades públicas proporcionam no que respeita à ocupação do tempo livre deste grupo social.

Este trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira contempla a *Problemática*, onde se encontra a revisão bibliográfica focalizada nas principais referências temáticas ou em assuntos que de alguma forma contribuíram para efectuar o enquadramento teórico e estabelecer o nosso objectivo de estudo, bem como as hipóteses. A segunda referente ao *Estudo Empírico* contempla os seguintes capítulos: *caracterização demográfica*, onde o concelho será retratado de forma objectiva, pertinente e fidedigna; *questões orientadoras do estudo*, onde será dado a conhecer o fio condutor intrínseco que dirigiu esta investigação e onde serão estabelecidas as hipóteses em estudo; *apontamento metodológico*, onde serão explicados todos os procedimentos e métodos estatísticos utilizados e, finalmente, a *apresentação e*



*discussão dos resultados*, onde procuraremos interpretar os resultados obtidos nesta investigação à luz da revisão bibliográfica efectuada.

## **PROBLEMA A ESTUDAR**

Se é certo que o rápido aumento da esperança de vida proporcionou o enraizamento de um grupo etário com maior longevidade, também o é, o facto do desenvolvimento económico e da reestruturação social terem sido a rampa de lançamento para a consolidação do lazer enquanto elemento fundamental das suas vivências sociais. Como tal, no século em que o trabalho viu o seu papel principal ser partilhado com o lazer, o envelhecimento ganhou projecção e reconduziu as suas orientações fazendo recair sobre a ocupação do tempo livre uma importante fatia do quotidiano, ancorando-se no seu estudo a compreensão dos usos e costumes da população idosa no que respeita às práticas culturais.

Com efeito temos vindo ultimamente a dar-nos conta do aparecimento de trabalhos nesta temática, mas na verdade a orientação dos mesmos tende a focar-se, quase exclusivamente, na prática da actividade física e menos na forma como os idosos ocupam o seu dia e nos tipos de práticas que fazem parte do seu quotidiano, deixando uma fenda bastante considerável neste âmbito - sobretudo porque o envelhecimento deve compreender o indivíduo na sua plenitude, repousando no lazer a faculdade de proporcionar vários tipos de incentivos em todas as dimensões humanas e contribuir para fornecer informação pertinente acerca dos comportamentos sociais e da apropriação das práticas culturais.

## **OBJECTO DE ESTUDO**

O problema central desta investigação encontra o seu foco no estudo do tempo livre dos idosos, reformados e não institucionalizados, e procura responder à insuficiente informação sociológica neste âmbito, demarcando-se das perspectivas meramente físicas ou psicológicas, incidindo de uma forma mais completa nos comportamentos culturais e sociais deste grupo. Desta forma pretendemos caracterizar as formas diferenciadas de apropriação do tempo livre deste grupo social, identificando que usos fazem do tempo e espaço, aferindo também constrangimentos e motivações.

## 1. Objectivos da pesquisa

Estabelecemos algumas linhas orientadoras para esta pesquisa e definimos objectivos concretos:

a) Efectuar a **contextualização sociodemográfica**:

- caracterizar o concelho no que respeita à população idosa e às associações promotoras de iniciativas para esta faixa etária.
- verificar que tipo de actividades são oferecidas pelas instituições aos idosos.
- verificar a influência que o grau de urbanidade exerce sobre a preferência e a prática de lazer.

b) Descrever e compreender o **uso do tempo livre** e caracterizar as **práticas de lazer** do quotidiano:

- analisar a forma como os idosos ocupam o tempo livre de que dispõem.
- identificar as preferências relativamente ao tipo de práticas de lazer e de ocupação de tempos livres.
- analisar a frequência de participação dos idosos nas actividades propostas e os motivos da mesma.

c) Identificar **constrangimentos e motivações**:

- verificar qual a importância que os idosos atribuem ao lazer.
- verificar se as práticas de lazer realizadas vão de encontro às necessidades e aspirações deste grupo etário.
- analisar os constrangimentos, sociais e pessoais, que este grupo identifica para aceder às práticas de lazer e tempos livres.

d) Identificar as **representações sociais** sobre a velhice.

## **2. Pertinência do estudo**

Actualmente todos sabemos que temos hipótese de viver velhos ou mesmo muito velhos, pelo que atingir a idade madura significa o início de uma nova etapa da vida, que se bem preparada e estimulada pode revelar-se bastante promissora em termos de realizações, projectos, planos e sonhos e trazer grandes benefícios ao idoso. O constante rejuvenescimento deste grupo, leva a que o idoso se confronte com a velhice sentindo-se ainda detentor de todas as faculdades, pelo que o aumento da esperança média de vida deve ser acompanhado com uma vida independente, digna e socialmente estimulante.

Os discursos emblemáticos das sociedades contemporâneas assentam na ideia de que se deve acrescentar vida aos anos e não apenas, anos à vida, defendendo que a evolução da estrutura social deve orientar-se na procura da qualidade da vida, do aperfeiçoamento da identidade e da construção do prazer e da razão de viver – contexto onde o lazer ocupa um papel determinante sendo apresentado como elemento essencial nas vivências desta população etária, porque promotor de vários tipos de incentivos em todas as dimensões humanas: fisiológica, psicológica, intelectual e emocional. No entanto, nem sempre é fácil concretizar este momento, pois o modelo social vigente estratifica os ciclos de vida e atribui-lhe funções e papéis sociais bastante definidos: a juventude e a infância recebem educação, os adultos trabalham e os idosos reformam-se, sendo conduzidos a uma situação de alguma marginalidade social da produção e do consumo.

Talvez por se encontrarem sob a influência destas características sociais, grande parte das investigações pendem preferencialmente para os factores físicos e psicológicos, limitando o teor do estudo à saúde e actividade física ou ainda solidão e isolamento – âmbitos que consideramos importantes mas também, sem pretender minimizar a sua relevância, algo redutores.

Como tal, e reconhecendo no lazer um valor incalculável, apostámos numa investigação que o utilizasse como veículo de conhecimento deste grupo social, procurando compreender onde e como o idoso se move no contexto social, através da análise do uso que faz do tempo livre de que dispõe, das práticas que leva a cabo, bem como das suas motivações e constrangimentos. Esta necessidade emerge fundamentalmente de nos encontrarmos perante sociedades simultaneamente envelhecidas, mas com uma representação juvenil do seu funcionamento.

# **PARTE I - PROBLEMÁTICA**

## **CAPITULO I – LAZER E ENVELHECIMENTO**

O envelhecimento ocupa hoje lugar de destaque na sociedade. A sua importância não passa despercebida, não só pela dimensão quantitativa alcançada, mas também pela relevância que conquistou nos vários domínios sociais.

Este é certamente o século do idoso! De facto, o final do século XX já indiciava isso mesmo, primeiro ao ser proclamado o “Ano Europeu do Idoso e da Solidariedade entre Gerações”, em 1993, pelo Parlamento Europeu, e posteriormente ao ser declarado, pelas Nações Unidas, em 1999, o ano internacional do idoso sob a bandeira “Construir uma sociedade para todas as idades”.

O envelhecimento é assim um tema que interessa a todos e a sua complexidade torna o seu estudo ainda mais pertinente, uma vez que é algo transversal a toda a sociedade, não se confinando a uma classe, género ou cultura.

Cabe-nos, por isso, procurar esclarecer o que se entende por envelhecimento, mesmo sabendo que este é um fenómeno que ocorre a vários níveis e que varia de pessoa para pessoa.

### **1. ENQUADRAMENTO SOCIOLÓGICO DO ENVELHECIMENTO**

Tendemos a classificar o envelhecimento apenas sob a vertente biológica. A idade, as marcas do tempo, a saúde, são indicadores fortes e amplamente visíveis, pelo que se confina muitas vezes o envelhecimento a essa perspectiva. Mas, não é somente a Biologia a determinar este momento, até porque, cada vez mais, o Homem consegue manipular e adulterar o que a genética programou e o ambiente condicionou.

Envelhecer é muito mais do que fazer anos e por isso mesmo não é fácil concretizar esse momento. Ainda assim, a idade cronológica<sup>1</sup> surge como o elemento mais preciso para esta categorização, mesmo que bastante longe de oferecer uma definição completa.

---

<sup>1</sup> A OMS define como patamar, nos países desenvolvidos, os 65 anos para o início da velhice e a ONU considera os 60 anos como marco dessa fronteira.

Vários são os autores que têm desenvolvido teorias na tentativa de o compreender e explicar - Bergtson e Schaie editaram até o *Manual das Teorias do Envelhecimento*, em 1999. No entanto, e porque nenhuma delas explica completamente este processo, vamos apenas reter a nossa atenção nos aspectos gerais que de uma forma ou de outra acabam por ser focados pelos vários cientistas.

Assim sendo, aceitamos a definição de Oliveira (2010, p.26) que define o envelhecimento como “*um processo que, devido ao avançar da idade, atinge toda a pessoa, bio-psico-socialmente considerada, isto é, todas as modificações morfo-fisiológicas e psicológicas, com repercussões sociais, como consequência do desgaste do tempo*”. Todavia, parece-nos também importante referir que o envelhecimento pode ser entendido como “*um processo de crescimento, estruturado em torno do tempo e marcado por mudanças biológicas, psicológicas e sociais*” (Campos, sd). Ambas as definições concentram o forte carácter heterogéneo deste acontecimento, garantindo a diferenciação pessoal e temporal do mesmo, mas nenhuma é exacta quanto ao momento em que o envelhecimento se inicia.

O instante a partir do qual o indivíduo se percepção como velho é o elemento crucial para a compreensão deste processo e nenhuma destas ou de outras definições, que não foram aqui apresentadas, refere com exactidão o momento a partir do qual isso acontece.

Gouès (1991) projecta este processo para o *self*<sup>2</sup> referindo que, do ponto de vista do sujeito, o envelhecimento é algo que se percepção mais a partir de si próprio do que do exterior. No entanto, esta perspectiva prende-se, no nosso entendimento, com a questão mental, ou seja, com alteração da forma como o indivíduo se perspectiva e a forma como sente as modificações que ocorrem. Mas não podemos esquecer que os sinais exteriores (social e culturalmente enviados ao sujeito) condicionam fortemente o *self*, a percepção que possui de si próprio e, conseqüentemente, a forma como vivencia as alterações, o que torna esta acção recíproca e em constante evolução.

Poderemos dizer que o envelhecimento é um aspecto cultural? Philibert (Pimentel, 2001) afirma que este processo, tal como o conhecemos, é actualmente uma criação da história, pois a “*forma como se envelhece depende mais das sociedades humanas do que da natureza*” (Pimentel, 2001, p.53). Birren (Oliveira, 2010, p.34) refere que o envelhecimento é “*um produto da interacção entre muitas forças – genéticas e ambientais – e a acumulação de produtos de eventos aleatórios.*”

<sup>2</sup> Para o próprio indivíduo construído por disposições internas e mentais.

Com efeito, um breve olhar sobre a história deste processo demonstra que a evolução das civilizações alterou a forma como este é percebido e vivenciado, quer pela sociedade, quer pelo próprio idoso. O acto de envelhecer é entendido e vivido de formas diferentes, tendo em conta o tipo de sociedade em que a pessoa se encontra. Em algumas culturas este processo é visto de forma positiva, pois envelhecer significa possuir valor, conhecimento, património colectivo, sabedoria e inspira respeito, traduzido no poder que lhe é atribuído, muitas vezes através de cargos importantes na organização social. Noutras, contudo, envelhecer não se afigura desta forma e o indivíduo é projectado para a margem social, para a inutilidade e para o isolamento.

Não será arriscado afirmar que podemos encontrar qualquer uma destas perspectivas na nossa sociedade actual que, com todas as suas particularidades e crescentes exigências, tem transformado o envelhecimento num fenómeno cada vez mais complexo e ambíguo. Dois exemplos simples poderão esclarecer este ponto de vista: o envelhecimento visto de forma positiva, quando o idoso mantém um cargo importante perante a sociedade, de que são exemplo alguns conselheiros de Estado ou cientistas; e o mesmo processo visto de forma negativa, quando, por exemplo, vemos aumentar o número de idosos abandonados nos hospitais ou em lares. Logicamente, não podemos dissociar estas questões de factores culturais e económicos, porém abordaremos esta questão mais adiante, quando associada à temática concreta que aqui nos propomos estudar.

Reconhecemos, no entanto, que envelhecer nos dias de hoje não é tarefa fácil, e que apesar de haver entendimentos positivos sobre este processo muitos são os estigmas sociais. A sociedade, ainda que imbuída de um espírito promotor de valores de compreensão e inclusão de todos os cidadãos, especialmente das minorias, parece falhar redondamente na aplicação dos mesmos, ao negar o envelhecimento enquanto processo natural e ao deixar bem patente a luta diária que cada indivíduo trava para combatê-lo. Identificamos várias dificuldades acarretadas pelo envelhecimento, com a noção de que numa sociedade organizada em função do trabalho e da produtividade, a inactividade profissional pode representar uma profunda mudança no estilo de vida de um indivíduo e requerer uma enorme capacidade de adaptação aos novos papéis adquiridos a nível social e familiar. Por isso mesmo, partilhamos a opinião de Salgado (Pimentel & Souza, sd) que refere que *“envelhecer é uma propriedade particular, com vivências e expectativas específicas que não reduzem a responsabilidade da vida e a participação activa no processo social, pois, mesmo velho o indivíduo continua membro da Humanidade”*.

Face ao exposto, não nos coibimos de objectivar que a estrutura social parece estar inadaptada perante os novos idosos que chegam a esta condição plenos de todas as faculdades e prontos para cumprirem objectivos pessoais que anteriormente não podiam ser alcançados. Apesar disso, esta estrutura dá indicações de um acordar lento, embora presente, para a mudança. Nesta ordem de ideias, a presente dicotomia remete o envelhecimento para a subjectividade que já havíamos constatado e coloca-nos questões que é necessário esclarecer.

### 1.1. Uma questão semântica ou cultural?

Uma panóplia de conceitos emerge quando falamos em envelhecimento. O que é um idoso, um velho, a terceira idade ou a velhice?

Dois aspectos importantes e que já foram referidos anteriormente, não podem ser esquecidos. O primeiro relembra-nos que a dificuldade na definição destes conceitos não reside concretamente no âmbito biológico e o segundo reforça a importância que os aspectos sociais e culturais possuem em todo este processo<sup>3</sup>.

Numa primeira abordagem poderíamos afirmar que estes conceitos são sinónimos e que se trata apenas de vocábulos diferentes para fazer referência ao mesmo, mas uma observação cuidada revela que não é bem assim. Muitas vezes, a utilização variada destes termos tem como objectivo camuflar a negatividade que lhe é atribuída ou até conferir-lhe um tom paternalista.

Uma breve passagem pelo Dicionário da Língua Portuguesa denota, ainda que subtilmente, essa diferença. Senão vejamos: ‘velho’ significa “*que tem muita idade, antiquado, muito usado*”. Ferreira (Scheider & Irigaray, 2008, p.588) reforça esta definição com “*gasto pelo tempo, experimentado, veterano, desusado, obsoleto*”, estando patente o preconceito, o estereótipo, a carga negativista com que o “velho” é percebido. No entanto, ‘idoso’, apesar de num primeiro momento fazer referência ao termo ‘velho’ resume a definição a “*anoso, que tem muita idade*”. E se prestarmos um pouco de atenção ao termo “velhote” verificamos que lhe é atribuída uma conotação carinhosa: “*velho, mas ainda bem conservado, velho bem-disposto, velhusco*”.

<sup>3</sup> Como refere Miguel Ricou (2002) cada pessoa possui uma perspectiva própria, que é construída através de representações que lhe foram impostas socialmente, pelo que, só fará sentido falar do Homem e da sua relação com o mundo se tivermos em consideração a bagagem cultural de cada um.



Não passa despercebido que os estereótipos e os preconceitos são figuras omnipresentes no uso destes vocábulos e a sociedade portuguesa não é excepção ao atribuir uma conotação depreciativa ao termo 'velho' (Oliveira, 2010) e uma conotação carinhosa e, por vezes, paternalista ao termo 'idoso'.

A expressão 'terceira idade' oriunda da França na década de 60, começou inicialmente por ser utilizada para referir o momento de entrada na reforma. O ciclo de vida de um indivíduo era por isso, inicialmente marcado por três fases: a primeira idade ou infância, a segunda idade ou adultícia, e a terceira idade ou velhice. Num primeiro momento poderíamos sentir-nos tentados a afirmar que 'terceira idade' e 'velhice' são sinónimos, mas rapidamente essa perspectiva se desvanece ao verificarmos que este cenário se alterou, originando diferentes categorizações à medida que a esperança média de vida foi aumentando. Actualmente, vários autores fazem referência à existência de uma quarta idade e até de uma quinta idade, o que remete a terceira idade para um patamar intermédio entre a vida adulta e a velhice. Scheider e Irigaray (2008) referem que quem está nesta fase não é velho. A velhice fica confinada às idades mais avançadas e a terceira idade é entendida como um momento de transição, marcado pela entrada na reforma e pelo consequente desligar da vida profissional, porém ainda repleto de vivências, de entre as quais destacamos o lazer.

O termo velhice, também frequentemente aplicado como sinónimo de terceira idade, possui representações sociais díspares desta e acarreta os estigmas e os preconceitos de que falámos anteriormente - à semelhança de todos os outros conceitos, também se trata de um constructo social dependente do meio e da época em que se insere.

Para Bernard Ennuyer (1991), de entre muitos outros autores, a velhice é vista como algo dramático porque geralmente considerada apenas sob a vertente física e associada à perda de autonomia, à doença e a um conjunto interminável de *handicaps* que condicionam fortemente a prestação pessoal e social do indivíduo. Com um cariz muito negativo, a velhice constitui fonte de preocupação e de negação - percebida com elevado preconceito é alvo de inúmeras tentativas de a protelar e evitar.

Não estamos apenas perante a questão cronológica embora esteja intimamente associada a ela, mas perante a questão biológica, na perspectiva da funcionalidade e independência que o indivíduo consegue manter.

Simone Beauvoir (Pinheiro, 2004) retrata esta situação caracterizando-a como exclusão social, referindo que *“o velho aparece aos indivíduos como uma ‘espécie estranha’ na qual eles não se reconhecem”*.

Torna-se evidente que a velhice não se coaduna com a sociedade actual, pois entra em confronto com os valores preconizados pelo trabalho e que incentivam a produtividade, a rapidez, a eficácia e a flexibilidade. Mas também se torna imperioso frisar que a sociedade não se encontra adaptada à velhice, uma vez que não abraça este acontecimento como algo natural e importante para o seu crescimento e desenvolvimento.

Cícero (Palmeirão, 2002, p.40) explica a velhice sob uma perspectiva que nos parece importante ressaltar. O autor defende que esta fase da vida pode ser muito promissora e quando bem preparada é percebida como algo positivo. Considera também, que as etapas precedentes à ancianidade mais não são do que fases de preparação para a velhice, afirmando mesmo, que quando bem vividas não acarretam lamentações. No seu entendimento a velhice é uma *“consequência de factores psicossociais”* e não afecta o prestígio social e ético quando a *“ponderação, dignidade, sobriedade e bom senso”* regem a trajetória de vida do idoso. Assim, *“as privações que a ancianidade impõe ao homem, não são consequência da idade, mas dos costumes (...)”*.

## **1.2. Influência destes conceitos sobre o lazer**

Importa neste ponto verificar a influência que a percepção destes conceitos exerce nas vivências do idoso, procurando compreender se os estereótipos sociais condicionam a forma como vive o lazer.

Os idosos do mundo contemporâneo representam uma geração que viveu a Revolução Industrial, que se escravizou ao ritmo do trabalho com consideráveis diferenças entre géneros e classes sociais, que pouco conhecia da velhice e do lazer e que tinha na religião um suporte social. No entanto, representam também uma geração que viveu a invenção do tempo livre, da reforma, da terceira idade, que atribuiu direitos iguais a homens e mulheres, que preconizou o fim das diferenças sociais e a igualdade de direitos, que reduziu a importância conferida à religiosidade e que passou a dar outra importância ao lazer.

Esta é, por assim dizer, uma geração de transição que se reporta ao passado em busca de valores e referências socioculturais que reforcem a sua identidade e que, simultaneamente, se confronta com o presente repleto de valores e referências bem distintas. O idoso vive, por isso, numa teia de definições em busca de um enquadramento social e pessoal. Um processo repleto de dualidades que se reflecte na imagem que este possui de si próprio e na forma como considera que é percebido. Ricou (2002, p.138) cita Durkheim afirmando que “*o factor social é exterior e coercivo*”, obrigando a determinadas posturas, gostos e opiniões. O mesmo relata Gomes (2005, p.50) ao dar-nos conta da existência de “*um mapa cognitivo que permite aos indivíduos orientarem-se no espaço social*”.

Luísa Pimentel (2001) chama a atenção para o facto de vários autores fazerem referência às barreiras provocadas pelos preconceitos na forma de ser e de estar dos idosos. O lazer deste grupo não foge, portanto, a estes condicionalismos socioculturais, nem aos condicionalismos físicos, psicológicos e emocionais, uma vez que também é vivido de acordo com o que a sociedade impõe ao idoso e de acordo com os comportamentos e opções que são esperadas para a sua condição. Se assim não fosse, jamais causaria qualquer tipo de admiração a escolha de determinadas actividades na terceira idade ou jamais despertaria passividade e naturalidade a ausência de qualquer escolha nesse âmbito.

A vivência do lazer na terceira idade é fruto de várias influências e o seu estudo não deve descurar a perspectiva do ciclo de vida do idoso, devendo ser interpretado à luz dos contextos sociais e dos vários factores que determinam o decurso deste processo (Fonseca, 2005). Lalive D’Epinay (1991, p.16) afirma que “*a cultura é a matriz da nossa liberdade*”, balizando as nossas escolhas e determinando o nosso percurso de vida.

### **1.3. Lazer e aposentação**

Não existem dúvidas quanto à importância que o trabalho ocupa actualmente e quanto à influência que exerce sobre o sistema de valores sociais. O factor profissional é a força motriz da vida adulta, e, enquanto tal, confere uma condição e um estatuto social fundamentais para o desenvolvimento da identidade. Não gera assim qualquer admiração o facto do abandono do mercado de trabalho provocar profundas alterações na vida do idoso. Várias são as mudanças nos papéis sociais e familiares

exercidos até então, ocorrendo um rompimento abrupto a vários níveis, principalmente no que respeita às redes sociais. Desaparece o ponto central de organização da vida quotidiana e de identidade individual e uma nova etapa se afigura.

Vulgarmente, a sociedade define a pessoa como idosa a partir do momento em que atinge os 65 anos e/ou o final da carreira, abandonando a vida activa, deixando de ser economicamente produtiva para a sociedade. Esta é uma opinião generalizada, independentemente de sabermos que a reforma é alcançada por diversos motivos e que depende do tipo de ocupação, do país, do sistema social ou da época histórica em que é vivenciada e que a idade cronológica não é um indicador rigoroso (Paúl & Fonseca, 2005).

Quer surja por imposição física, patronal ou estatal, potencia, à semelhança dos conceitos anteriormente abordados, entendimentos e sentimentos positivos e negativos. Fonseca (2005) contextualizou esta questão muito objectivamente num estudo intitulado *“Aspectos psicológicos da passagem à reforma”*. O investigador salientou que, numa visão positiva, a passagem à reforma significa estar liberto das obrigações profissionais e ter mais controlo sobre o tempo de que dispõe. Representa uma oportunidade para os idosos se dedicarem ao que mais gostam e levarem a cabo actividades que anteriormente não podiam concretizar. D’Epinay (1991) corrobora esta opinião referindo que a reforma não se destina ao tempo de repouso mas ao tempo de viver. No entanto, numa visão bem menos positiva, Fonseca (2005) refere que a passagem à reforma significa isolamento, estagnação, inutilidade e, principalmente, falta de objectivos, uma vez que o idoso não conseguiu dar uma nova organização ao quotidiano.

O mesmo autor apresentou, neste estudo, uma conclusão muito relevante para os objectivos a que nos propomos nesta pesquisa, ao referir que o tempo agora mais liberto é normalmente ocupado com actividades que já faziam parte do foco de interesses antes de se alcançar a reforma - o idoso encontra no seu passado os alicerces para o lazer depois da aposentadoria. Contudo, não podemos ignorar que este passado é fruto do elevado peso da tradição familiar e social, da baixa escolaridade, e do trabalho, enquanto aspecto central da vida.

Impõe-se também falar neste ponto sobre o facto dos idosos se apresentarem como um grupo social economicamente mais frágil. Caracterizados por um perfil profissional de baixa condição, vêem-se normalmente confrontados com a redução dos rendimentos ao entrarem na reforma - o que associado na maior parte dos casos a um significativo crescimento das despesas de saúde, promove o aumento da

dependência e limita as opções de vida, quebrando o mito de estarmos perante uma época de ouro, repleta de liberdade e de novas oportunidades (Veyesset, 1989). Maria João Rosa (1999) constatou isso mesmo no estudo intitulado “Reformados e Tempos Livres”. A autora verificou que o nível de instrução que caracteriza esta população é baixo, pelo que o *status* económico<sup>4</sup> é pouco superior ao *status* social<sup>5</sup> - especial ênfase atribuído ao grupo das mulheres reformadas que apresenta uma condição económica inferior aos restantes.

---

<sup>4</sup> Definido, nesse estudo, em função da posse de determinados bens.

<sup>5</sup> Definido, nesse estudo, através da combinação entre ocupação e instrução.

## 2. LAZER E CICLOS DE VIDA

### 2.1. Entendendo o lazer

Na lógica evolutiva em que o tempo livre se insere impõe-se abordar a forma como este acompanhou as mudanças sociais ao longo dos séculos. Procuraremos, por isso, a génese deste conceito. A análise da sua evolução permitir-nos-á situar o contexto actual, esclarecer e interpretar algumas modificações presentes.

Falar de tempo livre implica, mesmo que de forma indirecta, uma referência às formas de organização social: espaço e tempo. Somente através da sua localização espaço-temporal podemos atribuir-lhe um verdadeiro sentido e compreender as alterações de que vai sendo alvo.

Iremos recuar um pouco no tempo e analisar outros espaços. Remontaremos, muito sucintamente, à civilização greco-romana e à Revolução Industrial por considerarmos que a organização social dessas épocas nos permitirá uma aproximação primária aos conceitos que aqui nos propomos estudar.

### 2.2. Breve resenha histórica<sup>6</sup>

A sociedade greco-romana pode ser designada como a “mãe” do tempo livre e do lazer. Nesta época, “ócio” era o termo mais utilizado para definir o não-trabalho e embora também fosse utilizado o vocábulo “lazer”, este era pouco recorrente. Utilizados de forma indiscriminada cabiam numa mesma definição sendo-lhes conferido um valor muito superior ao do trabalho. Nesta época, ócio implicava não trabalhar. Não era “*nem um complemento, nem uma compensação, mas um substituto do trabalho.*” (Dumazedier, 2001, p.27). Representava uma isenção da actividade laboral que era considerada desprezível e apenas digna de homens de baixa condição, moralmente considerados devedores e, por isso mesmo, escravizados. Como refere Camargo (2002, p. 28) “*esta civilização inventou o lazer, mas não soube, nem quis democratizá-lo.*”

No entanto, para este povo, ócio não era sinónimo de não fazer nada, era sim, um estado de alma que implicava dedicação aos aspectos de índole intelectual e espiritual. Por esta razão era um direito de poucos, só possível devido à escravidão de

---

<sup>6</sup> Utilizaremos aqui o termo ‘lazer’ de forma indiscriminada, sem procurar que se estabeleça qualquer aproximação com definições específicas do conceito, respeitando desta forma o carácter ambíguo com que o mesmo era utilizado.

muitos. Os homens distinguiam-se conforme se podiam dedicar ou não ao ócio ou *skolé*<sup>7</sup> (Dumazedier, 2001), pois este encontrava-se associado aos mais elevados valores morais e sociais e era algo permitido apenas às classes nobres. Só estas podiam ter acesso a uma educação para a cultura, isenta de preocupações com o trabalho ou com qualquer outra actividade ligada à mera subsistência.

Avancemos agora para outra época marcante na conceptualização do lazer: a Revolução Industrial. Neste contexto histórico o lazer sofreu profundas alterações. Foi alvo de muita contestação social e conheceu um forte crescimento em direcção à democratização.

Numa análise geral, verificamos que os países mais marcantes na evolução do lazer apresentam, salvaguardando os aspectos próprios de cada sociedade, características e fundamentos semelhantes no desenrolar deste processo.

O lazer que, até então, mantinha o seu carácter elitista surge assim como fruto da reivindicação popular pelo aumento do tempo livre. O forte desenvolvimento tecnológico levou a que a classe operária lutasse pela redução da jornada de trabalho e pela aplicação dos “três oitos”, exigindo o direito ao lazer. O tempo ganhou outra dimensão e a partir desse momento o trabalho deixou de ser o aspecto central. Como refere Mills (citado em Pronovost, p. 119) o trabalho perdeu o seu significado e *“deixou de determinar a direcção e o ritmo interior da existência”*. O lazer surge, por isso, como uma conquista ao tempo de trabalho.

A classe operária, agora mais instruída, revelou-se manifestamente mais capaz de analisar a situação social e reivindicar a melhoria das suas condições de vida. *“Sem dúvida, o lazer despoletou dentro da consciência colectiva, e tomou forma em instituições novas e específicas”* (Pronovost, p.32).

Os fundamentos que alicerçaram os factos ocorridos na época da Revolução Industrial foram de tal forma marcantes na conceptualização do lazer que ainda hoje verificamos a sua presença, mesmo que, em alguns casos, isso ocorra de forma pouco perceptível. Não podemos, deste modo, deixar de referi-los e fá-lo-emos apresentando de forma independente a contribuição de três países na definição do processo de formação do lazer.

---

<sup>7</sup> Palavra que significa simultaneamente, ócio e escola.

Inspirados na obra de Gilles Pronovost (1983), que tão bem ilustrou esta situação, retiraremos sucintamente do contexto os reflexos do movimento social sobre o pensamento moderno do lazer.

Começaremos por nos situar em Inglaterra. Numa época em que a sociedade se encontrava fortemente estratificada e no auge da industrialização o trabalho assume um papel central. Envolto em valores sociais díspares do lazer e representando a virtude suprema, apenas deixava ao trabalhador o tempo necessário para se repousar e recuperar fisicamente. Por esta razão o lazer devia ser algo merecido e legitimado pelo trabalho. Tomam assim lugar os designados lazeres racionais<sup>8</sup> que preconizam o desenvolvimento moral e intelectual do indivíduo, cuja finalidade se prendia com a educação e moralização.

As conquistas alcançadas deixaram também transparecer uma diminuição do controle institucional do tempo, o que acabou por conferir ao indivíduo mais liberdade na utilização do mesmo. Consequentemente, o Estado alterou a sua forma de intervenção e as preocupações governamentais, que até então se resumiam ao âmbito da educação, começaram a ganhar outros contornos. O governo procurava agora responder às necessidades da população garantindo a acessibilidade e participação desta aos recursos de lazer disponíveis.

A análise do conceito americano de lazer aparece estruturada também sobre as reformas da educação, do trabalho e da saúde e, à semelhança do que referimos anteriormente, demonstra que a conquista de tempo livre e de direitos é fundamental para o desenvolvimento do lazer.

Importa aqui referir aquele que segundo Pronovost é o primeiro pensador americano sobre o presente tema, Thorstein Veblen, retendo a sua ideologia. Sumariamente, o autor inspirado pelas correntes evolucionistas e marxistas define o lazer enquanto tempo de improdutividade, enquanto ócio e revela-se bastante crítico quanto a este, referindo que *“o lazer é uma ociosidade ostentatória, resultante da desconsideração pelo trabalho e da demonstração de capacidade de uma vida ociosa”* (Pronovost, p.74). No pensamento de Veblen o lazer aparece como algo secundário comparativamente à actividade económica e está associado à improdutividade e à classe superior, por ser a que mais se dedica ao ócio. O autor faz, pela primeira vez,

---

<sup>8</sup> Surgiram com o principal objectivo de distanciar a elite, então apelidada de *leisure class*, dos ditos lazeres populares.



referência à *leisure class* enquanto estrato social que ganhou a batalha económica e que faz questão de o demonstrar socialmente.

Anos mais tarde, a sociedade americana viu consolidar-se uma corrente de pensamento contrária à de Veblen. Esta não só nega a existência da *leisure class*, como preconiza o lazer para todos, reconhecendo-o como um direito. Lazer e ócio assumem, nesta fase, significados diferentes e na América aparece pela primeira vez a expressão *free time*.

A sociedade americana viveu a massificação do lazer e passou a considerá-lo um direito, mas simultaneamente nunca conseguiu deixar de o perceber como uma ameaça social dando voz a perspectivas que, apoiadas na ética do trabalho o categorizaram como um problema da civilização moderna, associando-o ao crime e à delinquência.

Na sequência destes movimentos sociais, surgiu outra linha de pensamento apelando a uma “*educação para o lazer*” e defendendo que cada indivíduo fosse introduzido “*na arte de usar o lazer*”. Esta corrente reconheceu que o lazer exercia uma influência importante na formação geral da pessoa, pois apresentava características formativas e preventivas de determinados comportamentos.

No contexto social francês a evolução do lazer também se pautou pelo aumento do desenvolvimento tecnológico e pelas lutas sociais que reivindicavam a redução da jornada de trabalho e o conseqüente aumento do tempo livre.

Destaca-se neste contexto o sociólogo Paul Lafargue que assertivamente demonstrou o seu descontentamento pelo dogma do trabalho quando escreveu “*O direito à preguiça*”. O autor criticou o excesso de trabalho, que apresentava contornos desumanos, mas também não se coibiu de tecer críticas à burguesia por se tornar improdutiva e ociosa. Foi promotor de um discurso, por vezes paradoxal, mas exaltou o direito à preguiça e “*colocou-o no centro das preocupações relativas ao trabalho e aos trabalhadores*” (Santos, 1998, p.3).

A França também preconizou o fim do lazer controlado institucionalmente e procurou que as funções do estado se caracterizassem pela democratização deste e pela defesa dos “*bons lazeres*”<sup>9</sup>. Teve também lugar o aparecimento do lazer-

---

<sup>9</sup> Lazer de carácter formativo.

compensação, conceito análogo ao anteriormente referido no contexto social inglês e que defendia que o lazer devia ser algo merecido.

Numa outra página da história francesa cruzamo-nos com Joffre Dumazedier. Nesta sua jornada pela definição do conceito, o autor afirma que *“o lazer é um fenómeno tipicamente contemporâneo, uma produção específica das sociedades industriais, que não encontra paralelo nas culturas de outros tempos”* (citado em Pronovost, p.150). Identificou como impulsionadores o progresso científico-tecnológico, a diminuição do controle institucional e o aumento da valorização pessoal, e reconheceu a sua influência sobre o trabalho, a família e a cultura, atribuindo-lhe características hedonísticas e liberatórias.

Iniciamos assim, com este importante sociólogo, a nossa incursão pelo lazer na sua versão mais actual, pelo que aprofundaremos melhor a sua intervenção neste âmbito, no ponto que se segue.

### **2.3. Lazer, ócio, tempo livre e trabalho: que conceitos**

O recurso à utilização indiscriminada dos termos “lazer”, “ócio” e “tempo livre” tem gerado alguma dificuldade na compreensão deste processo. No entanto, paralelamente tem mantido acesa esta discussão importante e tem contribuído para a evolução destes entendimentos. Assim, para que possamos compreender o tempo livre e o lazer, torna-se imperativo definir conceitos, clarificando a ligação que estes mantêm entre si. É disso que trataremos neste ponto.

Antes de mais, e porque o lazer é uma forma de uso do tempo, faremos uma breve referência à indiscutível importância que o factor temporal conquistou nos dias de hoje. O homem começou por medir o tempo, quantificá-lo, para posteriormente passar a fraccioná-lo e até a comercializá-lo. Este tornou-se uma mercadoria muito valiosa, que não pode ser desperdiçada e a sua fraccionação e conseqüente categorização conferiu-lhe novos valores que passaram a influenciar as vivências de cada um e - o tempo livre, o lazer e o tempo de trabalho ganharam novas orientações e novos graus de importância na esfera social e pessoal. O tempo revela-se uma estrutura simbólica, sujeita a apropriações diferenciadas de classe, género ou geração.

Não podemos prosseguir esta nossa tarefa de compreensão do tempo livre e do lazer sem identificarmos concretamente os aspectos que os delimitam. É importante compreender qual é o ponto de partida e precisar o que consideramos não se encaixar nesses conceitos.

O trabalho é o primeiro foco da nossa abordagem. Pela importância na sociedade e, sobretudo, pela sua forte intervenção na esfera do lazer e do tempo livre devemos procurar compreender o seu significado. Não pretendemos alongar-nos demasiado nesta definição, contudo é fundamental que o façamos.

Para compreendermos o conceito de trabalho aceitamos a explicação de Giddens (citado em Machado, 2006, p.3) que o define como “*a realização de tarefas que envolvem o dispêndio de esforço mental e físico, com o objectivo de produzir bens e serviços para satisfazer necessidades humanas*”, sejam estas em “*termos de vida ou realização pessoal*” (Andrade, 2001, p.17). Estamos perante actividades que visam satisfazer as necessidades do indivíduo, desde as mais simples e básicas às mais complexas, nas quais inserimos o lazer e o tempo livre.

Sinónimo de ‘lida’, ‘produção’ ou labor’, ‘esforço’ ou ‘actividade’, a palavra «trabalho» apresenta um forte carácter de obrigatoriedade, exigência, seriedade, responsabilidade e produtividade. Actualmente é encarado como fonte de realização pessoal e social, como meio de dignificação da pessoa, pois libertou-se da conotação de tortura, maldição ou castigo. Reconhecendo a importância do trabalho, Huizinga (citado em Camargo, 2002) refere que o homem nasce *ludens* e cresce para se tornar *faber* e que não mais deixará de desempenhar ambos os papéis, ainda que, nem sempre de forma pacífica.

O trabalho deixou de ocupar a esfera central da vida pessoal e passou a dividir esse patamar com o tempo livre. Actualmente não representa só o “*ganha-pão*” mas também o “*ganha-lazer*” (Dumazedier, 2000). Por isso mesmo o indivíduo dispõe de todo o seu tempo livre de forma remunerada e pela primeira vez o *homo faber* paga o *homo ludens* (Camargo, 2002). Este autor esclarece ainda que “*o tempo livre já é quase igual ao tempo de trabalho*”, sendo que este último já foi ultrapassado nos países desenvolvidos (2002, p.32). Santos (1998), bem como Dumazedier (Monteiro, 2006) manifestam-se mais reservados neste âmbito, sublinhando que poucos foram os avanços nesse sentido, pois apesar de ser ter verificado um acentuado crescimento económico e uma redução significativa do tempo de trabalho, este tende a ser preenchido com novas obrigações profissionais em busca de melhores condições financeiras. Assertivo, Baudrillard (citado em Umbelino, 1999, p.73) acentua bem esta

tendência, salientando que “ *vivemos numa época em que os homens jamais conseguirão perder tempo suficiente para conjurar a fatalidade de passarem a vida a ganhá-lo*”. Mas, nem só no trabalho assentam os limites do tempo livre e do lazer. Outras actividades com carácter de necessidade e obrigatoriedade se inscrevem como fortes condicionantes.

Procuremos então definir o que é o tempo livre. Começemos por relembrar que para grande parte dos autores, trata-se de um tempo liberto das tarefas profissionais, embora nem sempre vinculado ao lazer, ainda que definido por oposição a este. É entendido, predominantemente, sob o ponto de vista económico, caracterizando-se como “ *o tempo disponível após o cumprimento das obrigações produtivas diárias, e do atendimento das necessidades fisiológicas e sociais*” (Neto, 1993, p.19). Camargo descreve-o como “ *o tempo que sobra das obrigações profissionais, escolares e familiares, englobando o estudo voluntário, a participação religiosa ou política, e o lazer*” (2002, p.33) sendo, este último, a forma mais procurada para ocupação desse tempo.

O conceito de tempo livre corresponde à necessidade de “baptizar” a parte do dia em que não estamos ocupados com actividades objectivamente definidas. O seu significado reflecte um momento livre e parece traduzir o espaço desimpedido do dia que pode ser ocupado de inúmeras formas. Samuel et al (citado em Magalhães, 1991) consideram que o tempo livre se tornou um tempo social, pois proporciona alterações das estruturas sociais e o aparecimento de novas normas, novos valores e diferentes relações. Dumazedier refere que “ *o tempo livre é o invólucro do tempo de lazer*” (2001, p. 54), é a condição necessária para que o lazer tenha espaço. Elias e Dunning<sup>10</sup> (1992) partilham desta opinião já que consideram que todas as actividades de lazer são actividades de tempo livre, mas que o contrário não é necessariamente verdade.

É consensual que o lazer acontece nos momentos de tempo livre, mas a revisão da literatura demonstra que não existe uma clara distinção entre eles, chegando frequentemente a ser utilizados como sinónimos. O mesmo acontece, ainda que menos regularmente, com a utilização da palavra ócio que, no entanto, não merece grande contestação entre os vários autores mantendo uma conotação negativa vinculada ao espírito religioso puritano decorrente sobretudo da época da Revolução Industrial.

---

<sup>10</sup> Estes sociólogos elaboraram o chamado “espectro do tempo livre” na tentativa de conferir maior precisão ao problema e compreender relações e diferenças entre actividades.

Esta breve incursão pelo tema transpira a amplitude do conceito e deixa antever a sua complexidade, contudo marca o início do seu processo de diferenciação ao estabelecer como *outsiders* as questões profissionais, as obrigações sociais ou as acções de sobrevivência.

Numa outra perspectiva D'Epina defende que tempo livre e trabalho não são necessariamente contrários. Segundo este *“os tempos livres deixam de se opor ao trabalho se considerarmos que as transformações sociais seguem o sentido da mutação do ethos do trabalho para o ethos da realização pessoal”* (citado em Santana, 2000, p.109). Babin corrobora esta opinião ao referir também que a dicotomia trabalho/tempo livre está em desaparecimento e tem vindo, paulatinamente, a ser substituída pela dicotomia prazer/não-prazer (Santana, 2000).

Partilhamos desta opinião acreditando que estamos perante esferas que interagem entre si, influenciando-se mutuamente. No entanto, entendemos que o tempo livre pressupõe o trabalho, bem como pressupõe a existência de um conjunto de obrigações da vária índole, pois é na ausência destas que ocorrem os momentos libertos de constrangimentos.

Discutindo agora o conceito de lazer, constatamos que este se encontra em permanente mutação, como aliás, salienta Magalhães (1991, pp.168) ao referir que a *“fronteira entre o lazer e o não-lazer”* está cada vez mais ambígua.

Iniciamos esta análise através da mais completa definição de Dumazedier (2000, p. 34): *“o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.”* Na busca de uma definição concreta o sociólogo começa por elaborar uma lista de actividades opostas ao lazer, posteriormente categoriza-o como um estilo de comportamento passível de ser encontrado em qualquer actividade e como sendo o *“único conteúdo do tempo orientado para a realização da pessoa com fim último”* (Dumazedier, 2001, p.91) no entanto, acaba por culminar na definição inicialmente apresentada.

Na contínua procura de uma definição Gaelzer (Neto, 2003), Moragas (Campos, sd) ou ainda Robinson e Godbey (Brandão, 2008) projectam o lazer para uma

dimensão subjectiva, assente na disposição mental e na experiência pessoal deixando o lazer assente sobre o livre arbítrio. Requiça (Monteiro, 2006, p. 24) salienta que o lazer pode ser entendido como *“uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e, cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”*. Já Elias e Dunning indicam que este deve ser entendido como *“uma ocupação escolhida livremente e não remunerada, escolhida, antes de tudo, por que é agradável em si mesma”* (Brandão, 2008).

Werneck introduz uma vertente importante nesta problemática. O sociólogo vê o lazer como uma prática cultural e sublinha que este é *“uma expressão da cultura, constituindo um elemento de conformismo ou de resistência à ordem social estabelecida”* (citado em Monteiro, 2006, p. 26). Também Kaplan persegue esta ideia, conferindo relevância à dependência que este conceito apresenta relativamente ao ciclo de vida, aos estilos de vida e às estruturas socioeconómicas. Ideia também partilhada por Patmore que identifica nas práticas de lazer uma relação estreita com o estilo de vida de que o indivíduo usufrui (citado em Garcia, 2009).

Na dificuldade de uma definição concreta o lazer, fruto de um passado recente rico em modificações socioculturais, é alvo de análise sob variadas perspectivas sobre as quais assentam as seguintes correntes de pensamento: a utilitarista (Neto, 1993), a moralista, a compensatória, a educativa (Pronovost, 1983) e a cultural, sendo também estudado sob diferentes pontos de vista, nem sempre exclusivos: tempo, espaço, atitude ou actividade.

Inúmeras classificações do lazer proliferam desta amálgama de entendimentos, o que possibilita que este se manifeste sob um manto diversificado de categorizações, e que estas se multipliquem, à mesma velocidade que qualquer indivíduo utiliza o tempo livre a seu bel-prazer.

Grande parte dos autores mais do que procurar definições concretas aponta características. Podemos encontrar vários formatos de lazer: passivo, activo e actividades sociais (Lee & Bhargava citado em Monteiro, 2006); físicos, artísticos, sociais, intelectuais e práticos (Dumazedier, 2001); domiciliaries e externos, opondo as que se realizam fora e dentro do contexto domiciliar (Botelho & Fiore citado em Monteiro, 2006); entre outros.

Lopes (2000, p.197) apoiado em D'Épinay e Madureira Pinto, apresenta uma categorização bastante actual e completa das práticas de lazer e de tempos livres, conferindo aos lugares e práticas mais precisão e enquadramento, pelo que não poderíamos deixar de apresentá-la.

**Quadro 1 – Categorização das práticas lazer e tempos livres**

<p><b><u>I. Espaço doméstico</u></b></p> <p>1. <b>Práticas domésticas e criativas:</b> fazer «bricolage»; artesanato; escrever um «diário»; cozinhar por divertimento.</p> <p>2. <b>Práticas domésticas expressivas, de interacção e sociabilidade:</b> receber familiares em casa; receber amigos em casa; ir a casa de familiares; ir a casa de amigos.</p> <p>3. <b>Práticas domésticas receptivas, de consumo e/ou fruição:</b> ver televisão; ouvir rádio; ouvir música; ler livros sem ser de estudo ou profissionais; ler jornais; ler revistas; ver filmes vídeo em casa.</p> <p>4. <b>Práticas domésticas de abandono:</b> não fazer nada; dormir a sesta.</p>
<p><b><u>II. Espaço Público</u></b></p> <p>5. <b>Práticas expressivas públicas:</b> frequentar festas de carácter popular; passear; fazer desporto; fazer «jogging»; fazer pequenas viagens; ir à pesca; ir à caça; ir à praia; passear em centros comerciais; ir a feiras.</p> <p>6. <b>Práticas participativas públicas:</b> assistir a jogos de futebol (ou outros espectáculos desportivos); assistir a touradas; ir ao circo; ir a concertos de música popular e moderna.</p>
<p><b><u>III. Espaço semipúblico</u></b></p> <p>7. <b>Práticas expressivas semipúblicas:</b> ir a cafés, cervejarias, pastelarias; ir à missa ou a cerimónias religiosas; ir a discotecas; ir a bares; almoçar ou jantar fora sem ser por necessidade; jogar em máquinas electrónicas (casas de jogos); ir às compras (roupa, discos, livros, etc.).</p> <p>8. <b>Práticas receptivas semipúblicas:</b> ir ao cinema.</p> <p>9. <b>Práticas de rotina semipúblicas:</b> comprar comida e mercearias.</p>
<p><b><u>IV. Espaço associativo/espço semipúblico organizado</u></b></p> <p>10. <b>Práticas associativas criativas:</b> fazer teatro amador; dançar (dança contemporânea, ballet, jazz e folclore); tocar (num grupo musical, coro, rancho, etc.); cantar (num grupo musical, coro, rancho, etc.).</p> <p>11. <b>Práticas associativas expressivas:</b> ir a associações recreativas ou colectividades locais; jogar xadrez; jogar às cartas, damas, bilhar, etc.; fazer campismo e caravanismo.</p>
<p><b><u>V. Espaço de cultura cultivada/sobrelegitimada</u></b></p> <p>12. <b>Práticas eruditas criativas:</b> escrever (poemas, contos, etc.); artes plásticas (pintar, desenhar, etc.); fazer fotografia (sem ser em festas ou em férias).</p> <p>13. <b>Práticas receptivas e informativas de públicos cultivados:</b> ir ao teatro; ir a concertos de música.</p>

Não podíamos encerrar esta nossa abordagem sem fazer referência a uma classificação que consideramos ser da máxima importância para este estudo. Esta pretendeu conferir sentido ao facto de lazer e trabalho poderem andar de 'mãos dadas'. Dumazedier (2000), nas suas investigações, concluiu que por vezes o lazer está ligado ao um fim utilitário ou lucrativo e considerou que essas actividades não podiam ser consideradas unicamente como tal. Introduziu, assim, o conceito de "semilazer", onde procurou classificar as actividades em que trabalho e lazer se interpenetram e apresentam um carácter misto. Elias e Dunning (1992) também efectuam esta distinção, contudo fazem-no relativamente às actividades de tempo livre e não às actividades de lazer.

No rescaldo desta apresentação conceptual concluímos que estamos na presença de uma panóplia de entendimentos o que nem sempre se revela fácil. No entanto, a aparente indefinição conceptual e a real utilização indiscriminada dos termos não diminuem a importância do lazer, pelo que não persistem dúvidas de que este se

afirma como um valor em si mesmo (Dumazedier, 2000). Na verdade, o que ontem era visto com preguiça, egoísmo e pecado é hoje entendido como dignidade, respeito e qualidade de vida. Mais do que isso, o lazer passou a ser uma necessidade!

Durante a nossa pesquisa sobre o tema diversas questões foram colocadas e várias dúvidas tomaram forma, mas não nos deixamos abalar por esta indefinição. Pelo contrário, ela contribuiu para que pudéssemos observar este fenómeno de forma mais abrangente, clarificar o nosso entendimento conceptual e manifestar, com fundamento, a nossa perspectiva sociológica sobre estes conceitos demarcando claramente a nossa posição.

Consideramos então, que o lazer não se encontra na fronteira com o trabalho e muito menos se confunde com as actividades de tempo livre. Julgamos que este, tal como indica Martins e Aquino (2007, p.482), é o momento *“máximo de autocondicionamento e mínimo de heterocondicionamento”*, ou seja, totalmente dominado pelo próprio indivíduo.

Desta forma, apenas podemos entender a existência do lazer a que chamaremos *“puro”*<sup>11</sup> porque totalmente livre, prazeroso, espontâneo e resultante de uma escolha pessoal - que apenas se manifestará em actividades realizadas em momentos muito específicos e relativamente curtos, uma vez que quer em sociedade, quer em família, existem inúmeras condicionantes e obrigações. Catalogamos a liberdade e a espontaneidade como principais características diferenciadoras, uma vez que garantem momentos totalmente desprendidos de quaisquer constrangimentos: temporais, espaciais, físicos, culturais, económicos, familiares ou profissionais.

Cimentamos esta nossa opinião no facto de observarmos que as várias tentativas de definição do lazer assentam quer sobre a subjectividade – ocupações, actividades, prazer - quer sobre a individualidade – livre escolha. Mais do que uma disposição mental, psicológica ou física, o lazer é uma disposição sociológica e por isso mesmo não pode ser definida e limitada estritamente às actividades praticadas ou ao tempo dispendido. Como salienta Andrade (2001, p. 52) o lazer *“traduz liberdade, individualidade e habilidades sociais, e uma longa série de emoções (...)”*. Dahl (citado em Andrade, 2001, p.43) é mais assertivo na manifestação do seu ponto de vista e conclui que *“o lazer de que as pessoas necessitam hoje, não é tempo livre, mas um espírito livre (...) capaz de erguê-las acima das suas vidas tão ocupadas.”*

<sup>11</sup> Optamos por esta designação principalmente porque observamos que muita coisa se mascara sob o véu do lazer e porque julgamos fundamental destacá-lo na sua essência e diferenciá-lo do conceito de tempo livre.



Em nosso entendimento a teoria do lazer enquanto aspecto claramente sociológico deve revelar as suas constantes metamorfoses e permitir o aparecimento de novas perspectivas, conceitos e conclusões, pelo que consideramos não ser possível estabelecer uma única definição do termo, embora reconheçamos a importância de determinar características e procurar um correcto enquadramento. Ainda assim, não estamos livres do fantasma que nos questiona se o lazer assinala a raia da liberdade individual ou se, camufladamente, revela formas mais sofisticadas de sujeição aos valores sociais (Gomes, 2005).

Efectuada a nossa revisão conceptual, e manifestada a nossa tendência, salientamos que faremos uso dos termos correntes, uma vez que a bibliografia existente não estabelece essa distinção. Assim sendo, seguiremos esta linha de abordagem, contudo, não podíamos fazê-lo sem ter previamente clarificado a nossa posição conceptual.

#### **2.4. O lazer ao longo da vida**

O chapéu que alberga as ambiguidades do lazer põe a descoberto uma intensa rede de interações nas mais diversas categorias sociais. O grau de influência é recíproco e o lazer oferece e recebe interferências num *continuum* de interpenetração. Procurando evidenciar a relação que a vivência do lazer mantém com o estágio de desenvolvimento do indivíduo atribuímos particular importância aos períodos etários, não enquanto factor meramente biológico, mas enquanto marcador de apropriação do tempo livre banhado pelas especificidades de cada momento do ciclo de vida. Por isso, falar em ciclo de vida implica abordar a dimensão temporal que trespassa os comportamentos perante o lazer sem que, no entanto, possamos dissociá-la do factor espacial. Reportamo-nos ao conceito de cronótopos<sup>12</sup>, introduzido por Bakhtin (ainda que numa janela literária) e enfatizamos que tempo e espaço são habitados simultaneamente reproduzindo constantes alterações. O ciclo de vida não é mais do que a sedimentação desse uso do espaço e do tempo transfigurado em comportamentos sociais e trespassado pela questão biológica.

O lazer atraído para esta espiral revela significativas diferenças na passagem por cada fase de desenvolvimento, pois cada etapa é baptizada com características muito próprias. Giddens (1997) aponta a existência de 5 fases - infância, adolescência,

<sup>12</sup> Fonte: E-dicionários de termos literários.

[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=868&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=868&Itemid=2)

jovem adulto, adulto e velhice - às quais procuraremos atribuir, de uma forma generalista, o devido enquadramento no âmbito do tempo livre.

A infância é o momento *ludens* por excelência e ainda que não nos esqueçamos dos condicionalismos sociais ou familiares de que é alvo, esta é de facto, a etapa mais abençoada pelo tempo livre. A adolescência, enquanto momento de transição para a vida adulta tende a apresentar *nuances*, tanto da etapa precedente como da procedente, apresentando ainda assim, uma forte predisposição para o lazer que tendencialmente aparece de forma natural, mas organizada, no quotidiano. As fases de jovem adulto e adulto, dita população activa, inserem-se nesta teia enquanto grupos altamente constringidos e cujas limitações remetem o lazer, preferencialmente, para momentos específicos concentrados no final do dia, fim-de-semana ou férias. Finalmente a velhice, à semelhança das duas primeiras etapas, parece fazer regressar o quotidiano ao tempo livre por excelência, ainda que associado a um variado conjunto de constringimentos.

Paralelamente a esta escala do ciclo de vida existem muitas outras, conforme o “*tempo livre se relaciona com o dia, a semana, o ano, a vida.*”, como salienta Gama (citado em Gomes, 2005, p.62) ou ainda consoante ocorra no espaço próximo, distante ou longínquo. Este autor propõe uma classificação do lazer, que embora não tenha sido previamente concebida para abarcar a noção de ciclo de vida pode conferir uma imagem clara de como espaço e tempo podem variar também nessa escala – aspecto que sai reforçado pelo facto do investigador ter abordado a questão da reforma separadamente.

**Quadro 2 – Classificação das actividades de lazer**

		Fim do dia	Fim-de-semana	Fim de ano (férias)	Fim da vida (reforma)
<b>Casa</b>		Jogos de mesa Televisão, rádio Leitura Audição de música	Jogos Televisão, rádio Leitura Audição de música Bricolage e jardinagem	Jogos Televisão, rádio Leitura Audição de música Bricolage e jardinagem	Televisão, rádio Jogos Audição de música Bricolage e jardinagem
<b>Fora de casa</b>	<b>Espaço de alcance imediato</b>	Jogos ao ar livre Passeios a pé Desportos Idas ao café Idas ao cinema	Jogos Passeios a pé Desportos Idas ao café Idas ao cinema e teatro	Jogos Passeios a pé e de bicicleta Desportos Idas ao café Espectáculos	Passeios a pé Jogos ao ar livre Idas ao café Idas ao cinema e teatro
	<b>Espaço de alcance médio</b>		Passeios de curta duração (a pé, bicicleta, automóvel) Cinema e teatro Espectáculos Saídas do ambiente da vida quotidiana	Passeios de curta duração (a pé, bicicleta, automóvel) Pequenas viagens (ida ao campo, à montanha, à praia) Visitas culturais	Passeios Viagens de automóvel (campo, montanha, praia, termas)
	<b>Espaço de alcance longo</b>			Viagens de turismo Cruzeiros Desporto Montanha, campo, praia	Viagens de turismo Estâncias termais Regiões turísticas Viagens culturais Cruzeiros

Fonte: Gama (citado em Gomes, 2005)

Estamos conscientes da necessidade de actualização deste quadro, quer no que respeita ao tipo de actividades, quer no que respeita ao alcance das mesmas, contudo a sua pertinência para com o ciclo de vida mantém-se se tivermos em consideração que as várias categorias de tempo e espaço se encaixam nas fases anteriormente referidas, separando nitidamente as actividades que decorrem nos momentos que antecedem a reforma, desta última. Uma observação mais cuidada permite: associar as actividades de fim de dia e de semana e férias com a infância, a adolescência, a jovem adultícia e a adultícia - ainda que nas duas primeiras tenhamos de reflectir sobre a forte dependência de terceiros, não ignorando acima de tudo, que tempo e espaço são categorias que manifestam um elevado grau de organização e condicionalismo social a partir de certa idade; e verificar que na fase da reforma não há lugar a este tipo de distinção temporal, sendo objectivamente dispensada tal classificação, pois assume-se que se trata de um momento de manifesta independência para com este tipo de escalonamento.

## **2.5. O corpo como espelho do lazer**

*“...seja em que cultura for, o modo de organização da relação ao corpo reflecte o modo de organização da relação às coisas e das relações sociais”* (Baudrillard, citado em Gustavo, 2010, p.133).

É através do corpo enquanto elemento biológico e sociológico que o individuo estabelece contacto com o mundo que o rodeia. O corpo representa uma forma de comunicação e de partilha de experiências com diferenças que variam quer histórica, quer culturalmente (Shilling, 1993). Envolto na dialéctica acção/reacção o corpo é emissor e receptor de mensagens, alterando o meio e sendo alterado por este a cada momento - espelha por isso comportamentos, em particular sobre os aspectos que nos importa estudar, o lazer e a velhice.

Embora o corpo sempre tenha sido objecto de alguma preocupação ao longo dos séculos ganhou principal destaque na sociedade contemporânea e assumiu uma posição que lhe confere um lugar central. Se hoje ele é entendido como algo inacabado e principalmente vivido com um projecto pessoal, onde cada indivíduo realiza fortes investimentos procurando otimizar e maximizar as suas potencialidades, materializando a sua identidade, isso nem sempre se verificou.

Sem nos alongarmos demasiado, reconhecemos que as principais conquistas sindicais estiveram intimamente ligadas com a corporalidade, ainda que numa vertente não relacionada com o lazer, mas com o facto de ver respeitada a condição humana de exercer dignamente uma profissão. A luta contra o esgotamento físico foi o elemento chave na conquista do tempo livre. O corpo foi por isso vivido durante um longo período, sobretudo pelas classes baixas, com interesses que não visavam o indivíduo em si mesmo, mas sim a sua capacidade de produção. Como refere Shilling (1993), o corpo era entendido como uma máquina não lhe sendo conferidos mais do que os cuidados básicos.

A conquista do tempo livre trouxe assim maior disponibilidade para si mesmo, para a sociedade, para o corpo, sendo que este último deixou de ser considerado *“um destino herdado, para passar a constituir um dever moldado, uma matéria bruta a esculpir, a redefinir, a fabricar, a «submeter ao design do momento», contingente de projectos estéticos, identitários e de estilo de vida”*. (Ferreira, 2009, p.5). Não podemos contudo afirmar que este deixou de ser perspectivado como uma máquina, mas sim que o foco de interesses sobre se redireccionou, centrando-se agora na saúde, na educação, na performance, na estetização, sempre em busca da identidade pessoal e da obtenção de controlo e perfeição.

Incontestável é o facto de o corpo, enquanto entidade biológica, influenciar e ser influenciado pelo processo social. O *‘habitus’* e o *‘capital físico’*, ambos apresentados por Bourdieu, o *‘estilo de vida’* introduzido por Giddens, bem como o *‘corpo civilizado’* descrito por Elias, entre outros, demonstram isso mesmo e permitem registar que *“a reprodução social da sociedade também envolve a reprodução social da apropriação dos corpos”* (Shilling 1993, p.125).

Mais do que materializar gostos, estilos ou comportamentos, ele encarna-os (*embodi*) e transforma-os num fio condutor intrínseco das suas vivências, operacionalizando no seu quotidiano aquilo que podemos designar de linguagem corporal. As constantes preocupações com a manutenção, funcionalidade, estetização e valorização confirmam a sua centralidade na vida quotidiana e enfatizam que *“o modo como os indivíduos (o) percebem (...) pode afectar a sua capacidade de interacção social. Uma imagem positiva ou negativa do próprio corpo pode significar, respectivamente, um acréscimo ou decréscimo de bem-estar, de autoconfiança, de auto-estima, essenciais no relacionamento e desempenho social dos indivíduos.”* (Gustavo, 2010, p.117). Como este autor acentua, a *“perda de controlo sobre o corpo, pode ser associada à perda de aceitabilidade social.”* (*ibidem*).

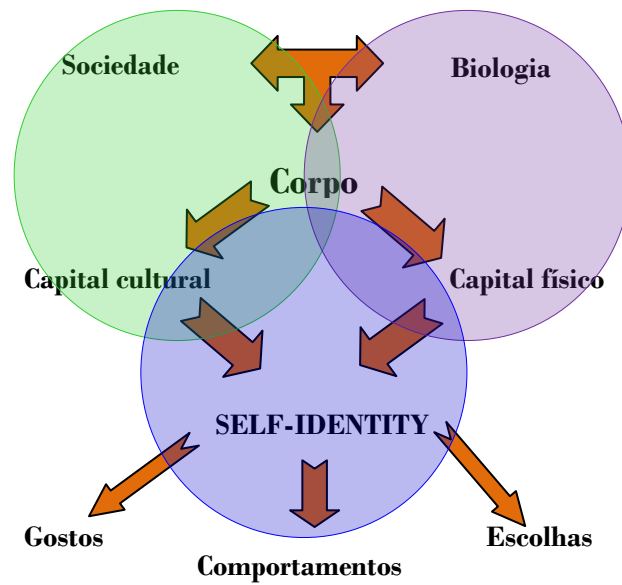
No que respeita especificamente aos idosos salientamos que nos tempos que correm estes são categorizados e identificados essencialmente pelas características físicas e pelas competências sociais que apresentam, sendo que o grau de desempenho das mesmas pode definir o grau de aceitabilidade social - a proximidade com a morte, ganha aqui relevância, uma vez que o declínio físico não só torna iminente algo que é substancialmente negado e frequentemente projectado para um horizonte distante, como também acentua a desvalorização simbólica do corpo (Shilling 1993).

Como reforça Ferreira (2009, p.4) assente nos pensamentos de Shilling, *“o corpo é ele próprio dotado de um espaço de constrangimentos e potencialidades crucial quer na configuração de sentido que lhe é atribuída socialmente, em virtude das características que são particulares a cada corpo (...), quer enquanto estrutura formal e condição necessária de qualquer acção social.”* Desta forma, neste cenário híbrido de características sociais e biológicas, os idosos agora detentores de um tempo maioritariamente livre, mas condicionados pelo decréscimo das capacidades e do controlo físico, parecem espelhar nas suas opções de lazer todos os elementos que absorvem e encarnam ao longo do seu ciclo de vida. Assim, e dando continuação às influências exercidas pela teoria naturalista, a relação entre corpo, sociedade e *self-identity* ainda é fortemente condicionada por uma vertente marcadamente física que acentua as diferenças entre géneros e parece fazer prevalecer a supremacia masculina e condicionar as vivências femininas - aqui o corpo é vivido essencialmente como fonte de produção, devendo apenas ser garantida a sua funcionalidade enquanto motor de trabalho. Já à sombra da teoria social constuccionista a vertente social ganha destaque e a trilogia anterior encontra apoio no corpo enquanto projecto inacabado e individual, reforçando esta perspectiva através das opções que os idosos manifestam - não trabalhando essencialmente com o corpo, mas para o corpo. O que Giddens designou como estilo de vida, é revelador desses comportamentos, apresentando-se actualmente vocacionado sobretudo para a saúde e para a estetização, conferindo também ao corpo o estatuto de diferenciador social e um poder de distinção.

O lazer encontra assim, nas interacções entre corpo e a sociedade, novas normas, novos desígnios, novas orientações e reconfigurações, espelhando nas suas práticas e na sua materialização, valores morais, ideologias, comportamentos e

relações, numa infindável teia de possibilidades, que varia quer histórica, quer culturalmente

**Figura 1 – Corpo enquanto projecto inacabado**



### 3. OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE DOS IDOSOS<sup>13</sup>

Vamos agora centrar-nos de maneira mais objectiva no estudo que aqui nos trouxe. Analisaremos a forma como os idosos vivenciam o tempo livre, o que determina as suas escolhas e que tipos de actividades fazem parte do seu quotidiano. O facto de estarmos perante um grupo social com características muito particulares, mas em franco crescimento, requer que façamos uma abordagem que respeite essas especificidades e que procure compreendê-las.

Mas, antes de prosseguirmos, faz todo o sentido reforçar que *“a regulação estatal, o domínio do mercado, a família como instituição social, a divisão do trabalho pela classe e pelo género, (...) não são apenas um background para o estudo do lazer, eles são efectivamente incorporados na organização social do lazer”* (Clarke & Critcher citado em Estanque, 1993, p.15). E é disso que trataremos neste ponto.

#### 3.1. A importância do passado

Um importante ponto de partida, pela inegável influência que exercem na formação de hábitos socioculturais, prende-se com a análise dos valores vigentes na época da sua mocidade. O pensamento de Fonseca (2005) ilustra claramente esta situação. O autor considera que o tempo agora mais liberto é normalmente ocupado com actividades que já faziam parte do foco de interesses pelo que, o idoso encontra no seu passado os alicerces para o lazer depois da aposentadoria.

Este grupo social passou, maioritariamente, a sua juventude nas décadas de 30/40 sob a alçada do Estado Novo. O seu processo de socialização ocorreu debaixo de um regime político ditatorial que pretendia controlar os indivíduos quer na esfera social, quer na pessoal/familiar, e que, com o seu papel regulador, pretendeu estruturar comportamentos e controlar actividades, sobretudo as que se podiam desenvolver no tempo livre. A entrada no mundo do trabalho acontecia ainda na tenra infância, sendo este realizado ao ritmo da natureza e na maior parte das vezes em condições precárias. Por sua vez, o lazer estava integrado no próprio ritmo do trabalho e acontecia de forma natural, por imposição do clima, para repouso ou para cumprimento de eventos religiosos e, por vezes, sociais. (Camargo, 2002).

---

<sup>13</sup> Para uma sólida fundamentação deste ponto do trabalho, recorreremos às pesquisas de: Paúl e Fonseca (2005), Martins (2010), Rosa (1999) e Dumazedier (2001).

Nessa época<sup>14</sup>, e como tão bem esclarece Elísio Estanque, o trabalho era o aspecto central do indivíduo e o tempo livre deveria dar-se “*através da ocupação útil das horas ociosas*” visando “*desenvolver o seu verdadeiro aproveitamento*” (1993, p.17). Assim, e na tentativa de impedir o crescimento da “imoralidade”, o estado criou a FNAT<sup>15</sup> e a Mocidade Portuguesa (ambas com o propósito de controlar os abusos de diversão e promover a ordem, a disciplina e a formação do indivíduo) e procedeu à institucionalização e conseqüente massificação de muitas actividades.

Apesar desta visível tentativa de estrangulamento da expressividade popular esta não sucumbiu mantendo activos alguns costumes e práticas culturais, dos quais se destacam os jogos, os rituais lúdicos, as festas (marcadas quer pelo calendário religioso, quer pelo agrícola), os arraiais, os bailes, as feiras e os mercados (Estanque, 1995).

A partir da década de 50 o tempo livre foi solidificando alicerces impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico, pela redução do horário de trabalho, pelo direito a férias pagas e pelo descanso semanal<sup>16</sup>. Elísio Estanque no seu trabalho “*Lazer e Cultura Popular*” (1995) constata isso mesmo e regista a mudança das práticas culturais, referindo que se generalizou a ida à praia, o cinema, o teatro, o campismo, o desporto, o romance radiofónico e o excursionismo. Uma década mais tarde, o mesmo autor acentua o passeio domingueiro<sup>17</sup>, a excursão e o piquenique, bem como o desenvolvimento do associativismo bairrista ou aldeão, bem patente nos arraiais, tunas, clubes, entre outros. As práticas de lazer da época apresentavam um cariz muito próprio e centravam-se amplamente no convívio entre pares. Os lazeres tradicionais eram caracterizados pela frequência de círculos de amigos, cafés, tabernas, por jogos, onde as cartas, as damas, o bilhar, a malha e o xinquilho eram frequentes (Gama & Santos, 1991).

Como reminiscências do passado denotamos uma manutenção da frequência de cafés ou tabernas (quase exclusivamente para os homens) e o convívio com

<sup>14</sup> Nesta época, o povo, era fortemente influenciado pelos agentes locais, ou seja, as figuras públicas mais influentes, dos quais se destacam, o padre, o médico, ou o professor. Representavam a elite e, o seu prestígio, conferia-lhes autoridade e importância, pelo que, o discurso moralista e paternalista que praticavam era altamente considerado (Estanque, 1995).

<sup>15</sup> Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

<sup>16</sup> O aparecimento destas novas práticas culturais e principalmente actividades de exterior, foi promovido pelo desenvolvimento das vias de comunicação e dos transportes. Até essa data, as principais formas de deslocação faziam-se a pé ou de bicicleta pois o automóvel apenas se vulgarizou nos finais década 70.

<sup>17</sup> O domingo assumiu um lugar de destaque neste tipo de actividades. Era o dia semanal especialmente reservado para o descanso e para as práticas de lazer. O culto religioso, as visitas, os passeios, os jogos, decorriam maioritariamente neste dia da semana.



vizinhos. As restantes práticas tendem a ser substituídas principalmente pela televisão, mas também pelo rádio, revistas/jornais ainda que em menor percentagem (Rosa, 1999).

### **3.2. A influência da educação por género**

A diferenciação da educação para homens e mulheres não podia ser descurada. Reconhecemos-lhe extrema importância na definição dos papéis sociais e a sua influência ao nível das escolhas e comportamentos de lazer.

Começamos por salientar que durante o Estado Novo a família ocupava uma posição central nas relações sociais e impunha hábitos e costumes, zelando pelos valores morais e pela manutenção da tradição. As figuras de autoridade não eram contestadas e legitimavam a continuidade do que era tido como correcto. Sob este ponto de vista, a educação feminina devia realizar-se preferencialmente dentro do próprio lar incidindo sobre a aprendizagem das tarefas domésticas. A sua principal preocupação era tornar-se uma exemplar dona de casa capaz de governar os poucos recursos providenciados pelo chefe de família. De facto, a mulher não deveria de modo algum estar desocupada e cumpridas as lides domésticas e familiares havia lugar aos designados labores (fazer renda, bordar ou costurar) por forma a tornar-se uma mulher prendada. Durante muitos anos as famílias com posses colocavam as suas filhas em colégios para serem “educadas”. As raparigas provenientes de famílias mais pobres, com sorte, poderiam frequentar a escola dado que a instrução não era considerada imprescindível. A mulher deveria aprender o estritamente necessário e unicamente vocacionado para a sua função social de doméstica e mãe, embora no meio rural esta se dedicasse de igual forma à agricultura. Ao homem cabia o sustento da casa e estava reservado o acesso à instrução<sup>18</sup> (que normalmente apenas visava o ensino primário), bem como a aprendizagem de uma profissão (Joaquim, 1997).

Como tal, verificamos que sobretudo para as mulheres as actividades de lazer ligadas ao domicílio assumem um lugar de destaque, tornando-se perceptível o facto da ocupação do tempo livre se encontrar ancorada em práticas que decorrem preferencialmente no espaço domiciliário ou nas proximidades deste. Com alguma distinção entre géneros vários estudos indicam que os homens tendem a despender mais tempo livre fora da habitação, ao passo que as mulheres se concentram mais no contexto doméstico e despendem mais tempo em actividades na proximidade deste

---

<sup>18</sup> Ainda assim o nível de iliteracia é muito elevado, agravando-se no que respeita às mulheres.

(Camargo, 2002). Alguns investigadores crêem que, por este factor, as mulheres apresentam uma mudança menos drástica no momento da reforma pois dão continuidade às tarefas antes realizadas.

As actividades com maior diferença entre o sexo feminino e masculino, tomando em consideração o facto de ocorrerem no domicílio, prendem-se com a leitura jornais ou revistas, que apresenta alguma regularidade principalmente para o género masculino - factor que não surpreende tendo em conta que o analfabetismo feminino é superior. A prática de tricô ou renda, de uma forma residual, e a realização de tarefas domésticas e familiares, de forma significativa, para as mulheres (Martins, 2010). Quanto ao visionamento de televisão ambos os géneros manifestam índices de práticas semelhantes. Já a leitura de livros e a audição de rádio ou música é reduzida em ambos os sexos (Rosa, 1999).

No que respeita às práticas exteriores ao local de habitação, a frequência (e permanência) de praças e jardins públicos, idas a cafés ou tabernas, assim como o jogo de cartas, bilhar ou damas é significativamente maior para os homens, enquanto as idas a feiras e mercados é significativamente maior para as mulheres. A frequência de actos religiosos é semelhante em ambos os sexos (Rosa, 1999).

Das várias investigações com que tomamos contacto importa aqui salientar a de Sara Garcia, efectuada em 2009, que estudou as actividades de lazer dos reformados do distrito de Aveiro. Este trabalho revelou-se pertinente para a presente investigação, uma vez que trata não só o mesmo tema, ainda que de forma superficial, com também foca o distrito em que nos situamos. Nesta pesquisa a autora também verificou que as actividades mais praticadas por ambos os sexos são o televisionamento, o acto de conversar e a agricultura/jardinagem. Salientou ainda os trabalhos domésticos e actividades familiares, no caso feminino e jogos de entretenimento, trabalhos manuais e actividade sociais, no caso masculino. De reforçar que no seu estudo a autora verificou que, nas mulheres, a leitura de jornais/revistas apresenta um nível de incidência nulo.

O INE (2000) no seu estudo realizado ao uso do tempo verificou que os idosos reformados do sexo masculino despendem diariamente mais de 5h para o lazer, ao passo que as mulheres despendem apenas mais de 3h. Da apropriação deste tempo de lazer salienta-se o facto de os homens destinarem mais de 3h para ver televisão, cerca de 30 minutos para ler e quase 1h para praticar desporto. Já as mulheres reservam 2h30m para ver tv e lêem consideravelmente menos (apenas 7 minutos). No que respeita a práticas de saída e audição de rádio o tempo despendido é semelhante

para ambos os sexos. Numa outra categoria, verificamos que os homens passam mais tempo em convívio (1h09m) do que as mulheres (50 minutos).

### 3.3. A importância do capital cultural

Faremos agora referência à relevância que o capital cultural assume na dinâmica do tempo livre. Orientador da trajectória da vida de cada um condiciona o tipo de acontecimentos que marcam o fluxo dos dias. De uma forma assertiva D'Épinay (1991) salienta que a identidade cultural do idoso coordena o seu conhecimento e a sua capacidade de acção, assumindo-se como o principal organizador do quotidiano e regulando os vários acontecimentos que irrompem.

Fortemente relacionado com o nível de escolaridade, altamente dependente das vivências individuais e permanentemente imbuído na dialéctica que estabelece com o estatuto socioeconómico, o capital cultural exerce uma forte influência na apropriação do lazer e, acima de tudo, encontra nesta fragmentação a matriz das clivagens sociais. Gomes (2005) salienta que a relação existente entre estas variáveis se estabelece na medida em que o capital escolar parece constituir uma rampa de acesso a determinados bens e práticas culturais. O ponto fulcral não se prende, para este grupo social, com o absentismo na esfera cultural, mas com a dicotomia existente entre cultura erudita e cultura popular, uma vez que um reduzido capital escolar acentua a preferência de actividades menos dependentes do sucesso escolar – com um acentuado carácter lúdico e convivial (Lopes, 2000).

Os idosos, na sua maioria portadores de um vasto conhecimento empírico e simultaneamente de um parco conhecimento académico, são um grupo social que apresenta um baixo índice de prática de actividades que impliquem um maior dispêndio financeiro ou deslocação da proximidade da habitação. Efectivamente, as idas a bibliotecas, livrarias, museus, cinema, teatro, exposições e leitura de livros, revelam níveis de frequência bastante baixos para ambos os sexos (Rosa, 1999). Aspecto também corroborado por Dumazedier (2001).

O crivo que o capital cultural (fortemente influenciado pela disponibilidade económica<sup>19</sup>) representa constitui condição *sine qua non* para determinar o interesse e a possibilidade de realizar algumas actividades como viajar ou fazer férias. Esse facto, é também verificado por Maria João Rosa (1999, p.72) que constatou que “*viajar é uma actividade com maior incidência junto da população mais nova, mais instruída e*

<sup>19</sup> De acordo com o INE um terço do total de idosos pode ser considerado pobre (Paúl e Fonseca, 2005).

com status mais elevado” e por Camargo (2002, p.46) que salienta que quando se dispõe de mais recursos “*viaja-se mais e para mais longe*”. Com frequência os idosos referem nunca ter viajado ou passado férias, salientando não saber o que isso representa (D’Épinay, 1991). Ainda assim, as férias constituem uma aspiração para muitos deles (Dumazedier, 2001).

Transportando a influência do capital cultural para a área dos lazeres físicos e para a realização de uma actividade física ou desportiva, rapidamente assimilamos a manipulação de que são alvo. Marivoet (2001, p.7) assinala a heterogeneidade dos comportamentos físicos reforçando que estes são fruto do hábito cultural, variando “*consoante o género, a idade, a escolaridade e o grupo socioprofissional*” e encontrando-se também dependentes do factor geracional (Dumazedier, 2001) e do ciclo de vida (Gomes, 2005). Marivoet salienta ainda que os homens apresentam maior índice de prática do que as mulheres, bem como as gerações mais jovens relativamente às mais velhas.

As actividades mais apontadas pela população situada entre os 65 e os 74 anos de acordo com o estudo realizado pela autora em 2001 e intitulado “*Hábitos Desportivos da População Portuguesa*” são o ciclismo, a ginástica e a caça. Para além destas, Dumazedier (2001) identificou ainda os passeios e as caminhadas como sendo actividades bastante difundidas neste grupo social.

Uma observação intrínseca desta questão permite constatar que o capital cultural se manifesta como uma forma de segregação social, ao remeter este grupo social para determinados espaços e condicionar fortemente a sua participação – o leque de opções é objectivamente menor e as actividades que praticam, mais do que uma hipótese de ocupação do tempo livre, constituem um espaço limitado de acção.

### **3.4. A manutenção das redes sociais**

Não podíamos também deixar de fazer referência à importância que as redes sociais assumem para os idosos, sobretudo se estivermos perante viúvos.

Os laços de solidariedade local são fundamentais para este grupo social, principalmente se os idosos possuírem um baixo nível de instrução, uma situação económica precária e um estado de saúde comprometedor. Com um panorama pouco positivo, podem ver a sua autonomia posta em causa e sem possibilidade de recorrer

ao seu núcleo familiar encontram apoio nos vizinhos e amigos que prestam muitas vezes um auxílio imprescindível no quotidiano. São estes os actores sociais, que impedem frequentemente o seu isolamento e solidão, contribuindo para a manutenção dos laços, convivendo e visitando-se regularmente, atenuando uma situação de fragilidade e marginalidade. Martins (2010) denotou no seu estudo que conversar com amigos é a actividade preferida e mais praticada pelos idosos.

Numa tentativa de inverter esta situação e proporcionar novas vivências a este grupo social - mantendo a sua rede social activa e evitando o isolamento e a solidão - muitas instituições e associações promovem actividades direccionadas para esta população. No entanto várias dúvidas subsistem, não só acerca da frequência com que estas ocorrem, mas também questionando se vão de encontro às expectativas e necessidades dos idosos e, finalmente, se estão ao alcance de todos. Salgado afirma que as ofertas de lazer para os idosos são precárias e não são vistas como uma prioridade (Dias & Schwartz, 2005). Questionamo-nos, por isso, se os “limites” de participação que a sociedade constrói para o idoso são por procurar protegê-lo ou para mantê-lo circunscrito a determinadas actividades, acentuando a segregação.

Auxiliando-nos no estudo de Maria João Rosa (1999) salientamos, neste âmbito, a frequência de associações ou sociedades recreativas denotando que o índice de participação geral é pouco elevado, embora os homens sejam mais activos - as mulheres manifestam preferência pelas associações de solidariedade social. Muitos idosos referem ainda que são sócios de algumas instituições, contudo, devemos ressaltar que tal não significa um elevado nível de participação na vida das mesmas. Na realidade, grande parte destes considera-se um membro pouco ou nada activo.

No que respeita à participação em organizações de carácter desportivo o género masculino revela maiores índices, tanto ao nível da assistência de desportos ao vivo, como ao nível da prática de uma actividade. Dumazedier (2001) constatou que a prática desportiva decresce significativamente nas pessoas idosas, referindo que este factor é altamente influenciado pelo fenómeno geracional abordado anteriormente, uma vez que uma grande percentagem destas nunca praticou qualquer desporto. Rosa (1999) verificou ainda uma associação destes resultados com o nível de instrução e com o *status* económico.

### **3.5. Vivências em meio rural e urbano**

Terminaremos esta nossa abordagem centrados nos aspectos mais marcantes que a tradição rural e a modernidade urbana trazem para o contexto.

Temos bem presente que muito tem evoluído no meio rural - a forte influência dos agentes externos tem provocado alterações significativas no modo de vida das comunidades, mas não tem aniquilado as suas particularidades, pelo que o peso que a ruralidade representa nas práticas de lazer contemporâneas continua bem demarcado. Senão vejamos: a inexistência de muitas actividades, de espaços adequados ao seu desenvolvimento, a ausência de meios de transporte regulares, a elevada incidência de um reduzido nível socioeconómico e também a importância da tradição local, levam a que a ocupação do tempo livre esteja circunscrita a determinados espaços e práticas. Desta forma, e como já havíamos verificado anteriormente, as idas a museus, cinemas, centros comerciais, exposições... revelam-se bastante limitadas e as actividades decorrem num espaço de proximidade.

Também as festividades locais se têm alterado. O facto do meio rural não se encontrar actualmente tão marcado pelos efeitos sazonais, de se verificar um enfraquecimento da agricultura e um afastamento parcial da população, por motivos profissionais, tem originado uma redução das festas locais, bailes e até feiras (Sobral, 1992).

Apesar disso, o elo agrícola ainda permanece e essas actividades, embora com menor impacto e frequência, conservam o seu lugar e continuam a obedecer ao ciclo de produtividade e a manter-se ligadas à religiosidade (ainda que frequentemente se destaque, de forma clara, a vertente pagã).

Dos vários estudos analisados sobressaem como principais formas de ocupação do tempo livre<sup>20</sup> a agricultura, a jardinagem e o cuidado com animais. Nem todos os idosos residentes neste meio referiram a sua prática, contudo esta apresenta um índice bastante significativo de realização. De salientar que as exigências diárias inerentes a estas tarefas limitam a participação dos idosos em algumas práticas de lazer, sobretudo as que requerem um período de ausência relativamente prolongado do contexto rural.

Neste meio o quotidiano assenta em fortes laços familiares e comunitários. Alguns idosos ainda vivem em famílias alargadas ou possuem vizinhança com quem estabeleceram uma ligação familiar, principalmente na sequência "de uma troca

---

<sup>20</sup> Para além das já referidas: televisão, rádio, ler jornais e revistas e conviver com vizinhos.

habitual que se estendeu ao longo dos anos de convivência e proximidade” (Fonseca, *et al*, 2005). Família e aldeia tendem a fundir-se constituindo o palco principal das acções que decorrem através do contacto pessoal e directo. A valorização pessoal prevalece e *“cada um goza os seus próprios bens ao mesmo tempo que as relações entre as pessoas são relações de troca”* (Töennies citado em Gomes, 2005, p.100).

O grau de proximidade das acções coloca a comunidade rural no centro das vivências e justifica o facto das deslocações deste grupo social ocorrerem preferencialmente em torno da sua área residencial, favorecendo as caminhadas ou o uso da bicicleta.

O meio urbano, por seu turno, parece oferecer a possibilidade de praticar diversas actividades de lazer. A relação de proximidade dos locais e das ofertas, a facilidade de transporte, bem como o aglomerado populacional, que tende a concentrar um maior grau de escolaridade, parecem fornecer os elementos necessários à participação. De facto, Rosa (1999) constatou que a urbanidade contribui para que as actividades de lazer sejam mais diferenciadas, porém, a autora também ressalva que os consumos culturais mais selectivos se encontram muito dependentes do nível de instrução, pelo que os níveis de frequência de museus, bibliotecas ou exposições são superiores aos verificados em meio rural, mas continuam pouco significativos - os idosos residentes em meio urbano continuam a eleger as actividades semelhantes aos residentes em meio rural.

Num tom divergente do proporcionado pela vida rural, a vida citadina denota um enfraquecimento dos laços e tende a assentar não tanto em relações de parentesco ou de vizinhança mas sim na dupla marido e mulher, podendo estender-se um pouco ao bairro residencial. D'Épinay (1991) refere que este é um alicerce muito frágil, porque demasiado centrado no parceiro, podendo provocar situações de extrema solidão em caso de viuvez.

## 4. TEMPO LIVRE E TRABALHO ENTRE OS IDOSOS

Seria um engano pensar que a reforma garante uma vida de *dolce fare niente*. Estamos certos que no caso de muitos idosos essa não é sequer uma pretensão. Muito pelo contrário, grande parte destes encontra na manutenção regular de uma actividade uma boa forma de ocupar o seu tempo livre, bem como a possibilidade de permanecer activo e útil.

### 4.1. Reforma, tempo livre por excelência?

Como refere D'Epina (1991) estar reformado não significa estar inactivo, pelo contrário, significa continuar a trabalhar mas ao seu próprio ritmo. Com o término dos horários profissionais este grupo social depara-se com a possibilidade de organizar o seu quotidiano e gerir as tarefas que pretende realizar. O mundo do trabalho continua a ser uma realidade, umas vezes voluntária, outras não – vejamos as tarefas domésticas e de subsistência que ocupam uma boa parcela do dia, principalmente para as mulheres.

A maioria dos idosos procura manter uma actividade, seja ela de carácter social, solidário, participativo ou de subsistência que por apresentarem como objectivo principal a distração foram designadas por Dumazedier (2001) como actividades de semilazer. A influência do capital cultural é eminente nesta escolha - os idosos que exerceram cargos conceituados na comunidade tendem a permanecer ligados a posições sociais de destaque, os restantes tendem a ocupar-se de tarefas com menor visibilidade social. Mas, ambos pretendem manter o elo com o mundo do trabalho pois permite-lhes manter activas as redes sociais e fortalecer a sua identidade. Para o idoso residente em meio rural a agricultura parece ser um aspecto facilitador desta situação, pois possibilita a manutenção de uma actividade regular e suaviza a entrada na reforma, promovendo a continuidade das tarefas e introduzindo um sentido de normalidade semelhante ao da vida activa (Camargo, 2002).

Dumazedier (2001) nas análises efectuadas à questão do orçamento-tempo dos idosos constatou que a participação nas obrigações sócio-espirituais é quase nula para ambos os sexos. Para tal, o sociólogo aponta a redução da influência religiosa, a perda de autonomia, bem como a transmissão via rádio. Relativamente às obrigações sociopolíticas nomeadamente, participação em associações, também com baixa frequência, o autor sublinha que a filiação não acarreta necessariamente participação.



Centremo-nos agora nos idosos que dão continuidade à uma actividade profissional. Para uns, a permanência deste elo de ligação pode ser deliberada mas, para outros pode ser condicionada por uma situação económica precária. Neste caso, os idosos optam pelo exercício de diferentes actividades<sup>21</sup> sejam elas ocasionais ou regulares.

Frequentemente os idosos que habitam nas zonas rurais optam por modalidades que podem ter um carácter não-agrícola mantendo contudo uma ligação, inclusivamente produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. Naturalmente pretendem que a renda destas complemente o valor de reforma ou a renda agrícola, ainda que nesta última, possa não se verificar nenhum tipo de remuneração efectiva. A este fenómeno chamamos pluriactividade<sup>22</sup>. Aida Lima (1990) ao reportar-se ao caso português definiu este conceito como sendo um elemento de rectaguarda face a outras fontes de rendimento.

Antes de encerrar este capítulo, torna-se imperativo salientar que as actividades de semilazer constituem uma forma efectiva de ocupação do tempo deste grupo social. Mesmo não se verificando a manutenção de uma ocupação com carácter remuneratório ou de subsistência o idoso leva a cabo no seu quotidiano uma série de actividades com um cariz utilitário. O dia-a-dia é normalmente preenchido com pequenas tarefas que embora desinteressadas, visam suprimir algumas necessidades e facilitar as vivências: a jardinagem, a *bricolage*, tarefas domésticas, costura, voluntariado, entre outros. No estudo intitulado "*Uso do tempo*", verificou-se que os homens ocupam menos tempo com tarefas domésticas, com apenas 46 minutos, mas mais tempo em compras e jardinagem. As mulheres consomem consideravelmente mais tempo em tarefas domésticas, despendendo cerca de 4h30m, mais tempo em actividades cívicas e algum tempo em compras.

---

<sup>21</sup> Dumazedier (2001) sugere que estas podem ser interpretadas como semi-trabalho pois têm um fim eminentemente remunerativo.

<sup>22</sup> Para Le Heron et al (citado em Neves e Arraes, sd) a pluriactividade tanto pode representar uma estratégia de sobrevivência da família, como de expansão do capital. Os autores consideram que esta é fruto sua das respostas que as famílias procuram dar a mudanças das circunstâncias socioeconómicas.

# **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**

## CAPITULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

### 1. PERSPECTIVA GERAL

O aumento da proporção de idosos é um fenómeno mundial profundo que está a causar significativas alterações na sociedade. Na realidade, a conjugação do decréscimo progressivo das taxas de natalidade, com o aumento gradual da esperança média de vida, têm-se traduzido num acentuado envelhecimento populacional. Este grupo social, que até há bem pouco tempo era uma minoria, encontra-se em franca expansão e apresenta novos contornos.

No último meio século a expectativa de vida aumentou cerca de 20 anos e se considerarmos os últimos dois séculos veremos que quase duplicou. Estamos perante uma tendência de envelhecimento global que muitos denominaram de “revolução demográfica”.

Na realidade, a nossa sociedade caminha a passos largos para o envelhecimento sem que se afigure uma inversão do processo. Actualmente sabemos que temos hipótese de viver velhos ou mesmo muito velhos. O grupo etário acima dos 80 anos tem aumentado bastante e alterado a sua composição o que significa que a própria população idosa está a envelhecer. Este é de facto o segmento populacional que mais cresce.

A amplitude das alterações demográficas tem vindo a deixar marcas por todo mundo, pelo que a sociedade portuguesa não escapa à preocupação relacionada com o processo de envelhecimento. As actuais previsões apontam para um agravamento da situação, sobretudo nas sociedades desenvolvidas que apresentam uma elevada esperança média de vida e um reduzido nível de fecundidade.

Nos últimos Censos, em 2001, os idosos representavam 16,4% da população geral com uma esperança média de vida de 79,4 anos, para as mulheres, e 72,4 anos, para os homens (INE, 2002a). Quanto ao índice sintético de fecundidade, Portugal situa-se na ordem de 1 filho, em média, por mulher (Cónim, 1999), o que é manifestamente insuficiente para a renovação geracional. Objectivamente, em 2007, o país apresentou um crescimento natural negativo e apenas conseguiu manter um crescimento efectivo devido ao saldo migratório (Garcia, 2009).

A situação presente é assim explicada por um duplo envelhecimento: na base, revelado pela baixa fecundidade, e envelhecimento no topo, revelado pelo acréscimo da esperança média de vida. Portugal, no conjunto dos países da EU, caminha progressivamente em direcção a um envelhecimento demográfico acentuado.

Para além do envelhecimento progressivo e acentuado da população, Portugal revela também um baixo nível de literacia. Ainda que em decréscimo devido à renovação de

geração, a fatia (55,1%) continua muito elevada entre os idosos, que revelam graves insuficiências ou inexistência total de competências na leitura, escrita e cálculo (Benavente, 1996 citado em Casanova, Alvarenga, Matos e Lucas, 2001), sendo esta mais expressiva nas mulheres (64,7%) do que nos homens (41,3%).

No caso particular da região centro<sup>46</sup>, mais especificamente do distrito de Aveiro, onde nos inserimos, e com base em dados mais recentes - “*Estimativas da População Residente 2007*” realizadas pelo INE - é de salientar que as pessoas com 65 ou mais anos representavam, neste ano, 20,3% com a particularidade de o saldo natural ter sido negativo e o crescimento efectivo ter sido nulo.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO<sup>47</sup>

Oliveira do Bairro é um concelho situado na Região Centro, no Baixo Vouga, pertencendo ao distrito de Aveiro. É limitado a Norte pelo município de Aveiro, a Nordeste pelo de Águeda, a Sueste pelo de Anadia, a Sul pelo de Cantanhede e a Oeste pelo de Vagos. O concelho ocupa 86.6 Km<sup>2</sup> distribuídos por seis Freguesias: Oliveira do Bairro (cidade - capital do concelho), Oiã (vila), Bustos (vila), Troviscal (vila), Palhaça (vila) e Mamarrosa (vila). Este concelho encontra-se numa situação geográfica privilegiada, uma vez que se trata de um lugar de passagem entre o litoral e o interior, e entre o Norte e o Sul. Situado na província da Beira Litoral está inserido numa região tradicionalmente conhecida por Bairrada.

### 2.1. Economia local

Classificado como concelho rural<sup>48</sup> Oliveira do Bairro conjuga a agricultura tradicional com a indústria. A vitivinícola é a actividade agrícola mais conhecida do concelho com a produção do típico vinho da Bairrada, mas não é a única. A agricultura de subsistência é

---

<sup>46</sup> A expressão utilizada actualmente para designar a divisão administrativa para estudos estatísticos é NUTS – Nomenclatura de Unidades Territoriais para fins Estatísticos. O Concelho de Oliveira do Bairro insere-se no NUTS II.

<sup>47</sup> Fonte: INE, dados definitivos do XIV Recenseamento Geral da População 2001.

<sup>48</sup> [http://www.cm-olb.pt/PageGen.aspx?WMCM\\_PaginaId=29724](http://www.cm-olb.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=29724)

ainda uma prática vulgar neste município, sendo que nos últimos anos a cultura do Kiwi assumiu particular importância na região.

A localização privilegiada do concelho promoveu o crescimento de zonas industriais em várias freguesias - contam-se mais de 400 empresas especialmente vocacionadas para a indústria cerâmica de grande dimensão e para a metalo-mecânica, constituindo as mesmas grandes fontes empregadoras. Quanto ao sector terciário, este também está bem representado pelo comércio e serviços, de âmbito variado.

## 2.2. Evolução populacional

No que respeita a uma caracterização mais específica o concelho de Oliveira do Bairro verificamos que este apresenta um total de 21 164 habitantes, distribuídos por seis freguesias, sendo 52,2% do sexo feminino e 47,8% do sexo masculino.

Desta população, 19% encontram-se na categoria “mais de 65 anos”, sendo de registar que o concelho apresenta o maior índice de envelhecimento da região em que se enquadra - Baixo Vouga.

No concelho, a população residente distribui-se da seguinte forma:

**Tabela 1** - População concelhia residente por sexo e grupo etário

	1991		2001		Varição
	HM	%	HM	%	%
<b>0 – 14 anos</b>	3478	18,6	3352	16	<b>- 3,6</b>
<b>15 - 24 anos</b>	2909	15,6	2855	13	<b>- 1,9</b>
<b>25 – 64 anos</b>	9285	49,8	10998	52	<b>18,4</b>
<b>+ de 65 anos</b>	2988	16	3959	19	<b>32,5</b>
<b>Total</b>	18660	100	21164	100	

Torna-se evidente que foi o grupo de idosos que mais cresceu com uma variação de 32,5%.

Segundo o último Recenseamento Geral da População, em 2001, verificou-se um crescimento em todas as freguesias à excepção da Mamarrosa, que revelou um ligeiro decréscimo, como se constata a tabela seguinte:

**Tabela 2** - Evolução demográfica da última década

Freguesia / Ano	Bustos	Mamarrosa	Oiã	Oliveira do Bairro	Palhaça	Troviscal	Total
1991	2232	1546	5714	4589	2221	2358	18660
<b>2001</b>	<b>1546</b>	<b>1452</b>	<b>6712</b>	<b>5731</b>	<b>2330</b>	<b>2363</b>	<b>21164</b>

Numa observação mais analítica, por freguesias, podemos verificar a seguinte distribuição populacional:

**Tabela 3 - População segundo grupo etário e sexo, por freguesia**

<b>População residente em 2001</b>	<b>Bustos</b>		<b>Mamarrosa</b>		<b>Oiã</b>		<b>Oliveira do Bairro</b>		<b>Palhaça</b>		<b>Troviscal</b>	
HM Total	<b>2576</b>		<b>1452</b>		<b>6712</b>		<b>5731</b>		<b>2330</b>		<b>2363</b>	
H Total	1236	48%	687	47%	3233	48%	2739	48%	1108	48%	1118	47%
M Total	1340	52%	765	53%	3479	52%	2992	52%	1222	52%	1245	53%
<b>HM 0-14 anos</b>	<b>381</b>	<b>15%</b>	<b>190</b>	<b>13%</b>	<b>1137</b>	<b>17%</b>	<b>984</b>	<b>17%</b>	<b>381</b>	<b>16%</b>	<b>287</b>	<b>12%</b>
H 0-14 anos	204	8%	98	7%	590	9%	481	8%	184	8%	132	6%
M 0-14 anos	177	7%	92	6%	547	8%	503	9%	197	8%	155	6%
<b>HM 15-24 anos</b>	<b>321</b>	<b>13%</b>	<b>163</b>	<b>11%</b>	<b>915</b>	<b>14%</b>	<b>839</b>	<b>15%</b>	<b>316</b>	<b>14%</b>	<b>291</b>	<b>12%</b>
H 15-24 anos	165	7%	78	5%	432	6%	427	7,5%	138	6%	158	6,5%
M 15-24 anos	156	6%	85	6%	483	8%	412	7,5%	178	8%	133	5,5%
<b>HM 25-64 anos</b>	<b>1313</b>	<b>51%</b>	<b>722</b>	<b>50%</b>	<b>3522</b>	<b>52%</b>	<b>3019</b>	<b>52%</b>	<b>1213</b>	<b>52%</b>	<b>1197</b>	<b>50%</b>
H 25-64 anos	642	25%	349	24%	1719	25%	1449	25%	595	26%	580	24%
M 25-64 anos	671	26%	373	26%	1803	27%	1570	27%	618	26%	617	26%
<b>HM + de 65 anos</b>	<b>561</b>	<b>22%</b>	<b>377</b>	<b>26%</b>	<b>1138</b>	<b>17%</b>	<b>889</b>	<b>16%</b>	<b>420</b>	<b>18%</b>	<b>588</b>	<b>25%</b>
<b>H + de 65 anos</b>	<b>225</b>	<b>9%</b>	<b>162</b>	<b>11%</b>	<b>492</b>	<b>7%</b>	<b>382</b>	<b>7%</b>	<b>191</b>	<b>8%</b>	<b>248</b>	<b>10%</b>
<b>M + de 65 anos</b>	<b>336</b>	<b>13%</b>	<b>215</b>	<b>15%</b>	<b>646</b>	<b>10%</b>	<b>507</b>	<b>9%</b>	<b>229</b>	<b>10%</b>	<b>340</b>	<b>15%</b>

Esta tabela demonstra que as freguesias com população mais envelhecida são: a Mamarrosa com 26%, seguida do Troviscal com 25% e finalmente Bustos com 22%. De salientar que a percentagem total de idosos já é, nestas freguesias, consideravelmente superior à dos jovens até 14 anos. Transparece também o facto de o envelhecimento feminino ser superior em todas as freguesias do concelho.

Podemos também aferir, e utilizaremos apenas como escala de medida a densidade populacional, se nos encontramos perante um meio preferencialmente urbano ou rural, salientando que apenas 2 das freguesias (Oliveira do Bairro e Oiã) existentes apresentam alguma dimensão urbana, mas de pequeno porte, pois como havíamos salientado estamos na presença de um concelho predominantemente rural.

### 2.3. Educação

Façamos agora uma incursão pelo nível de instrução apresentado pela população residente neste concelho a fim de aferirmos as qualificações literárias da população. Embora, seja impossível apresentar dados específicos por grupo etário, por não possuímos informação, faremos uma análise global, o que nos fornecerá uma perspectiva geral da situação concelhia.

**Tabela 4** - População segundo nível de instrução e sexo

nenhum nível de ensino	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino secundário	Ensino médio	Ensino superior
HM	HM	HM	HM	HM	HM	HM
3058	8440	3073	2157	2643	86	1707
14,4%	40%	14,5%	10,2%	12,5%	0,4%	8%

Como podemos verificar, a maior parte da população deste concelho apresenta um baixo nível de literacia, destacando-se o 1º e 2º ciclos como principais níveis educacionais com 54,5% dos indivíduos. O INE (2002b) permite-nos ainda verificar a taxa de analfabetismo deste concelho demonstrando que esta se situa nos 9,3% - uma média superior à da região em que se insere.

### 2.4. Cultura e lazer<sup>49</sup>

Importa também contextualizar o concelho no que respeita cultura e lazer. Daremos conta do associativismo, dos equipamentos culturais e desportivos, das valências vocacionadas para idosos e dos cursos extra-escolares. Faremos também uma análise das acessibilidades e das despesas efectuadas pelo município no que respeita a despesas em cultura e desporto<sup>50</sup>.

A nível cultural, o concelho apresenta as mais variadas associações em actividade e diversas iniciativas autárquicas. Destaca-se a União Desportiva e Recreativa do Silveiro e o seu auditório por onde tem passado mensalmente alguns dos espectáculos de produtoras nacionais que fazem digressão pelo país.

<sup>49</sup> Para esta análise recorreremos ao trabalho *“Pré-diagnóstico Social do Concelho de Oliveira do Bairro”*, efectuado em 2001, pelo Conselho Local de Acção Social.

<sup>50</sup> Para esta informação recorreremos às *“Estatísticas territoriais”* do INE (2009).

A nível musical demarcam-se, a Banda Filarmónica da Mamarrosa, a Filarmónica União de Oliveira do Bairro – FUOB e a União Filarmónica do Troviscal. Na música tradicional é de relevância o Grupo de Cantares do Silveiro e na dinamização de eventos na área da música, o Círculo de Cultura Musical da Bairrada. Na área do ensino da música o concelho possui um equipamento de referência - a Escola de Artes da Bairrada.

No teatro destaca-se a Companhia de teatro local Viv'Arte, reconhecida internacionalmente. Fundada em 1988, é desde 2000 uma Associação Cultural sem fins lucrativos com estatuto de Pessoa Colectiva de Utilidade Pública.

No campo da etnografia três ranchos representam o país levando a etnografia Bairradina além fronteiras. São eles: o Rancho folclórico S. Simão da Mamarrosa, Rancho folclórico “As vindimadeiras” da Mamarrosa e o grupo Folclórico de S. Pedro da Palhaça.

Ainda de destacar o Instituto de Educação para a Cidadania, sediado na Mamarrosa, onde decorrem diversas actividades culturais, de formação e informação.

Damos conta também, de alguns eventos concelhios. Salientamos a FIACOBA, a Feira Medieval, o Viva as Associações, O Desfile de Marchas Populares, as Festas do Município e recentemente o Oliveira em Flor.

#### 2.4.1. Associações

Relativamente à caracterização do concelho, no que respeita ao associativismo, apresentamos a seguinte tabela:

**Tabela 5** - Tipos de associações por freguesias

Associação / Freguesia	Recreativas/ Cultural	Desportiva	IPSS	Humanitária	Pais	Escuteiros	Ambiente	Melhoramentos	Política	Outras	TOTAL
Bustos	1	1	2		1		1			1	7
Mamarrosa	3	1		2				1			7
Oiã	11	3	3		4	1	1	2			25
Oliveira do Bairro	9	1	1	2	5			1	2		21
Palhaça	3	1	2		1	1					7
Troviscal	5	1	1		1	1			1		10
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>78</b>

Da presente tabela sobressai, não só, o facto de o concelho estar dotado de muitas associações, como também, o facto das mais frequentes serem as de carácter recreativo e



cultural. As freguesias mais populosas, Oiã e Oliveira do Bairro, são também as que apresentam maior expressão neste âmbito.

De acordo com o pré-diagnóstico social do concelho estas associações assumem um importante papel na dinamização de actividades de carácter sociocultural, recreativo e desportivo, caracterizando-se principalmente pela ocupação, formação e apoio a jovens, adultos e idosos.

#### 2.4.2. Equipamentos culturais

Para além das associações atrás descritas existem no concelho espaços relevantes e adequados à dinamização cultural. Cada freguesia possui equipamentos próprios, especialmente no que toca a Grupos Etnográficos, Teatro, Bandas Filarmónicas e Grupos Corais.

Para além disso, existem ainda no concelho, a saber: 2 museus, 1 rádio, 1 jornal, 1 biblioteca, 3 pólos de leitura e 3 mediatecas.

#### 2.4.3. Equipamentos desportivos

O concelho também se encontra dotado de diversificadas instalações desportivas distribuídas pelas 6 freguesias e que se encontram sobre a responsabilidade das associações desportivas atrás mencionadas.

**Quadro 3 - Instalações desportivas por freguesia**

<b>Freguesia</b>	<b>Instalações desportivas</b>
Bustos	1 campo de futebol relvado, 1 pavilhão, 6 polidesportivos e 1 polidesportivo descoberto
Mamarrosa	1 campo de futebol e 1 polidesportivo descoberto
Oiã	4 campos de futebol, 6 polidesportivos descobertos e 2 piscinas descobertas
Oliveira do Bairro	2 campos de ténis, 3 polidesportivos, 2 campos de futebol, 1 estádio municipal, 1 pavilhão e 1 piscina coberta
Palhaça	1 pavilhão, 1 polidesportivo e 1 piscina coberta
Troviscal	2 campos de futebol e 2 polidesportivos descobertos
<b>TOTAL</b>	<b>40 instalações desportivas</b>

#### 2.4.4. Cursos extra escolares

A abordagem deste ponto prende-se com o facto de estes cursos representarem uma oferta de práticas culturais promovida pelas instituições locais. Em muitos deles estão

inseridas pessoas idosas, sobretudo mulheres, sendo até alguns deles ministrados pelas próprias como é o caso do curso de bordados.

Em 2001 o Concelho de Oliveira do Bairro dispunha de 13 cursos nas áreas de informática, inglês, bordados, artesanato urbano, artes decorativas, pintura e cerâmica.

#### 2.4.5. Despesas em cultura e desporto

De acordo com o Pré-diagnóstico Social efectuado no concelho (2002) as despesas da Câmara Municipal em actividades culturais referem-se por ordem de importância a: actividades socioculturais, música, recintos culturais, património cultural, publicações e literatura, jogos e desportos, artes cénicas e por último, cinema, fotografia e artes plásticas.

As Estatísticas Territoriais efectuadas pelo INE respeitantes ao Financiamento Público das Actividades Culturais das Câmaras Municipais em 2009, indicam que o concelho em estudo despendeu em “Cultura e Desporto” um total de 1 589 milhares de euros.

#### 2.4.6. Valências para idosos

Embora a presente investigação não incida sobre idosos institucionalizados consideramos relevante esta informação por permitir compreender e contextualizar de forma mais objectiva a condição de ser idoso neste concelho.

A nível concelhio existem várias instalações vocacionadas para este grupo social. Até ao ano 2000 podiam ser contabilizados: 7 Centros de dia, 2 Centros de convívio e 4 Lares de idosos.

#### 2.4.7. Acessibilidades

A estrutura viária e os transportes disponíveis representam uma mais-valia na diversidade da ocupação do tempo livre dos idosos ao promoverem o acesso a espaços e actividades.

Este concelho possui uma localização privilegiada pois situa-se perto de dois grandes centros urbanos: Aveiro e Coimbra. Possui uma boa rede viária, no entanto, do levantamento efectuado pelo Conselho Local de Acção Social, salienta-se um défice de passeios, o que dificulta a circulação pedonal.

### 3. ACÇÕES DESENVOLVIDAS PELO MUNICÍPIO

De acordo com as informações facultadas pelo representante do Gabinete de Apoio Social da Câmara Municipal, tivemos conhecimento das várias acções que esta entidade tem promovido para a população idosa do concelho. Fomos assim informados acerca do plano de acção previsto para intervir especificamente junto deste grupo etário.

Algumas destas acções não se prendem exclusivamente com a ocupação do tempo livre e apresentam um carácter mais geral, mas relevante, para a contextualização deste estudo.

Tivemos conhecimento, que até ao ano de 2005 a preocupação do concelho se focalizou na criação de estruturas físicas de apoio ao envelhecimento da população e que por essa razão surgiram várias valências de lar e centro de dia que projectam este concelho para o topo da tabela no que respeita à taxa de cobertura nestas valências no distrito de Aveiro.

A partir de 2005 a preocupação da Câmara Municipal e dos seus parceiros sociais com assento no Conselho Local de Acção Social da Rede Social tem sido a da criação de respostas que promovam o envelhecimento activo. Para tal foi criado o projecto Sénior Activo que permitia que os idosos institucionalizados frequentarem aulas de ginástica, contudo este foi abandonado por razões várias.

O município lançou também o “Cartão +65” que permite o acesso a descontos em actividades promovidas pela autarquia, mais concretamente, no acesso à prática desportiva. Criou também a actividade “65 em Festa” com o intuito de assinalar o Dia Internacional do Idoso e, principalmente, de estreitar laços entre os membros deste grupo, reduzindo o impacto do isolamento social.

De momento, o município está a desenvolver esforços e diligências para a criação de uma actividade mensal a que chamará de matines dançantes, a realizar uma vez por mês e que permitirá não só a prática de uma actividade física saudável mas fomentará também o reencontro dos munícipes e permitirá reviver velhas amizades e histórias.

## CAPITULO III – QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO

Analisando o contexto que envolve esta problemática tomamos nota de algumas ambiguidades que, não só sustentam a pertinência desta investigação, como também orientam a sua consecução. Daqui nasceram questões importantes e estabeleceram-se pressupostos para os quais procuramos respostas objectivas.

O factor que mais susceptibilidade levanta prende-se com o facto dos idosos, não obstante o alargado orçamento de tempo livre de que dispõem, representarem uma minoria quando se fala em actividades de lazer diversificadas e/ou exteriores ao domicílio. A que se deve este défice de aproveitamento? – se assim lhe pudermos chamar. Como ocupam afinal o tempo de que dispõem? Que actividades fazem parte do seu quadro quotidiano? Que influência têm os factores sociodemográficos nas formas de uso do tempo livre e na forma como vêem e vivenciam o envelhecimento?

Pretendemos esclarecer estas questões fornecendo um contributo importante para o conhecimento e compreensão dos movimentos deste grupo social no âmbito do tempo livre, sem nos cingirmos unicamente aos aspectos físicos ou psicológicos. Para tal, assentámos o presente estudo em diversos pressupostos formulando as seguintes hipóteses:

**H1** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com o género dos idosos inquiridos;

**H2** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com a idade dos idosos inquiridos;

**H3** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com o nível de instrução dos idosos inquiridos;

**H4** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com o estado civil dos idosos inquiridos;

**H5** - As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com a constituição do agregado familiar dos idosos inquiridos;

**H6** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com os rendimentos dos idosos inquiridos;

**H7** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com o motivo de reforma dos idosos inquiridos;

**H8** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com a idade da reforma dos idosos inquiridos;

**H9** – As formas de uso do tempo e a escolha das práticas de lazer variam com o grau de urbanização;

**H10** – Os factores sociodemográficos interferem na forma como os idosos se percebem e consideram que são percebidos;

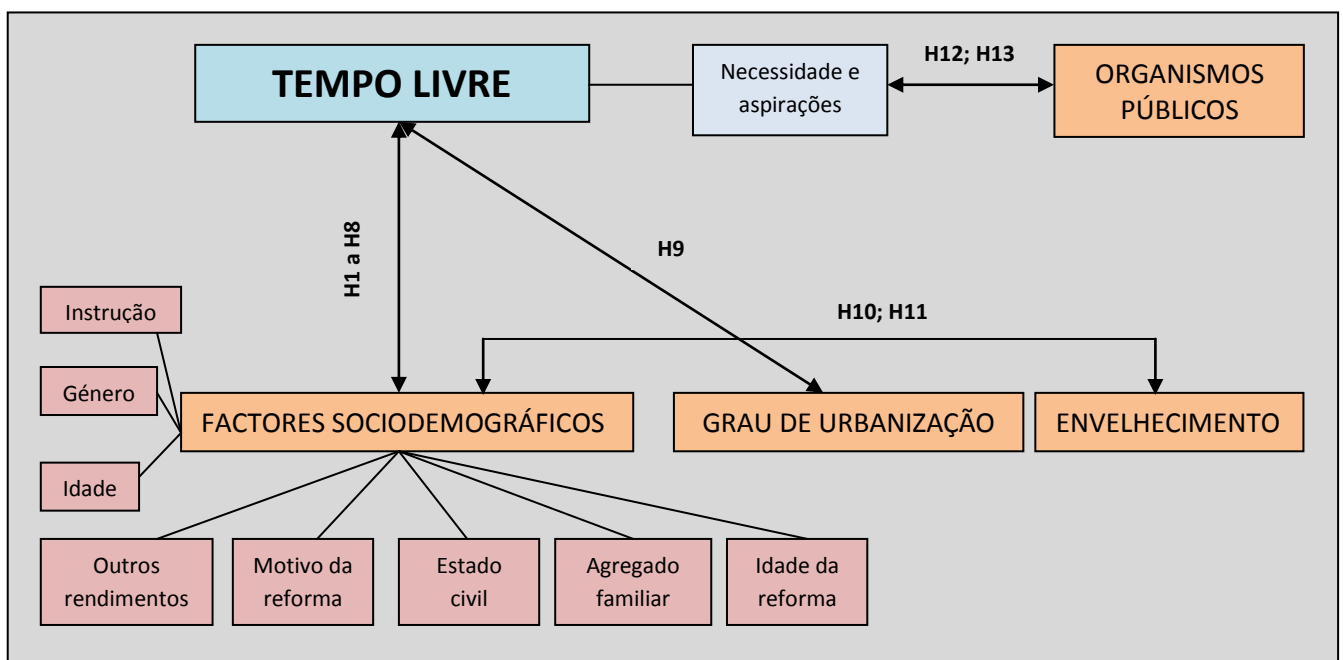
**H11** – Os factores sociodemográficos interferem na forma como os idosos encaram o envelhecimento;

**H12** – As actividades dinamizadas pelas entidades locais representam um sector importante nas práticas de ocupação do tempo livre dos idosos inquiridos;

**H13** – As actividades dinamizadas pelas entidades locais vão de encontro às necessidades e aspirações dos idosos inquiridos;

O seguinte modelo de análise pretende apresentar de forma clara e sucinta a forma como pretendemos cruzar as nossas variáveis e ver respondida a questão inicial, compreendendo de que forma os idosos do concelho de Oliveira do Bairro ocupam o seu tempo livre.

**Figura 2 – Modelo de análise**



Fonte: a autora

## CAPITULO IV – APONTAMENTO METODOLÓGICO

### 1. AMOSTRA

A amostra deste estudo é constituída por idosos, não institucionalizados, com mais de 65 anos e residentes no Concelho de Oliveira do Bairro.

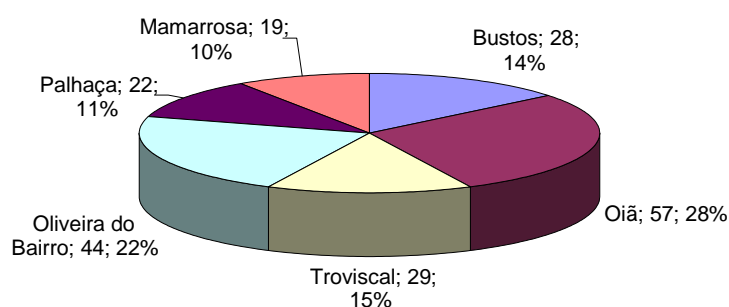
Foi utilizado o método de selecção da amostragem por quotas em função das características: sexo, idade e área de residência. Este método permitiu-nos obter uma amostra representativa de cada freguesia pertencente ao concelho.

Para a selecção da amostra retirou-se, com base nos últimos Censos realizados, 5% de cada uma das 6 freguesias, procurando seleccionar um número de elementos do sexo feminino e masculino de acordo com a sua representatividade. Assim, a amostra contará com um total de 199 inquiridos repartidos da seguinte forma:

**Tabela 6 – Distribuição da amostra por sexo e freguesia**

Freguesia	Homens	Mulheres	Total p/freguesia
Bustos	11	17	28
Mamarrosa	8	11	19
Oiã	25	32	57
Oliveira do Bairro	19	25	44
Palhaça	10	12	22
Troviscal	12	17	29
<b>Total</b>	<b>85</b>	<b>114</b>	<b>199</b>

Obs: com base nos valores apresentados no Quadro n.º3



**Gráfico 1 – Distribuição gráfica da composição da amostra por freguesia**

Na amostra, os idosos distribuem-se por seis freguesias: 28% de Oiã, 22% de Oliveira do Bairro, 15% do Troviscal, 14% de Bustos, 11% de Palhaça e 10% de Mamarrosa.

## 2. INSTRUMENTOS

Numa primeira fase efectuámos a pesquisa bibliográfica que considerámos relevante e recolhemos os instrumentos teóricos mais pertinentes para este estudo.

Numa segunda fase, recorrendo à técnica de inquérito por questionário, efectuámos e aplicámos um pré-teste deste instrumento de trabalho, não só com o objectivo conhecer a linguagem utilizada pelos elementos a inquirir, mas também de torná-lo válido para aplicar a toda a amostra. Visámos neste ponto adaptar o melhor possível as questões a colocar e elaborar um instrumento simples, de fácil aplicação e compreensão, mantendo sempre no nosso campo de visão a persecução dos objectivos e a recolha de informação pertinente. Como base de sustentação tivemos o modelo utilizado por Rosa, em 1999, no trabalho intitulado “*Reformados e Tempos Livres*”.

O questionário apresenta 4 eixos estruturantes:

**Grupo I – Envelhecimento:** onde se pretende conhecer a forma como os inquiridos percebem a velhice e que constrangimentos identificam nesse processo;

**Grupo II – Ocupação do tempo:** onde se pretende apurar o conceito que os inquiridos possuem de ‘férias’ e de ‘tempo livre’, identificar as diferentes formas de uso do tempo compreendendo o grau de satisfação e de importância atribuído e caracterizar as práticas desenvolvidas no quotidiano, com particular atenção para as práticas de tempo livre;

**Grupo III – Instituições:** onde se pretende identificar que tipo de actividades são promovidas no município, perceber o nível de participação e satisfação dos inquiridos face às mesmas e, finalmente, apurar o grau de envolvimento no seio associativo;

**Grupo IV – Dados de caracterização:** onde se pretende determinar as características base da amostra: idade, género, estado civil, instrução, agregado familiar, entre outros.

Na recolha dos dados recorreremos a entrevistadores devidamente formados e orientados pelo autor do estudo, tendo sido a selecção dos locais onde os inquéritos deveriam ser aplicados efectuada de duas formas - através do método aleatório que consiste em tirar, à sorte, as zonas para onde enviar os entrevistadores e também através do método porta a porta.

Devido às características da amostra, o inquérito foi guiado como uma conversa informal e as respostas preenchidas pelos entrevistadores. Para minimizar

constrangimentos foi garantido o anonimato de todos os indivíduos permanecendo, no entanto, alguma resistência nas questões referentes aos aspectos económicos.

Para a recolha de dados junto da Câmara Municipal efectuamos uma entrevista, não presencial, com o representante do Gabinete de Apoio Social da Câmara Municipal e consultamos também o *site* desta entidade.

No que respeita à verificação das actividades promovidas pela autarquia e/ou outras entidades foi analisado o respectivo plano de acção.

### **3. MÉTODOS ESTATÍSTICOS UTILIZADOS**

#### **3.1. Estatística Descritiva**

Em termos de estatística descritiva apresentam-se, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências e gráficos ilustrativos das distribuições de valores verificadas e para as variáveis das escalas de medida as tabelas de frequências e as estatísticas relevantes.

As variáveis medidas em escala de Likert, foram analisadas através das categorias apresentadas: “não assinalado”, “2ª opção” e “1.ª opção”. Para as variáveis da escala de medida apresentam-se alguns dados significantes, como:

- Os valores médios obtidos para cada questão.
- Os valores do desvio padrão associados a cada questão que representam a dispersão absoluta de respostas.
- O coeficiente de variação, que ilustra a dispersão relativa das respostas.
- Os valores mínimos e máximos observados.
- Gráficos ilustrativos dos valores médios das respostas dadas às várias questões.



### 3.2. Testes estatísticos utilizados

Para averiguar se as diferenças observadas na amostra são estatisticamente significativas, ou seja, se as conclusões da amostra se podem inferir para a população, recorreremos aos testes **ANOVA** e **Kruskall –Wallis**.

O valor de 5% é um valor de referência utilizado nas Ciências Sociais para testar hipóteses e significa que estabelecemos a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%.

A ANOVA, sendo um teste paramétrico, exige que as variáveis em estudo provenham de amostras grandes ou, caso contrário, que apresentem uma distribuição normal, o que será verificado posteriormente pois a amostra apresenta grupos com pequena dimensão.

O resultado do teste à homogeneidade de variâncias é extremamente importante no procedimento da ANOVA uma vez que permite verificar um pressuposto (igualdade de variâncias nas categorias da variável qualitativa) que tem de ser cumprido para validar a análise subsequente. Este teste consiste em verificar se as variâncias podem ser consideradas iguais nas várias categorias do factor. Quando não se verifica o pressuposto da homogeneidade de variâncias ou o pressuposto da normalidade, em vez da ANOVA tem de aplicar-se o teste não paramétrico: teste de Kruskall-Wallis que testa a igualdade das medianas para todos os grupos.

Para aplicar um teste estatístico paramétrico é também necessário verificar o pressuposto da normalidade das distribuições das variáveis o que pode ser realizado com o **teste K-S**.

Perante uma variável nominal e variáveis nominais ou ordinais o teste adequado para verificar a relação entre a variável nominal e cada variável ordinal é o **Qui-quadrado de Pearson** que pretende verificar se existe alguma relação entre elas.

Para realizar o cruzamento entre as variáveis quantitativas e a variável qualitativa nominal dicotómica pode utilizar-se o teste paramétrico **t de Student** por forma a verificar a significância das diferenças entre os valores médios observadas para ambos os grupos da variável nominal dicotómica. Este é antecedido por um teste de hipóteses à igualdade das variâncias em cada um dos grupos - **teste de Levene**. Por não se verificar o pressuposto da

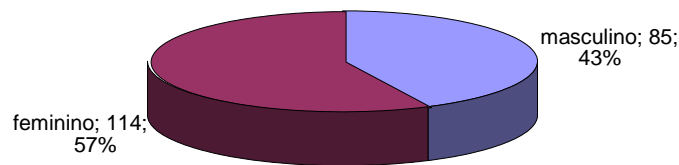
normalidade no teste de  $t$  deve ser aplicado o teste de Mann-Whitney, que é o teste não paramétrico equivalente que testa a igualdade das medianas em ambos os grupos.

Para a realização da análise de clusters foram testados vários métodos para medir as diferenças entre os elementos da amostra tendo sido escolhido o que melhor se adaptou ao conjunto de dados em análise, produzindo uma aglomeração adequada e evidenciando as diferenças entre clusters. Como tal, recorreremos ao **Método de Ward** que originou um agrupamento em quatro clusters, todos com dimensões significativas. No que diz respeito à forma como são medidas as “distâncias” entre elementos da amostra utilizou-se a **Distância Euclidiana ao Quadrado** (*Squared Euclidian Distance*).

## CAPITULO V - APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS<sup>51</sup>

### 1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

#### 1.1. Distribuição por género



**Gráfico 2** – Composição da amostra por género

Na amostra verifica-se que 57% da população inquirida é do sexo feminino e 43% do sexo masculino.

#### 1.2. Distribuição por idade

**Tabela 7** – Estatísticas referentes à idade do inquirido

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
<b>Idade do inquirido</b>	199	74,3	6,6	9%	65	93

A amostra revela que a idade dos inquiridos apresenta um valor médio de 74,3 anos, com uma dispersão de valores de 9%. Os valores mínimo e máximo são, respectivamente, 65 e 93 anos.

No diagrama e no histograma apresentados nas caixas seguintes ilustra-se a distribuição de valores da idade.

<sup>51</sup> Quando nas tabelas apresentadas a soma das frequências observadas é inferior à dimensão do grupo significa que existem *missing values* (não respostas), que se podem observar no valor de N para o cálculo das estatísticas.

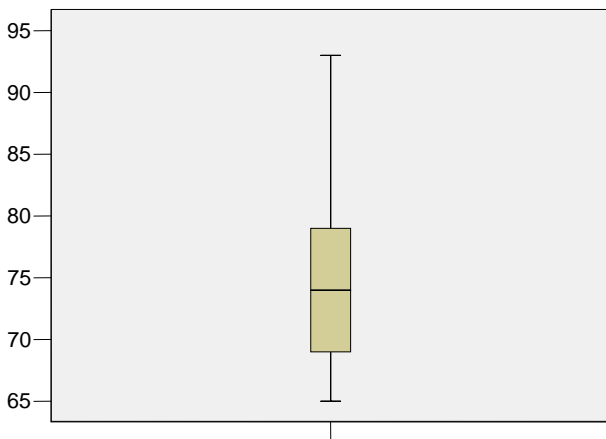


Gráfico 3 - Dispersão da idade

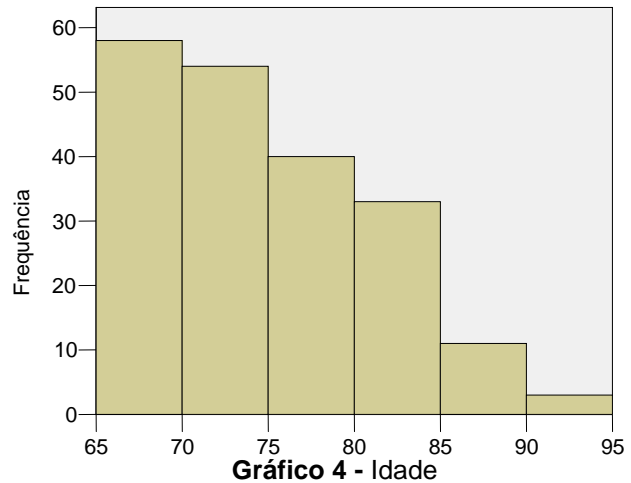


Gráfico 4 - Idade

Torna-se evidente, principalmente no gráfico 4, que a frequência diminui com o aumento das idades.

### 1.3. Habilitações académicas

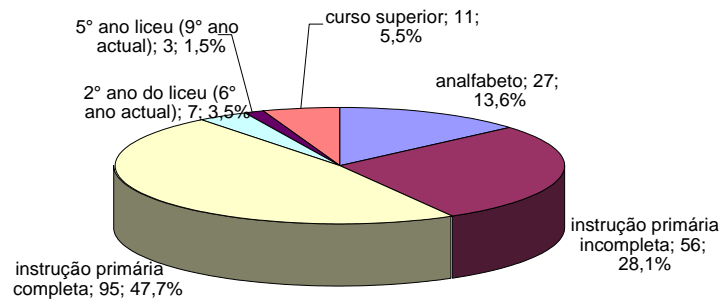


Gráfico 5 - Nível de instrução

Na amostra a instrução primária é o nível predominante com 47,7%, seguida de instrução primária incompleta, com 28,1% e de analfabeto com 13,6%. Em menor escala aparecem o ensino superior, que surge com 5,5%, o 5.º ano do liceu com 1,5% e o 2.º ano do liceu com 3,5%.

### 1.4. Actividade profissional antes da reforma

Foram várias as ocupações profissionais referidas pelo que referiremos apenas as que apresentam maior frequência constando a tabela com a totalidade das mesmas em anexo.

Destacam-se as seguintes profissões para os homens: agricultor (27,1%), empregado (vários), com 20,2%, comerciante (4,7%) e vendedor (3,5%). As profissões que

requerem maior grau académico apresentam uma baixa frequência: enfermeiro (2,4%), escriturário (1,2), professor (2,4%) e bancário (1,2%).

No caso das mulheres destacam-se as seguintes profissões: agricultora (39,5%), doméstica (16,7%), costureira (5,3%), comerciante (6,1%), empregadas (vários), com 18,6%. Também aqui as profissões que requerem maior grau académico apresentam uma baixa frequência. São elas: enfermeira (1,8%), professora (1,8%) e directora da secretaria de uma escola (0,9%).

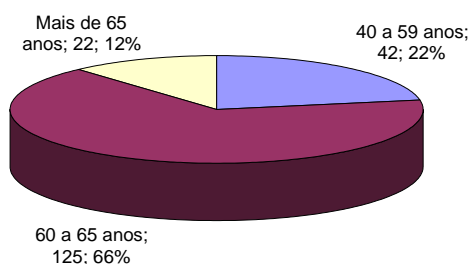
### 1.5. Idade da reforma do inquirido

**Tabela 8** – Estatísticas referentes à idade da reforma

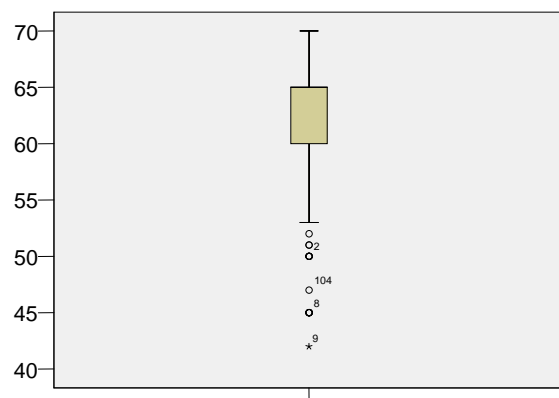
	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
<b>Idade da reforma do inquirido</b>	189	62,0	5,7	9%	42	70

Verificamos que a idade da reforma apresenta um valor médio de 62,0 anos com uma dispersão de valores de 9%. Os valores mínimo e máximo são, respectivamente, 42 e 70 anos.

No gráfico e diagrama seguintes ilustra-se a distribuição de valores da idade com que os inquiridos se reformaram.



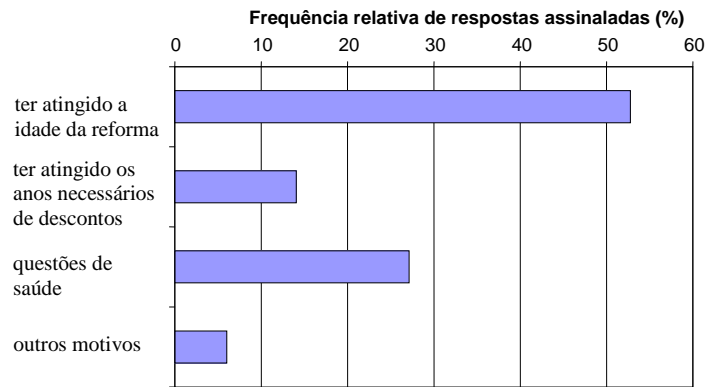
**Gráfico 6** - Idade da reforma



**Gráfico 7** - Dispersão da idade da reforma

Na amostra verificamos que 66% dos inquiridos se reformou entre os 60 e os 65 anos, 12% com mais de 65 anos e 22% atingiu a reforma antes de completar 60 anos. Os valores inferiores a 53 anos são considerados *outliers* (casos extremos).

## 1.6. Motivos da reforma

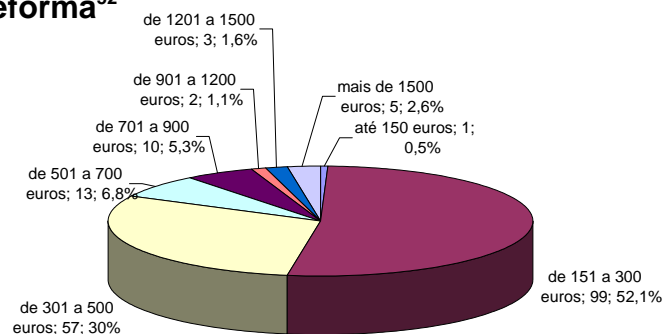


**Gráfico 8 – Motivos da reforma**

As principais razões apontadas para a entrada na aposentadoria são: “ter atingido a idade da reforma” - opção assinalada por 53% da amostra - e as “questões de saúde”, razão apontada por 27% dos indivíduos. Para além destes, o facto de “ter atingido os anos necessários de descontos” também é referido por 14%, sendo “outros motivos” salientado apenas por 6% dos inquiridos.

De salientar ainda que, nesta amostra, 4,5% dos indivíduos não possuem qualquer reforma.

## 1.7. Valor da reforma<sup>52</sup>

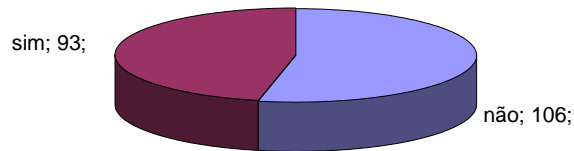


**Gráfico 9 – Valor da reforma**

Constatamos que os valores de reforma predominantes se situam entre os 151 e os 300 euros, com 52,1%, surgindo com 30% os valores compreendidos entre 301 e 500 euros. O valor da reforma situado entre os 501 e 700 euros desce para 6,8% e o situado entre os 701 e 900 euros, para 5,3%. Com uma menor percentagem aparecem as classes compreendidas entre os 901 e os 1200 euros com 1,1%, entre os 1201 e os 1500 euros com 1,6%, e finalmente com mais de 1500 euros com 2,6%. Apenas 0,5% da amostra refere ter uma reforma inferior a 150 euros.

<sup>52</sup> Neste gráfico o N é superior em um sujeito relativamente à questão da tabela 8. Essa diferença deve-se ao facto de um inquirido não estar aposentado mas possuir uma reforma de viuvez.

### 1.8. Outros rendimentos



**Gráfico 10** - Rendimentos para além da reforma

Na questão, “para além da reforma possui outros rendimentos?” verificamos, que 46,7% responderam afirmativamente e 53,3% salientaram não ter quaisquer fontes de rendimento para além da reforma.

Os tipos de rendimentos mais referidos pelos inquiridos foram: bens, poupanças e rendas. De salientar que 12,6% não quiseram especificar o tipo de rendimentos que possuem.

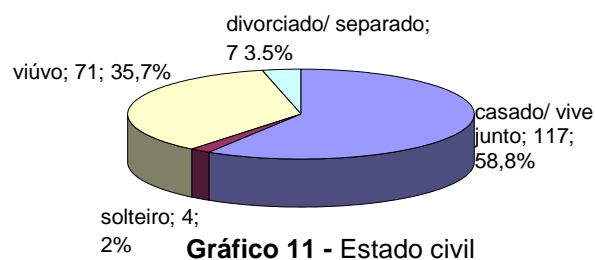
### 1.9. Manutenção de uma actividade profissional remunerada

**Tabela 9** – Manutenção de uma actividade profissional remunerada

	Frequência	Percentagem
<b>Não</b>	190	95,5
<b>Sim</b>	9	4,5
<b>Total</b>	199	100,0

Na amostra apenas 4,5% exercem actualmente alguma actividade profissional remunerada. As actividades referidas foram: agricultora (0,5%), empregada de limpeza (0,5%), empregada doméstica (1%), alfaiate (0,5%), comerciante (1%) e vendedor (1%).

### 1.10. Estado civil



**Gráfico 11** - Estado civil

Na amostra 58,8% estão casados ou vivem juntos, 35,7% são viúvos, 3,5% encontram-se separados ou divorciados e 2% são solteiros.

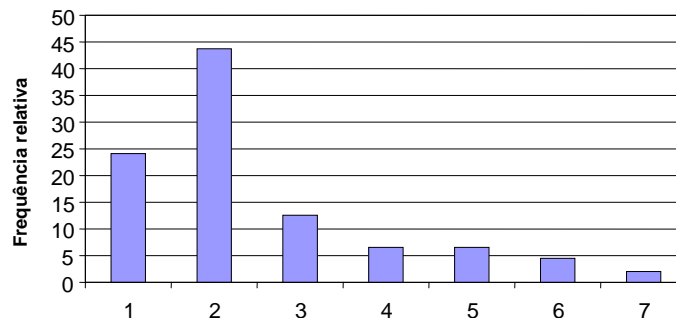
### 1.11. Descendência directa

**Tabela 10** – Estatísticas referentes ao número de filhos

	Frequência	Percentagem
<b>Não</b>	10	5,0
<b>Sim</b>	189	95,0
<b>Total</b>	199	100,0

Na amostra 95% dos indivíduos referiram ter filhos, sendo que destes, 23,8%, apenas têm 1 filho, 47,6% têm 2 filhos, 19,6% têm 3 filhos, 3,7% têm 4 filhos e 3,7% têm 5 filhos. Apenas 3 inquiridos salientaram ter entre 6 a 8 filhos.

### 1.12. Composição do agregado familiar



**Gráfico 12** – Número de elementos do agregado familiar

A amostra revelou que 44% dos agregados tem dois elementos, 24% tem um elemento, 13% tem três elementos, 6,5% têm quatro ou cinco elementos, 4,5% tem seis elementos e apenas 2,0% tem sete elementos.

De uma forma mais específica e não exclusiva podemos salientar que 78% da amostra vive com o cônjuge, 38,7% vive com filhos, 22% vive com netos e 23,3% coabita com outros elementos – destacam-se os genros ou noras com 8% e 1% respectivamente, e a mãe ou sogra, ambas com 2% (tabela em anexo).



### 1.13. Idade do cônjuge

Tabela 11 - Estatísticas referentes à idade do cônjuge

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
Idade do cônjuge	117	71,9	7,7	11%	53	91

Na amostra a idade do cônjuge apresenta um valor médio de 71,9 anos com uma dispersão de valores de 11%. Os valores mínimo e máximo são, respectivamente, 53 e 91 anos.

No histograma e diagrama tipo caixa seguintes ilustra-se a distribuição de valores da idade do cônjuge.

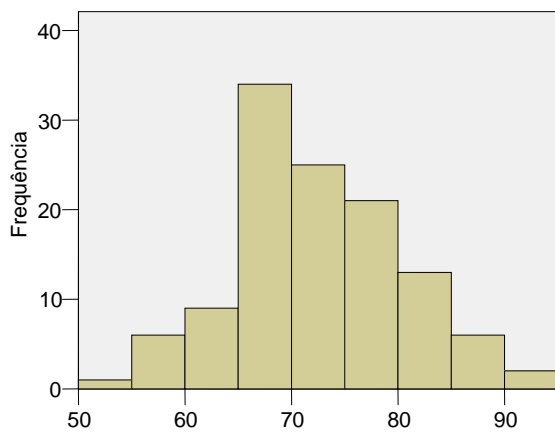


Gráfico 13 - Idade do cônjuge

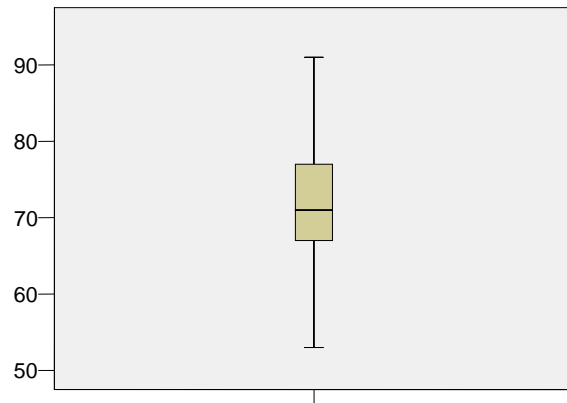


Gráfico 14 - Dispersão da idade do cônjuge

Na amostra a frequência é superior para 65 a 70 anos, diminuindo com o aumento das idades, sendo ainda inferior para idades inferiores a 65 anos.

### 1.14. Habilitações académicas do cônjuge

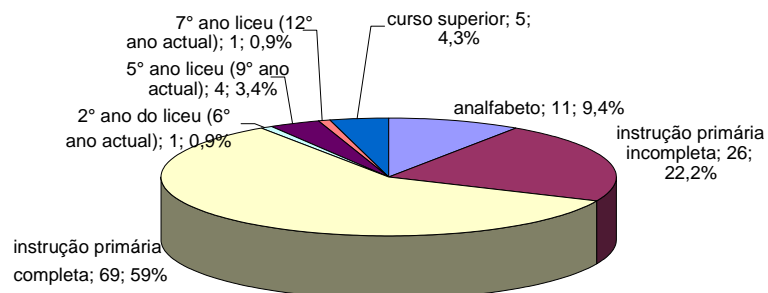


Gráfico 15 - Nível de instrução do cônjuge

Os inquiridos revelam que o nível de instrução predominante do cônjuge é a instrução primária com 59%, seguida de instrução primária incompleta com 22,2% e de analfabeto com 9,4%. O ensino superior surge com 4,3%, o 5.º ano do liceu com 3,4% e o 2.º ano do liceu com 0,9%, tal como o 7.º ano do liceu.

### 1.15. Actividade profissional do cônjuge antes da reforma

No que respeita aos cônjuges também foram apresentadas várias ocupações profissionais, contudo, referiremos apenas as que apresentam maior frequência constando a tabela com a totalidade das mesmas em anexo. Destacam-se as seguintes profissões para os homens: agricultor (14,1%), comerciante (5,2%), empregados (vários – 8,8%) e serralheiro (2,7%). De salientar que, nesta questão, se verificam 57,9% de não respostas, factor que está directamente relacionado com o facto da inquirida ser viúva ou de o cônjuge não se encontrar reformado. Para as mulheres destacam-se: agricultora (23,6%), comerciante (3,5%), costureira (4,7%), doméstica (20%), empregada (vários – 8,4%) e professora (1,2%). Nesta questão existem ainda 35,3% de não respostas directamente associadas aos factores anteriormente apresentadas.

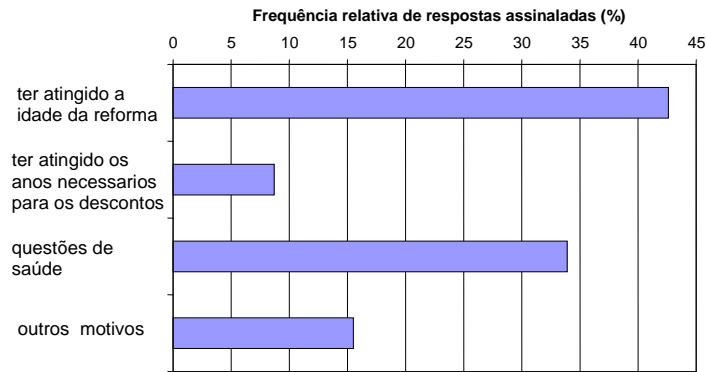
### 1.16. Idade de reforma do cônjuge

Tabela 12 - Estatísticas referentes à idade da reforma do cônjuge

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
<b>Idade de reforma do cônjuge</b>	98	61,8	5,6	9%	40	70

Na amostra a idade com que o cônjuge se reformou apresenta um valor médio de 61,8 anos com uma dispersão de valores de 9%. Os valores mínimo e máximo são respectivamente, 40 e 70 anos.

### 1.17. Motivos da reforma do cônjuge



**Gráfico 16 –** Motivos da reforma do cônjuge

A opção “ter atingido a idade da reforma” é a mais assinalada por 42,6% da amostra, seguida das “questões de saúde” por 33,9%. A opção “outros motivos” é seleccionada por 15,5%, sendo o facto de “ter atingido os anos necessários para os descontos ” assinalado por 8,7%. De salientar que 7% dos cônjuges não está reformado e que 1,5% não tem reforma.

### 1.18. Manutenção de uma actividade profissional (cônjuge)

**Tabela 13 –** Manutenção de uma actividade profissional remunerada

	Frequência	Percentagem
<b>Não</b>	99	86,8
<b>Sim</b>	15	13,2
<b>Total</b>	114	100,0

Na amostra 13% dos cônjuges exercem actualmente alguma actividade profissional remunerada. Salientamos as seguintes profissões: agricultor/a (3,5%), empregada fabril (1%) e comerciante (1,5%).

## 2. CARACTERIZAÇÃO GERAL - ENVELHECIMENTO<sup>53</sup>

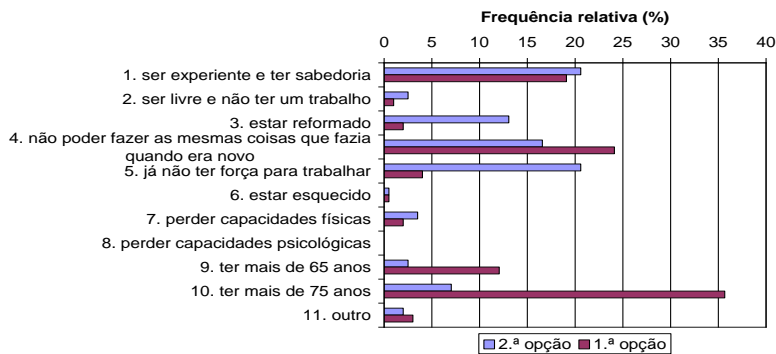
### 2.1. Percepção de si e dos outros

Começamos por analisar o primeiro grupo de perguntas do questionário aplicado, procurando compreender não só de que forma a amostra percebe o envelhecimento, mas também como considera que este é percebido socialmente, que constrangimentos identifica e que conceito possui acerca das categorizações “idoso” e “velho”. Qualquer tabela adicional encontrar-se-á em anexo.

Neste ponto pretendemos atingir o seguinte objectivo:

- Identificar as representações sociais sobre a velhice.

#### 2.1.1. Conceito de ‘idoso’ e ‘velho’



**Gráfico 17 – Conceito de “idoso”**

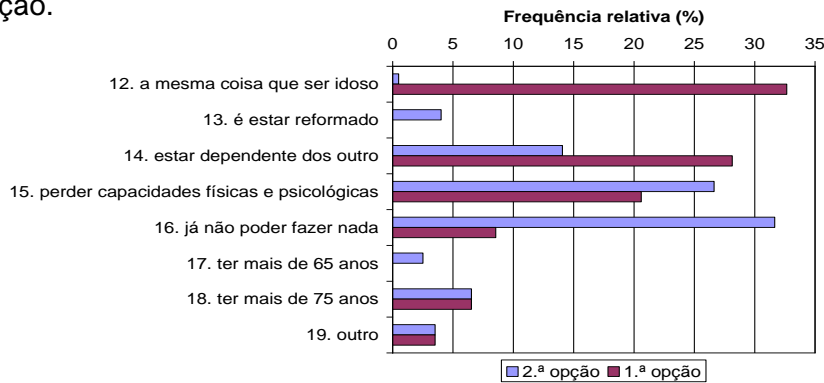
Na resposta à questão “O que é para si ser idoso?” podemos verificar, através da escolha das opções “10. ter mais de 75 anos” (35,7%;7%) e “1. ser experiente e ter sabedoria” (19,1%;20,6%), que a amostra possui uma visão positiva deste conceito. De facto, os inquiridos não apontam muitos aspectos negativos e com reduzida significância referem que ser idoso é “6. estar esquecido”, “7. perder capacidades físicas” ou “8. perder capacidades psicológicas”, contudo denotam alguns constrangimentos assinalados sobretudo nas opções “4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo” (24,1%;16,6%) e “5. já não ter força para trabalhar” (4%;20,6%).

A elevada percentagem na escolha do item “10. ter mais de 75 anos” como primeira opção, revela que os inquiridos seguem a tendência social de categorizar o idoso

<sup>53</sup> A apresentação de resultados respeitante aos gráficos que apresentam 1ª e 2ª opção é efectuada da seguinte forma: (valor da 1ª opção; valor da 2ª opção).

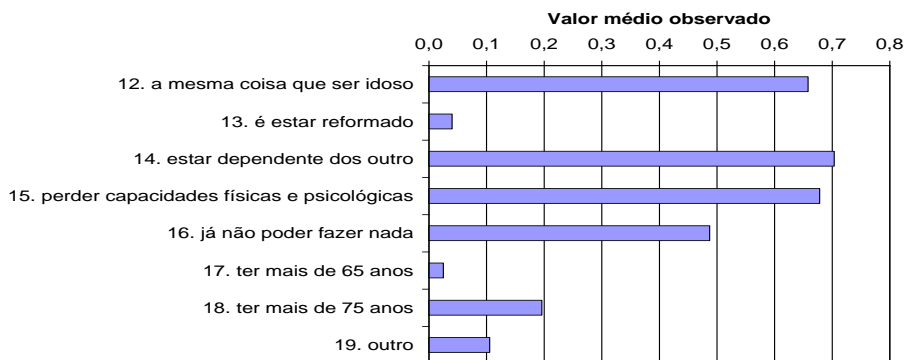
preferencialmente através da vertente etária. No entanto, projectam essa mesma escolha para um patamar posterior e não subsequente à entrada na reforma, não a associando directamente com o facto de “3. Estar reformado” (2%;13,1%) ou de “2. ser livre e não ter trabalho” (1%;2,5%).

No que respeita ao conceito de ‘velho’ o presente gráfico é passível de outra interpretação.



**Gráfico 18 –** Conceito de “velho”

Numa primeira análise sobressai a opção “12. a mesma coisa que ser idoso” (32,7%;0,5%) podendo indicar que esta amostra considera estes vocábulos como sinónimos, contudo o gráfico dos valores médios observados revela outra realidade.

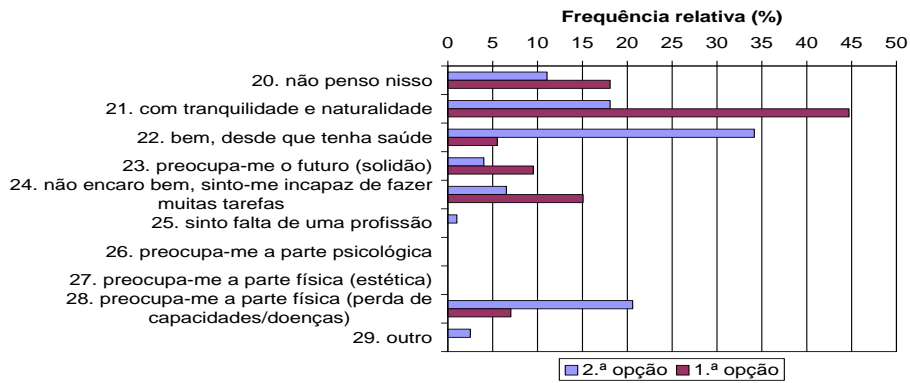


**Gráfico 19<sup>54</sup> –** Valores médios observados do conceito de “velho”

De facto, a média ponderada indica que as opções mais significativas são: “14. estar dependente dos outros” e “ 15. perder capacidades físicas e psicológicas”. O item “12. a mesma coisa que ser idoso” aparece apenas em terceiro plano. Damos conta também, contrariamente ao apresentado no gráfico 17, que o item “18. ter mais de 75 anos” revela aqui pouca importância, o que confirma o facto das palavras “idoso” e “velho”, apesar de serem apontadas inicialmente como sinónimos, não terem a mesma interpretação, sendo esta última mais associada a uma conotação negativa.

<sup>54</sup> Os valores reportam-se à média ponderada na escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.ª opção; 2- 1.ª opção.

## 2.2. Sentimentos sobre a velhice



**Gráfico 20 – Percepção da velhice**

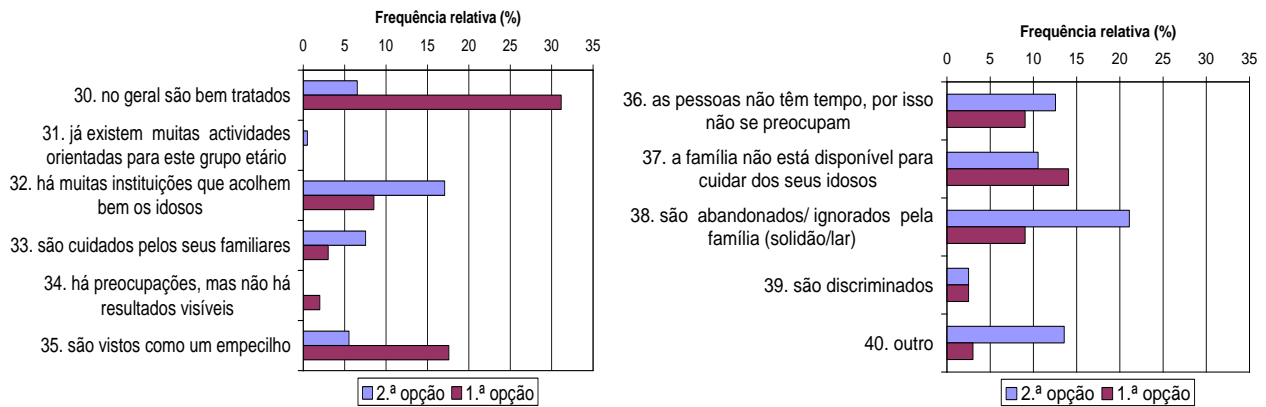
Este gráfico demonstra que grande parte dos inquiridos encara a velhice de forma positiva não denotando significativos constrangimentos. A resposta mais seleccionada foi “21. com tranquilidade e naturalidade” (44,7%;18,1%), seguida de “22. bem, desde que tenha saúde” (5,5%;34,2%) e ainda de “20. não penso nisso” (18,1%;11,1%). No entanto, alguns inquiridos referem não encarar bem por se sentirem incapazes de fazer muitas tarefas, ou ainda, preocupar-se com a parte física (perda de capacidades), mas de forma pouco acentuada.

Creemos que esta visão positiva do envelhecimento está intimamente associada com a imagem que tem de si, revendo-se nas respostas fornecidas perante as questões conceptuais anteriormente colocadas.

Ainda assim, os idosos manifestam algumas preocupações com o seu envelhecimento sendo de destacar: os “problemas de saúde” (54,3%;12,6%), “solidão/exclusão” (9%;8%), “ir para um lar” (5%;15,6%) ou “falta de apoio e assistência familiar” (5,5%;7,5%) e apontam ainda “outros motivos” (2%;27,1%), dos quais destacamos “dar trabalho” ou “estar dependente dos outros” com um total de 7,5%. De salientar também que vários inquiridos referiram não ter quaisquer preocupações (23,6%;3%).

### 2.3. Percepção social da velhice

Como havíamos referido, procurámos também captar a percepção que possuem da imagem que a sociedade projecta de si próprios e registar a forma como se vêem socialmente retratados.



**Gráficos 21a e 21b – Os idosos perante a sociedade**

Quando confrontados com esta questão os inquiridos reflectem nas suas opiniões as ambiguidades sociais e manifestam-se indecisos, oscilando a sua opinião entre dois pólos opostos. Do ponto de vista positivo consideram que “30. no geral são bem tratados” (31,2%;6,5%) e que “32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos” (8,5%;17,1%). Apenas 3% como 1ª opção e 7,5% como 2ª, referem que “33. são cuidados pelos seus familiares”. Do ponto de vista negativo sobressaem as restantes opções: “35. são vistos como um empecilho” (17,6%;5,5%), “36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam” (9%;12,6%), “37. a família não está disponível para os seus idosos” (14,1%;10,6%) e “38. são abandonados/ignorados pela família” (9%;21,1%).

### 3. CARACTERIZAÇÃO GERAL - TEMPO LIVRE E O USO QUE OS IDOSOS FAZEM DELE<sup>55</sup>

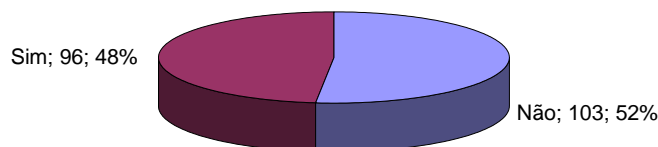
Neste ponto pretendemos atingir os seguintes objectivos:

- Analisar a forma como os idosos ocupam o tempo livre de que dispõem no que respeita a lazeres e semi-lazer.
- Identificar as preferências relativamente ao tipo de práticas de lazer e de ocupação de tempos livres.
- Analisar a frequência de participação dos idosos nas actividades propostas e os motivos das mesmas.

#### 3.1. Diferença entre tempo livre e tempo de trabalho

Antes de iniciarmos a nossa incursão pelas práticas de uso do tempo livre dos idosos procurámos verificar se estes, enquanto detentores de uma actividade profissional, faziam distinção entre tempo livre e tempo de trabalho, procurando aferir também se mantêm essa diferenciação após a reforma.

O presente estudo revelou que a distinção entre ambos os tempos sociais era uma realidade para 48% dos inquiridos enquanto detentores de uma profissão, mas que esta tende a atenuar-se com a aposentação, decrescendo para os 33%.



**Gráfico 22** - Distinção entre tempo de trabalho e tempo livre

Esta aparente indiferença de tempos assenta sobre alguns aspectos pertinentes, a referir:

- a) o facto de muitos dos inquiridos pertencerem a uma geração que se iniciou demasiado cedo no mundo do trabalho e conseqüentemente faz deste o aspecto central e regulador de vivências;

<sup>55</sup> Os gráficos dos valores médios observados reportam-se à média ponderada na escala de medida: 1- Nunca; 2- Só nas férias (uma vez por ano); 3- Algumas vezes (uma vez por mês); 4- Só ao fim de semana; 5- Com frequência (uma vez por semana); 6- Todos os dias.



- b) o facto de muitas das actividades de tempo livre estarem associadas ao trabalho e à sazonalidade do mesmo, não existindo por isso uma nítida separação entre elas;
- c) os baixos rendimentos que se viviam na época da sua mocidade – condições que parecem permanecer actualmente com a precariedade das reformas.

### 3.2. Ocupação geral do tempo

Com base na resposta anterior procurámos verificar a efectiva diferença entre os usos do tempo e analisámos as práticas do grupo de idosos que afirmaram fazer distinção entre ambos, sem entrarmos contudo no âmbito do tempo livre.

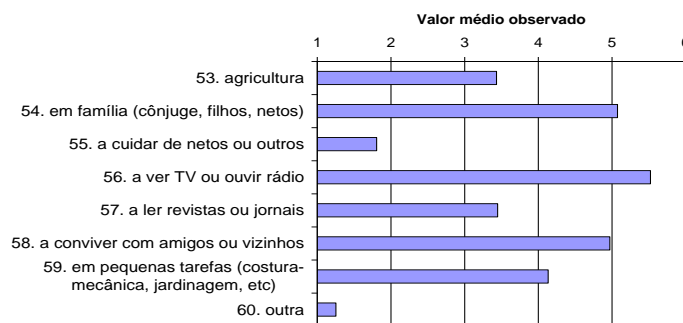


Gráfico 23 – Ocupação do tempo

Este grupo de respondentes referiu que, de uma forma geral, costuma ocupar o tempo “54. em família”, “56. a ver TV ou ouvir rádio”, “58. a conviver com amigos ou vizinhos”, “59. em pequenas tarefas” ou ainda na “53. agricultura”, o que reflecte alguma indiferenciação e aparenta contrariar a distinção anteriormente referida - acreditamos que se trata apenas de uma indefinição empírica, uma vez que para estes idosos o conceito parece claro e objectivo, como veremos de seguida.

Ainda assim procuramos analisar as redes sociais deste grupo e verificar com quem despendem mais tempo e qual a frequência de respostas.

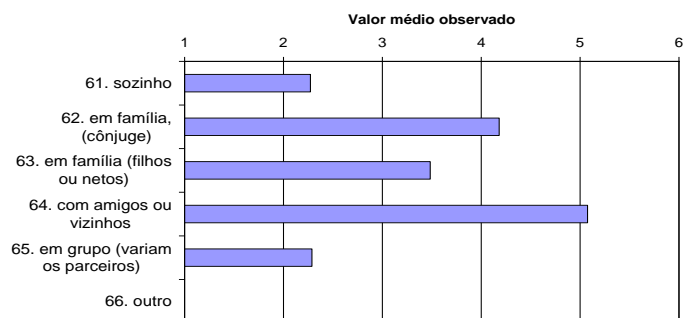


Gráfico 24 – Com quem passa o tempo

O presente gráfico realça, à semelhança de outras investigações, a importância da família nuclear e das redes sociais – vizinhos e amigos – na vida do idoso. Estes são de facto os pilares das suas vivências e isso reflecte-se na frequência de respostas apresentada.

### 3.3. Conceito de tempo livre

Não obstante esta aparente ausência de diferenciação de tempos os inquiridos apresentam uma opinião bem definida quando questionados sobre o que é o tempo livre.

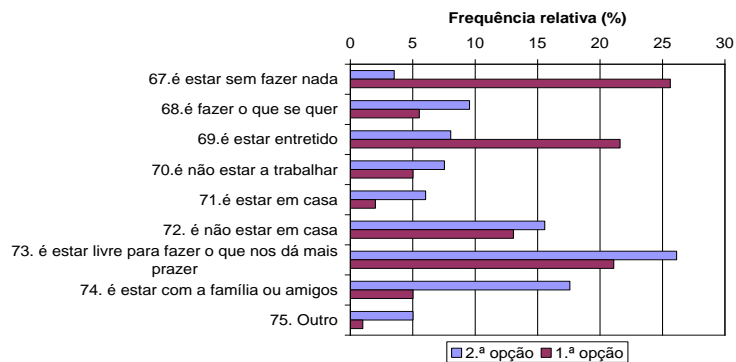


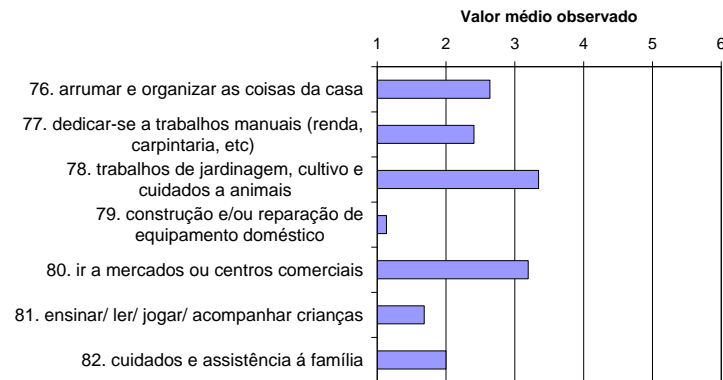
Gráfico 25 – Conceito de tempo livre

Neste patamar verificamos que as respostas mais referidas se apoiam em características como o descanso - item “67. é estar sem fazer nada” (25,6%;3,5%) - a liberdade, o prazer e principalmente a opção pessoal - itens “69. é estar entretido” (21,6%;8%) e “73. “é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer”, (21,1%;26,1%). De salientar que este último é de facto o mais seleccionado. Julgamos pertinente referir que, à excepção da opção “67. é estar sem fazer nada”, as restantes escolhas recaem sobre a necessidade de estar ocupado e entretido, atribuindo um sentido de utilidade às actividades realizadas. Como pano de fundo sobre o qual se desenham estas características repousam muitas das definições conceptuais avançadas pelos mais diversos autores no enquadramento teórico- o célebre conceito de Dumazedier ganha aqui particular importância.

### 3.4. Práticas de tempo livre

Após constatarmos uma aparente indiferença na distinção dos tempos e de compreender que conceito de tempo livre possui a amostra, pretendemos verificar que práticas preenchem o quotidiano dos inquiridos. Organizado em 4 categorias o questionário permitiu abarcar as vivências de forma bastante ampla e dar conta da pluralidade de contextos:

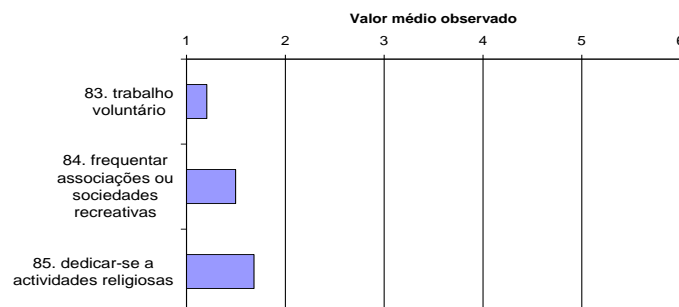
#### 3.4.1. “Trabalhos domésticos e cuidados à família”



**Gráfico 26** – Ocupação do tempo livre na categoria de “Trabalhos domésticos e cuidados à família”

Ao atentarmos para este gráfico verificamos que o “78.(...) cultivo e cuidados com animais”, “80. ir a mercados (...)” e também “76. organizar e arrumar as coisas da casa” são as actividades mais referidas pelos idosos. Os inquiridos corroboram, com as suas opções, os factos constantes noutras pesquisas ao indicarem que estas ocupam uma parte importante do seu quotidiano. A análise da frequência de práticas revela que estas actividades são praticadas com bastante regularidade, inserindo-se nas escalas ‘todos os dias’ ou ‘com frequência’ (algumas vezes por semana).

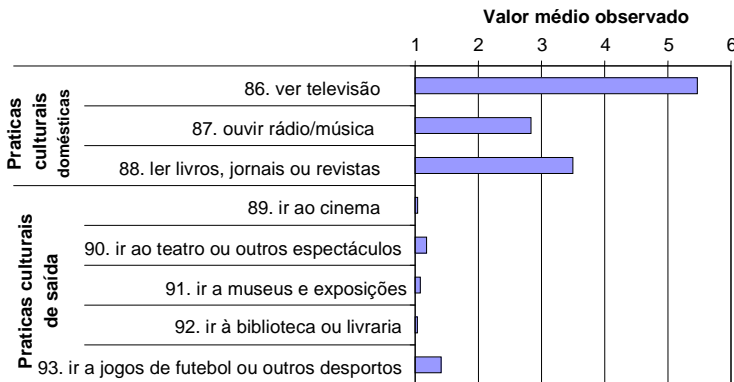
#### 3.4.2. “Actividades cívicas e de voluntariado”



**Gráfico 27** – Ocupação do tempo livre na categoria de “Actividades cívicas e de voluntariado”

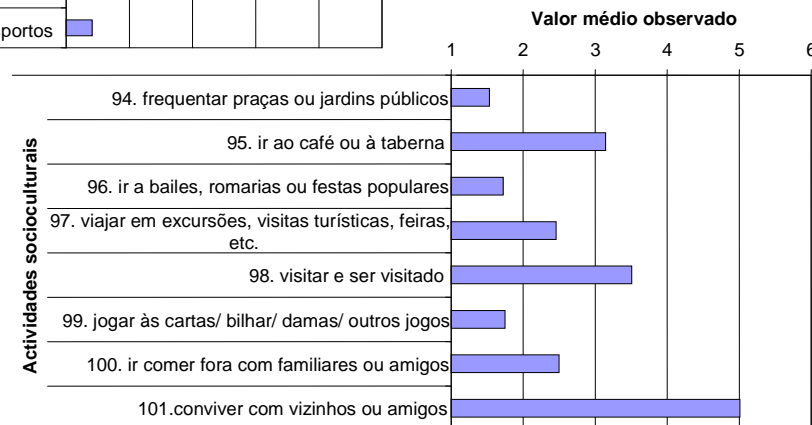
Sobressai neste gráfico a discrição dos valores médios, o que torna perceptível que existe um reduzido nível de participação nestas actividades. “Nunca”, mais uma vez em consonância com outros estudos efectuados, é a opção mais apontada, apresentando frequências superiores a 75% em todos os parâmetros.

### 3.4.3. “Vida social e entretenimento e meios audiovisuais”<sup>56</sup>



**Gráfico 28a –** Ocupação do tempo livre na categoria de “Vida social e entretenimento e meios audiovisuais”

**Gráfico 28b –** Ocupação do tempo livre na categoria de “Vida social e entretenimento e meios audiovisuais”



A divisão em três subcategorias, ‘práticas culturais domésticas’, ‘práticas culturais de saída’ e ‘actividades socioculturais’, permite-nos compreender o tipo de actividades realizadas e categorizá-las tendo em conta o espaço em que decorrem. Torna-se bastante óbvio que o espaço doméstico é o cenário principal das actividades de lazer, pois todos os itens apresentados revelam elevados índices de participação, especialmente o visionamento (80,9% - diariamente).

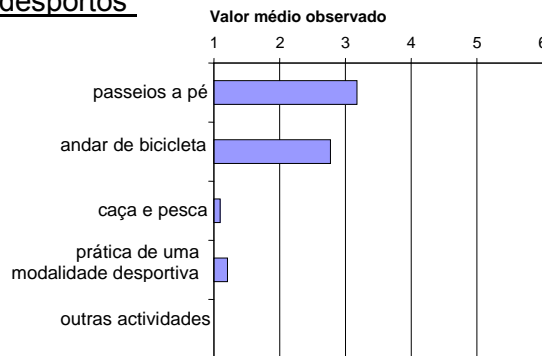
As práticas culturais de saída, cujos valores percentuais de não participação (nunca) se situam acima dos 85% reforçam a importância do espaço doméstico no *core* da vida pessoal e chamam a atenção para o desvitalizar da vida social. Como contraponto deste último

<sup>56</sup> Percentagens referentes à 1ª e 2ª opção – gráficos em anexo.

factor e contribuindo para o reavivar das redes pessoais, surgem as actividades socioculturais inseridas no espaço local. Com uma menor participação relativamente às práticas que decorrem no espaço doméstico surge em primeiro plano o convívio com vizinhos ou amigos (47,2% - diariamente e 35,2% com frequência), seguido das visitas pessoais (30,2% - com frequência e 43,2% - algumas vezes) e das idas ao café (26,1% - diariamente e 16,6% - algumas vezes).

Os idosos deixaram bem patente que os espaços de proximidade são efectivamente os mais povoados por este grupo. A habitação é o palco central da expressão pessoal e o círculo local revela a extensão da sua rede social, bem como a dimensão das saídas, no que respeita ao tempo livre.

#### 3.4.4. “Prática de desportos”

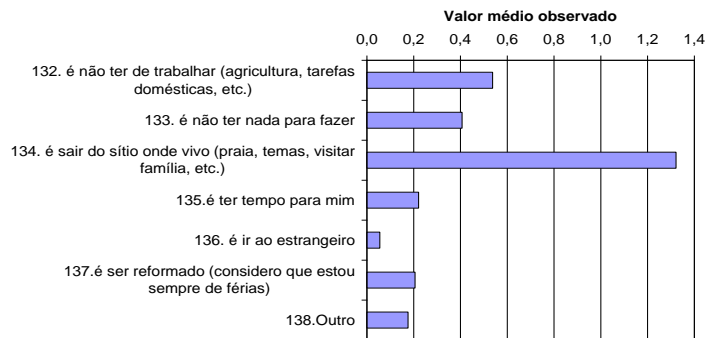


**Gráfico 29** – Ocupação do tempo livre na categoria de “prática de desportos”

Estes resultados expressam também a dimensão de proximidade local abordada anteriormente. Os idosos elegem os passeios a pé e a bicicleta como actividades favoritas e mantêm um circuito espacial limitado. Destacamos que, a “prática de uma modalidade desportiva” é muito pouco frequente, o que demonstra que este grupo apresenta uma participação pouco significativa em actividades organizadas, privilegiando as que se desenrolam de forma autónoma. Contudo, reforçamos que a média ponderada revela que a prática desportiva se encontra com um grau de significância semelhante a práticas como “ler jornais e revistas”, “ir ao café” ou “visitar e ser visitado”, embora com um menor número de praticantes.

### 3.4.5. Férias

Saindo da esfera quotidiana e das actividades regulares pretendemos abarcar outros espaços e tempos no estudo do lazer. Como tal, procuramos definir o conceito de **férias** e compreender o que o idoso entende como tal, verificando se estas se incluem no seu roteiro de ocupação do tempo livre.

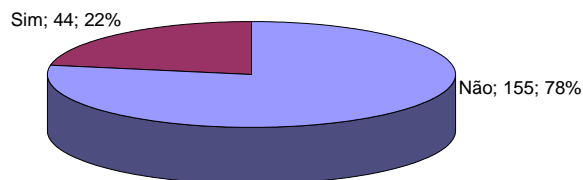


**Gráfico 30 – Conceito de férias**

Os dados revelam que este grupo social relaciona as férias com a alteração das rotinas e do espaço geográfico. Segundo a amostra sair do local de residência e não ter de trabalhar são os aspectos fundamentais que caracterizam as férias.

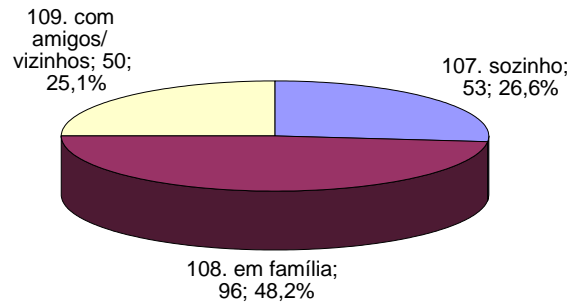
Identificamos também neste gráfico, a ausência de relação entre ‘estar reformado’ e ‘estar de férias’. Os idosos inquiridos, na sua maioria, não se consideram permanentemente de férias apesar de não possuírem uma relação laboral, o que denota que a questão conceptual de tempo livre permanece clara mesmo quando projectada numa escala temporal e social distinta. O sentimento de ‘não se encontrar permanentemente de férias’ pode sair reforçado quando associado ao elevado índice de práticas culturais domésticas e ao reduzido índice de práticas de saída, constantes no gráfico 28a.

O gráfico que se segue corrobora esta situação demonstrando que efectivamente cerca de 80% dos inquiridos não passa férias. De facto, durante a realização das entrevistas muitos foram os idosos que referiram nunca o ter feito.



**Gráfico 31 – Frequência com que passa férias**

À semelhança da análise que efectuámos anteriormente, procurando compreender que actores completam as redes sociais na ocupação do tempo, faremos agora o mesmo género de abordagem mas de uma forma mais específica, vocacionada unicamente para o tempo livre.



**Gráfico 32 – Com quem passa o tempo livre**

Os resultados encontrados são similares aos referidos no gráfico 24 que retrata com quem o idoso passa a maior parte do seu tempo. Mais de 70% dos inquiridos referem ocupar o seu tempo livre na companhia da família ou amigos/vizinhos, salientando claramente a importância destes elementos nas suas vivências sociais e reforçando a relevância da manutenção dos laços sociais.

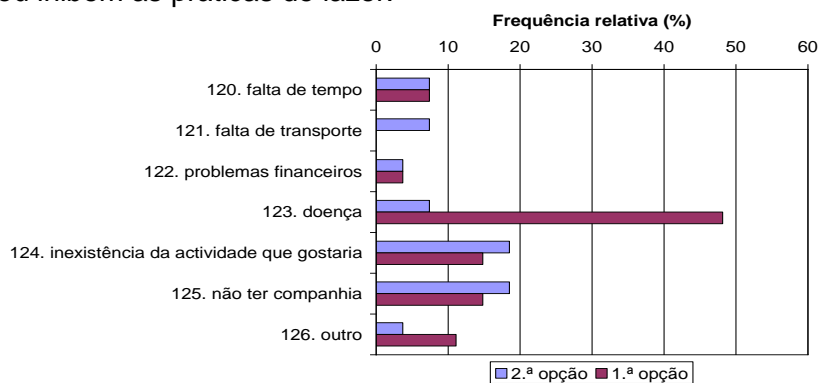
A ausência de diferenças entre ambos os gráficos denota que independentemente dos momentos vivenciados, a presença de amigos, vizinhos ou família e a partilha de momentos com estes é uma realidade constante e um factor relevante para este grupo social.

#### 4. CARACTERIZAÇÃO GERAL - CONSTRANGIMENTOS SOCIAIS E PESSOAIS NO USO DO TEMPO LIVRE<sup>57</sup>

Neste ponto pretendemos atingir os seguintes objectivos:

- Verificar qual a importância que os idosos atribuem ao tempo livre.
- Verificar se as práticas de lazer realizadas vão de encontro às necessidades e aspirações deste grupo social.
- Analisar os constrangimentos, sociais e pessoais, que os idosos identificam para aceder às práticas de lazer e tempos livres.

Analizadas as dinâmicas culturais deste grupo focamos agora a nossa atenção nos aspectos que condicionam o seu tempo livre, na tentativa de compreender os motivos que dificultam ou inibem as práticas de lazer.



**Gráfico 33 – Constrangimentos no uso do tempo livre**

A doença é efectivamente o factor mais destacado pela amostra (48,1%; 7,4%). A ausência de bem-estar físico ou psicológico revela-se como um factor estruturante do quotidiano e levanta barreiras consideráveis às práticas de tempo livre. Mas este não é o único aspecto, a falta de companhia (14,8%;18,5%) ou ainda a inexistência da actividade que gostaria (14,8%;18,5%) são também apontados pelos idosos.

Quando questionados exclusivamente acerca da influência que os problemas de saúde exercem nas suas práticas de tempo livre, 58% dos idosos referiram que existem actividades que não podem realizar por motivos de saúde.

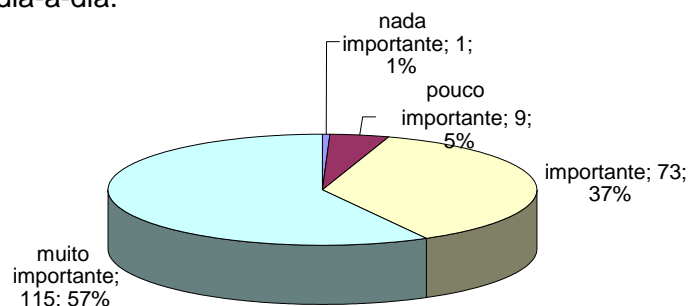
Também o facto de grande parte da amostra não passar férias está repleto de condicionantes. Nesta questão não foram apontados os mesmos motivos relativamente à

<sup>57</sup> Gráficos ou tabelas complementares em anexo.



questão anterior, o que está relacionado com as características que os inquiridos atribuem à actividade. No entanto, com uma distribuição relativamente homogénea foram referidas as seguintes opções: nunca ter passado férias (14,7%;15,4%), questões financeiras (16%,7,7%), outros<sup>58</sup> (11,5%;15,4%) e porque acha que já passa férias todo o ano (16%; 5,8%). Esta última parece contradizer a resposta apresentada no gráfico 30, contudo ao analisarmos devidamente esta questão constatamos que tal não acontece. De facto, verificamos que a linha conceptual manifestada é clara e objectiva, no entanto, quando transportada para o ponto de vista prático, aparece associada ao trabalho, dependendo da existência de uma actividade laboral – neste caso, a ausência de uma profissão parece definir, para este grupo social, a desnecessidade de férias.

Apesar dos constrangimentos apontados pelos inquiridos, estes afirmam estar satisfeitos (74,9%) com a forma como ocupam o seu tempo livre e atribuem-lhe muita importância no seu dia-a-dia.



**Gráfico 34** – Importância atribuída à ocupação do tempo livre

O gráfico revela que apenas 9 idosos referem que, para si, a ocupação do tempo livre tem pouca importância e que apenas 1 refere não ter qualquer importância.

<sup>58</sup> Que oscila principalmente entre a falta de motivação e a ausência de necessidade.

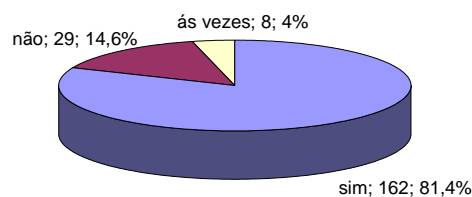
## 5. CARACTERIZAÇÃO GERAL - INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES LOCAIS NA OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE<sup>59</sup>

Neste ponto pretendemos atingir o seguinte objectivo:

- Verificar que tipos de actividades são oferecidos pelas instituições aos idosos.

As instituições locais podem revelar-se um agente activo na promoção de actividades de lazer. A sua proximidade é uma característica facilitadora da sua acção e através delas podemos conhecer um pouco da dinâmica social. Como tal, questionámos os idosos no sentido de verificar se estes têm **conhecimento das actividades** desenvolvidas pela Câmara Municipal ou pela Junta de Freguesia da sua localidade, para os reformados do concelho.

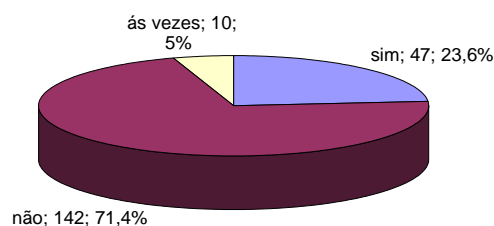
Não fomos surpreendidos pela resposta maioritariamente positiva. De facto, como vemos pelo gráfico abaixo 81,4% dos inquiridos referiu ter conhecimento da dinamização destas actividades e apenas 4% salientaram que nem sempre isso acontece.



**Gráfico 35** – Conhecimento das actividades promovidas pelas instituições

As actividades mais referidas foram o passeio de idosos e o almoço de idosos. No entanto, também demos conta da existência de outras práticas de entre as quais destacamos: excursões, bailes, caminhadas, missa e cursos de bordados.

Ao nível da **participação nessas actividades** constatamos que as frequências não são muito elevadas.

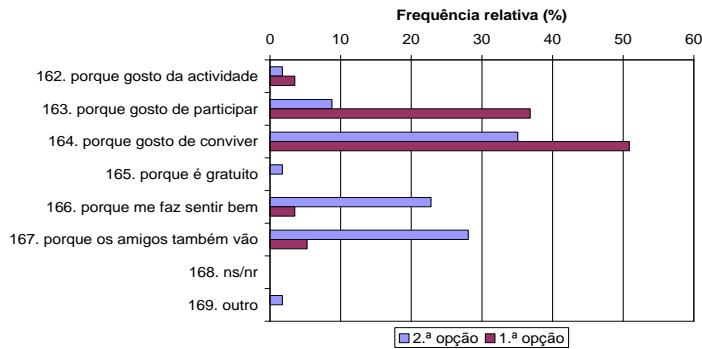


**Gráfico 36** – Participação nas actividades promovidas pelas instituições

<sup>59</sup> Gráficos ou tabelas complementares em anexo.

De facto, a frequência de não participação é bastante mais significativa (71,4%) pois apenas 23,6% dos inquiridos afirmam participar assiduamente e 5% afirma fazê-lo algumas vezes.

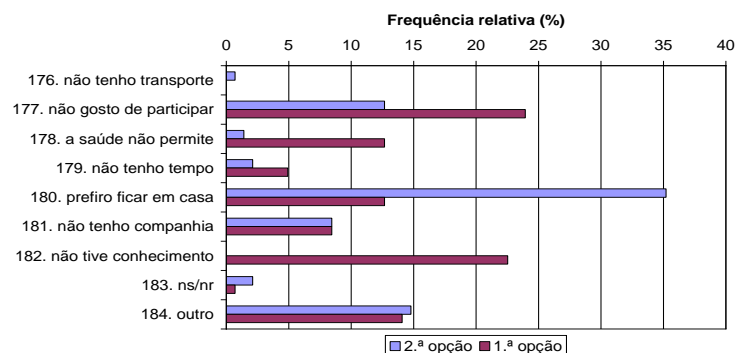
Sabendo que as instituições dão a conhecer aos interessados as actividades que levam a cabo, passamos à análise dos **motivos de participação e não participação** nas mesmas.



**Gráfico 37 – Motivos de participação nas actividades**

Dos 23,6% de idosos que referiram participar regularmente, verificamos que a grande maioria destes o faz porque gosta de conviver (50,9%; 35,1%) ou apenas porque gosta de participar (36,8%;8,8%). A influência dos amigos apresenta também alguma relevância (5,3%;28,1%). Estes inquiridos salientaram ainda que participam sempre que há actividades (64,9%;3,5%) ou sempre que lhes é possível (8,8%;64,9%).

No que respeita aos motivos de não participação constatamos que os 71,4% não participantes manifestam essencialmente não gostar de participar (23,9%;12,7%) ou preferir ficar em casa (12,7%;35,2%). O facto de não ter tido conhecimento também é significativo (22,5%;0,0%). As questões de saúde foram pouco salientadas (12,7%;1,4%) relativamente a outros aspectos, no entanto destacam-se no item ‘outros’ o facto de alguns dos inquiridos se encontrarem a cuidar de familiares (7,7%). A falta de motivação ou interesse, bem como o facto de nunca ter sido convidado, também são de salientar.



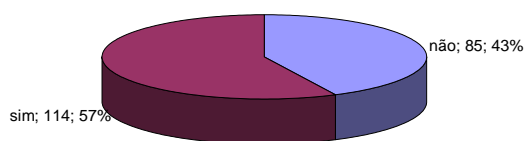
**Gráfico 38 – Motivos de não participação nas actividades**

## 5.1. Associações e sociedades recreativas

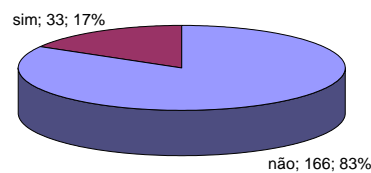
A **frequência de associações** e a participação na vida das mesmas é manifestamente uma porta de acesso às mais diversas práticas culturais desenvolvidas no seio da comunidade local e representa muitas vezes um reforço para a manutenção dos laços sociais dos idosos. Contudo, a bibliografia salienta que este grupo social é pouco interveniente neste âmbito, mantendo-se as ligações associativas reduzidas ao facto de ser um associado, o que significa não ter participação activa na vida das mesmas. A presente investigação reflecte essa reduzida participação revelando que 74,9% dos idosos não frequentam nenhuma associação ou sociedade recreativa.

Averiguámos, por isso, se a amostra apesar de não frequentar estes espaços mantém algum tipo de ligação com as associações, na tentativa de analisar o **grau de associativismo**, antes e depois da reforma, quer enquanto sócio, quer enquanto dirigente.

### 5.1.1. Grau de associativismo antes da reforma

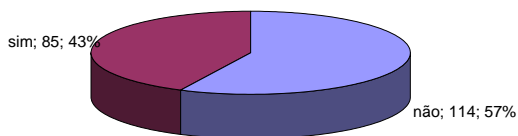


**Gráfico 39 – Sócio**

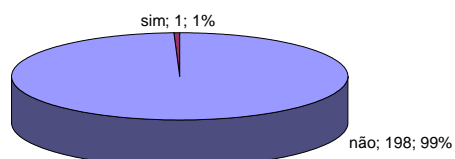


**Gráfico 40 – Dirigente**

### 5.1.2. Grau de associativismo depois da reforma



**Gráfico 41 – Sócio**



**Gráfico 42 – Dirigente**

Os gráficos revelam que o grau de associativismo é superior durante a vida activa, em ambas as situações e que este decresce com a entrada na reforma, principalmente no que respeita à função de dirigente que é praticamente nula para este grupo social.

Dos idosos associados 62% consideram-se pouco activos, 9% referiram não saber responder e 29,6% afirmam não saber categorizar o seu grau de intervenção. Apenas 8,5% afirmam ter uma acção muito activa no seio da instituição.

## 6. ANÁLISE COMPARATIVA<sup>60 61</sup>

Na tentativa de averiguar que indicadores sociodemográficos exercem influência sobre as práticas de lazer dos idosos e de que forma o fazem elaborámos, de acordo com os dados provenientes da amostra, diversas classes, tendo posteriormente procedido à análise comparativa dos resultados através das mesmas - daremos também conhecimento das respectivas frequências e percentagens.

**Quadro 4a:** classes sociodemográficas

Género	Freq.	%	Idade	Freq.	%	Instrução	Freq.	%
- Feminino	114	57,3	- 65 a 69 anos	58	29,1	- analfabeto	27	13,6
- Masculino	85	42,7	- 70 a 74 anos	54	27,1	- instrução primária incompleta	56	28,1
			- 75 a 79 anos	40	20,1	- instrução primária completa	95	47,7
			- 80 anos ou mais	47	23,6	- 2º ou 5º ano do liceu	10	5,0
						- curso superior	11	5,5

**Quadro 4b:** classes sociodemográficas

Estado civil	Freq.	%	Agregado familiar	Freq.	%	Idade da reforma	Freq.	%
- casado/vive junto	117	58,8	- vive só	48	24,1	- 40 a 59 anos	42	22,2
- solteiro/viúvo/ divorciado/separado	82	41,2	- núcleo reduzido (2 pessoas)	87	43,7	- 60 a 65 anos	125	66,1
			- núcleo alargado (+ de 2 pessoas)	64	32,2	- mais de 65 anos	22	11,6

**Quadro 4c:** classes sociodemográficas

Outros rendimentos	Freq.	%	Motivo da reforma	Freq.	%	Valor da reforma	Freq.	%	Freguesias	Freq.	%
- não possui outros rendimentos	106	53,3	- ter atingido a idade	105	52,8	- até 300€	100	52,6	- Troviscal	29	14,6
- possui outros rendimentos	93	46,7	- ter atingido descontos	28	14,1	- 301€ a 500€	57	30,0	- Bustos	28	14,1
			- questões de saúde	54	27,1	- 501€ a 700€	13	6,8	- Palhaça	22	11,1
			- outros motivos	12	6,0	- 701€ a 900€	10	5,3	- Oiã	57	28,6
						- mais de 901€	10	5,3	- O. do Bairro	44	22,1
								- Mamarrosa	19	9,5	

A apresentação dos dados obedece à lógica temática abordada no ponto anterior, focando os três aspectos centrais, 'envelhecimento', 'tempo livre' e 'instituições, mas não pretende ser demasiado exaustiva pelo que faremos em cada um deles uma abordagem que abarca as informações relevantes de cada classe. Uma vez que os valores podem ser estatisticamente significativos por serem superiores ou inferiores relativamente à opção seleccionada, apresentaremos a azul os valores superiores e a rosa os valores inferiores.

<sup>60</sup> Para o cruzamento destas variáveis cujas respostas são tratadas como escala de classes foi utilizado o teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis. Para verificar a relação entre variáveis nominais e ordinais foi utilizado o teste do Qui-quadrado de Pearson.

<sup>61</sup> Gráficos ou tabelas complementares em anexo.

## 6.1. Envelhecimento: percepção de si e dos outros

Conforme referido anteriormente iremos analisar a influência das variáveis sociodemográficas sobre:

### 6.1.1. Conceito de idoso

**Quadro 5 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de idoso**

Opções Classes	1. Ser experiente e ter sabedoria	2. ser livre e não ter trabalho	3. estar reformado	4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	5. já não ter força para trabalhar	6. estar esquecido	7. perder capacidades físicas	8. perder capacidades psicológicas	9. ter mais de 65 anos	10. ter mais de 75 anos	11. outro (ter mais de 80 anos)
Género	$p=0,019$ para o género "masculino"			$p=0,005$ para o género "feminino"						$p=0,014$ para o género "masculino"	
Idade					$p=0,013$ para "80 anos ou mais"						$p=0,008$ para "75 a 79 anos" e para "+ de 80 anos"
Instrução						$p=0,012$ para "analfabeto"					
Estado civil							$p=0,028$ para quem é "casado/vive junto"				
Agregado familiar						$p=0,042$ para quem "vive só"					
Idade da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade da reforma"										
Valor da reforma	$p=0,042$ para quem ganha "+de 900 €"									$p=0,045$ para quem ganha entre 301€ e 900€	
Motivo de reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Motivo da reforma"										
Outros rendimentos					$p=0,001$ para quem "não possui outros rendimentos"					$p=0,033$ para quem "possui outros rendimentos"	$p=0,033$ para quem "possui outros rendimentos"
Freguesia									$p=0,014$ para a freguesia de O.Bairro	$p=0,000$ para a freguesia de Mamarrosa	

Fonte: a autora

Esta tabela resumo demonstra de que forma o conceito de idoso é influenciado por diversos parâmetros sociais:

**Género:** as variações encontradas demonstram que as mulheres, por serem quem executa grande parte do trabalho doméstico, referem que ser idoso é "não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo", enquanto os homens associam este conceito ao estatuto de reformado "ser livre e não ter trabalho" e à vertente etária "ter mais de 75 anos" deixando bem patente a atitude mais liberta face ao quotidiano.

**Idade:** este parâmetro revela diferenças significativas para as duas classes da faixa etária mais avançada. Os inquiridos que se situam entre os “75 e os 79 anos” projectam esta imagem para uma idade posterior àquela em que se encontram e, de certa forma, parecem ainda não se sentir incluídos nesse conceito. Aqueles que já se encontram acima dos 80 anos associam-no ao valor do trabalho focando-se apenas na perda de capacidades físicas para trabalhar e não na perda de capacidades físicas *per si*.

**Agregado familiar e Instrução:** verificamos que estas variáveis apenas apresentam diferenças estatisticamente significativas para a classe de analfabetos e para quem vive só. Estes referem que ser idoso é “estar esquecido”, opção que está intimamente ligada com o facto de se apoiarem única e exclusivamente na sua memória para a realização das tarefas do quotidiano - motivo pelo qual manifestam de forma mais acentuada esta condição.

**Estado civil:** o item mais relevante nesta análise foi referenciado pela classe “casado/vive junto” e recaiu sobre a perda de capacidades físicas. Cremos que esta opção se deve ao facto do casal poder testemunhar no “outro” a perda dessas mesmas capacidades, o que torna esse aspecto bem mais flagrante.

**Valor da reforma:** de acordo com a presente tabela transparece de forma bastante coerente a relação entre o desafogo financeiro (manifestado pela classe com reforma superior a 901€) e a desnecessidade de manter um trabalho. As restantes classes relacionam o conceito com a idade, uma vez que com frequência e precisamente para complementar os poucos recursos, mantém uma actividade que lhes garanta outros rendimentos, ainda que não sejam propriamente financeiros.

**Outros rendimentos:** neste ponto verificamos que a classe que “possui outros rendimentos” relaciona o “ser idoso” com uma idade bastante posterior à da reforma - acima de 75 anos. Pode parecer algo contraditório relativamente ao ponto anterior, mas não o é se atentarmos ao facto destes manterem frequentemente a gestão dos rendimentos que afirmam possuir. Já os inquiridos que referem não ter outros rendimentos apontam para definir o conceito o facto de “já não ter força para trabalhar” salientando, à semelhança do ponto anterior, a importância e a centralidade que o trabalho representa na sua vida, principalmente pelo facto de viverem exclusivamente da sua reforma.

**Freguesias:** através desta variável verificamos que o conceito se modifica tendo em conta a “juventude” da população idosa de cada freguesia. Assim constatamos que a freguesia menos envelhecida (Oliveira do Bairro – 16%) refere que idoso é quem tem mais de 65 anos, contrariamente à freguesia mais envelhecida (Mamarrosa – 23%) que projecta esta categorização para a década seguinte, fixando-se nos 75 anos.

6.1.2. Conceito de velho

**Quadro 6 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de velho**

Opções Classes	12. é a mesma coisa que ser idoso	13. é estar reformado	14. é estar dependente dos outros	15. perder capacidades físicas e psicológicas	16. já não poder fazer nada	17. ter mais de 65 anos	18. ter mais de 75 anos	19. outro
Género					$p=0,036$ para o género masculino			
Idade	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade"							
Instrução	$p=0,039$ para a classe "analfabeto" e para "2º ou 5º ano"							$p=0,020$ para a classe "curso superior" para a classe "analfabeto"
Estado civil								$p=0,034$ para é "casado/vive junto"
Agregado familiar					$p=0,009$ para quem vive em "núcleo alargado"			
Idade da reforma						$p=0,037$ para a classe "40 a 59 anos"		
Valor da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Valor da reforma"							
Motivo da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Motivo da reforma"							
Outros rendimentos	$p=0,000$ para quem "não possui outros rendimentos"			$p=0,008$ para quem "possui outros rendimentos"	$p=0,001$ para quem "possui outros rendimentos"			
Freguesia					$p=0,000$ para a freguesia da Palhaça			

Fonte: a autora

A análise do presente quadro deixa transparecer que as variáveis sociodemográficas também influenciam o conceito de velho. Desta forma constatamos que:

**Género** – as diferenças encontradas revelam que a classe masculina manifesta de forma significativa uma visão menos positiva do conceito, salientando que ser velho é “já não poder fazer nada”. Esta opção está não só relacionada com a imagem negativa que a sociedade possui dos idosos e transmite aos mesmos, transportando-os para o seio do inútil, do incapacitado e do dependente, mas também com a importância atribuída ao trabalho, neste caso, analisado sob a perspectiva de descontinuidade de manutenção de uma ocupação.

**Instrução** – o conceito de velho também se altera com esta variável dissociando-se do conceito de idoso à medida que aumenta o grau de instrução. De facto, os idosos analfabetos não apresentam diferenças significativas entre os conceitos, mas os que possuem mais habilitações referem que ser velho é ter mais de 80 anos, ser triste, não ter alegria de viver e não ter interesse pela vida. Consideramos que a opinião destes últimos se



deve em grande parte ao facto de possuírem mais ferramentas culturais e da sua capacidade de utilização decrescer com o decorrer dos anos - mais acentuadamente no final da vida – acentuando assim essa diferença conceptual.

**Estado civil** – o presente quadro revela que quem é casado ou vive junto aponta que ser velho é ter mais de 80 anos, ser triste, não ter alegria de viver e não ter interesse pela vida. Á semelhança do quadro anterior esta variável também torna evidentes os aspectos menos positivos do conceito.

**Agregado familiar** – este parâmetro demonstra que existem diferenças estatisticamente significativas no conceito para quem vive em núcleo alargado. Os inquiridos nestas condições referem que ser velho é já não poder fazer nada colocando aqui também em evidência os aspectos menos positivos a que já havíamos feito referência na interpretação da variável anterior.

**Idade da reforma** – através desta variável verificamos que apenas existem diferenças estatisticamente significativas para a classe “40 a 59 anos” que refere que ser velho é ter mais de 65 anos. Esta tendência tem por base a reforma precoce, normalmente por motivos de saúde.

**Outros rendimentos** - este parâmetro revela que os conceitos de velho e idoso têm uma distribuição semelhante para quem não possui outros rendimentos. Já o grupo que afirma possuir outros rendimentos salienta os aspectos menos positivos e indica que ser velho é perder capacidades físicas e psicológicas, bem como já não poder fazer nada. Consideramos que as explicações das diferenças encontradas nesta variável estão interligadas com as apresentadas na variável instrução.

**Freguesia** – verificamos que esta variável apenas apresenta diferenças significativas para a Palhaça, uma das freguesias menos idosas do concelho. Para estes ser velho é já não poder fazer nada.

6.1.3. Sentimentos sobre a velhice

**Quadro 7 – Variáveis sociodemográficas e a forma como encaram a velhice**

Opções Classes	20. não penso nisso	21. com tranquilidade e naturalidade	22. bem, desde que tenha saúde	23. preocupo-me o futuro (solidão)	24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas	25. sinto falta de uma profissão	26. preocupo-me a parte psicológica	27. preocupo-me a parte física (estética)	28. . preocupo-me a parte física (perda de capacidades/doenças)	29. Outro
<b>Género</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Género"									
<b>Idade</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade"									
<b>Instrução</b>					$p=0,006$ para a classe "analfabeto"					$p=0,004$ para as classes "2º ou 5º ano do liceu" e "curso superior"
<b>Estado civil</b>			$p=0,004$ para quem é "casado/vive junto"	$p=0,043$ para quem é "solteiro, viúvo, divorciado/s eparado"						
<b>Agregado familiar</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Agregado familiar"									
<b>Idade da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade da reforma"									
<b>Valor da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Valor da reforma"									
<b>Motivo da reforma</b>	$p=0,037$ para a classe "outros motivos" e para "questões de saúde"									
<b>Outros rendimentos</b>		$p=0,040$ para quem "possui outros rendimentos"			$p=0,027$ para quem "não possui outros rendimentos"					
<b>Freguesia</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as freguesias do concelho									

Fonte: a autora

A forma como os idosos encaram a velhice é apenas influenciado por quatro das dez classes sociodemográficas apresentadas. São elas:

**Instrução** – este parâmetro afecta, nos seus opostos académicos, a forma como o idoso vivencia a velhice. Verificamos por isso que quem é analfabeto não encara bem este aspecto sentindo-se incapaz de fazer algumas tarefas, o que nos leva a constatar, mais uma vez, a importância que o trabalho e o sentido de utilidade (quase exclusivamente associado ao mesmo) possuem para estes inquiridos. No que respeita aos idosos que possuem 2º ou 5º ano de liceu ou curso superior aferimos que as suas preocupações se situam no âmbito da falta de apoios sociais ou familiares que equacionam vir a precisar futuramente e também no facto de considerarem que devem manter-se "o mais ocupados possível", revelando uma faceta que atribui menor relevância ao trabalho, mas grande importância à manutenção de uma ocupação e de objectivos pessoais.

**Estado civil** – as diferenças estatisticamente significativas reflectidas neste parâmetro estão revestidas de uma lógica que dispensa longas explicações. Assim, verificamos que quem é casado ou vive junto encara a velhice de forma mais positiva e sem grandes preocupações, enquanto quem é solteiro, viúvo, divorciado ou separado, pela condição social em que se encontra, manifesta preocupações com o futuro solitário.

**Motivo da reforma** – esta classe revela que quem se reformou por outros motivos que não saúde, ter atingido a idade ou os descontos necessários, não pensa no envelhecimento. Esta visão positiva é mais acentuada para quem se reformou por proposta ou fecho da empresa (1% - 2 idosos) e, principalmente, para quem não tem reforma (4,5% da amostra – 9 idosos), o que pode parecer contraditório, mas efectivamente não é, assentando a explicação no facto destes possuírem “outros rendimentos” (3% - 6 idosos)<sup>62</sup>.

**Outros motivos** – de acordo com o que foi dito anteriormente esta classe demonstra que quem possui outros rendimentos encara a velhice com menos preocupações referindo sentir tranquilidade e naturalidade relativamente à mesma. Já os inquiridos que não apresentam outros rendimentos manifestam desagrado por não poderem continuar a realizar algumas tarefas enfatizando a necessidade de trabalhar e complementar a parca reforma que auferem.

#### 6.1.4. Preocupações relativas ao envelhecimento

Analisada a influência das variáveis sociodemográficas sobre a forma como os idosos encaram a velhice procuramos agora compreender de que forma as preocupações que estes possuem relativamente ao seu envelhecimento são também afectadas por estas variáveis.

Também aqui apenas quatro parâmetros interferem neste conceito. Começamos por verificar que o avançar da idade revela um crescendo de preocupações no que respeita ao apoio e assistência. O grupo de idosos mais jovens e mais autónomos, **65 a 69 anos**, manifesta preocupar-se futuramente com a ausência de apoio familiar ( $p=0,034$ ), comparativamente ao grupo que se encontra entre os **75 a 79 anos**, que redirecciona essa preocupação para a possibilidade de ir para um lar ( $p=0,046$ ) – estes últimos vivenciam de forma mais efectiva a perda de autonomia e vêem esse acontecimento como uma possibilidade a curto prazo. O grupo mais idoso, com **80 ou mais anos**, apresenta um baixo índice de preocupação com o facto de ir para um lar. A **idade da reforma** também revela a mesma tendência demonstrando que quem se reforma mais cedo, entre os **40 e os 59**

---

<sup>62</sup> Informação retirada directamente da base de dados.

**anos**, manifesta maior preocupação com a falta de assistência e apoio familiar, do que quem se reforma com **65 anos ou mais** ( $p=0,003$ ).

Relativamente à variável “**outros rendimentos**” verificamos que quem indica possuí-los, responde a esta questão apontando como preocupações “**outros motivos**” ( $p=0,016$ ). Destes destaca-se essencialmente o facto de afirmarem “não pensar nisso” (17,1%) e “dar trabalho aos outros” (7,5%).

A variável **freguesia** também exerce a sua influência neste âmbito e, como podemos aferir, as preocupações situam-se na “falta de ocupação” ( $p=0,031$ ) principalmente para quem reside na Mamarrosa.

### 6.1.5. Percepção social da velhice

**Quadro 8 – Variáveis sociodemográficas e a imagem social do idoso**

Opções Classes	30. no geral são bem tratados	31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário	32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	33. são cuidados pelos seus familiares	34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	35. são vistos como um empecilho	36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	38. são abandonados/ignorados pela família (solidão/lar)	39. são discriminados	40. outro
<b>Género</b>			$p=0,002$ para o género masculino			$p=0,026$ para o género feminino					
<b>Idade</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Idade”										
<b>Instrução</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Instrução”										
<b>Estado civil</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Estado civil”										
<b>Agregado familiar</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Agregado familiar”										
<b>Idade da reforma</b>	$p=0,013$ para a classe “60 a 65 anos” e para “40 a 59 anos”			$p=0,039$ para a classe “40 a 59 anos” e para “60 a 65 anos”				$p=0,034$ para a classe “+ de 65 anos”			
<b>Valor da reforma</b>						$p=0,01$ para quem ganha entre “501 e 700€” e para quem ganha até 300€					
<b>Motivo da reforma</b>						$p=0,006$ para “outros motivos” e para “ter atingido a idade da reforma”					
<b>Outros rendimentos</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Outros rendimentos”										
<b>Freguesia</b>	$p=0,009$ para a freguesia da Palhaça			$p=0,007$ para a freguesia da Palhaça							$p=0,001$ para a freguesia da Mamarrosa

Fonte: a autora

**Género** – verificamos que a distinção apresentada está intimamente relacionada com o papel desenvolvido por ambos os géneros no seio da família. Fica assim bem patente a orientação educacional que lhes foi atribuída – as mulheres cuja função primordial era cuidar da família, revelam um espírito crítico mais acentuado no que concerne a cuidar de outrem.

**Idade da reforma** – este parâmetro demonstra que quanto mais avançada a idade de reforma do inquirido mais se acentua a visão negativista no que respeita ao suporte social existente e à forma como os idosos são tratados. cremos que este aspecto pode estar relacionado com o facto de o idoso ser frequentemente percebido como um elemento pouco útil e muito dependente socialmente.

**Valor da reforma e outros motivos** – estas classes permitem verificar que quem auferir entre 500 e 701€ ou quem se reformou por outros motivos que não a saúde, ter atingido a idade ou os descontos necessários, considera que os idosos são socialmente percebidos de forma negativa, sendo vistos como um empecilho.

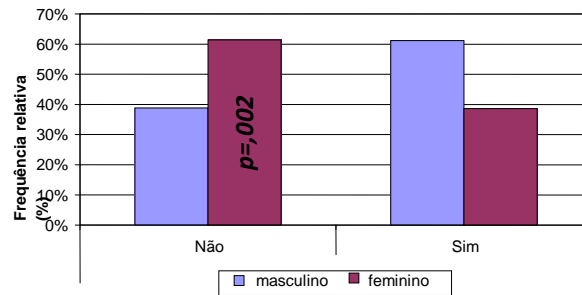
**Freguesia** – as diferenças encontradas revelam que: para os inquiridos residentes na Palhaça os idosos são bem tratados ou cuidados pelos seus familiares, contrariamente ao que pensa a população inquirida na Mamarrosa que aponta outros motivos na sua maioria sob o ponto de vista negativo. Esta freguesia considera que os idosos “são maltratados”, “vistos como lixo”, “mal cuidados pelos seus familiares”, “há falta de carinho”, “que devia haver melhores lares” ou ainda que “há falta de formação das auxiliares”, entre outros. Defendemos que estas diferenças se devem essencialmente às características próprias de cada freguesia, bem como ao facto de estarmos perante opostos sociais, uma vez que se trata de uma das freguesias menos idosas - Palhaça – e de uma das mais idosas – Mamarrosa.

## **6.2. Tempo livre e o uso que os idosos fazem dele**

### **6.2.1. Distinção entre tempo livre e trabalho antes da reforma**

No que concerne a este parâmetro podemos referir que apenas uma das classes estabelecidas nesta investigação apresenta diferenças estatisticamente significativas. O gráfico 22, que ilustra a diferença entre esses tempos, vê agora a sua informação mais completa com os dados que indicam que o género influencia a distinção entre ambos. Os

homens afirmaram de forma mais acentuada fazer distinção entre tempo de trabalho e tempo livre, antes da aposentação.

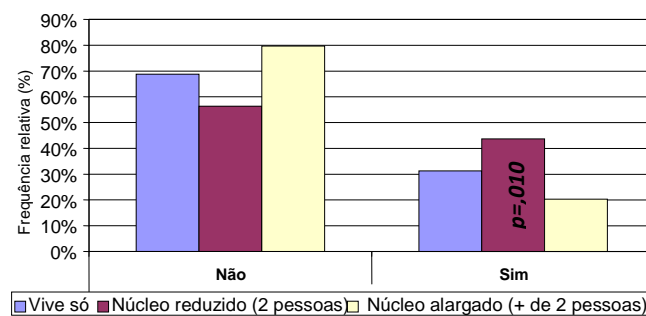


**Gráfico 43** – Influência do género sobre a distinção entre tempos antes da reforma

Estes dados reforçam as diferenças de género nas vivências e acentuam objectivamente o grau da sua abrangência no que respeita ao tempo livre. Vemos assim sublinhada a importância da acção feminina no campo doméstico e familiar, tornando-se transparente o *continuum* de trabalho vivenciado no seu quotidiano, pois as inquiridas não denotaram uma transferência prática entre os diferentes tempos sociais. De salientar que esta diferença não se mantém após a reforma.

### 6.2.2. Distinção entre tempo livre e trabalho após da reforma

No entanto, **após** a aposentação verificamos que quem vive em núcleo familiar reduzido refere fazer distinção entre tempo livre e tempo de trabalho.



**Gráfico 44** – Influência da composição do agregado familiar sobre a distinção entre tempos após a reforma

Apesar de, apenas a classe “agregado familiar” manifestar influência directa sobre esta questão, constatamos que o mesmo não acontece quando, procuramos analisar concretamente a forma como esse tempo é preenchido e compreender exactamente como ocupa o tempo a totalidade dos inquiridos que referiram fazer essa distinção (sem entrarmos contudo no campo do tempo livre).

### 6.2.3. Ocupação do tempo

O quadro que se segue pretende demonstrar a influência das classes que estabelecemos para este trabalho na ocupação do tempo dos idosos. Esta análise permite verificar, numa fase posterior, se existe uma efectiva diferenciação entre tempo livre e tempo de trabalho após a aposentação.

**Quadro 9 – Variáveis sociodemográficas e a ocupação do tempo**

Opções Classes	53. agricultura	54. em família (cônjuge, filhos ou netos)	55. a cuidar de netos ou outros	56. a ver TV ou ouvir rádio	57. a ler revistas ou jornais	58. a conviver com amigos ou vizinhos	59. em pequenas tarefas (costura, mecânica, etc.)	60. outra
Género				$p=0,022$ para o género masculino	$p=0,031$ para o género masculino		$p=0,005$ para o género feminino	
Idade	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade"							
Instrução					$p=0,001$ para "instrução primária completa", "2º ou 5º ano" e "curso superior"			
Estado civil		$p=0,000$ para quem é "casado ou vive junto"		$p=0,042$ para quem é "casado ou vive junto"				
Agregado familiar		$p=0,000$ para quem vive em "núcleo reduzido" ou "núcleo alargado"						
Idade da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade da reforma"							
Valor da reforma							$p=0,035$ para quem ganha "701 a 900€" e para "+ de 900€"	
Motivo da reforma		$p=0,015$ para "outros motivos"						
Outros rendimentos	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Outros rendimentos"							
Freguesia			$p=0,013$ para a freguesia do "Troviscal" e para Palhaça e Oliveira do Bairro					

Fonte: a autora

**Género** - as diferenças encontradas estão de acordo com vários estudos realizados sobre esta temática acentuando mais uma vez o peso que as tarefas domésticas representam nas vivências femininas. Desta forma, o género feminino demonstra estar mais ocupado com pequenas tarefas, comparativamente aos homens que afirmam ver mais televisão e ler mais revistas e jornais. Vários estudos indicam também que esta última actividade é efectivamente uma das que apresenta maiores diferenças entre géneros, como aliás está bem patente nesta investigação. Já o visionamento, que regularmente se manifesta como uma das actividades mais praticadas por ambos os sexos, vê aqui a sua realização reforçada pelo género masculino.

**Instrução** – este parâmetro, que não requer grandes explicações, revela que a leitura de jornais e revistas aumenta à medida que o nível de instrução também aumenta.

**Estado civil** – esta classe apresenta diferenças estatisticamente significativas para os idosos casados ou que vivem juntos, sendo que estes referem passar mais tempo em família e também a ver TV ou a ouvir rádio.

**Agregado familiar** – o quadro ilustrativo permite verificar que quem não vive sozinho afirma passar mais tempo em família, estando por isso em consonância com o parâmetro anterior.

**Valor da reforma** – a forma como costuma ocupar o seu tempo apenas varia para a frequência da resposta “59. em pequenas tarefas” que é inferior para quem apresenta um valor de reforma acima dos 701€. Este aspecto está relacionado com o facto de muitas das tarefas realizadas por quem auferir uma reforma inferior terem frequentemente um carácter utilitário, no sentido de suprimir efectivas necessidades sem encargos financeiros acrescidos e/ou serem um complemento da reforma, factor que não se verifica para quem possui um valor de reforma mais elevado.

**Motivo da reforma** – nesta classe constatamos que a frequência da resposta “54. em família” é inferior para quem se reformou por outros motivos – questões da empresa – ou não se encontra reformado.

**Freguesia** – a forma como costuma ocupar o tempo apenas varia para a frequência da resposta “55. a cuidar de netos ou outros” que é superior no Troviscal e inferior na Palhaça e em Oliveira do Bairro.



6.2.4. Redes sociais dos idosos que efectuaram distinção entre tempo de trabalho e tempo livre

O quadro que se segue demonstra de que forma as diversas classes influenciam a rede social dos idosos que referiram fazer distinção entre tempo livre e tempo de trabalho após a reforma.

**Quadro 10 – Variáveis sociodemográficas e redes sociais na ocupação do tempo**

Opções Classes	61. sozinho	62. em família (cônjuge)	63. em família (filhos ou netos)	64. com amigos ou vizinhos	65. em grupo (variam os parceiros)	66. outro
<b>Género</b>		$p=0,008$ para o género masculino				
<b>Idade</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade"					
<b>Instrução</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Instrução"					
<b>Estado civil</b>	$p=0,000$ para quem é "solteiro, viúvo, divorciado/separado"	$p=0,000$ para quem é "casado ou vive junto"				
<b>Agregado familiar</b>	$p=0,000$ para quem "vive sozinho"	$p=0,000$ para quem vive em "núcleo reduzido"				
<b>Idade da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade da reforma"					
<b>Valor da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Valor da reforma"					
<b>Motivo da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Motivo da reforma"					
<b>Outros rendimentos</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Outros rendimentos"					
<b>Freguesia</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Freguesia"					

Fonte: a autora

Com uns resultados bastante previsíveis este quadro indica que quem vive só e quem não é casado passa grande parte do seu tempo sem qualquer companhia e que quem é casado e vive em núcleo familiar reduzido passa mais tempo em família. Curiosamente este último factor não é salientado por quem habita em núcleo familiar alargado.

O facto de verificarmos uma maior frequência de respostas que indicam que o género masculino passa mais tempo com o cônjuge, relativamente ao feminino, deve-se ao facto de muitas das idosas inquiridas serem viúvas (49%) ou divorciadas/solteiras (8%).

6.2.5. Conceito de tempo livre sob a influência das variáveis sociodemográficas

Uma vez analisada a influência dos indicadores sociodemográficos sobre o envelhecimento e a ocupação do tempo, e antes de avançarmos concretamente para o campo do tempo livre, procurámos compreender o conceito sob a perspectiva dos vários indicadores.

**Quadro 11 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de tempo livre**

Opções	67. é estar sem fazer nada	68. é fazer o que se quer	69. é estar entretido	70. é não estar a trabalhar	71. é estar em casa	72. é não estar em casa	73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	74. é estar com a família ou amigos	75. outro
<b>Género</b>	$p=0,013$ para o género masculino						$p=0,004$ para o género feminino		
<b>Idade</b>					$p=0,003$ para "75 a 79 anos" e para "65 a 69 anos"		$p=0,003$ para "65 a 69 anos" e "70 a 74 anos"		
<b>Instrução</b>	$p=0,026$ para "curso superior" e para "instrução primária completa e incompleta"						$p=0,012$ para "2º ou 5º ano" e para "analfabeto"		
<b>Estado civil</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Estado civil"								
<b>Agregado familiar</b>	$p=0,023$ para quem vive em núcleo alargado"								
<b>Idade da reforma</b>					$p=0,016$ para a classe "+ de 65 anos"				
<b>Valor da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Valor da reforma"								
<b>Motivo da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Motivos da reforma"								
<b>Outros rendimentos</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Outros rendimentos"								
<b>Freguesia</b>			$p=0,016$ para a Palhaça e para o Troviscal		$p=0,004$ para Palhaça e Mamarrosa e para Troviscal e O. Bairro		$p=0,003$ para o Troviscal e para a Palhaça		

Fonte: a autora

**Género** – a opinião sobre o que é tempo livre varia significativamente para ambos os sexos. Estas opções estão relacionadas com a educação diferenciada de que foram alvo na sua juventude – ao homem cabia o exercício de uma profissão, o sustento da casa e a realização de outras tarefas, pelo que estes optam por referir que o tempo livre seria efectivamente não fazer nada. No caso das mulheres, educadas para nunca estarem desocupadas mesmo após o cumprimento de todas as tarefas familiares e domiciliárias, a opção apontada corrobora essa situação e recai sobre "estar livre para fazer o que nos dá mais prazer".

**Idade** – o grupo de idosos acima dos 75 anos manifesta preferência para manter-se no domicílio, contrariamente ao grupo mais jovem - entre os 65 e os 69 anos – cuja frequência de resposta é significativamente inferior. Este último grupo de inquiridos, conjuntamente com o grupo seguinte – entre os 70 e os 74 anos – manifesta também que este conceito flutua sobre a liberdade para levar a cabo actividades apazíveis. A disponibilidade motora e a autonomia estão na base destas preferências.

**Idade da reforma** – nesta variável os inquiridos que alcançaram a aposentação com mais de 65 anos referiram, à semelhança do ponto anterior, que tempo livre é estar em casa. Esta opção parece manifestar alguma diminuição da disponibilidade para realizar actividades que decorrem fora do domicílio uma vez que mantiveram uma profissão até mais tarde que os restantes inquiridos.

**Instrução** – tendo em consideração que o capital cultural determina a capacidade de acção e condiciona as escolhas e o tipo de interesses de lazer, verificamos que quem possui um grau académico superior relaciona este conceito com liberdade e prazer, manifestando mais disponibilidade para realizar actividades variadas.

**Agregado familiar** – este parâmetro demonstra que quem vive em núcleo familiar alargado associa tempo livre a estar sem fazer nada, o que poderá estar intimamente relacionado com o facto de estarem inseridos numa dinâmica familiar mais acentuada, dado o maior número de pessoas com quem partilham o seu quotidiano.

**Freguesia** – de uma forma bastante similar entre si e assentando também o conceito sobre liberdade, prazer e a área domiciliar, as várias freguesias vão oscilando as suas opções entre os itens: “69. é estar entretido”, “71. é estar em casa” e “73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer”, sem no entanto termos encontrado nenhuma justificação particular para tal facto.

6.2.6. O uso do tempo livre à luz das variáveis sociodemográficas

**Quadro 12** – Variáveis sociodemográficas na categoria de “trabalhos domésticos e cuidados à família”

Classes	Trabalhos domésticos e cuidados à família							
	Opções	76. arrumar e organizar as coisas da casa	77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc.)	78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	80. ir a mercados ou centros comerciais	81. ensinar/ler/jogar/acomp anhar crianças	82. cuidados e assistência à família
Género		$p=0,000$ para o género feminino	$p=0,000$ para o género feminino	$p=0,008$ para o género feminino	$p=0,000$ para o género masculino			
Idade							$p=0,001$ para “65 a 69 anos” e “70 a 74 anos”	$p=0,026$ para “65 a 69 anos” e para “80 anos ou +”
Instrução			$p=0,006$ para “2º ou 5º ano”	$p=0,002$ para “2º ou 5º ano” para “analfabeto” e “instrução prim.incompleta”				
Estado civil		$p=0,004$ para quem é “solteiro, viúvo, divorciado/separado”			$p=0,035$ para quem é “casado ou vive junto”			$p=0,015$ para quem é “casado ou vive junto”
Agregado familiar		$p=0,020$ para quem “vive só” e para quem vive em “núcleo reduzido”				$p=0,033$ para quem vive em “núcleo reduzido” e para quem vive em “núcleo alargado”		$p=0,000$ para quem vive em “núcleo alargado”
Idade da reforma		$p=0,022$ para quem “+ de 65 anos”						
Valor da reforma				$p=0,007$ para quem ganha “501 a 700€” e “+ de 900€”				
Motivo da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Motivos da reforma”							
Outros rendimentos						$p=0,042$ para quem “possui outros rendimentos”	$p=0,050$ para quem “não possui outros rendimentos”	
Freguesia			$p=0,000$ para Palhaça e para Troviscal	$p=0,013$ para Troviscal e Oliveira do Bairro	$p=0,018$ para Mamarrosa e Bustos e para Oiã			$p=0,005$ para Oiã e Bustos e para Troviscal

Fonte: a autora

**Género** – de uma forma que de certo modo já faz parte do conhecimento social e cultural, as mulheres destacam-se neste campo por se dedicarem mais às tarefas domésticas, aos trabalhos manuais e aos de jardinagem, cultivo ou cuidado de animais e os homens por se dedicarem de forma mais efectiva à construção e reparação de equipamento doméstico.

**Idade** – nesta variável verificamos que na opção “81. ensinar/ler/jogar/acompanhar crianças” a frequência de resposta incide sobre os idosos mais jovens e tende a diminuir com a idade – aspecto que está patente no ponto respeitante aos cuidados e assistência à família que é mais frequente para os inquiridos com idades entre os 65 e os 69 anos e menos para os que possuem mais de 80 anos. As opções apontadas ressaltam a importância da manutenção das faculdades do indivíduo, uma vez que na presença destas poderá proporcionar assistência à família, caso contrário necessitará ele próprio dessa assistência.

**Instrução** – neste âmbito verificamos que um elevado nível académico pode desincentivar algumas actividades como jardinagem, cultivo ou cuidado de animais e ser promotor de outras como a construção e reparação de equipamento doméstico. De facto, os inquiridos analfabetos ou que apenas possuem a instrução primária raramente se dedicam a estas últimas. Estes corroboram que quem possui mais habilitações se dedica a actividades que podem requerer mais competências escolares.

**Estado civil** – este parâmetro permite concluir sem grandes surpresas, que quem não é casado se dedica mais às tarefas domésticas e que quem é casado presta mais assistência à família. Este último grupo tende também a dedicar-se mais a actividades de apoio a manutenção do domicílio, como são a construção e reparação de equipamento.

**Agregado familiar** – à semelhança da variável anterior quem vive só também se dedica mais às tarefas domésticas, contrariamente a quem vive em núcleo reduzido. Estes últimos tendem também a frequentar mais mercados. Já quem habita num núcleo familiar alargado manifesta prestar mais assistência à família e salienta a existência de uma maior dinâmica familiar. No entanto, quem se encontra neste tipo de núcleo familiar refere não se deslocar tanto a mercados, indiciando que essa mesma dinâmica familiar pode reservar esses acontecimentos para os restantes membros do agregado.

**Idade da reforma** – destaca-se aqui o facto da realização de actividades domésticas aumentarem consequentemente com o aumento da idade da reforma.

**Valor da reforma** – a influência que a questão económica exerce manifesta-se ao nível da prática das actividades de construção e reparação de equipamento doméstico. De facto, quem recebe uma reforma superior a 701€ dedica-se menos a estas tarefas.

**Outros rendimentos** – a posse de outros rendimentos para além da reforma facilita a ida a mercados e a ausência destes promove a assistência à família, deixando transparecer que se torna menos dispendioso facultar essa assistência, seja ela a idosos ou crianças.

**Freguesia** - de uma forma bastante similar entre si, verificamos que as actividades mais referidas pelos idosos das várias freguesias recaem sobre as proximidades do

domicílio oscilando entre a jardinagem, cultivou ou cuidado de animais, construção ou reparação de equipamento doméstico, idas a mercados ou cuidados e assistência à família.

**Quadro 13** – Variáveis sociodemográficas na categoria de “actividades cívicas e de voluntariado”

		Actividades cívicas e voluntariado		
Classes	Opções	83. trabalho voluntário	84. frequentar associações ou sociedades recreativas	85. dedicar-se a actividades religiosas
	<b>Género</b>		$p=0,041$ para o género feminino	
<b>Idade</b>		Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Idade”		
<b>Instrução</b>			$p=0,014$ para “2º ou 5º ano do liceu”	
<b>Estado civil</b>		$p=0,001$ para “solteiro, viúvo, divorciado/separado”		$p=0,021$ para “solteiro, viúvo, divorciado/separado”
<b>Agregado familiar</b>			$p=0,001$ para quem “vive só”	$p=0,029$ para quem “vive só” e para “núcleo reduzido”
<b>Idade da reforma</b>		Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Idade da reforma”		
<b>Valor da reforma</b>		$p=0,041$ para “+ de 900€”	$p=0,009$ para “501 a 700€” e para “+ de 900€”	$p=0,039$ para “até 300€” e para “701 a 900€”
<b>Motivo da reforma</b>		Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Motivo da reforma”		
<b>Outros rendimentos</b>		$p=0,018$ para quem “não possui outros rendimentos”		$p=0,001$ para quem “não possui outros rendimentos”
<b>Freguesia</b>		Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Freguesia”		

Fonte: a autora

**Género e estado civil** – estas variáveis revelam que, apesar do reduzido nível de participação nestas actividades (gráfico 27), são as mulheres, bem como os solteiros, viúvos, divorciados ou separados, quem mais realiza voluntariado ou actividades religiosas. À semelhança do que demonstram vários estudos as mulheres tendem a ligar-se, no seu tempo livre, a instituições de solidariedade social.

**Instrução** – quem possui um nível académico intermédio afirma frequentar mais associações ou sociedades recreativas, o que não se verifica nos extremos desta variável. Ainda assim, o número de idosos que participam efectivamente nas actividades destas associações é bastante reduzido – a presente investigação verificou que 74,9% não frequentam qualquer tipo de associação e que dos 43% que são sócios, 62% consideram-se poucos activos e 29,6% não sabem categorizar-se.

**Agregado familiar** – neste parâmetro quem vive só manifesta frequentar mais associações ou participar em actividades religiosas. À semelhança das variáveis género e

estado civil vemos também aqui acentuada a importância que estas actividades assumem para quem, de alguma forma está só, promovendo a manutenção das redes sociais.

**Valor da reforma** – quem auferir uma reforma superior dedica-se mais ao voluntariado e menos a actividades religiosas ou às actividades das sociedades recreativas, contrariamente a quem recebe até 300€ que se dedica mais às questões religiosas – sugerimos aqui uma reflexão sobre a influência que o capital cultural poderá exercer sobre as crenças e hábitos religiosos.

Os idosos que recebem entre 501 a 700€ apresentam uma maior frequência de sociedades recreativas.

**Quadro 14a – Variáveis sociodemográficas na categoria de “vida social e entretenimento”**

Opções Classes	Práticas culturais domésticas			Práticas culturais de saída				
	86. ver televisão	87. ouvir rádio/música	88. ler livros, jornais ou revistas	89. ir ao cinema	90. ir ao teatro ou outros espectáculos	91. ir a museus e exposições	92. ir à biblioteca ou livraria	93. ir a jogos de futebol ou outros desportos
<b>Género</b>	$p=0,000$ para o género masculino	$p=0,001$ para o género masculino	$p=0,000$ para o género masculino				$p=0,009$ para o género masculino	$p=0,000$ para o género masculino
<b>Idade</b>			$p=0,050$ para “65 a 69 anos”	$p=0,027$ para “65 a 69 anos”				
<b>Instrução</b>		$p=0,005$ para “2º ou 5º ano” e “curso superior”	$p=0,000$ para “2º ou 5º ano” e “curso superior”	$p=0,000$ para “curso superior”		$p=0,033$ para “curso superior”	$p=0,003$ para “curso superior”	$p=0,001$ para “2º ou 5º ano” e “curso superior”
<b>Estado civil</b>	$p=0,006$ para quem é “casado ou vive junto”	$p=0,007$ para quem é “casado ou vive junto”						$p=0,044$ para quem é “casado ou vive junto”
<b>Agregado familiar</b>	$p=0,038$ para “núcleo reduzido”	$p=0,024$ para “núcleo reduzido”						$p=0,029$ para “núcleo reduzido”
<b>Idade da reforma</b>			$p=0,040$ para “60 a 65 anos”				$p=0,007$ para “40 a 59 anos”	
<b>Valor da reforma</b>			$p=0,012$ para “701 a 900€” e “+ de 900€”				$p=0,004$ para “+ de 900€”	
<b>Motivo da reforma</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Motivo da reforma”						$p=0,026$ para “ter atingido os descontos”	$p=0,012$ para “ter atingido os descontos”
<b>Outros rendimentos</b>	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Outros rendimentos”							
<b>Freguesia</b>		$p=0,015$ para Oliv.Bairro e Mamarrosa e para Oiã e Palhaça	$p=0,048$ para Oliv.Bairro e para Oiã e Mamarrosa	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Freguesia”				

Fonte: a autora

**Género** – os homens revelam uma maior frequência de realização em ambas as práticas culturais. Este quadro revela que o género masculino é mais activo na categoria de

vida social e entretenimento, enquanto o género feminino se manifesta, como já vimos anteriormente, mais em torno das actividades domésticas, das práticas religiosas ou do voluntariado. O facto das práticas culturais de saída serem mais acentuadas para os homens corrobora os resultados apresentados por outros estudos e que indicam que estes passam geralmente mais tempo fora da habitação.

**Idade** – verificamos que os idosos mais jovens, precisamente pela sua condição etária, são quem se destaca na realização de actividades como leitura e idas ao cinema, demonstrando efectivamente mais disponibilidade para a sua prática.

**Instrução** – deixando transparecer algumas clivagens sociais este parâmetro acentua que quem possui mais habilitações académicas apresenta também mais disponibilidade para realizar actividades que requeiram mais capital cultural e maior sucesso escolar.

**Estado civil e agregado familiar** – ambos os parâmetros exercem influência sobre as práticas culturais domésticas e de saída demonstrando que quem é casado/vive junto ou vive em núcleo familiar reduzido passa mais tempo livre a ver TV, ouvir rádio ou assistir a jogos desportivos.

**Idade da reforma e valor da reforma** – ambas as variáveis revelam que os idosos que se reformaram mais cedo e que usufruem de um maior valor de reforma praticam mais actividades relacionadas com a leitura, o que poderá indiciar, acima de tudo, que estes idosos possuem mais escolaridade que os restantes e maior poder de aquisição desses materiais.

**Motivo da reforma** – o grupo de idosos que afirmou ter-se reformado quando atingiu os descontos manifesta deslocar-se mais frequentemente à biblioteca/livraria ou assistir a jogos de futebol.

**Freguesia** – verificamos que as actividades que mais sobressaem nesta variável se referem às práticas culturais domésticas - em 3 das 6 freguesias do concelho. Damos conta por isso, que os idosos da freguesia de Oliveira do Bairro lêem mais e ouvem mais rádio, relativamente aos das freguesias de Oiã e Palhaça. A freguesia da Mamarrosa apresenta menor índice de leitura e maior de audição de rádio.



**Quadro 14b – Variáveis sociodemográficas na categoria de “vida social e entretenimento”**

Opções Classes	Actividades socioculturais							
	94. frequentar praças ou jardins públicos	95. ir ao café ou á taberna	96. ir a bailes, romarias ou festas populares	97. viajar em excursões	98. visitar e ser visitado	99. jogar ás cartas, bilhar, damas ou outros jogos	100. ir comer fora com familiares u amigos	101. conviver com vizinhos ou amigos
Género	$p=0,027$ para o género masculino	$p=0,000$ para o género masculino	$p=0,045$ para o género masculino			$p=0,000$ para o género masculino		
Idade	$p=0,032$ para “65 a 69 anos” e para “75 a 79 anos”	$p=0,000$ para “65 a 69 anos”	$p=0,046$ para “65 a 69 anos” e para “80 anos ou +”	$p=0,015$ para “65 a 69 anos” e para “75 a 79 anos”				
Instrução	$p=0,043$ para “curso superior”	$p=0,000$ para “curso superior”				$p=0,000$ para “curso superior” e para “instrução primária incompleta”		
Estado civil			$p=0,017$ para que é “casado ou vive junto”			$p=0,013$ para “casado ou vive junto”		
Agregado familiar	$p=0,018$ para “núcleo reduzido”	$p=0,009$ para “núcleo reduzido”	$p=0,044$ para “núcleo reduzido”	$p=0,010$ para “núcleo reduzido”	$p=0,005$ para “núcleo alargado”	$p=0,013$ para “núcleo reduzido”		$p=0,020$ para “núcleo alargado”
Idade da reforma	$p=0,003$ para “40 a 59 anos”	$p=0,001$ para “40 a 59 anos”				$p=0,036$ para “40 a 59 anos”		
Valor da reforma	$p=0,029$ para “701 a 900€”	$p=0,001$ para “701 a 900€”				$p=0,003$ para “701 a 900€” e “+ de 900€”		
Motivo da reforma					$p=0,027$ para “ter atingido os descontos” e para “outros motivos”	$p=0,001$ para “ter atingido os descontos” e para “ter atingido a idade”		
Outros rendimentos				$p=0,004$ para quem “possui outros rendimentos”	$p=0,040$ para quem “ não possui outros rendimentos”			$p=0,039$ para quem “ não possui outros rendimentos”
Freguesia		$p=0,000$ para Troviscal e para Mamarrosa		$p=0,010$ para Mamarrosa, Palhaça e Bustos e para Oliveira do Bairro	$p=0,037$ para Oliveira do Bairro e Bustos e para Palhaça			

Fonte: a autora

**Género** – verificamos, mais uma vez, que as práticas que implicam de alguma forma ausência do domicílio são mais frequentes para os homens do que para as mulheres.

**Idade** – este parâmetro revela que quanto mais jovem é o grupo de idosos mais elevada é a sua participação em actividades que requeiram alguma dinâmica social, como são viajar em excursões, ir a bailes, frequentar jardins ou ir ao café – esta última tende a diminuir com o avanço da idade. A idade mais avançada compromete essencialmente práticas que exijam alguma mobilidade, como as excursões e ir ao jardim. De salientar, que todas as actividades destacadas decorrem fora do domicílio, pelo que todas exigem alguma autonomia por parte do idoso.

**Instrução** – esta variável revela que quem possui um grau académico superior se encontra mais disponível para frequentar jardins, ir ao café e jogar cartas/xadrez/damas. Esta última é estatisticamente significativa por ser inferior para quem possui menos escolaridade – este grupo de idosos tende a ser mais activo em práticas que não dependam de alguma forma do sucesso escolar.

**Estado civil** – através desta variável constatamos que os casados jogam com mais frequência cartas/xadrez/damas e participam mais em bailes ou festas populares - enfatizando o facto de possuírem companhia para tal.

**Agregado familiar** – fica bem patente que os inquiridos que vivem em núcleo reduzido são mais participativos no que respeita às actividades socioculturais do que os restantes, o que reforça a importância de possuir uma companhia com a qual podem partilhar e usufruir dessas mesmas actividades, como é o caso essencialmente de viajar ou ir a bailes e festas populares. A possibilidade de realização das restantes práticas (ir a jardins, cafés ou jogar) por parte de quem vive também em núcleo reduzido, pode estar associada ao facto do casal partilhar algumas tarefas do quotidiano ou de um dos elementos do mesmo assegurar o cumprimento destas, possibilitando assim uma participação efectiva nessas actividades socioculturais. Quem habita em núcleo alargado, essencialmente por essa condição, não manifesta visitar ou ser visitado e conviver com vizinho ou amigos com tanta frequência.

**Idade da reforma e valor da reforma** – verificamos que quanto mais cedo ocorre a entrada na reforma e quanto mais elevado o valor da mesma, maior a predisposição dos idosos para jogar cartas/xadrez/damas, ir ao café ou frequentar jardins. Consideramos, no que respeita ao valor da reforma, que uma maior disponibilidade financeira promove a participação nestas actividades.

**Motivo da reforma** – este parâmetro destaca que quem se reformou por ter atingido os descontos, visita ou é visitado com maior frequência, bem como realiza mais jogos de estratégia, contrariamente a quem se reformou por outros motivos.

**Outros rendimentos** – esta variável permite aferir que quem possui maior capacidade financeira investe mais em viajar, relativamente aos restantes, destacando-se estes últimos mais pela realização de práticas de convivialidade que não impliquem dispêndio financeiro: visitar e ser visitado e conviver com amigos ou vizinhos.

**Freguesia** – neste parâmetro verificamos que as actividades mais praticadas, oscilam entre ir ao café, visitar e ser visitado e viajar em excursões.

**Quadro 15 – Variáveis sociodemográficas na categoria de “prática de desportos”**

Opções Classes	Prática de desportos				
	102. passeios a pé	103. andar de bicicleta/correr	104. caça e pesca	105. prática de uma modalidade desportiva	106. outras actividades
Género	$p=0,009$ para o género feminino	$p=0,001$ para o género masculino			
Idade		$p=0,018$ para “80 anos ou +”			
Instrução	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Instrução”				
Estado civil	$p=0,014$ para quem é “solteiro, viúvo, divorciado/separado”	$p=0,032$ para quem é “casado ou vive junto”	$p=0,016$ para quem é “casado ou vive junto”		
Agregado familiar	$p=0,012$ para quem “vive só” e para quem vive em “núcleo reduzido”		$p=0,038$ para quem vive em “núcleo reduzido”		
Idade da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Idade da reforma”				
Valor da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Valor da reforma”				
Motivo da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de “Motivo da reforma”				
Outros rendimentos		$p=0,038$ para quem “possui outros rendimentos”			
Freguesia		$p=0,005$ para Bustos e Palhaça e para Oliveira do Bairro			

Fonte: a autora

A análise deste quadro encontra no gráfico 29, bem como em outros estudos já realizados, um importante suporte, uma vez que este demonstrou que o desporto não constitui uma prática muito frequente para os idosos. Efectivamente a sua leitura permite aferir que este grupo social encontra algumas barreiras físicas, educacionais e culturais à realização de actividades desportivas. Ainda assim verificamos que caminhar e andar de bicicleta são as actividades mais realizadas entre os idosos deste concelho.

**Género** – de acordo com os hábitos socioculturais verificamos que as mulheres revelam preferência pelas caminhadas e os homens por andar de bicicleta. De salientar, que se trata de uma região onde ambos representam um importante meio de transporte para os idosos – a bicicleta é efectivamente um transporte muito usual nesta região.

**Idade** – esta variável apenas revela que o grupo mais idoso é o que menos anda de bicicleta – factor claramente associado as dificuldades físicas que surgem com o avançar da idade.

**Estado civil e agregado familiar** – neste parâmetro os não casados manifestam preferência pelas caminhadas, enquanto os casados tendem preferir caça/pesca e andar de

bicicleta. Torna-se transparente, através das escolhas dos não casados e que vivem sós, a importância do aspecto convival que as caminhadas promovem.

**Outros rendimentos** – verificamos que quem possui outros rendimentos anda com mais frequência de bicicleta.

**Freguesias** – as diferenças encontradas podem dever-se, acima de tudo, ao factor geográfico, uma vez que a freguesia de Oliveira do Bairro apresenta um terreno mais acidentado que as restantes o que poderá inibir a realização desta prática.

### 6.2.7. Influência das variáveis sociodemográficas sobre o conceito de férias

Retratada a ocupação do tempo livre, relançaremos agora a análise para outra esfera espaço-temporal e abordaremos o conceito de férias. O quadro que se segue demonstrará de que forma este conceito é influenciado pelos parâmetros sociodemográficos.

**Quadro 16 – Variáveis sociodemográficas e o conceito de férias**

Opções Classes	132. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)	133. é não ter nada para fazer	134. é sair do sítio onde vivo	135. é ter tempo para mim	136. é ir ao estrangeiro	137. é ser reformado (considero que estou sempre de férias)	138. outro
Género	$p=0,015$ para o género feminino						
Idade	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade"						
Instrução	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Instrução"						
Estado civil				$p=0,039$ para quem é "casado ou vive junto"			$p=0,032$ para quem é "solteiro, viúvo, divorciado/separado)
Agregado familiar	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Agregado familiar"						
Idade da reforma	$p=0,016$ para "+ de 65 anos"						
Valor da reforma	$p=0,016$ para quem ganha "até 300€" e para quem ganha "+ de 900€"	$p=0,001$ para quem ganha "301 a 500€ e "501 a 700€" e para quem ganha "até 300€"				$p=0,009$ para quem ganha "+ de 900€" e para quem ganha "701 a 900€"	
Motivo da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Motivo da reforma"						
Outros rendimentos						$p=0,037$ para quem "possui outros rendimentos"	
Freguesia	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Freguesias"						

Fonte: a autora

**Género** – de uma forma bastante objectiva a escolha feminina para classificar o conceito de férias recai sobre não ter de trabalhar deixando transparecer, mais uma vez, a forte ligação com as tarefas domésticas e familiares.

**Estado civil** – este parâmetro revela que quem é casado considera que férias são ter tempo para si próprio, enquanto quem não é casado escolhe “outros motivos”, dos quais destacamos: “fazer o que lhe apetece”, “não ter preocupações”, “passear” ou ainda “sair da rotina”.

**Idade da reforma** – esta variável salienta que a relevância da opção “132. não ter de trabalhar” aumenta com o aumento da idade, sendo de salientar que os idosos que se reformaram após os 65 anos, por terem mantido uma ligação profissional até mais tarde, são quem mais destaca esta opção.

**Valor da reforma** – este parâmetro torna evidente que quem auferir uma reforma menor ainda se encontra de alguma forma ligado a tarefas quotidianas com carácter de trabalho, pelo que refere que estar de férias é “não ter de trabalhar” - não destacando a opção “133. não ter nada para fazer”. Noutra pólo, os idosos cuja reforma se situa acima dos 900€ consideram que por serem reformados estão sempre de férias. De salientar que, um valor de reforma mais baixo está intimamente relacionado com profissões que mantêm algumas semelhanças com as actividades quotidianas após a reforma (agricultor, empregada doméstica, entre outros), o que também justifica as respostas apresentadas.

**Outros rendimentos** – à semelhança do parâmetro anterior verificamos que quem possui outros rendimentos efectua a mesma opção do que quem auferir um valor de reforma superior a 900€, considerando que por serem reformados estão sempre de férias. Também aqui a situação financeira mais confortável conduz a esta opinião.

6.2.8. Redes sociais dos idosos e a ocupação do tempo livre

Analizados os usos de tempo livre focar-nos-emos nas redes sociais que envolvem estas práticas. Procuramos verificar através do quadro que se segue que variáveis condicionam a forma como o idoso passa esses momentos. Mais concretamente pretendemos descodificar a influência que exercem no tipo de companhia com o qual partilha, de forma mais usual, a realização dessas actividades.

**Quadro 17 –** Influência das variáveis sociodemográficas sobre as redes sociais dos idosos na ocupação do tempo livre

Opções Classes	107. sozinho	108. em família	109. com amigos/vizinhos	110. em grupo (variam os parceiros)	111. outra
Género	$p=0,000$ para o género feminino	$p=0,000$ para o género masculino	$p=0,000$ para o género masculino		
Idade	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade"				
Instrução	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Instrução"				
Estado civil	$p=0,000$ para quem é "solteiro, viúvo, divorciado/separado"	$p=0,000$ para quem é "casado ou vive junto"	$p=0,000$ para quem é "casado ou vive junto" e para quem é "solteiro, viúvo, divorciado/separado"		
Agregado familiar	$p=0,000$ para quem "vive só"		$p=0,000$ para "núcleo alargado"		
Idade da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade da reforma"				
Valor da reforma		$p=0,010$ para "até 300€" e para "701 a 900€"	$p=0,010$ para "701 a 900€" e para "até 300€"		
Motivo da reforma	$p=0,026$ para "outros motivos"	$p=0,026$ para "ter atingido a idade" e para "outros motivos"	$p=0,026$ para "outros motivos"		
Outros rendimentos	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Outros rendimentos"				
Freguesia	$p=0,000$ para O. Bairro e Palhaça e para Troviscal e Mamarrosa	$p=0,000$ para Troviscal	$p=0,000$ para Troviscal e Mamarrosa e para Palhaça e O. Bairro		

Fonte: a autora

**Género** – esta variável demonstra que as mulheres passam a maior parte do seu tempo livre sozinhas, contrariamente aos homens que destacam passá-lo mais em família. Consideramos que estas diferenças se verificam essencialmente por estarmos perante um maior número de idosas viúvas (49%)<sup>63</sup> ou divorciadas/solteiras (8%)<sup>64</sup>. Os homens referem

<sup>63</sup> Contagem directa da base de dados.

<sup>64</sup> Contagem directa da base de dados.

também passar bastante tempo livre com amigos ou vizinhos, factor que está associado neste caso, ao facto destes optarem por actividades que decorrem preferencialmente fora do domicílio.

**Estado civil** – de uma forma já algo esperada verificamos que quem não é casado afirma passar o tempo livre sozinho. Já quem é casado ou vive junto refere passá-lo em família. Ambos os grupos reforçam de igual forma a importância dos amigos/vizinhos nas suas vivências, sendo as percentagens idênticas.

**Agregado familiar** – à semelhança do parâmetro anterior verificamos que quem não vive acompanhado passa mais tempo livre sozinho. Para os restantes núcleos familiares constatamos que a partilha do tempo livre com amigos/vizinhos diminui com o aumento do número de elementos do agregado familiar, ficando bem patente o facto da “companhia” familiar substituir as restantes.

**Valor da reforma** – verificamos que este factor pode promover o tempo livre em família ou com amigos/vizinhos, consoante estejamos perante um valor mais ou menos elevado, respectivamente. Uma maior disponibilidade financeira, pela variedade de vivências que possibilita, acentua o convívio com amigos/vizinhos enquanto uma menor capacidade financeira acentua as vivências de tempo livre em família.

**Motivo da reforma** – este parâmetro salienta que quem refere “outros motivos” aponta como forma mais usual de passar o tempo livre a solidão – salientamos que grande parte destes inquiridos não afige qualquer reforma. Já quem se aposentou por ter atingido a idade afirma passar a maior fatia do tempo livre em família.

**Freguesia** – esta variável revela que os idosos residentes nas freguesias de Oliveira do Bairro e Palhaça passam mais tempo sozinhos e que os residentes nas freguesias de Mamarrosa e Troviscal passam mais tempo com amigos/vizinhos. Destacamos que os idosos residentes no Troviscal são os que menos passam tempo livre em família.

### 6.3. Constrangimentos sociais e pessoais no uso do tempo livre

Apresentamos de seguida a forma como as variáveis sociodemográficas interferem nas condicionantes sentidas pelos inquiridos nos seus usos do tempo livre, verificando também se influenciam a importância que atribuem a esse mesmo tempo. Neste âmbito as respostas facultadas pelos idosos revelaram que, de forma estatisticamente significativa, o tempo livre surge condicionado pelas variáveis instrução, valor da reforma, outros rendimentos e freguesia.

Relativamente à variável **instrução** constatamos que quem é analfabeto identifica a falta de transporte como a principal condicionante ( $p=0,018$ ), pois não possui uma forma rápida e independente de se deslocar, como é o caso do automóvel.

O **valor da reforma** também exerce a sua influência ( $p=0,039$ ) – visível essencialmente para quem auferir uma pensão acima dos 501€. Estes inquiridos, detentores de um valor de reforma superior aos restantes, revelam uma maior disponibilidade para praticar actividades, contudo referem que estas não existem no local próximo da sua habitação.

Já quem **possui outros rendimentos** aponta o facto de não ter companhia como elemento condicionante das suas práticas de tempo livre ( $p=0,003$ ).

Por último, a variável **freguesia** demonstra que os inquiridos residentes na Palhaça manifestam que os problemas financeiros condicionam o uso que fazem do seu tempo livre ( $p=0,002$ ).

Nas páginas iniciais deste capítulo constatamos, através do gráfico 31, que cerca de 80% dos inquiridos **não passa férias**, pelo que presentemente podemos complementar essa informação e salientar também que aspectos interferem nesta situação e promovem ou inibem a sua prática efectiva.

A análise de classes revelou que de todas as variáveis em estudo apenas três condicionam a sua realização. São elas: o **valor da reforma** ( $p=0,004$ ) sendo superior para quem recebe entre 701 e 900€, o **agregado familiar** ( $p=0,045$ ) que é superior para quem vive em núcleo reduzido e inferior para quem vive em núcleo alargado e a posse de **outros rendimentos** ( $p=0,039$ ) que é superior para quem tem outros rendimentos.

Como podemos constatar as férias são uma forma de uso do tempo livre condicionada essencialmente pelos factores económico e familiar. A ausência de capacidade financeira, bem como os cuidados e assistência à família limitam e inibem esta prática de tempo livre.

Apesar de apenas três classes condicionarem a realização de férias, os idosos apontam outros motivos para a sua não realização.



**Quadro 18 – Influência das variáveis sociodemográficas sobre as férias**

Opções Classes	141. porque não gosto de abandonar a casa	142. porque não tenho quem cuide das coisas	143. porque não tenho companhia	144. porque acho que já passo férias todo o ano	145. por questões financeiras	146. por motivos de saúde	147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	148. outro
Gênero				$p=0,002$ para o gênero masculino				
Idade								$p=0,029$ para "65 a 69 anos" e para "70 a 74 anos"
Instrução				$p=0,029$ para "curso superior" e para "analfabeto" e "instrução primária incompleta"			$p=0,013$ para "analfabeto" e para instrução primária e "curso superior"	
Estado civil			$p=0,019$ para quem é "solteiro, viúvo, divorciado/separado"					
Agregado familiar	$p=0,050$ para quem "vive só"							
Idade da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Idade da reforma"							
Valor da reforma			$p=0,015$ para "501 a 700€" e para "+ de 900€"	$p=0,001$ para "+ de 900€"				
Motivo da reforma	Aceita-se a H0: a distribuição de respostas encontra-se igualmente distribuída para todas as classes de "Motivo da reforma"							
Outros rendimentos			$p=0,031$ para quem "possui outros rendimentos"			$p=0,001$ para quem "não possui outros rendimentos"		
Freguesia			$p=0,000$ para Troviscal e Oiã e para Mamarrosa e Palhaça (não assinalado)				$p=0,009$ para Mamarrosa e Palhaça e para Oliveira do Bairro	

Fonte: a autora

**Gênero** – verificamos pelos motivos já apresentados anteriormente para esta variável também reforça que os homens consideram que passam férias todo o ano.

**Idade** – ambos os grupos etários mencionados no quadro, com destaque para o que se situa entre os 65 e os 69 anos, apontam "outros motivos" para a não realização de férias, de entre os quais salientamos os seguintes: "cuidar de um familiar", "não gostar", não estar motivado", "não dar valor a isso" ou ainda "ter muita idade". Estas opções demonstram que para este grupo social os factores familiares ou culturais estão na base desta ausência da prática.

**Instrução** – como podemos verificar o nível de instrução condiciona as escolhas e vivências pessoais e também produz efeitos sobre esta questão. Concretamente, esta variável revela que quem possui mais escolaridade considera que já passa férias todo o ano - factor que tende a aumentar com o aumento do grau de instrução. Contrariamente, o grupo "analfabeto" aponta não passar férias por motivos de saúde – factor que tende a diminuir com o aumento da escolaridade.

**Estado civil** – como os próprios inquiridos revelam quem não é casado aponta como principal motivo para não passar férias o facto de não ter companhia.

**Agregado familiar** – neste parâmetro quem vive só afirma não passar férias por não gostar de abandonar a casa – factor que tende a diminuir com o aumento do número de pessoas pertencentes ao agregado familiar.

**Valor da reforma** – esta variável surge destacada para quem auferir acima de 501€, sendo que os motivos referenciados incidem sobre o facto de não ter companhia e de achar que já passa férias todo o ano. A disponibilidade financeira canaliza as respostas para opções que não dependem directamente do factor económico.

**Outros rendimentos** – à semelhança da variável anterior quem não possui outros rendimentos aponta precisamente as dificuldades financeiras como principal motivo para a não realização de férias. Os restantes inquiridos apontam para tal o facto de não ter companhia.

#### 6.3.1. Grau de satisfação com a forma como ocupa o tempo livre

Apesar dos constrangimentos aferimos inicialmente nesta investigação que grande parte da amostra está **satisfeita com a forma como ocupa o seu tempo livre** e nesta análise verificamos que efectivamente este factor é apenas alvo da influência de uma das classes sociodemográficas que estabelecemos para este estudo, apresentando por isso um manto bastante uniforme em toda a amostra. Apenas a classe **género** apresenta diferenças significativas, revelando que as mulheres oscilam entre ambas as respostas e que os homens acentuam a existência de aspectos que gostariam de alterar ( $p=0.024$ ) na sua ocupação do tempo livre.

Deste panorama social destacamos efectivamente, não só o facto de a maior parte dos idosos se sentir satisfeito com os usos que atribui ao seu tempo livre, mas também o facto de **reconhecerem muita importância a essa ocupação**, reforçando que é algo extremamente relevante no seu quotidiano. Contudo, esta última questão não é influenciada por qualquer das variáveis sociodemográficas desta investigação.

## 7. ANÁLISE DE CLUSTERS<sup>65</sup>

Neste último ponto procuramos ainda analisar os dados provenientes da aplicação dos questionários através da criação de clusters. Esta análise, que originou quatro grupos homogêneos de indivíduos (em que os elementos pertencentes a um grupo são o mais semelhantes entre si, mas diferentes dos restantes) vai permitir-nos interpretar os dados relativos ao envelhecimento e à ocupação do tempo sob uma outra perspectiva, uma vez que possibilita a interpretação do seu comportamento grupal face às questões colocadas.

### 7.1. Caracterização dos clusters

Tabela 14<sup>66</sup> - Clusters

	Frequência	Percentagem
<b>Cluster 1</b>	48	25,4
<b>Cluster 2</b>	33	17,5
<b>Cluster 3</b>	64	33,9
<b>Cluster 4</b>	44	23,3
Total	<b>189</b>	100,0

**Cluster 1** – é menos idoso, tem mais mulheres, instrução intermédia, menor reforma, mais casados ou que vivem juntos, núcleo reduzido, tem como motivo de reforma ter atingido a idade, reformaram-se com idade intermédia, tem mais elementos sem outros rendimentos.

**Cluster 2** - é menos idoso, tem mais homens, mais instrução, mais reforma, mais casados ou que vivem juntos, núcleo reduzido, motivo de reforma ter atingido a idade ou os descontos, reformaram-se com menos idade.

**Cluster 3** - é mais idoso, tem mais mulheres, tem menor reforma, tem mais solteiros, tem núcleos intermédios, como motivo principal de reforma ter atingido a idade, reformaram-se com idades superiores.

**Cluster 4** – tem idades intermédias, mais mulheres, menos instrução, reforma intermédia, valores intermédios de estado civil, tem mais núcleo alargado, como motivo de reforma principalmente questões de saúde, reformaram-se com menos idade.

<sup>65</sup> Gráficos e tabelas complementares em anexo.

<sup>66</sup> Verificam-se 10 elementos não agrupados em nenhum cluster, uma vez que apresentavam não respostas a algumas das questões anteriores - correspondem a 5,0% da amostra.

Quadro 19 – Análise de clusters

Questão	Resposta	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4
<b>ENVELHECIMENTO</b>					
1.O que é ser idoso?	5.já não ter força para trabalhar			p=0,041	p=0,041
2.Como encara a velhice?	24.não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas		p=0,015	p=0,015	p=0,015
	28.preocupação com a parte física		p=0,014		p=0,014
4. Como acha que os idosos são tratados?	33. são cuidados pelos familiares		p=0,024	p=0,024	
	35. vistos como um empecilho	p=0,001			p=0,024
	37. a família não está disponível	p=0,006	p=0,006		p=0,006
<b>OCUPAÇÃO DO TEMPO</b>					
10. O que é para si tempo livre?	71. É estar em casa		p=0,009	p=0,009	
	73. estar livre para fazer o que dá mais prazer		p=0,002	p=0,002	
11. Nos tempos livres que costuma fazer?					
✓ Trabalhos domésticos	81. ensinar/ler/acompanhar crianças			p=0,030	
	82. cuidados e assistência à família	p=0,039		p=0,039	
✓ Actividades cívicas e voluntariado	84. frequentar associações recreativas		p=0,032		p=0,032
✓ Vida social e entretenimento	86. ver TV		p=0,049	p=0,049	
	88. ler livros, jornais ou revistas		p=0,001	p=0,001	
	93. ir a jogos de futebol		p=0,018	p=0,018	
	94.frequentar praças ou jardins		p=0,015	p=0,015	
	95. ir ao café		p=0,000	p=0,000	
	96. ir a bailes, festas	p=0,047	p=0,047	p=0,047	p=0,047
✓ Prática de desportos	99. jogar às cartas/damas	p=0,000	p=0,000	p=0,000	
	100.ir comer fora com familiares ou amigos		p=0,023		
	104. caça e pesca		p=0,050	p=0,050	p=0,050
	105. prática de uma modalidade desportiva	p=0,019			
12. Costuma ocupar o seu Tempo livre (com quem?)	107. sozinho	p=0,000		p=0,000	p=0,000
	108. família	p=0,000	p=0,000		
	109. amigos/vizinhos	p=0,000	p=0,000		
15. Porque motivos não preenche o Tempo Livre como gostaria?	124.inexistência da actividade que gostaria	p=0,015	p=0,015		
19. Porque não passa férias?	146. motivo de saúde	p=0,023	p=0,023	p=0,023	p=0,023
	147. porque nunca passei férias		p=0,007	p=0,007	

Fonte: a autora

O presente quadro revela a tendência social e comportamental distinta que cada cluster possui relativamente ao envelhecimento e à forma de ocupar o tempo livre e permite identificar as movimentações sociais de cada conjunto de indivíduos, destacando as características principais.

Como tal, constatamos que o cluster 1 apesar de considerar que no geral os idosos não são apoiados a nível familiar, não os percebe como um empecilho, sendo o grupo que efectivamente presta mais cuidados e assistência à família. Este é na realidade o grupo que passa mais tempo em família e menos tempo sozinho ou com amigos/vizinhos. A saúde não se apresenta como um constrangimento para estes elementos, uma vez que são quem revela, de forma significativa, praticar uma actividade desportiva e participar frequentemente em bailes e festas. Dadas estas características designamos os idosos deste grupo por **Activos e Cuidadores**.

Como aspectos decisivos para a formação deste cluster destacamos: a componente de género - o facto de ter mais mulheres corrobora que são estas quem mais passa tempo em família e quem mais lhe dá assistência; uma menor reforma ou a ausência de outros

rendimentos que também contribuem para que, neste âmbito, não haja recurso a prestadores desses serviços; o nível de instrução - quem presta esses cuidados possui um nível intermédio o que reflecte que o capital escolar e cultural influencia a visão que possuem da velhice e, conseqüentemente, a forma como a vivenciam; a idade - menos idoso - a assistência prestada está largamente dependente da jovialidade e da autonomia de quem cuida - esta variável contribui também para uma maior disponibilidade para frequentar festas ou bailes e para praticar uma actividade física. De facto, este aglomerado revela uma ligeira alteração de comportamento face aos restantes, manifestando uma tendência crescente para a prática regular de exercício físico; e finalmente ser casado/viver junto ou viver em núcleo reduzido contribuem consideravelmente para que este cluster seja o que mais passa tempo em família.

Relevantes ainda para a formação deste cluster, mas com menos significância, apresentam-se a idade da reforma (intermédia) e o motivo da mesma (ter atingido a idade).

O cluster 2 embora considere que a família não está disponível para cuidar dos seus idosos não aponta qualquer constrangimento no que respeita ao envelhecimento, sendo efectivamente o grupo que passa mais tempo com amigos/vizinhos, o que mais práticas sociais e de entretenimento realiza e o que mais participa em associações recreativas. Para estes elementos a saúde não é uma limitação e ter tempo livre é poder fazer o que dá mais prazer, contudo consideram que muitas vezes não estão satisfeitos com a forma como ocupam esse tempo, uma vez que referem não existir na sua zona de habitação uma actividade que gostariam realmente de praticar. De acordo com as características apresentadas designamos os elementos deste grupo como **Sociáveis**.

Relevantes para a constituição deste cluster foram: o género, o nível de instrução e o valor da reforma - este é o único aglomerado que possui mais elementos do sexo masculino, com um capital escolar mais elevado e com maior reforma. A idade (menos idoso), à semelhança do cluster anterior, também influenciou a formação deste. Estas variáveis confirmam não só que são os homens quem possui uma vida social mais activa e quem mais se envolve em actividades associativas, passando mais tempo fora do domicílio, mas também que estas caracteres distintivos são impulsionadores desse comportamento. O facto de apresentarem uma grande frequência de elementos casados/vivem juntos ou que vivem em núcleo reduzido não condiciona a importância da sua vida social, nem reduz a frequência de realização de actividades nesse âmbito. Este é efectivamente o cluster que passa menos tempo em família. As características comunicativas e a presença de vivências sociais importantes no seu quotidiano demonstram também que os elementos deste grupo são os que menos denotam constrangimentos no que respeita ao envelhecimento - factor que deixa transparecer a importância das mesmas na vida do idoso.

Relevantes ainda para a formação deste cluster, mas com menos significância, apresentam-se a idade da reforma (menos idade) e o motivo da mesma (ter atingido a idade ou os descontos).

O cluster 3 é efectivamente o que apresenta idades mais avançadas denotando claramente essa característica através das opções manifestadas. Os elementos deste aglomerado identificam alguns constrangimentos na sua velhice sentindo-se incapazes, do ponto de vista físico, de realizar muitas tarefas. Não obstante, consideram que os idosos são cuidados pela família. Verificamos também que este é o cluster cujos elementos passam mais tempo sozinhos, apresentando simultaneamente os índices mais baixos de práticas de tempo livre em todos os campos. Para estes idosos a saúde e o desconhecimento são factores limitativos para nunca ter passado férias. Tendo em conta o que foi apresentado caracterizamos os idosos deste grupo como **Solitários**.

Relativamente a este aglomerado constatamos que as variáveis mais significativas se prendem com o género, uma vez que é constituído maioritariamente por mulheres; a idade, destacando-se como o cluster mais idoso; com o agregado familiar, uma vez que possui mais solteiros e com o núcleo familiar, apresentando núcleos intermédios. Estas variáveis influenciam as opções manifestadas permitindo constatar que os idosos pertencentes a este cluster denotam vários constrangimentos na velhice. De facto, mesmo vivendo num agregado familiar intermédio passam a maior parte do tempo livre sozinhos, remetendo-se com mais incidência para o domicílio e revelando uma menor frequência de práticas de tempo livre - que se apresenta muito reduzida em todos os parâmetros.

O facto de possuírem um valor de reforma inferior e de a idade da mesma ter sido superior relativamente aos restantes clusters, também acentua os constrangimentos e contribui para a o isolamento deste grupo. Torna-se evidente pelos motivos apresentados, que para este cluster os sentimentos de liberdade e prazer não se encontram associados à ocupação do tempo livre.

Com menos significância na formação deste aglomerado apresenta-se o motivo da reforma (ter atingido a idade).

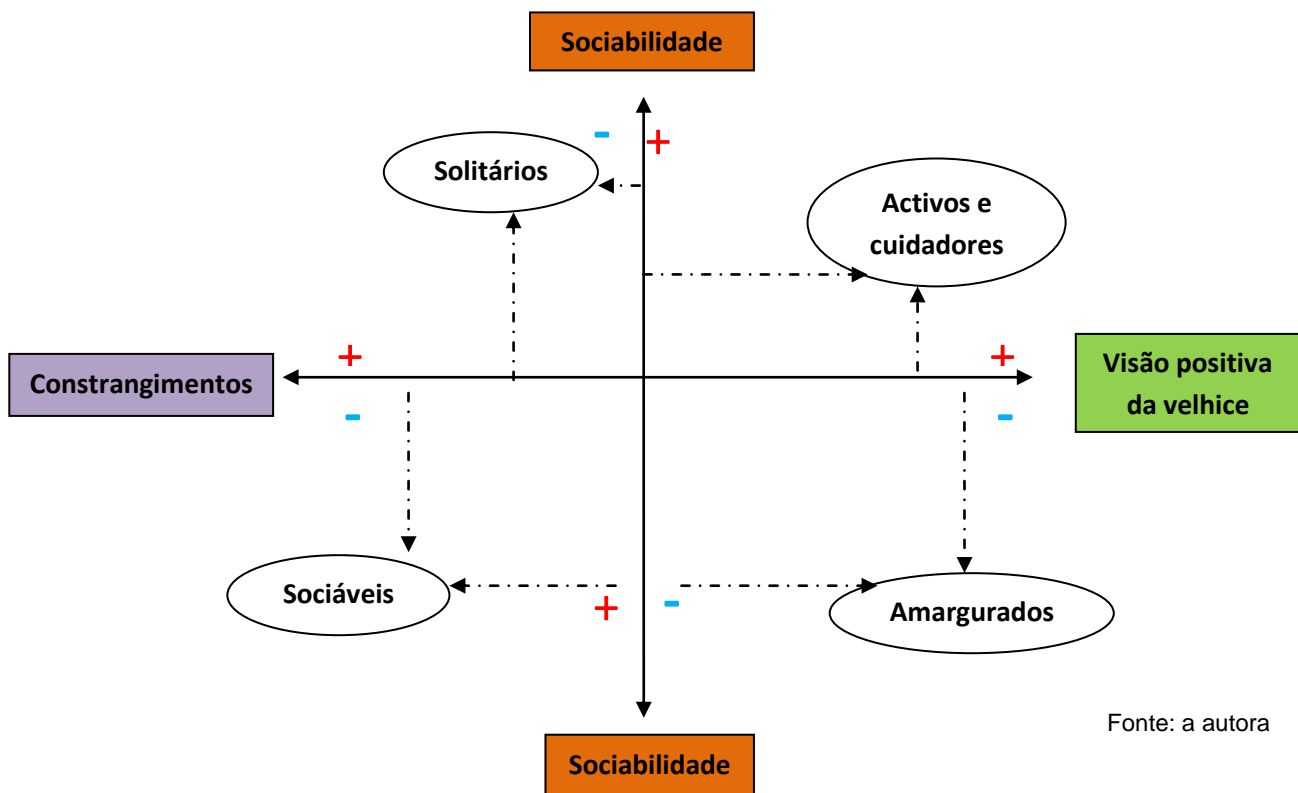
O cluster 4, à semelhança do anterior, também apresenta uma visão negativa da velhice mas numa vertente um pouco mais acentuada. Este grupo, apesar de ter sido o que menos referiu que a família não está disponível para cuidar dos seus idosos, refere não encarar bem a velhice por se sentir incapaz de realizar algumas tarefas e estar preocupado com a perda de faculdades e autonomia, acrescentando que socialmente os idosos são vistos como um empecilho. Neste seguimento, estes idosos demonstram passar grande parte do seu tempo livre sozinhos e mesmo a prática desportiva seleccionada – caça/pesca

- incide sobre esse factor. Estes são ainda os que menos participam no meio associativo recreativo e os que menos frequentam bailes ou festas. Como tal, categorizamos os elementos deste grupo como **Amargurados**.

Como factor de aglomeração deste cluster surge, em destaque, o aparecimento de valores intermédios de algumas das variáveis como sejam, a idade, o valor da reforma e o estado civil, bem como o facto de se terem reformado com menos idade e principalmente por motivos de saúde. Esta última variável associada à pouca instrução e ao facto de estarmos perante um cluster primordialmente feminino, são os factores que mais acentuam e reflectem o seu comportamento grupal.

Este cluster refere, apesar de viver essencialmente em núcleo alargado, que passa a maior parte do tempo sozinho. A solidão, bem como a reduzida realização de práticas de tempo livre e participação associativa, aparecem assim interligadas com uma visão negativa da velhice e da imagem do idoso. De facto, este cluster deixa transparecer nas suas opções a imagem pouco positiva que a sociedade possui da velhice e parece interioriza-la, uma vez que apresenta uma reduzida participação nas práticas de tempo livre e manifesta não encarar bem o envelhecimento.

Figura 3 – Enquadramento dos clusters



Fonte: a autora

Através da figura apresentada podemos verificar que a distribuição dos clusters assenta sobre a diferença de ponderação de três parâmetros: sociabilidade, constrangimentos e visão positiva da velhice. Os **Solitários** identificam alguns

constrangimentos na velhice e apresentam um baixo índice de sociabilidade, assentando o seu comportamento na reduzida realização de práticas de tempo livre e sobretudo na solidão. No polo oposto surgem os **Sociáveis** cujo posicionamento se distingue por serem os que mais desenvolvem actividades de tempo livre no seu quotidiano, não denotando quaisquer constrangimentos. Por seu lado, os **Activos e Cuidadores** revelam uma visão positiva da velhice e demonstram realizar algumas actividades de entretenimento para ocupar o seu tempo livre, destacando-se sobretudo pela prática regular de uma actividade física e pela prestação de cuidados e assistência à família. Numa outra margem deste enquadramento surgem os **Amargurados** que se destacam por possuir uma visão negativa da velhice reflectindo esse entendimento nas vivências pessoais - baixa frequência de participação sobretudo em associações de carácter recreativo e bailes ou festas.



## **CONCLUSÕES**

O envelhecimento como fenómeno universal tem despoletado um vasto conjunto de intervenções e discussões, não só na tentativa de compreender, a nível geral, o impacto que exerce sobre a sociedade, mas também para conhecer, a título particular, os diversos aspectos biopsicossociais que envolvem o processo e promover uma intervenção que abarque o idoso na sua plenitude, contemplando mais do que apenas a dimensão patológica.

Contudo, numa sociedade que se autoproclama livre e inclusiva mas que simultânea e inconscientemente impõe directrizes, condiciona atitudes e impele para o que é instantâneo, idolatrando o novo, o efémero, a beleza e tantos outros cânones, questionamos onde se encaixa e como se comporta o grupo social de idosos cujas características se distanciam destas normas e qual o papel do lazer neste processo?

De facto, a velhice que surge associada à reforma e ao acréscimo substancial de tempo liberto de obrigações laborais, revela uma fractura com a vida profissional e consequentemente com a vida social, representando uma mudança no quotidiano, nas condições económicas e no lazer. Neste âmbito, o tempo livre é um excelente instrumento de medição de comportamentos, gostos e atitudes, uma vez que espelha a dinâmica social deste grupo e caracteriza as práticas mais recorrentes permitindo compreender como se movimentam os idosos na teia social e que usos dão ao tempo livre de que dispõem.

Foi esta ligação “tempo livre/idosos” e as dicotomias a ela inerentes que despertaram o interesse pelo desenvolvimento desta investigação, bem como o facto de considerarmos fundamental responder à insuficiente informação e investigação neste âmbito. Acrescentamos ainda a estas motivações a pretensão de contribuir para o desenvolvimento do concelho fornecendo informações pertinentes que possam alertar para as necessidades e aspirações deste grupo tão particular e despertar para novas orientações políticas e organizacionais.

Assim, os resultados obtidos permitem concluir que, de uma forma geral, os idosos constituem um grupo que encara o envelhecimento com tranquilidade mas cujas limitações, principalmente físicas e financeiras inerentes a este processo natural condicionam as suas movimentações sociais, remetendo-as para as proximidades do domicílio. Torna-se imprescindível destacar que a imagem que estes projectam da velhice - simultaneamente positiva e negativa - reflecte as ambiguidades sociais com que se deparam diariamente, sendo cumulativamente decalcada e reflectida nos seus comportamentos.

Foi também interessante verificar que os idosos, apesar de possuírem uma opinião bem definida quando questionados sobre o conceito de tempo livre, não apresentam uma efectiva distinção de práticas antes e após a condição de reformados, fazendo ressaltar acima de tudo que o trabalho permanece a essência do seu quotidiano. O mesmo se verifica com o conceito de férias, aspecto sobre o qual também apresentam uma opinião bem definida, não revelando no entanto, um elevado índice de práticas.

Objectivamente, este ponto permite concluir, ao deixar bem patente a forma como os valores do trabalho e do lazer foram impressos no sujeito e são agora transferidos para as suas vivências e ao reforçar a importância do tipo de profissão que exerceram - uma vez que, no caso da agricultura (actividade bem representada na região), não existe um rompimento efectivo com a sua prática, pois muitos dos inquiridos ainda permanecem ligados a ela - que o efeito geracional possui um elevado grau de influência neste tipo de comportamentos. Este efeito é ainda perceptível se olharmos atentamente para a remuneração que este grupo social tende a auferir - que está intimamente relacionada com o tipo de profissão – o que torna possível compreender alguns dos constrangimentos vividos neste âmbito.

No campo do tempo livre esta investigação demonstrou essencialmente que as actividades com maior relevância para este grupo social se inserem no âmbito das práticas culturais domésticas (ver TV, ouvir rádio e ler) e no convívio com amigos/vizinhos, destacando-se de forma bastante evidente, pela ausência de prática, as actividades culturais de saída ou a realização de férias.

Estas opções apontam sobretudo para a reduzida diversidade de actividades que os idosos apresentam nos usos do seu tempo livre e reforçam que o foco de interesses é bastante conciso e preciso, deixando antever que um capital cultural menos elevado, os poucos recursos financeiros, bem como as questões de saúde condicionam a sua movimentação social. Os factores 'proximidade' e 'repetição' das actividades acentuam ainda que as rotinas diárias são um fundamental ponto de equilíbrio para este grupo social, não constituindo um factor de constrangimento, nem diminuindo a importância que o tempo livre assume na sua vida. Efectivamente, como foi possível verificar, a grande maioria dos idosos considera importante dispor de tempo livre e refere estar satisfeito com a forma como o ocupa.

Ao nível dos organismos públicos principais (Câmara Municipal e Juntas de Freguesia) constatamos que as actividades desenvolvidas são do conhecimento geral, mas que ainda assim o nível de participação é bastante reduzido, centrando-se os motivos essencialmente em torno da falta de motivação e das questões de saúde, quer seja do

próprio ou de familiares. O mesmo se verifica com a frequência de associações ou sociedades recreativas, cuja ligação se mantém apenas sob o ponto de vista burocrático, não havendo qualquer tipo de participação na vida activa das mesmas. Ambas as situações permitem inferir que é necessário impor novas abordagens e promover actividades que respondam às aspirações e necessidades dos idosos, o que dadas as características de proximidade domiciliar que esta população apresenta no seu quotidiano poderá requerer uma atitude mais proximal por parte das entidades responsáveis.

Numa fase mais avançada, as características desta investigação apontaram para a criação de classes (e consequentes subclasses) de forma a isolarmos a influência de uma variável independente sobre as restantes variáveis dependentes e assim estudarmos especificamente o seu efeito neste contexto. A perspectiva obtida permitiu clarificar o objecto de estudo e retirar ilações pertinentes. Destacamos portanto, que a interpretação resultante desta análise comparativa entre variáveis permitiu concluir que se confirmam as hipóteses **H1** a **H8** inicialmente estabelecidas, sendo de salientar as seguintes conclusões pertinentes:

- o género deixa transparecer as diferenças sexistas com que os idosos foram confrontados nas suas vivências sendo as suas marcas visíveis nos usos do tempo livre. A essência das diferenças reside no *background* de ambos os géneros, isto é, aos homens estava reservada alguma instrução e a aprendizagem de uma profissão – actividades fora do domicílio - e às mulheres estavam reservados os cuidados com o lar e a família e ocupações várias de carácter doméstico. O padrão moral vigente na época da sua juventude e no qual assentava a sua educação ainda se encontra, por isso, reflectido nos comportamentos adoptados no âmbito desta investigação, pelo que os homens, fruto da sua atitude mais desprendida face ao domicilio continuam a demonstrar uma vida social mais activa, uma dinâmica sociocultural mais acentuada e consequentemente uma rede social mais abrangente, comparativamente às mulheres.

- a idade demonstrou caminhar de “mãos dadas” com o factor ‘autonomia’ e com o argumento funcional e útil do lazer materializado no corpo, pelo que a sua influência apenas se destaca em questões que requerem independência e a manutenção das capacidades físicas e/ou intelectuais, embora também possamos vislumbrar nas opções manifestadas a acção do efeito geracional (com é o exemplo da posse de maior ou menor capital escolar).

- a idade da reforma, à semelhança da anterior, também surge associada ao factor ‘autonomia’ sendo possível concluir que uma aposentação tardia tende a reflectir o cansaço

e a diminuição das capacidades físicas, bem como a necessidade de se manter mais no espaço familiar e doméstico.

- a instrução, espelho do capital escolar e cultural, acentua o crivo sociocultural e demonstra que o sucesso escolar se encontra claramente interligado com os usos que os idosos fazem do tempo livre patenteando a sua influência através da escolha de actividades que exigem alguns pré-requisitos, como é o caso do domínio da leitura. Concluímos no entanto, que a sua influência também é visível através da diferenciação de conceitos e entendimentos sociais – um nível superior instrução é também fonte de um maior espectro de atitudes, gostos, bem como de um *habitus* e estilo de vida diferente e diferenciador.

- o estado civil e o agregado familiar permitiram inferir que a sua influência nesta investigação reside na dicotomia viver só/viver acompanhado. A solidão ou ausência desta apresenta-se como fonte de preocupação e, simultaneamente, como condição *sine qua non* para a realização de algumas actividades, principalmente de carácter social. O facto de estar só parece inibir comportamentos, forçar escolhas, mas simultaneamente fomentar a manutenção das redes sociais, concretamente através do convívio e das acções de voluntariado, como é o caso de quem vive só. No seguimento destas conclusões, a variável agregado familiar reporta-nos ainda para o seio das famílias alargadas e permite concluir que dadas as características deste tipo de núcleos, a família constitui o centro das vivências do idoso promovendo uma dinâmica familiar cujas práticas o conduzem menos para o âmbito social, reduzindo os contactos extrafamiliares.

- o valor de reforma e outros rendimentos revelaram claramente que a disponibilidade financeira é um factor impulsionador não só das práticas de tempo livre, mas também da sua diversidade, retirando ao trabalho a centralidade que habitualmente lhe é conferida e diminuindo a presença do carácter utilitário com que frequentemente os idosos realizam algumas tarefas. A estabilidade económica apresenta-se nesta investigação como um elemento de segurança para este grupo e simultaneamente de autonomia.

- finalmente o motivo da reforma apesar de ter manifestado influência sob os usos do tempo livre, não se revelou particularmente incisiva. Contudo, permitiu verificar que por se encontrar associada à idade (ter atingido a idade ou os descontos) pode indiciar uma maior ou menor predisposição para a participação em actividades de cariz sociocultural.

Relativamente à hipótese **H9** pudemos concluir que esta não se confirma, uma vez que a amostra apesar de apresentar comportamentos díspares entre freguesias, nos usos de tempo livre, revelou também que estes não tiveram por base o grau de urbanização – foi

possível verificar uma distribuição algo uniforme, com apontamentos pontuais, mas cuja influência dos mesmos não se deveu ao facto dos inquiridos habitarem numa freguesia mais, ou menos urbana, mas sim a outros factores, que não se tornaram perceptíveis nesta investigação.

No âmbito do envelhecimento vemos confirmada a hipótese **H10** - forma como os idosos se percebem e consideram que são percebidos - tendo concluído mais uma vez (da mesma forma que já havíamos constatado para o uso do tempo livre) que o capital escolar e cultural, a disponibilidade financeira, o companheirismo, a idade e a saúde, também pelos motivos apresentados, são efectivamente elementos chave na construção da imagem dos inquiridos. Estas conclusões permitiram reforçar que a velhice também é um campo complexo, sem fronteiras concretas, que aparece como o reflexo das questões sociais, demonstrando que os idosos, fruto de um passado bem definido e de um futuro incerto e em constante mudança albergam as visões (positiva ou negativa) que a própria sociedade transpira.

Nesta sequência vemos também confirmada a premissa estabelecida para a hipótese **H11**, que refere que os factores sociodemográficos interferem na forma como os idosos encaram o envelhecimento. Podemos concluir que as variáveis que mais activamente agem sob este aspecto estão relacionadas com o nível do capital escolar, a disponibilidade financeira, a solidão e o motivo de reforma. Assim, a forma como os idosos encaram o futuro revela-se positiva se os factores pessoais e individuais (como o estado de saúde, nível escolar, ausência de solidão e capacidade financeira) também o forem.

A passagem para o domínio das instituições locais, permitiu concluir que apesar de estarmos perante um concelho dinâmico, que procura estar atento ao panorama social e desenvolver actividades para este grupo social, sabendo promovê-las e divulgá-las, não se confirma a hipótese **H12**, uma vez que maioritariamente este grupo não recorre a estas iniciativas para preencher o seu tempo livre. Consequentemente também não aceitamos a hipótese **H13** pois os motivos apontados para a não participação nestas actividades reflectem precisamente a falta de motivação e interesse nas mesmas, reforçando a desadequação entre a oferta e as necessidades e aspirações dos idosos.

Parece-nos fundamental reforçar que o carácter rural da região, bem como as características particulares deste grupo social, requerem por parte das instituições, alternativas na sua forma de intervenção, uma maior proximidade na realização das iniciativas e o reforço das mesmas, no sentido de passarem a apresentar uma maior regularidade.

A prossecução dos objectivos a que nos propusemos na parte inicial deste estudo esteve ainda na base de uma outra abordagem que se revelou bastante pertinente – a análise de *clusters*. Através desta obtivemos 4 agrupamentos distintos de indivíduos (sociáveis, solitários, activos/cuidadores e amargurados) cujas características permitiram não só reforçar a existência de dois polos nas vivências da velhice - o positivo e o negativo – mas também corroborar o facto de as perspectivas socioculturais e pessoais poderem assentar nessas duas visões distintas, influenciando a forma como os idosos passam o seu tempo livre. Não podíamos também deixar de salientar que a observação deste comportamento grupal permitiu ainda destacar claramente 3 parâmetros cuja acção condiciona objectivamente o comportamento de todos os *clusters* - a sociabilidade, os constrangimentos e a visão positiva da velhice. Esta trilogia revela, acima de tudo, a existência de uma relação intrínseca entre si e que não é possível destrinçar, mas que assenta sobretudo nos factores sociais, demarcando categoricamente a influência que estes exercem sobre o envelhecimento em geral e os usos do tempo livre em particular, salientando, mais uma vez o seu carácter coercivo e conseqüentemente orientador.

Para finalizar este apontamento conclusivo pretendemos ainda reflectir sobre alguns aspectos que acompanham esta investigação e que importa salientar:

- Esta geração de idosos não viveu o lazer como o conhecemos e isso reflecte-se na forma como usam o tempo livre e vivenciam a velhice.
- Um maior capital financeiro, físico e cultural aumenta a sensação de liberdade pessoal e de prazer na realização das actividades de tempo livre e promove a diversidade de práticas e um afastamento do trabalho.
- Os idosos demonstram pertencer a uma classe de transição no que respeita aos valores sociais e esta investigação permitiu verificar que esta geração, pelas várias razões apresentadas, ainda se mantém fiel ao seu passado mas com as devidas adaptações ao presente.
- Para além de outros factores a diminuição do domínio religioso obrigou à reorientação das práticas de tempo livre, contudo permanece instituída nas mesmas, uma pressão moralizadora (utilitária) proveniente dos costumes populares e dos valores da igreja.
- Actualmente verifica-se uma mudança, ainda que ténue, nas práticas de lazer - mais demarcada dos efeitos da educação sexista - e a geração mais jovem de idosos tende a manifestar essa alteração.

- A visão bipolar (positiva/negativa) do envelhecimento está dependente não só dos factores pessoais mas também das tendências sociais, exercendo uma influência efectiva sobre as vivências e as práticas de tempo livre.

## **LIMITAÇÕES DO ESTUDO**

Esta investigação, apresenta algumas limitações, a destacar:

- as ilações retiradas relativamente à intervenção dos organismos públicos possuem um carácter limitado uma vez que não efectuamos uma abordagem muito aprofundada a esse parâmetro.

- a existência de poucos estudos com estas características no nosso país limita a comparação de resultados.

## **RECOMENDAÇÕES**

Deparamo-nos com alguns constrangimentos durante a realização deste estudo, pelo que consideramos pertinente reflectir sobre os mesmos e deixar algumas recomendações:

- o questionário a aplicar revelou-se demasiado extenso e constituiu um motivo de dissuasão de participação, pelo que seria de todo o interesse reformulá-lo.

- a desconfiança social por parte dos idosos para com os reais objectivos da abordagem dos entrevistadores foi bastante acentuada, pelo que propomos que seja solicitada a colaboração das entidades publicas da região, no sentido de disponibilizarem um local para a sua aplicação.



**BIBLIOGRAFIA**

- Andrade, J. (2001). *Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Aquino, C., & Martins, J. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjectividade*, 7 (2), 479-500. Recuperado em 24 de Julho, 2010, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/13.pdf>.
- Bize, P.R., & Vallier, C. (1995). *Uma vida nova: a terceira idade*. Editorial Verbo.
- Bourdelaís, P. (1993). *Le nouvel âge de la vieillesse*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Camargo, L.O.L. (2002). *Educação para o lazer*. São Paulo: Editora Moderna.
- Casanova, José L., Alvarenga, F., Matos, G. & Lucas, J. (2001). *Quadros sociais de envelhecimento*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Chauchard, P. (1968). *Trabalho e lazeres*. Coimbra: Atlântida Editora.
- Cónim, C.N.P. Silva (1999). *Geografia do envelhecimento da população portuguesa. Aspectos sociodemográficos 1970-2021*. Lisboa: Departamento de Prospectiva e Planeamento.
- D'Épinay, C. L. (1991). *Vieillir ou la vie à inventer*. Paris: L'Harmattan.
- Dias, V. & Schwartz, G. (2005). O lazer na perspectiva do indivíduo idoso. *EFdeportes: Revista Digital*, 87, ano 10, Agosto. Recuperado em 6 de Outubro, 2010, de <http://www.efdeportes.com/efd87/idos.htm>.
- Dumazedier, J. & Israel, J. (1974). *Lazer – problema social. Cultura e Desporto*. Lisboa: Direcção Geral dos Desportos.
- Dumazedier, J. (2000). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Dumazedier, J. (2001). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Elias, N. & Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Ennuyer, B. (1991). L'objet «personne âgée». In *Être vieux. De la négation à l'échange*. Autrement, 124; Out., 14-28.
- Estanque, E. (1993). Classe, status e lazer. *Oficina do CES*, 37, 1-28; Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

Estanque, E. (1995). O lazer e a cultura popular, entre a regulação e a transgressão. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 43, Out., 123-145.

Ferreira, V. (2009). Elogio (sociológico) à carne: A partir da reedição do texto “as técnicas do corpo” de Marcel Mauss. *IS Working Papers*, 36, 1-8. Instituto de sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <http://www.lettras.up.pt/isociologia/uploads/files/Working37.pdf>.

Fonseca, A. M., Paúl, C., Martín, I. & Amado, J. (2005). Condição psicossocial dos idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal. In *Envelhecer em Portugal*, 97-108, Lisboa: Climepsi Editores.

Fonseca, A. M. (2005). Aspectos psicológicos da «passagem à reforma». In *Envelhecer em Portugal*, 45-73, Lisboa: Climepsi Editores.

Gama, A. & Santos, N. (1991). Tempo livre, lazer e terciário. *Cadernos de Geografia*, 10, Coimbra: IEG.

Garcia, S. R. L. (2009). *Actividades de lazer dos reformados: o caso de Aveiro*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.

Gaullier, X. (1988). *La deuxième carrière*. Paris: Éditions du seuil.

Giddens, A. (1997). *Sociology* (3ª ed.). Cambridge: Polity press.

Gomes, R. (1992). O ócio da Lisboa de 1900. In *New Routes for Leisure*, 299 – 327, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Gomes, R. (2005). *Sociologia do lazer – relatório da disciplina*. Coimbra: FCDEF-UC.

Goués, G. (1991) Le travail du vieillir. In *Être vieux. De la négation à l'échange*. Autrement, 124; Out.,146-152.

Gustavo, N. (2010). *Os novos espaços de lazer, turismo e saúde em Portugal – o caso dos Spa's*. Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

INE, (2000). *O uso do tempo 1999*. Lisboa: Serviço de estudos sobre a população. Recuperado em 16 de Janeiro, 2011, de [http://www.unece.org/stats/gender/timeuse/Downloads/TUS\\_Portugal\\_1999.pdf](http://www.unece.org/stats/gender/timeuse/Downloads/TUS_Portugal_1999.pdf).

INE, (2001). *Inquérito à ocupação do tempo 1999*. Lisboa: Serviço de estudos sobre a população. Recuperado em 16 de Janeiro, 2011, de [http://www.unece.org/stats/gender/timeuse/Downloads/TUS\\_Portugal\\_2001.pdf](http://www.unece.org/stats/gender/timeuse/Downloads/TUS_Portugal_2001.pdf).

- INE, (2002a). *Envelhecimento em Portugal*. Lisboa: Serviço de estudos sobre a população.
- INE, (2002b). *XIV Recenseamento geral da população*. Lisboa: Serviço de estudos sobre a população.
- Joaquim, T. (1997). *Menina e moça. A construção social da feminilidade, séc. XVII-XIX*. Lisboa: Fim de Século.
- Lafargue, P. (2002). *O direito à preguiça* (1ª ed.). Porto: Campo das letras.
- Levet, M. (1995). *Viver depois dos 60 anos*. Coleção: Biblioteca Básica da Ciência e da Cultura.
- Lima, A. (1990). Agricultura de pluriactividade e integração espacial. *Sociologia: problemas e práticas*, 8, 55-61.
- Lopes, J.T. (2000). *A cidade e a cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Magalhães, D. M. (1991). A sociedade perante o lazer: geração do lazer ou do não-sei-que – fazer?. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, 1, 165-174.
- Marivoet, S. (2001). *Hábitos desportivos da população portuguesa*. Lisboa: MJD/INFED.
- Martins, R. (2010). Os idosos e as actividades de lazer. *Revista Millenium*, 38, Junho, 243-251. Recuperado em 31 de Dezembro, 2010, de <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium38/16.pdf>.
- Monteiro, P. A.R. (2006). *Lazer e ciclo de vida*. Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas. Recuperado em 13 de Novembro, 2010, de <http://virtualbib.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2294/155026.pdf?sequence=2>.
- Neto, M. F. (1993). *Lazer: opção pessoal*. Brasília: Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação – SCE/GDF.
- Oliveira, B. (2010). *Psicologia do envelhecimento do idoso*. Legis Editora.
- Palmeirão, C.M.G.C. (2002). Derrubar para mudar. In *Terceira idade: uma questão para a educação social*, 35-47; Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Paúl, C. (1996). *Psicologia dos idosos: o envelhecimento em meios urbanos*. Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais, Lda.
- Paúl, C. & Fonseca, M.A. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família: contextos e trajetórias*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pronovost, G. (1983). *Temps, culture et société: essai sur le processus de formation du loisir et des sciences du loisir dans les sociétés occidentales*. Québec: Presses de l'Université du Québec.
- Rosa, M. J. V. (1999). *Reformados e tempos livres*. Edições Colibri – INATEL.
- Rojek, C. (2000). *Leisure and culture*. London: Palgrave.
- Ricou, M. (2002). Velhice e solidão. In *Terceira idade: uma questão para a educação social*, 135-141; Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Santana, V. (2000). Representações dos tempos sociais: trabalho e não-trabalho em Portugal. *Revista Sociedade e Trabalho*, 8/9, Jan.Jun.105-115.
- Santos, A. S. (1998). Reinventar o direito à preguiça. *Revista Horizonte*. Vol. XV, 85, Set.Out., 3-8.
- Santos, F. & Encarnação, F. (1998). *Modernidade e gestão da velhice*. Faro: Centro Regional de Segurança Social do Algarve.
- Santos, N. (2005). Lazer, espaço e lugares. In Rui Gomes (Org.). *Os lugares do lazer* (Coleção estudos). Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
- Schneider, R.H. & Irigaray, T.Q. (2008). O envelhecimento na actualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25, Out./Dez.. Recuperado em 11 de Outubro, 2010, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2008000400013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013).
- Shilling, C. (1993). *The body and Social Theory*. London: SAGE Publications Ltd.
- Sobral, J. (1992). Estilos de vida, consumos e lazer num espaço rural português: alguns aspectos. In *New Routes for Leisure*, 227 – 243; Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Umbelino, J. (1999). Lazer e território. *Série Estudos 1*. Lisboa: Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional.
- Veysset-Puijalon, Bernardette (1989). *Dépendance et vieillissement*, Paris: L'Harmattan.

---

**WEBGRAFIA**

Brandão, C. F. (2008). *Actividades de tempo livre e actividades de lazer*. 1º encontro da ALESDE. Recuperado em 6 de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/23.pdf>

Campos, T. (sd). *Envelhecimento, representações sociais, saúde e cidadania: perspectivas de género*. Recuperado em 11 de Outubro, 2010. Disponível em [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/T/Terezinha\\_Campos\\_45.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/T/Terezinha_Campos_45.pdf)

Machado, D. (2006). *O conceito "trabalho"*. Recuperado em 17 de Novembro, 2010. Disponível em [http://www.google.pt/#scient=psy&hl=pt-PT&site=&source=hp&q=conceito+de+trabalho&aq=f&aqi=g2g-s1g7&aql=&oq=&gs\\_rfai=&psj=1&fp=bb1e512f430acdd9](http://www.google.pt/#scient=psy&hl=pt-PT&site=&source=hp&q=conceito+de+trabalho&aq=f&aqi=g2g-s1g7&aql=&oq=&gs_rfai=&psj=1&fp=bb1e512f430acdd9)

Neves, O. & Arraes, N. (sd). *A pluriactividade em áreas de transição rural-urbano*. Recuperado em 22 de Março, 2011. Disponível em <http://www.ebah.com.br/a-pluriatividade-em-areas-de-transicao-rural-urbano-doc-a13748.html>

Salgado, M. (sd). *O sistema social e o idoso*. Recuperado em 14 de Outubro, 2010. Disponível em <http://di.romanhol.vilabol.uol.com.br/idoso.htm>

Pinheiro, G. J. (2004). *Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica*. Recuperado em 23 de Outubro, 2010. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1255/1067>

Pimentel, B.& Souza, A. (sd). *O sistema social e o idoso*. Recuperado em 5 de Novembro, 2010. Disponível em <http://www.prateada.webbr.net/idoso01.htm>

# **ANEXOS**

## A. ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO

### 1. Guião da entrevista

#### GUIÃO DA ENTREVISTA

Bom dia/ Boa tarde! O meu nome é Marisa Freitas, sou aluna da FCDEF-UC e estou a fazer um estudo sobre a população idosa deste concelho, procurando compreender de que forma estas pessoas ocupam o seu tempo livre.

A escolha dos entrevistados é feita de forma aleatória e as respostas são confidenciais, havendo contudo necessidade de gravar a entrevista para não perder informação. A duração prevista é de cerca de 20 minutos.

Desde já agradeço a sua colaboração.

**P.S.:** Realçar que não existem respostas correctas, pois o que se pretende é saber a sua opinião sobre o assunto. Ex: “Pode dizer-me tudo o que lhe passar pela cabeça”.

Formas de intervenção:

#### Gostaria de saber como ocupa o seu tempo?

- Podia ser mais específico: manhã, tarde e noite.
  - Com quem passa o dia? E onde?
  - E ao fim-de-semana como ocupa o seu tempo...**fale-me do seu último fim-de-semana.**
  - O que faz ao Domingo... fale-me também do seu último.
- E **antes de se reformar**  
também era assim?
- Introduzir temas:  
Tempo livre vs. Trabalho; Envelhecimento (idoso vs. velho)
  - A entrevista deve desenrolar-se como uma conversa.

## 2. Entrevista inicial - pré-teste do questionário

### ENTREVISTA

Bom dia /Boa tarde! O meu nome é Marisa Freitas, sou aluna da FCDEF-UC e estou a fazer um estudo sobre a população idosa deste concelho, procurando compreender de que forma estas pessoas ocupam o seu tempo livre.

Para não perder informação importante vai ser necessário gravar a entrevista. As respostas são confidenciais e, desde já, agradeço a sua colaboração.

#### Grupo I – Dados de Caracterização

1.Sexo: F      M

2. Idade \_\_\_\_\_

3. Estado civil \_\_\_\_\_

4. Qual o nível de instrução que concluiu?

Nível concluído	Próprio	Cônjuge
Analfabeto (ou sabe assinar)		
Instrução primária incompleta		
Instrução primária completa		
2º ano liceu (6º ano actual)		
5º ano liceu (9º ano actual)		
7º ano liceu (12º ano actual)		
Curso superior		

5. Com que idade se reformou? \_\_\_\_\_

(cônjuge) \_\_\_\_\_

5.1. Qual o motivo? \_\_\_\_\_

(cônjuge) \_\_\_\_\_



6. Importa-se de dizer qual era exactamente a sua ocupação ou actividade profissional antes de se reformar? \_\_\_\_\_

6.1. E a do seu cônjuge? \_\_\_\_\_

6.2. Actualmente ainda exerce alguma ocupação ou actividade profissional?

Não\_\_ Sim\_\_

Especifique. \_\_\_\_\_

6.3. E o seu cônjuge? Não\_\_ Sim\_\_

Especifique. \_\_\_\_\_

7. Importa-se de dizer por quantas pessoas é constituído o seu agregado familiar? \_\_\_\_

7.1. E importa-se também de especificar concretamente o grau de parentesco dessas pessoas que vivem consigo?

Grau de parentesco	n.º de pessoas
Cônjuge	
Filhos	
Nora/ genro	
Netos	
Outro	

8. Tem filhos? Sim\_\_ Quantos?\_\_\_\_\_ Não\_\_

8.1. E netos? Sim\_\_ Quantos?\_\_\_\_\_ Não\_\_

9. Com que frequência está com a família?

**Filhos** - T. dias\_\_ 1 x semana\_\_ 15/15 dias\_\_ \_\_\_\_\_

**Netos** - T. dias\_\_ 1 x semana\_\_ 15/15 dias\_\_ \_\_\_\_\_

9.1. Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10. Importa-se de dizer de onde provêm os rendimentos do seu agregado familiar?

Proveniência	Próprio	Cônjuge	Filhos	Nora/genro	Netos	Outros
Ocupação profissional						
Rendimentos						
Pensão/reforma						
Outra						

## Grupo II – Tempo Livre

11. Para melhor compreender como ocupa o seu dia **durante a semana** gostaria de saber:

11.1. a que horas costuma levantar-se? \_\_\_\_\_

11.2. a que horas costuma deitar-se? \_\_\_\_\_

11.3. dorme a sesta? Sim\_\_ Não\_\_

**12. Normalmente passa o dia:**

- Sozinho\_\_
- em família
- com amigos/conhecidos/vizinhos\_\_
- em grupo (variam os parceiros)\_\_
- outra \_\_\_\_\_

**13. O que faz habitualmente nos seguintes períodos?**

<b>Manhã</b>	<b>Tarde</b>	<b>Noite</b>
Ao levantar:	Depois do almoço:	Depois do jantar:
Meio da manhã:	Meio da tarde:	Antes de deitar:
Antes do almoço:	Antes de jantar:	

**14. Durante a semana que locais costuma habitualmente frequentar?**

- Café / pastelaria\_\_
- Biblioteca
- Jardim público
- Outros \_\_\_\_\_

**14.1. Com que frequência?**

- T. dias\_\_
- 1 x semana\_\_
- de 15/15 dias\_\_
- outro \_\_\_\_\_

15. Participa em alguma actividade regularmente?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_

16. O que considera como tempo livre? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

16.1. Acha que tem muito, pouco ou tempo livre suficiente no seu dia-a-dia?

Muito\_\_

Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

16.2. Como e onde costuma ocupar esse tempo livre? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

17. Pretendo também de compreender como ocupa o seu **fim-de-semana**, pelo que gostaria de saber:

17.1. a que horas costuma levantar-se? \_\_\_\_\_

17.2. a que horas costuma deitar-se? \_\_\_\_\_

17.3. dorme a sesta? Sim\_\_ Não\_\_

**18. Normalmente passa o fim-de-semana:**

- sozinho\_\_
- em família\_\_
- com amigos/conhecidos/vizinhos\_\_
- em grupo (variam os parceiros)\_\_
- outra \_\_\_\_\_

**19. Com que actividades ocupa habitualmente os seguintes períodos?**

<b>Manhã</b>	<b>Tarde</b>	<b>Noite</b>
Ao levantar:	Depois do almoço:	Depois do jantar:
Meio da manhã:	Meio da tarde:	Antes de deitar:
Antes do almoço:	Antes de jantar:	

**20. Que locais costuma frequentar durante o fim-de-semana?**

- Café / pastelaria\_\_
- Biblioteca\_\_
- Jardim público\_\_
- Outros \_\_\_\_\_

**20.1. Com que frequência o faz?**

- Todos os fins-de-semana\_\_
- de 15/15 dias\_\_
- outro \_\_\_\_\_

21. Tem alguma actividade específica ao fim-de-semana?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_

22. Como passa o seu Domingo? \_\_\_\_\_

---

---

---

(SE TIVER RESPONDIDO **NÃO** À QUESTÃO 6.2)

23. Há pouco, referiu que já não exerce nenhuma actividade profissional, pelo que gostaria de saber se considera que ainda trabalha?

Sim\_\_

Não

Não sabe

Porquê?

---

---

(NO CASO DA RESPOSTA ANTERIOR SER **SIM**)

23.1. Em que actividades considera que trabalha? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

24. O que entende por “férias”? \_\_\_\_\_

---

---

24.1. Passa habitualmente férias?

Sim

Não\_\_

24.1.1 Justifique. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

24.2 Com que frequência passa férias?

- 1 x por ano\_\_
- 2 x por ano\_\_
- outro \_\_\_\_\_

### Grupo III – Envelhecimento

25. O que é para si ser idoso? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

25.1. E ser velho? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

26. Como encara a velhice? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**27.** Como acha que a sociedade trata os idosos?

---

---

**27.1** Especifique:

<b>Crianças</b>	<b>Jovens</b>	<b>Adultos</b>	<b>Outros idosos</b>

**27.2.** Acha que actualmente as pessoas idosas sofrem algum tipo de discriminação?

Não\_\_

- Abandono familiar
- Negligência estatal
- Outro\_\_\_\_\_

---

---

**28.** Quais os problemas relacionados com o envelhecimento que mais o preocupam?

- Problemas de saúde\_\_
- Problemas económicos\_\_
- Solidão/ exclusão\_\_
- Falta de apoio e assistência\_\_
- Deixar de trabalhar\_\_
- Outro\_\_\_\_\_

**Obrigada pela sua colaboração!**



### 3. Questionário aplicado

#### QUESTIONÁRIO

Bom dia/ Boa tarde! O meu nome é \_\_\_\_\_ e colaboro na recolha de dados para a realização do trabalho de mestrado de Marisa Freitas, aluna da FCDEF-UC. Procuramos com este questionário compreender de que forma as pessoas idosas deste concelho ocupam o seu tempo livre.

Este questionário tem uma duração de 15 minutos e as respostas são confidenciais. Desde já agradeço a sua colaboração.

#### Grupo I – ENVELHECIMENTO

(ENTREVISTADOR: NAS PERGUNTAS DESTE GRUPO ANOTE APENAS AS **TRÊS** PRINCIPAIS ESCOLHAS)

##### 1. Gostaria que me dissesse o que é para si ser idoso?

- |   |                          |                                    |                          |
|---|--------------------------|------------------------------------|--------------------------|
| 1. ser experiente e ter sabedoria                             | <input type="checkbox"/> | 6. estar esquecido                 | <input type="checkbox"/> |
| 2. ser livre e não ter um trabalho                            | <input type="checkbox"/> | 7. perder capacidades físicas      | <input type="checkbox"/> |
| 3. estar reformado  | <input type="checkbox"/> | 8. perder capacidades psicológicas | <input type="checkbox"/> |
| 4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo | <input type="checkbox"/> | 9. ter mais de 65 anos             | <input type="checkbox"/> |
| 5. já não ter força para trabalhar                            | <input type="checkbox"/> | 10. ter mais de 75 anos            | <input type="checkbox"/> |
|   |                          | 11. outro _____                    | <input type="checkbox"/> |

##### 2. E ser velho?

- |   |                          |                             |                          |
|---|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|
| 12. a mesma coisa que ser idoso               | <input type="checkbox"/> | 16. já não poder fazer nada | <input type="checkbox"/> |
| 13. é estar reformado                         | <input type="checkbox"/> | 17. ter mais de 65 anos     | <input type="checkbox"/> |
| 14. estar dependente dos outros               | <input type="checkbox"/> | 18. ter mais de 75 anos     | <input type="checkbox"/> |
| 15. perder capacidades físicas e psicológicas | <input type="checkbox"/> | 19. outro _____             | <input type="checkbox"/> |

**3. Como encara a velhice?**

- |  |                          |   |                          |
|--|--------------------------|---|--------------------------|
| 20. não penso nisso  | <input type="checkbox"/> | 25. sinto falta de uma profissão                              | <input type="checkbox"/> |
| 21. com tranquilidade e naturalidade                         | <input type="checkbox"/> | 26. preocupa-me a parte psicológica                           | <input type="checkbox"/> |
| 22. bem, desde que tenha saúde                               | <input type="checkbox"/> | 27. preocupa-me a parte física (estética)                     | <input type="checkbox"/> |
| 23. preocupa-me o futuro (solidão)                           | <input type="checkbox"/> | 28. preocupa-me a parte física (perda de capacidades/doenças) | <input type="checkbox"/> |
| 24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas | <input type="checkbox"/> | 29. outro _____   | <input type="checkbox"/> |

**4. Como acha que os idosos são tratados actualmente?**

- |   |                          |   |                          |
|---|--------------------------|---|--------------------------|
| 30. no geral são bem tratados                                       | <input type="checkbox"/> | 36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam       | <input type="checkbox"/> |
| 31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário | <input type="checkbox"/> | 37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos | <input type="checkbox"/> |
| 32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos                | <input type="checkbox"/> | 38. são abandonados/ignorados pela família (solidão/lar)      | <input type="checkbox"/> |
| 33. são cuidados pelos seus familiares                              | <input type="checkbox"/> | 39. são discriminados   | <input type="checkbox"/> |
| 34. há preocupações, mas não há resultados visíveis                 | <input type="checkbox"/> | 40. outro _____   | <input type="checkbox"/> |
| 35. são vistos como um empecilho                                    | <input type="checkbox"/> |   |                          |

**5. Quais os problemas relacionados com o envelhecimento que mais o preocupam?**

- |                          |                          |   |                          |
|--------------------------|--------------------------|---|--------------------------|
| 41. problemas de saúde   | <input type="checkbox"/> | 45. falta de apoio e assistência familiar | <input type="checkbox"/> |
| 42. problemas económicos | <input type="checkbox"/> | 46. falta de uma ocupação                 | <input type="checkbox"/> |
| 43. solidão/exclusão     | <input type="checkbox"/> | 47. deixar de ter uma profissão           | <input type="checkbox"/> |
| 44. ir para um lar       | <input type="checkbox"/> | 48. outro _____                           | <input type="checkbox"/> |





**9. Costuma ocupar o seu tempo livre: (APENAS A FORMA MAIS USUAL)**

- |                        |                          |                                |                          |
|------------------------|--------------------------|--------------------------------|--------------------------|
| 94. sozinho            | <input type="checkbox"/> | 97.em grupo (variam parceiros) | <input type="checkbox"/> |
| 95. em família         | <input type="checkbox"/> | 98.outra_____                  | <input type="checkbox"/> |
| 96.com amigos/vizinhos | <input type="checkbox"/> |                                |                          |

**10. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?**

- |           |                          |                            |                          |
|-----------|--------------------------|----------------------------|--------------------------|
| 99. sim   | <input type="checkbox"/> | 102. só em alguns aspectos | <input type="checkbox"/> |
| 100.não   | <input type="checkbox"/> | Quais_____                 | <input type="checkbox"/> |
| 101.ns/nr | <input type="checkbox"/> |                            |                          |

**11. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?**

- |           |                          |                           |                          |
|-----------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| 103.sim   | <input type="checkbox"/> | 106.só em alguns aspectos | <input type="checkbox"/> |
| 104.não   | <input type="checkbox"/> | Quais_____                | <input type="checkbox"/> |
| 105.ns/nr | <input type="checkbox"/> |                           |                          |

(SE A RESPOSTA À PERGUNTA 11 FOI NÃO PASSE À PERGUNTA 13)

**12. Que motivos o levam a não preencher o tempo livre como gostaria?**

- |                            |                          |  |                          |
|----------------------------|--------------------------|--|--------------------------|
| 107. falta de tempo        | <input type="checkbox"/> | 111. inexistência da actividade que gostaria | <input type="checkbox"/> |
| 108. falta de transporte   | <input type="checkbox"/> | 112. não ter companhia                       | <input type="checkbox"/> |
| 109. problemas financeiros | <input type="checkbox"/> | 113. outro_____                              | <input type="checkbox"/> |
| 110. doença                | <input type="checkbox"/> |  |                          |

**13. Que importância atribui à ocupação do tempo livre no seu dia-a-dia?**

- |                       |                          |                     |                          |
|-----------------------|--------------------------|---------------------|--------------------------|
| 114. muito importante | <input type="checkbox"/> | 117.nada importante | <input type="checkbox"/> |
| 115. importante       | <input type="checkbox"/> | 118.ns/nr           | <input type="checkbox"/> |
| 116. pouco importante | <input type="checkbox"/> |                     |                          |

(ENTREVISTADOR: NAS PERGUNTAS 14, 15 E 17 ANOTE APENAS AS TRÊS PRINCIPAIS ESCOLHAS)

**14. Pode dizer-me o que é para si “tempo livre”?**

- |                             |                          |  |                          |
|-----------------------------|--------------------------|--|--------------------------|
| 119.é estar sem fazer nada  | <input type="checkbox"/> | 124. é não estar em casa                               | <input type="checkbox"/> |
| 120.é fazer o que se quer   | <input type="checkbox"/> | 125. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer | <input type="checkbox"/> |
| 121.é estar entretido       | <input type="checkbox"/> | 126.é estar com a família ou amigos                    | <input type="checkbox"/> |
| 122.é não estar a trabalhar | <input type="checkbox"/> | 127.Outro_____   | <input type="checkbox"/> |
| 123.é estar em casa         | <input type="checkbox"/> |  |                          |

**15. O que entende por férias?**

- |   |                          |  |                          |
|---|--------------------------|--|--------------------------|
| 128. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)   | <input type="checkbox"/> | 132. é ir ao estrangeiro                                   | <input type="checkbox"/> |
| 129. é não ter nada para fazer  | <input type="checkbox"/> | 133.é ser reformado (considero que estou sempre de férias) | <input type="checkbox"/> |
| 130. é sair do sítio onde vivo (praia, termas, visitar família, etc.) | <input type="checkbox"/> | 134.Outro_____   | <input type="checkbox"/> |
| 131.é ter tempo para mim  | <input type="checkbox"/> |  |                          |

**16. Passa habitualmente férias?**

- |         |                          |          |                          |
|---------|--------------------------|----------|--------------------------|
| 135.sim | <input type="checkbox"/> | 136. não | <input type="checkbox"/> |
|---------|--------------------------|----------|--------------------------|

**17. Porquê? (TRÊS PRINCIPAIS RESPOSTAS)**

- |   |                          |  |                          |
|---|--------------------------|--|--------------------------|
| 137. porque não gosto de abandonar a casa                         | <input type="checkbox"/> | 141.por questões financeiras                           | <input type="checkbox"/> |
| 138. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc) | <input type="checkbox"/> | 142.por motivos de saúde                               | <input type="checkbox"/> |
| 139. porque não tenho companhia                                   | <input type="checkbox"/> | 143. porque nunca passei férias (não sei o que isso é) | <input type="checkbox"/> |
| 140.porque acho que já passo férias todo o ano                    | <input type="checkbox"/> | 144.outro_____   | <input type="checkbox"/> |

**18. Com que frequência passa férias (CASO A RESPOSTA 16 SEJA SIM)**

- |                         |                          |                     |                          |
|-------------------------|--------------------------|---------------------|--------------------------|
| 145. duas vezes por ano | <input type="checkbox"/> | 147. de 2 em 2 anos | <input type="checkbox"/> |
| 146.todos os anos       | <input type="checkbox"/> | 148.outra_____      | <input type="checkbox"/> |

**Grupo III – INSTITUIÇÕES**

**19. Tem conhecimento das actividades oferecidas para os idosos, pela C.M. ou outras instituições?**

- 149.sim  151.às vezes   
150.não

(SE A RESPOSTA À PERGUNTA 19 FOI SIM)

**20. Diga-me, por favor, três actividades de que se recorde.**

- 152.\_\_\_\_\_  154.\_\_\_\_\_   
153.\_\_\_\_\_

**21. Costuma participar nessas actividades?**

- 155.sim  157.às vezes   
156.não

(ENTREVISTADOR: NAS PERGUNTAS 22, 23 E 24 ANOTE APENAS AS TRÊS PRINCIPAIS ESCOLHAS)

(SE RESPOSTA 21 FOR NÃO PASSE À PERGUNTA 24)

**22. Que motivos o levam a participar?**

158. porque gosto da actividade  162. porque me faz sentir bem   
159. porque gosto de participar  163. porque os amigos também vão   
160. porque gosto de conviver  164. ns/nr   
161. porque é gratuito  165. outro\_\_\_\_\_

**23. Com que frequência participa?**

- |  |                          |                               |                          |
|--|--------------------------|-------------------------------|--------------------------|
| 166. sempre que há actividades                     | <input type="checkbox"/> | 169. sempre que me é possível | <input type="checkbox"/> |
| 167. sempre que tenho conhecimento das actividades | <input type="checkbox"/> | 170. ns/nr                    | <input type="checkbox"/> |
| 168. apenas nas que acho interessantes             | <input type="checkbox"/> | 171. outro _____              | <input type="checkbox"/> |

**24. Que motivos o levam a não participar?**

- |                              |                          |                            |                          |
|------------------------------|--------------------------|----------------------------|--------------------------|
| 172. não tenho transporte    | <input type="checkbox"/> | 176. prefiro ficar em casa | <input type="checkbox"/> |
| 173. não gosto de participar | <input type="checkbox"/> | 177. não tenho companhia   | <input type="checkbox"/> |
| 174. a saúde não permite     | <input type="checkbox"/> | 178. ns/nr                 | <input type="checkbox"/> |
| 175. não tenho tempo         | <input type="checkbox"/> | 179. outro _____           | <input type="checkbox"/> |

**25. Qual o tipo de associações ou sociedades recreativas que costuma frequentar?**

- |  |                          |   |                          |
|--|--------------------------|---|--------------------------|
| 180. associações políticas               | <input type="checkbox"/> | 185. sociedades recreativas (jogos de sala, bilhar, etc.) | <input type="checkbox"/> |
| 181. associações religiosas              | <input type="checkbox"/> | 186. associações culturais                                | <input type="checkbox"/> |
| 182. associações profissionais           | <input type="checkbox"/> | 187. outras associações                                   | <input type="checkbox"/> |
| 183. associações desportivas             | <input type="checkbox"/> |   |                          |
| 184. associações de solidariedade social | <input type="checkbox"/> |   |                          |

**26. É, ou foi, sócio ou dirigente de alguma associação ou sociedade recreativa?****Sócio:**

188. sim
189. não

**Dirigente:**

190. sim
191. não

**Grupo IV – DADOS DE CARACTERIZAÇÃO****27. Sexo**

- |                |                          |               |                          |
|----------------|--------------------------|---------------|--------------------------|
| 192. Masculino | <input type="checkbox"/> | 193. Feminino | <input type="checkbox"/> |
|----------------|--------------------------|---------------|--------------------------|

**28. Idade**

194. \_\_\_\_\_



**29. Qual o nível de instrução que concluiu?**

- |                                      |                          |                                    |                          |
|--------------------------------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------------|
| 195. analfabeto                      | <input type="checkbox"/> | 199. 5º ano liceu (9º ano actual)  | <input type="checkbox"/> |
| 196. instrução primária incompleta   | <input type="checkbox"/> | 200. 7º ano liceu (12º ano actual) | <input type="checkbox"/> |
| 197. instrução primária completa     | <input type="checkbox"/> | 201. curso superior                | <input type="checkbox"/> |
| 198. 2º ano do liceu (6º ano actual) | <input type="checkbox"/> |                                    |                          |

**30. Qual era a sua ocupação ou actividade profissional principal antes de se reformar?**

(CARACTERIZAÇÃO O MAIS DETALHADA POSSÍVEL, VERIFICANDO SE A ACTIVIDADE MENCIONADA É POR CONTA PRÓPRIA OU DE OUTRÉM)

202. \_\_\_\_\_

**31. Com que idade se reformou?**

203. \_\_\_\_\_

**32. Que motivo o levou à reforma?**

- |  |                          |                        |                          |
|--|--------------------------|------------------------|--------------------------|
| 204. ter atingido a idade da reforma               | <input type="checkbox"/> | 206. questões de saúde | <input type="checkbox"/> |
| 205. ter atingido os anos necessários de descontos | <input type="checkbox"/> | 207. outro _____       | <input type="checkbox"/> |

**33. Actualmente exerce alguma actividade profissional remunerada?**

- |            |                          |          |                          |
|------------|--------------------------|----------|--------------------------|
| 208. sim   | <input type="checkbox"/> | 209. não | <input type="checkbox"/> |
| Qual _____ | <input type="checkbox"/> |          |                          |

**34. Qual o valor da sua reforma?**

- |                       |                          |                        |                          |
|-----------------------|--------------------------|------------------------|--------------------------|
| 210. até 150€         | <input type="checkbox"/> | 214. de 701€ até 900€  | <input type="checkbox"/> |
| 211. de 151€ até 300€ | <input type="checkbox"/> | 215. de 901€ até 1200€ | <input type="checkbox"/> |
| 212. de 301€ até 500€ | <input type="checkbox"/> | 216. de 1201 até 1500€ | <input type="checkbox"/> |
| 213. de 501€ até 700€ | <input type="checkbox"/> | 217. mais de 1500€     | <input type="checkbox"/> |

**35. Para além da reforma possui outros rendimentos?**

218. sim  219. Não   
Quais \_\_\_\_\_

**36. Qual é o seu estado civil?**

220. casado /vive junto  222. viúvo   
221. solteiro  223. divorciado /separado

**37. Tem filhos?**

224. sim  225. não

**38. Quantos? (CASO A PERGUNTA 37 SEJA SIM)**

226. \_\_\_\_\_

**39. Por quantas pessoas é constituído o seu agregado familiar?**

227. \_\_\_\_\_

**40. Especifique.**

228. cônjuge  230. netos   
229. filhos  231. outro \_\_\_\_\_

**41. Qual a idade do seu cônjuge?**

232. \_\_\_\_\_

**42. Qual o nível de instrução que o seu cônjuge concluiu?**

233. analfabeto  237. 5º ano liceu (9º ano actual)   
234. instrução primária incompleta  238. 7º ano liceu (12º ano actual)   
235. instrução primária completa  239. curso superior   
236. 2º ano do liceu (6º ano actual)

**43. Qual era a sua ocupação ou actividade profissional principal do seu cônjuge, antes deste se reformar? (CARACTERIZAÇÃO O MAIS DETALHADA POSSÍVEL, VERIFICANDO SE A ACTIVIDADE MENCIONADA É POR CONTA PRÓPRIA OU DE OUTRÉM)**

240. \_\_\_\_\_

**44. Com que idade se reformou?**

241. \_\_\_\_\_

**45. Que motivo o levou à reforma?**

- |   |                          |                        |                          |
|---|--------------------------|------------------------|--------------------------|
| 242. ter atingido a idade da reforma                    | <input type="checkbox"/> | 244. questões de saúde | <input type="checkbox"/> |
| 243. ter atingido os anos necessários para os descontos | <input type="checkbox"/> | 245. outro _____       | <input type="checkbox"/> |

**46. Actualmente o seu cônjuge exerce alguma actividade profissional?**

- |            |                          |          |                          |
|------------|--------------------------|----------|--------------------------|
| 246. sim   | <input type="checkbox"/> | 248. não | <input type="checkbox"/> |
| qual _____ | <input type="checkbox"/> |          |                          |

**Obrigada pela sua colaboração!**

**Marisa Freitas**

## B. DADOS ESTATÍSTICOS

### B1 - Caracterização geral

A organização do anexo respeitará a ordem de apresentação da investigação, possibilitando uma consulta mais célere e objectiva. Para tal faremos referência ao item apresentado, bem como à página em que se encontra.

#### 1. Actividade profissional antes da reforma (pag.75)

##### • Sexo masculino

	Freq.	%
Agricultor	23	27,1
Agricultor e negociante de gado	1	1,2
Ajudante de farmácia	1	1,2
Alfaiate	1	1,2
Bancário	1	1,2
Carpinteiro e metalúrgico	1	1,2
Carpinteiro no estrangeiro	1	1,2
Comerciante	3	3,5
Comerciante e agricultor	1	1,2
Condutor profissional no estrangeiro	1	1,2
Electricista	2	2,4
Empregado agrícola no estrangeiro	1	1,2
Empregado da construção civil	5	5,9
Empregado de escritório	2	2,4
Empregado dos CTT	1	1,2
Empregado fabril	6	7,1
Empregado fabril no estrangeiro	1	1,2
Empregado vinícola	1	1,2
Empresário	1	1,2
Encenador e bombeiro voluntário	1	1,2
Enfermeiro	2	2,4
Escriturário	1	1,2
Estivador	1	1,2
Estucador	1	1,2
Feirante	1	1,2
Ferreiro	1	1,2
Fiel de armazém	1	1,2
Jardineiro	1	1,2
Maquinista (comboios)	1	1,2
Motorista	3	3,6
Operador de máquinas no estrangeiro	1	1,2
Operário de construção de estradas	1	1,2
Pedreiro	1	1,2
Perfurador de poços	1	1,2
Pintor	1	1,2
Professor	2	2,4
Sapateiro	2	2,4
Serralheiro	2	2,4
Soldador mecânico	1	1,2
Taxista e mecânico	1	1,2
Técnico de contas	1	1,2
Vendedor	3	3,5
<b>Total</b>	<b>85</b>	<b>100,0</b>

##### • Sexo feminino

	Freq.	%
Agricultora	45	39,5
Auxiliar de acção educativa	1	,9
Cabeleireira	1	,9
Comerciante	7	6,1
Costureira	6	5,3
Cuidar de idosos no domicilio	1	,9
Directora da secretaria de uma escola	1	,9
Doméstica	23	20,2
Empregada de escritório	1	,9
Empregada de limpeza	2	1,8
Empregada de mesa	1	,9
Empregada de posto de leite	1	,9
Empregada de restaurante	2	1,8
Empregada doméstica	7	6,1
Empregada doméstica no estrangeiro	2	1,8
Empregada fabril	3	2,6
Empregada hospitalar	1	,9
Empregada vinícola	1	,9
Enfermeira	2	1,8
Feirante	1	,9
Jornaleira	2	1,8
Professora	2	1,8
Trabalhadora na indústria hoteleira	1	,9
<b>Total</b>	<b>114</b>	<b>100,0</b>

## 2. Outros rendimentos (pag.78)

	Frequência	Percentagem
bens	5	2,5
bens e poupanças	4	2,0
não quis referir	25	12,6
não sabe porque os filhos é que gerem	1	,5
poupanças	44	22,1
poupanças e rendas	5	2,5
prédios à renda	1	,5
rendas	6	3,0
rendas e bens	1	,5
rendimentos	1	,5

## 3. Manutenção de uma actividade profissional remunerada (pag.78)

	Frequência	Percentagem
agricultora	1	,5
alfaiate	1	,5
comerciante	2	1,0
Empregada de limpeza	1	,5
Empregada doméstica	2	1,0
vendedor	2	1,0

## 4. Descendência directa – n.º de filhos (pag.79)

	Frequência	Percentagem
1	45	23,8
2	90	47,6
3	37	19,6
4	7	3,7
5	7	3,7
6	1	,5
7	1	,5
8	1	,5
Total	189	100,0

## 5. Composição do agregado familiar (pag.79)

	não		sim	
	N	%	N	%
cônjuge,	33	22,0%	117	78,0%
filhos	92	61,3%	58	38,7%
netos	117	78,0%	33	22,0%
outro	115	76,7%	35	23,3%

## 6. Manutenção de uma actividade profissional – cônjuge (pag.81)

	Frequência	Percentagem
Agricultor	4	2,0
Agricultora	3	1,5
alfaiate	1	,5
Auxiliar educativa	1	,5
Auxiliar num lar de idosos	1	,5
Comerciante	2	1,0
Doméstica	1	,5
Empregada fabril	2	1,0
Vendedor de roupa	1	,5

## 7. Conceito de idoso (pag.83)

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2. <sup>a</sup> opção		1. <sup>a</sup> opção	
	N	%	N	%	N	%
1. ser experiente e ter sabedoria	120	60,3%	41	20,6%	38	19,1%
2. ser livre e não ter um trabalho	192	96,5%	5	2,5%	2	1,0%
3. estar reformado	169	84,9%	26	13,1%	4	2,0%
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	118	59,3%	33	16,6%	48	24,1%
5. já não ter força para trabalhar	150	75,4%	41	20,6%	8	4,0%
6. estar esquecido	197	99,0%	1	,5%	1	,5%
7. perder capacidades físicas	188	94,5%	7	3,5%	4	2,0%
8. perder capacidades psicológicas	199	100,0%				
9. ter mais de 65 anos	170	85,4%	5	2,5%	24	12,1%
10. ter mais de 75 anos	114	57,3%	14	7,0%	71	35,7%
11. outro	189	95,0%	4	2,0%	6	3,0%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.<sup>a</sup> opção; 2- 1.<sup>a</sup> opção.

## 8. Conceito de velho (pag.84)

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2. <sup>a</sup> opção		1. <sup>a</sup> opção	
	N	%	N	%	N	%
12. a mesma coisa que ser idoso	133	66,8%	1	,5%	65	32,7%
13. é estar reformado	191	96,0%	8	4,0%		
14. estar dependente dos outro	115	57,8%	28	14,1%	56	28,1%
15. perder capacidades físicas e psicológicas	105	52,8%	53	26,6%	41	20,6%
16. já não poder fazer nada	119	59,8%	63	31,7%	17	8,5%
17. ter mais de 65 anos	194	97,5%	5	2,5%		
18. ter mais de 75 anos	173	86,9%	13	6,5%	13	6,5%
19. outro	185	93,0%	7	3,5%	7	3,5%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.<sup>a</sup> opção; 2- 1.<sup>a</sup> opção.

## 9. Sentimentos sobre a velhice (pag.85)

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2. <sup>a</sup> opção		1. <sup>a</sup> opção	
	N	%	N	%	N	%
20. não penso nisso	141	70,9%	22	11,1%	36	18,1%
21. com tranquilidade e naturalidade	74	37,2%	36	18,1%	89	44,7%
22. bem, desde que tenha saúde	120	60,3%	68	34,2%	11	5,5%
23. preocupa-me o futuro (solidão)	172	86,4%	8	4,0%	19	9,5%
24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas	156	78,4%	13	6,5%	30	15,1%
25. sinto falta de uma profissão	197	99,0%	2	1,0%		
26. preocupa-me a parte psicológica	199	100,0%				
27. preocupa-me a parte física (estética)	199	100,0%				
28. preocupa-me a parte física (perda de capacidades/doenças)	144	72,4%	41	20,6%	14	7,0%
29. outro	194	97,5%	5	2,5%		

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.<sup>a</sup> opção; 2- 1.<sup>a</sup> opção.

**10. Percepção social da velhice (pag.86)**

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2. <sup>a</sup> opção		1. <sup>a</sup> opção	
	N	%	N	%	N	%
30. no geral são bem tratados	124	62,3%	13	6,5%	62	31,2%
31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário	198	99,5%	1	,5%		
32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	148	74,4%	34	17,1%	17	8,5%
33. são cuidados pelos seus familiares	178	89,4%	15	7,5%	6	3,0%
34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	195	98,0%			4	2,0%
35. são vistos como um empecilho	153	76,9%	11	5,5%	35	17,6%
36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	156	78,4%	25	12,6%	18	9,0%
37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	150	75,4%	21	10,6%	28	14,1%
38. são abandonados/ ignorados pela família (solidão/lar)	139	69,8%	42	21,1%	18	9,0%
39. são discriminados	189	95,0%	5	2,5%	5	2,5%
40. outro	166	83,4%	27	13,6%	6	3,0%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.<sup>a</sup> opção; 2- 1.<sup>a</sup> opção.

**11. Ocupação geral do tempo (pag.88)**

Tabela de frequências de respostas

	1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
53. agricultura	27	40,3%			4	6,0%			25	37,3%	11	16,4%
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	6	9,0%	3	4,5%	6	9,0%	1	1,5%			51	76,1%
55. a cuidar de netos ou outros	52	77,6%	1	1,5%	4	6,0%	1	1,5%	3	4,5%	6	9,0%
56. a ver TV ou ouvir rádio					10	14,9%			2	3,0%	55	82,1%
57. a ler revistas ou jornais	19	28,4%	1	1,5%	17	25,4%			21	31,3%	9	13,4%
58. a conviver com amigos ou vizinhos	2	3,0%			12	17,9%			23	34,3%	30	44,8%
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	13	19,4%			9	13,4%			33	49,3%	12	17,9%
60. outra	63	94,0%					1	1,5%	1	1,5%	2	3,0%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1- Nunca; 2- Só nas férias (uma vez por ano); 3- Algumas vezes (uma vez por mês); 4- Só ao fim de semana; 5- Com frequência (uma vez por semana); 6- Todos os dias.

Tabela de frequências de respostas

	1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
61. sozinho	48	72,7%			1	1,5%			3	4,5%	14	21,2%
62. em família, (cônjuge)	24	36,4%									42	63,6%
63. em família (filhos ou netos)	12	18,2%	15	22,7%	11	16,7%	2	3,0%	9	13,6%	17	25,8%
64. com amigos ou vizinhos	1	1,5%			11	16,7%			23	34,8%	31	47,0%
65. em grupo (variavam os parceiros)	36	54,5%	5	7,6%	10	15,2%	1	1,5%	13	19,7%	1	1,5%
66. outro	66	100,0%										

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1- Nunca; 2- Só nas férias (uma vez por ano); 3- Algumas vezes (uma vez por mês); 4- Só ao fim de semana; 5- Com frequência (uma vez por semana); 6- Todos os dias.

**12. Conceito de tempo livre (pag.89)**

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2. <sup>a</sup> opção		1. <sup>a</sup> opção	
	N	%	N	%	N	%
67. é estar sem fazer nada	141	70,9%	7	3,5%	51	25,6%
68. é fazer o que se quer	169	84,9%	19	9,5%	11	5,5%
69. é estar entretido	140	70,4%	16	8,0%	43	21,6%
70. é não estar a trabalhar	174	87,4%	15	7,5%	10	5,0%
71. é estar em casa	183	92,0%	12	6,0%	4	2,0%
72. é não estar em casa	142	71,4%	31	15,6%	26	13,1%
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	105	52,8%	52	26,1%	42	21,1%
74. é estar com a família ou amigos	154	77,4%	35	17,6%	10	5,0%
75. Outro	187	94,0%	10	5,0%	2	1,0%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.<sup>a</sup> opção; 2- 1.<sup>a</sup> opção.

### 13. Práticas de tempo livre

#### Categoria: "trabalhos domésticos e cuidados à família" (pag.90)

##### Tabela de frequências de respostas

	1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
76. arrumar e organizar as coisas da casa	119	59,8%			13	6,5%			35	17,6%	32	16,1%
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	124	62,3%	2	1,0%	17	8,5%			36	18,1%	20	10,1%
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	90	45,2%			13	6,5%	1	,5%	37	18,6%	58	29,1%
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	185	93,0%	3	1,5%	10	5,0%			1	,5%		
80. ir a mercados ou centros comerciais	44	22,1%	9	4,5%	78	39,2%	1	,5%	66	33,2%	1	,5%
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	157	78,9%	4	2,0%	11	5,5%	4	2,0%	17	8,5%	6	3,0%
82. cuidados e assistência à família	155	77,9%			6	3,0%			3	1,5%	35	17,6%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1- Nunca; 2- Só nas férias (uma vez por ano); 3- Algumas vezes (uma vez por mês); 4- Só ao fim de semana; 5- Com frequência (uma vez por semana); 6- Todos os dias

#### Categoria: "actividades cívicas e de voluntariado" (pag.90)

##### Tabela de frequências de respostas

	1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
83. trabalho voluntário	186	93,5%	2	1,0%	4	2,0%			4	2,0%	3	1,5%
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	169	84,9%	2	1,0%	8	4,0%	1	,5%	17	8,5%	2	1,0%
85. dedicar-se a actividades religiosas	154	77,4%	4	2,0%	13	6,5%	9	4,5%	16	8,0%	3	1,5%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1- Nunca; 2- Só nas férias (uma vez por ano); 3- Algumas vezes (uma vez por mês); 4- Só ao fim de semana; 5- Com frequência (uma vez por semana); 6- Todos os dias.

#### Categoria: "vida social e entretenimento e meios audiovisuais" (pag.91)

##### Tabela de frequências de respostas

	1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>Práticas culturais domésticas</b>												
86. ver televisão	3	1,5%			28	14,1%			7	3,5%	161	80,9%
87. ouvir rádio/música	78	39,2%	6	3,0%	64	32,2%			24	12,1%	27	13,6%
88. ler livros, jornais ou revistas	54	27,1%	3	1,5%	55	27,6%			51	25,6%	36	18,1%
<b>Práticas culturais de saída</b>												
89. ir ao cinema	193	97,0%	4	2,0%	2	1,0%						
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	179	89,9%	10	5,0%	7	3,5%			3	1,5%		
91. ir a museus e exposições	186	93,5%	10	5,0%	3	1,5%						
92. ir à biblioteca ou livraria	194	97,5%	3	1,5%	2	1,0%						
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	168	84,4%	4	2,0%	13	6,5%	4	2,0%	10	5,0%		
<b>Actividades socioculturais</b>												
94. frequentar praças ou jardins públicos	158	79,4%	6	3,0%	20	10,1%	2	1,0%	11	5,5%	2	1,0%
95. ir ao café ou à taberna	85	42,7%	5	2,5%	33	16,6%			24	12,1%	52	26,1%
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	109	54,8%	45	22,6%	40	20,1%	1	,5%	4	2,0%		
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	72	36,2%	35	17,6%	55	27,6%	3	1,5%	34	17,1%		
98. visitar e ser visitado	20	10,1%	15	7,5%	86	43,2%	9	4,5%	60	30,2%	9	4,5%
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	152	76,4%	2	1,0%	15	7,5%	6	3,0%	21	10,6%	3	1,5%
100. ir comer fora com familiares ou amigos	47	23,6%	48	24,1%	81	40,7%	5	2,5%	17	8,5%	1	,5%
101. conviver com vizinhos ou amigos	9	4,5%	4	2,0%	22	11,1%			70	35,2%	94	47,2%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1- Nunca; 2- Só nas férias (uma vez por ano); 3- Algumas vezes (uma vez por mês); 4- Só ao fim de semana; 5- Com frequência (uma vez por semana); 6- Todos os dias.

#### Categoria: "prática de desportos" (pag.92)

##### Tabela de frequências de respostas

	1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
102. passeios a pé	80	40,2%	1	,5%	39	19,6%			41	20,6%	38	19,1%
103. andar de bicicleta/correr	105	52,8%			28	14,1%			33	16,6%	33	16,6%
104. caça e pesca	191	96,0%	1	,5%	5	2,5%			2	1,0%		
105. prática de uma modalidade desportiva	188	94,5%	1	,5%			2	1,0%	6	3,0%	2	1,0%
106. outras actividades	199	100,0%										

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1- Nunca; 2- Só nas férias (uma vez por ano); 3- Algumas vezes (uma vez por mês); 4- Só ao fim de semana; 5- Com frequência (uma vez por semana); 6- Todos os dias.



**Férias (pag.93)**

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2.ª opção		1.ª opção	
	N	%	N	%	N	%
132. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)	126	63,3%	39	19,6%	34	17,1%
133. é não ter nada para fazer	137	68,8%	43	21,6%	19	9,5%
134. é sair do sítio onde vivo (praia, temas, visitar família, etc.)	43	21,6%	49	24,6%	107	53,8%
135. é ter tempo para mim	164	82,4%	26	13,1%	9	4,5%
136. é ir ao estrangeiro	190	95,5%	7	3,5%	2	1,0%
137. é ser reformado (considero que estou sempre de férias)	176	88,4%	5	2,5%	18	9,0%
138. Outro	174	87,4%	15	7,5%	10	5,0%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.ª opção; 2- 1.ª opção.

**14. Constrangimentos sociais e pessoais (pag.95)**

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
120. falta de tempo	27	0,22	0,58	260%	0	2
121. falta de transporte	27	0,07	0,27	360%	0	1
122. problemas financeiros	27	0,11	0,42	381%	0	2
123. doença	27	1,04	0,98	94%	0	2
124. inexistência da actividade que gostaria	27	0,48	0,75	156%	0	2
125. não ter companhia	27	0,48	0,75	156%	0	2
126. outro	27	0,26	0,66	253%	0	2

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.ª opção; 2- 1.ª opção.

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2.ª opção		1.ª opção	
	N	%	N	%	N	%
141. porque não gosto de abandonar a Casa	119	76,3%	16	10,3%	21	13,5%
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc)	123	78,8%	23	14,7%	10	6,4%
143. porque não tenho companhia	122	78,2%	20	12,8%	14	9,0%
144. porque acho que já passo férias todo o ano	122	78,2%	9	5,8%	25	16,0%
145. por questões financeiras	119	76,3%	12	7,7%	25	16,0%
146. por motivos de saúde	125	80,1%	12	7,7%	19	12,2%
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	109	69,9%	24	15,4%	23	14,7%
148. outro	114	73,1%	24	15,4%	18	11,5%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.ª opção; 2- 1.ª opção.

**15. Importância atribuída ao tempo livre (pag.96)**

	Frequência	Percentagem
nada importante	1	,5
pouco importante	9	4,5
importante	73	36,9
muito importante	115	58,1
Total	198	100,0

Verifica-se uma não resposta, que corresponde a 0,5% da amostra.

**16. Instituições locais - motivos de participação nas actividades (pag.98)**

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2.ª opção		1.ª opção	
	N	%	N	%	N	%
162. porque gosto da actividade	54	94,7%	1	1,8%	2	3,5%
163. porque gosto de participar	31	54,4%	5	8,8%	21	36,8%
164. porque gosto de conviver	8	14,0%	20	35,1%	29	50,9%
165. porque é gratuito	56	98,2%	1	1,8%		
166. porque me faz sentir bem	42	73,7%	13	22,8%	2	3,5%
167. porque os amigos também vão	38	66,7%	16	28,1%	3	5,3%
168. ns/nr	57	100,0%				
169. outro	56	98,2%	1	1,8%		

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.ª opção; 2- 1.ª opção.

**Motivos de não participação nas actividades (pag.98)**

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		2.ª opção		1.ª opção	
	N	%	N	%	N	%
176. não tenho transporte	141	99,3%	1	,7%		
177. não gosto de participar	90	63,4%	18	12,7%	34	23,9%
178. a saúde não permite	122	85,9%	2	1,4%	18	12,7%
179. não tenho tempo	132	93,0%	3	2,1%	7	4,9%
180. prefiro ficar em casa	74	52,1%	50	35,2%	18	12,7%
181. não tenho companhia	118	83,1%	12	8,5%	12	8,5%
182. não tive conhecimento	110	77,5%			32	22,5%
183. ns/nr	138	97,2%	3	2,1%	1	,7%
184. outro	101	71,1%	21	14,8%	20	14,1%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- Não assinalado; 1- 2.ª opção; 2- 1.ª opção.

**17. Associativismo (pag.99)**

Tabela de frequências de respostas

	Não assinalado		Assinalado	
	N	%	N	%
185. associações políticas	198	99,5%	1	,5%
186. associações religiosas	178	89,4%	21	10,6%
187. associações profissionais	199	100,0%		
188. associações desportivas	188	94,5%	11	5,5%
189. associações de solidariedade social	182	91,5%	17	8,5%
190. sociedades recreativas (jogos de sala, bilhar, etc.)	194	97,5%	5	2,5%
191. associações culturais	185	93,0%	14	7,0%
192. nenhuma	50	25,1%	149	74,9%

**Grau de intervenção associativa**

	Frequência	Percentagem
muito	6	8,5
pouco	44	62,0
mais ou menos	21	29,6
Total	71	100,0

Nesta sub-amostra, 14 elementos respondem não saber, o que corresponde a 9%.

**B2 – Análise comparativa****18. Conceito de idoso (pag.101)**

Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	3,03	4	0,553
2. ser livre e não ter um trabalho	9,92	4	0,042
3. estar reformado	8,20	4	0,085
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	7,73	4	0,102
5. já não ter força para trabalhar	7,12	4	0,130
6. estar esquecido	0,63	4	0,960
7. perder capacidades físicas	3,68	4	0,451
8. perder capacidades psicológicas	0,00	4	1,000
9. ter mais de 65 anos	2,75	4	0,600
10. ter mais de 75 anos	9,76	4	0,045
11. outro	2,36	4	0,670

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	4708	11611	-0,254	<b>0,799</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	4686,5	11589,5	-0,866	<b>0,387</b>
3. estar reformado	4572	7975	-0,907	<b>0,365</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	4549,5	11452,5	-0,704	<b>0,481</b>
5. já não ter força para trabalhar	4747	8150	-0,167	<b>0,868</b>
6. estar esquecido	4780	11683	-0,246	<b>0,806</b>
7. perder capacidades físicas	4449	7852	-2,198	<b>0,028</b>
8. perder capacidades psicológicas	4797	8200	0,000	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	4703,5	11606,5	-0,382	<b>0,703</b>
10. ter mais de 75 anos	4596,5	11499,5	-0,573	<b>0,567</b>
11. outro	4686,5	8089,5	-0,730	<b>0,465</b>

## Classe: Outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	4551,5	10222,5	-1,065	<b>0,287</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	4860,5	10531,5	-0,530	<b>0,596</b>
3. estar reformado	4929	9300	0,000	<b>1,000</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	4771,5	9142,5	-0,442	<b>0,659</b>
5. já não ter força para trabalhar	3916,5	8287,5	-3,329	<b>0,001</b>
6. estar esquecido	4922	10593	-0,100	<b>0,920</b>
7. perder capacidades físicas	4850	10521	-0,492	<b>0,623</b>
8. perder capacidades psicológicas	4929	9300	0,000	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	4659	9030	-1,088	<b>0,277</b>
10. ter mais de 75 anos	4173,5	9844,5	-2,129	<b>0,033</b>
11. outro	4602	10273	-2,131	<b>0,033</b>

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	4792,5	11347,5	-0,149	<b>0,881</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	4544,5	11099,5	-2,343	<b>0,019</b>
3. estar reformado	4710	11265	-0,541	<b>0,588</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	3851,5	7506,5	-2,812	<b>0,005</b>
5. já não ter força para trabalhar	4293	7948	-1,831	<b>0,067</b>
6. estar esquecido	4830	11385	-0,216	<b>0,829</b>
7. perder capacidades físicas	4825	11380	-0,126	<b>0,900</b>
8. perder capacidades psicológicas	4845	11400	0,000	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	4793	8448	-0,211	<b>0,833</b>
10. ter mais de 75 anos	3984	10539	-2,448	<b>0,014</b>
11. outro	4816	8471	-0,191	<b>0,849</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	0,15	2	<b>0,929</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	1,10	2	<b>0,578</b>
3. estar reformado	0,19	2	<b>0,909</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	0,65	2	<b>0,723</b>
5. já não ter força para trabalhar	0,65	2	<b>0,722</b>
6. estar esquecido	6,32	2	<b>0,042</b>
7. perder capacidades físicas	4,01	2	<b>0,134</b>
8. perder capacidades psicológicas	0,00	2	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	0,02	2	<b>0,989</b>
10. ter mais de 75 anos	1,69	2	<b>0,431</b>
11. outro	1,51	2	<b>0,469</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	0,64	3	<b>0,887</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	3,81	3	<b>0,283</b>
3. estar reformado	2,72	3	<b>0,436</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	1,89	3	<b>0,595</b>
5. já não ter força para trabalhar	10,73	3	<b>0,013</b>
6. estar esquecido	1,97	3	<b>0,579</b>

7. perder capacidades físicas	5,21	3	<b>0,157</b>
8. perder capacidades psicológicas	0,00	3	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	5,18	3	<b>0,159</b>
10. ter mais de 75 anos	5,55	3	<b>0,136</b>
11. outro	11,96	3	<b>0,008</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	5,69	4	<b>0,223</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	6,60	4	<b>0,159</b>
3. estar reformado	2,79	4	<b>0,593</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	6,27	4	<b>0,180</b>
5. já não ter força para trabalhar	7,75	4	<b>0,101</b>
6. estar esquecido	12,81	4	<b>0,012</b>
7. perder capacidades físicas	5,37	4	<b>0,251</b>
8. perder capacidades psicológicas	0,00	4	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	8,64	4	<b>0,071</b>
10. ter mais de 75 anos	2,69	4	<b>0,611</b>
11. outro	7,05	4	<b>0,133</b>

## Classe: freguesias

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	0,14	5	<b>1,000</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	2,07	5	<b>0,839</b>
3. estar reformado	2,09	5	<b>0,837</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	1,99	5	<b>0,850</b>
5. já não ter força para trabalhar	3,50	5	<b>0,623</b>
6. estar esquecido	4,26	5	<b>0,512</b>
7. perder capacidades físicas	4,37	5	<b>0,498</b>
8. perder capacidades psicológicas	0,00	5	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	14,27	5	<b>0,014</b>
10. ter mais de 75 anos	22,23	5	<b>0,000</b>
11. outro	10,34	5	<b>0,066</b>

## 19. Conceito de velho (pag.103)

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
12. a mesma coisa que ser idoso	4236	11139	-1,718	<b>0,086</b>
13. é estar reformado	4767,5	8170,5	-0,217	<b>0,828</b>
14. estar dependente dos outro	4594,5	7997,5	-0,573	<b>0,567</b>
15. perder capacidades físicas e psicológicas	4376	11279	-1,159	<b>0,247</b>
16. já não poder fazer nada	4345	7748	-1,302	<b>0,193</b>
17. ter mais de 65 anos	4791	8194	-0,055	<b>0,956</b>
18. ter mais de 75 anos	4775	11678	-0,094	<b>0,925</b>
19. outro	4422	7825	-2,116	<b>0,034</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
12. a mesma coisa que ser idoso	4,98	2	<b>0,083</b>
13. é estar reformado	0,21	2	<b>0,900</b>
14. estar dependente dos outro	2,54	2	<b>0,281</b>
15. perder capacidades físicas e psicológicas	0,69	2	<b>0,708</b>
16. já não poder fazer nada	9,47	2	<b>0,009</b>
17. ter mais de 65 anos	0,78	2	<b>0,676</b>
18. ter mais de 75 anos	0,85	2	<b>0,653</b>
19. outro	4,90	2	<b>0,086</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
12. a mesma coisa que ser idoso	0,44	2	<b>0,803</b>
13. é estar reformado	4,18	2	<b>0,124</b>
14. estar dependente dos outro	1,43	2	<b>0,490</b>
15. perder capacidades físicas e psicológicas	1,29	2	<b>0,526</b>
16. já não poder fazer nada	1,50	2	<b>0,471</b>
17. ter mais de 65 anos	6,61	2	<b>0,037</b>
18. ter mais de 75 anos	2,83	2	<b>0,242</b>
19. outro	4,65	2	<b>0,098</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
12. a mesma coisa que ser idoso	3660	8031	-3,834	<b>0,000</b>
13. é estar reformado	4855,5	9226,5	-0,533	<b>0,594</b>
14. estar dependente dos outro	4698	10369	-0,644	<b>0,519</b>
15. perder capacidades físicas e psicológicas	3955	9626	-2,645	<b>0,008</b>
16. já não poder fazer nada	3739	9410	-3,381	<b>0,001</b>
17. ter mais de 65 anos	4796	9167	-1,210	<b>0,226</b>
18. ter mais de 75 anos	4728	9099	-0,847	<b>0,397</b>
19. outro	4688	10359	-1,341	<b>0,180</b>

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
12. a mesma coisa que ser idoso	4207	7862	-1,944	<b>0,052</b>
13. é estar reformado	4787	11342	-0,424	<b>0,671</b>
14. estar dependente dos outro	4558,5	8213,5	-0,806	<b>0,420</b>
15. perder capacidades físicas e psicológicas	4441	10996	-1,106	<b>0,269</b>
16. já não poder fazer nada	4114	10669	-2,095	<b>0,036</b>
17. ter mais de 65 anos	4831,5	8486,5	-0,124	<b>0,901</b>
18. ter mais de 75 anos	4756	11311	-0,378	<b>0,705</b>
19. outro	4754	11309	-0,511	<b>0,609</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
12. a mesma coisa que ser idoso	10,06	4	<b>0,039</b>
13. é estar reformado	1,83	4	<b>0,767</b>
14. estar dependente dos outro	6,89	4	<b>0,142</b>
15. perder capacidades físicas e psicológicas	0,12	4	<b>0,998</b>
16. já não poder fazer nada	5,34	4	<b>0,254</b>
17. ter mais de 65 anos	1,01	4	<b>0,908</b>
18. ter mais de 75 anos	2,57	4	<b>0,631</b>
19. outro	11,65	4	<b>0,020</b>

## Classe: freguesias

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
12. a mesma coisa que ser idoso	7,66	5	<b>0,176</b>
13. é estar reformado	4,61	5	<b>0,465</b>
14. estar dependente dos outro	7,28	5	<b>0,201</b>
15. perder capacidades físicas e psicológicas	6,44	5	<b>0,266</b>
16. já não poder fazer nada	41,52	5	<b>0,000</b>
17. ter mais de 65 anos	6,06	5	<b>0,301</b>
18. ter mais de 75 anos	3,49	5	<b>0,625</b>
19. outro	1,60	5	<b>0,902</b>

## 20. Sentimentos sobre a velhice (pag. 105)

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
20. não penso nisso	4510,5	11413,5	-0,898	<b>0,369</b>
21. com tranquilidade e naturalidade	4437	7840	-0,975	<b>0,330</b>
22. bem, desde que tenha saúde	3799	7202	-2,900	<b>0,004</b>
23. preocupa-me o futuro (solidão)	4315,5	11218,5	-2,026	<b>0,043</b>
24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas	4738	11641	-0,206	<b>0,837</b>
25. sinto falta de uma profissão	4779,5	11682,5	-0,253	<b>0,800</b>
26. preocupa-me a parte psicológica	4797	8200	0,000	<b>1,000</b>
27. preocupa-me a parte física (estética)	4797	8200	0,000	<b>1,000</b>
28. preocupa-me a parte física (perda de capacidades/doenças)	4602	11505	-0,623	<b>0,533</b>
29. outro	4703,5	11606,5	-0,863	<b>0,388</b>

## Classe: motivo da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
20. não penso nisso	8,51	3	<b>0,037</b>
21. com tranquilidade e naturalidade	1,27	3	<b>0,736</b>
22. bem, desde que tenha saúde	3,98	3	<b>0,264</b>
23. preocupa-me o futuro (solidão)	0,74	3	<b>0,863</b>
24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas	5,95	3	<b>0,114</b>
25. sinto falta de uma profissão	3,41	3	<b>0,332</b>
26. preocupa-me a parte psicológica	0,00	3	<b>1,000</b>
27. preocupa-me a parte física (estética)	0,00	3	<b>1,000</b>
28. preocupa-me a parte física (perda de capacidades/doenças)	5,37	3	<b>0,147</b>
29. outro	1,84	3	<b>0,606</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
20. não penso nisso	4,86	4	<b>0,302</b>
21. com tranquilidade e naturalidade	3,77	4	<b>0,438</b>
22. bem, desde que tenha saúde	8,09	4	<b>0,088</b>
23. preocupa-me o futuro (solidão)	0,48	4	<b>0,976</b>
24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas	14,61	4	<b>0,006</b>
25. sinto falta de uma profissão	3,48	4	<b>0,481</b>
26. preocupa-me a parte psicológica	0,00	4	<b>1,000</b>
27. preocupa-me a parte física (estética)	0,00	4	<b>1,000</b>
28. preocupa-me a parte física (perda de capacidades/doenças)	3,04	4	<b>0,552</b>
29. outro	15,44	4	<b>0,004</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
20. não penso nisso	4704,5	9075,5	-0,694	<b>0,488</b>
21. com tranquilidade e naturalidade	4159	9830	-2,057	<b>0,040</b>
22. bem, desde que tenha saúde	4269	9940	-1,892	<b>0,058</b>
23. preocupa-me o futuro (solidão)	4902	9273	-0,112	<b>0,911</b>
24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas	4284,5	8655,5	-2,217	<b>0,027</b>
25. sinto falta de uma profissão	4922,5	10593,5	-0,093	<b>0,926</b>
26. preocupa-me a parte psicológica	4929	9300	0,000	<b>1,000</b>
27. preocupa-me a parte física (estética)	4929	9300	0,000	<b>1,000</b>
28. preocupa-me a parte física (perda de capacidades/doenças)	4451,5	8822,5	-1,506	<b>0,132</b>
29. outro	4895,5	9266,5	-0,305	<b>0,760</b>

## 21. Preocupações relativas ao envelhecimento (pag.106)

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
41. problemas de saúde	1,05	3	<b>0,789</b>
42. problemas económicos	5,50	3	<b>0,139</b>
43. solidão/exclusão	1,58	3	<b>0,663</b>
44. ir para um lar	7,98	3	<b>0,046</b>
45. falta de apoio e assistência familiar	8,69	3	<b>0,034</b>
46. falta de uma ocupação	1,35	3	<b>0,718</b>
47. nenhum	5,40	3	<b>0,145</b>
48. outro	0,88	3	<b>0,830</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
41. problemas de saúde	1,41	2	<b>0,495</b>
42. problemas económicos	1,59	2	<b>0,451</b>
43. solidão/exclusão	2,43	2	<b>0,297</b>
44. ir para um lar	0,46	2	<b>0,793</b>
45. falta de apoio e assistência familiar	11,51	2	<b>0,003</b>
46. falta de uma ocupação	2,95	2	<b>0,229</b>
47. nenhum	2,69	2	<b>0,261</b>
48. outro	1,87	2	<b>0,393</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
41. problemas de saúde	4463,5	8834,5	-1,283	<b>0,200</b>
42. problemas económicos	4749,5	9120,5	-1,495	<b>0,135</b>
43. solidão/exclusão	4711	10382	-0,821	<b>0,411</b>
44. ir para um lar	4920,5	9291,5	-0,030	<b>0,976</b>
45. falta de apoio e assistência familiar	4877	10548	-0,219	<b>0,826</b>
46. falta de uma ocupação	4583	10254	-1,927	<b>0,054</b>
47. nenhum	4831	10502	-0,314	<b>0,753</b>
48. outro	4155,5	9826,5	-2,415	<b>0,016</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
41. problemas de saúde	5,54	5	<b>0,353</b>
42. problemas económicos	2,75	5	<b>0,738</b>
43. solidão/exclusão	5,59	5	<b>0,348</b>
44. ir para um lar	10,30	5	<b>0,067</b>
45. falta de apoio e assistência familiar	9,32	5	<b>0,097</b>
46. falta de uma ocupação	12,29	5	<b>0,031</b>
47. nenhum	2,13	5	<b>0,831</b>
48. outro	6,46	5	<b>0,264</b>

## 22. Percepção social da velhice (pag.107)

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
30. no geral são bem tratados	4554	11109	-0,849	<b>0,396</b>
31. já existem muitas actividades orientadas para este gr etário	4788	11343	-1,158	<b>0,247</b>
32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	3885,5	10440,5	-3,127	<b>0,002</b>
33. são cuidados pelos seus familiares	4837,5	11392,5	-0,035	<b>0,972</b>
34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	4675	8330	-1,740	<b>0,082</b>
35. são vistos como um empecilho	4186	7841	-2,232	<b>0,026</b>
36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	4663,5	8318,5	-0,629	<b>0,529</b>
37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	4447	11002	-1,314	<b>0,189</b>
38. são abandonados/ ignorados pela família (solidão/lar)	4345	8000	-1,544	<b>0,123</b>
39. são discriminados	4721	8376	-0,815	<b>0,415</b>
40. outro	4830,5	11385,5	-0,056	<b>0,955</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
30. no geral são bem tratados	8,69	2	<b>0,013</b>
31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário	0,51	2	<b>0,774</b>
32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	2,06	2	<b>0,357</b>
33. são cuidados pelos seus familiares	6,47	2	<b>0,039</b>
34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	3,07	2	<b>0,215</b>
35. são vistos como um empecilho	3,54	2	<b>0,171</b>
36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	6,77	2	<b>0,034</b>
37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	2,60	2	<b>0,273</b>
38. são abandonados/ ignorados pela família (solidão/lar)	0,18	2	<b>0,912</b>
39. são discriminados	1,28	2	<b>0,526</b>
40. outro	0,38	2	<b>0,826</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
30. no geral são bem tratados	4,18	4	<b>0,382</b>
31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário	0,90	4	<b>0,925</b>
32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	2,24	4	<b>0,692</b>
33. são cuidados pelos seus familiares	7,68	4	<b>0,104</b>
34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	5,11	4	<b>0,277</b>
35. são vistos como um empecilho	13,32	4	<b>0,010</b>
36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	1,19	4	<b>0,880</b>
37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	3,74	4	<b>0,442</b>
38. são abandonados/ ignorados pela família (solidão/lar)	2,11	4	<b>0,715</b>
39. são discriminados	5,25	4	<b>0,263</b>
40. outro	0,89	4	<b>0,926</b>

## Classe: motivo da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
30. no geral são bem tratados	3,95	3	<b>0,266</b>
31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário	0,90	3	<b>0,827</b>
32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	3,79	3	<b>0,286</b>
33. são cuidados pelos seus familiares	2,41	3	<b>0,492</b>
34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	1,60	3	<b>0,658</b>
35. são vistos como um empecilho	12,35	3	<b>0,006</b>
36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	2,02	3	<b>0,569</b>
37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	1,51	3	<b>0,680</b>
38. são abandonados/ ignorados pela família (solidão/lar)	2,99	3	<b>0,393</b>
39. são discriminados	2,16	3	<b>0,541</b>
40. outro	3,73	3	<b>0,292</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
30. no geral são bem tratados	15,30	5	<b>0,009</b>
31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário	5,86	5	<b>0,320</b>
32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	6,52	5	<b>0,259</b>
33. são cuidados pelos seus familiares	15,89	5	<b>0,007</b>
34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	4,08	5	<b>0,539</b>
35. são vistos como um empecilho	8,00	5	<b>0,156</b>
36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	1,37	5	<b>0,927</b>
37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	2,34	5	<b>0,800</b>
38. são abandonados/ ignorados pela família (solidão/lar)	8,72	5	<b>0,121</b>
39. são discriminados	2,80	5	<b>0,731</b>
40. outro	21,44	5	<b>0,001</b>

**23. Distinção entre tempo livre e trabalho antes da reforma (pag.108)**

Estatística	G.L.	Monte Carlo	
		Valor de prova	Valor de prova
9,943(b)	1	<b>,002</b>	,003

**24. Distinção entre tempo livre e trabalho depois da reforma (pag.109)**

Estatística	G.L.	Monte Carlo	
		Valor de prova	Valor de prova
9,187(a)	2	<b>,010</b>	,010

**25. Ocupação do tempo (pag.110)**

Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
53. agricultura	509	1370	-0,049	<b>0,961</b>
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	480	1341	-0,572	<b>0,567</b>
55. a cuidar de netos ou outros	504,5	1365,5	-0,144	<b>0,885</b>
56. a ver TV ou ouvir rádio	396,5	1257,5	-2,289	<b>0,022</b>
57. a ler revistas ou jornais	355	1216	-2,160	<b>0,031</b>
58. a conviver com amigos ou vizinhos	491	1352	-0,305	<b>0,760</b>
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	313	638	-2,827	<b>0,005</b>
60. outra	494,5	1355,5	-0,575	<b>0,565</b>

Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
53. agricultura	1,58	4	<b>0,813</b>
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	1,74	4	<b>0,783</b>
55. a cuidar de netos ou outros	2,14	4	<b>0,710</b>
56. a ver TV ou ouvir rádio	3,98	4	<b>0,409</b>
57. a ler revistas ou jornais	18,13	4	<b>0,001</b>
58. a conviver com amigos ou vizinhos	2,47	4	<b>0,650</b>
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	3,72	4	<b>0,445</b>
60. outra	1,61	4	<b>0,807</b>

Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
53. agricultura	423	774	-1,357	<b>0,175</b>
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	229	580	-5,086	<b>0,000</b>
55. a cuidar de netos ou outros	485,5	836,5	-0,617	<b>0,537</b>
56. a ver TV ou ouvir rádio	416	767	-2,037	<b>0,042</b>
57. a ler revistas ou jornais	512	863	-0,109	<b>0,913</b>
58. a conviver com amigos ou vizinhos	447	1267	-1,029	<b>0,304</b>
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	477	1297	-0,605	<b>0,545</b>
60. outra	500,5	851,5	-0,619	<b>0,536</b>

Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
53. agricultura	1,52	2	<b>0,468</b>
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	35,84	2	<b>0,000</b>
55. a cuidar de netos ou outros	3,87	2	<b>0,144</b>
56. a ver TV ou ouvir rádio	3,74	2	<b>0,154</b>
57. a ler revistas ou jornais	3,69	2	<b>0,158</b>
58. a conviver com amigos ou vizinhos	0,69	2	<b>0,709</b>
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	1,86	2	<b>0,395</b>
60. outra	1,06	2	<b>0,588</b>

Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
53. agricultura	3,80	4	<b>0,434</b>
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	3,63	4	<b>0,459</b>
55. a cuidar de netos ou outros	1,91	4	<b>0,752</b>
56. a ver TV ou ouvir rádio	2,46	4	<b>0,652</b>
57. a ler revistas ou jornais	3,31	4	<b>0,507</b>
58. a conviver com amigos ou vizinhos	7,87	4	<b>0,096</b>
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	10,33	4	<b>0,035</b>
60. outra	1,52	4	<b>0,823</b>



## Classe: motivo da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
53. agricultura	2,34	3	<b>0,506</b>
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	10,49	3	<b>0,015</b>
55. a cuidar de netos ou outros	1,94	3	<b>0,585</b>
56. a ver TV ou ouvir rádio	2,08	3	<b>0,555</b>
57. a ler revistas ou jornais	3,23	3	<b>0,358</b>
58. a conviver com amigos ou vizinhos	4,30	3	<b>0,231</b>
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	0,96	3	<b>0,810</b>
60. outra	3,31	3	<b>0,346</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
53. agricultura	5,31	5	<b>0,379</b>
54. em família (cônjuge, filhos, netos)	6,30	5	<b>0,278</b>
55. a cuidar de netos ou outros	14,53	5	<b>0,013</b>
56. a ver TV ou ouvir rádio	3,74	5	<b>0,588</b>
57. a ler revistas ou jornais	1,56	5	<b>0,906</b>
58. a conviver com amigos ou vizinhos	3,98	5	<b>0,552</b>
59. em pequenas tarefas (costura- mecânica, jardinagem, etc)	4,14	5	<b>0,529</b>
60. outra	2,57	5	<b>0,766</b>

## 26. Redes sociais dos idosos que referiram fazer a distinção entre tempos (pag.112)

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
61. sozinho	419	744	-1,588	<b>0,112</b>
62. em família, (cônjuge)	344,5	1205,5	-2,665	<b>0,008</b>
63. em família (filhos ou netos)	436	761	-1,033	<b>0,302</b>
64. com amigos ou vizinhos	498	823	-0,208	<b>0,835</b>
65. em grupo (variam os parceiros)	427,5	1288,5	-1,236	<b>0,216</b>
66. outro	512,5	1373,5	0,000	<b>1,000</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
61. sozinho	213	1033	-5,176	<b>0,000</b>
62. em família, (cônjuge)	40	391	-7,559	<b>0,000</b>
63. em família (filhos ou netos)	500,5	1320,5	-0,261	<b>0,794</b>
64. com amigos ou vizinhos	467	1287	-0,755	<b>0,451</b>
65. em grupo (variam os parceiros)	514	1334	-0,087	<b>0,931</b>
66. outro	520	871	0,000	<b>1,000</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
61. sozinho	29,19	2	<b>0,000</b>
62. em família, (cônjuge)	34,73	2	<b>0,000</b>
63. em família (filhos ou netos)	5,70	2	<b>0,058</b>
64. com amigos ou vizinhos	0,19	2	<b>0,909</b>
65. em grupo (variam os parceiros)	0,45	2	<b>0,797</b>
66. outro	0,00	2	<b>1,000</b>

## 27. Conceito de tempo livre (pag.113)

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
67. é estar sem fazer nada	4056	10611	-2,479	<b>0,013</b>
68. é fazer o que se quer	4590	11145	-1,021	<b>0,307</b>
69. é estar entretido	4359	8014	-1,510	<b>0,131</b>
70. é não estar a trabalhar	4629	11184	-0,934	<b>0,350</b>
71. é estar em casa	4660,5	8315,5	-0,974	<b>0,330</b>
72. é não estar em casa	4273,5	10828,5	-1,791	<b>0,073</b>
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	3784,5	7439,5	-2,904	<b>0,004</b>
74. é estar com a família ou amigos	4705,5	11260,5	-0,476	<b>0,634</b>
75. Outro	4630,5	8285,5	-1,294	<b>0,196</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
67. é estar sem fazer nada	1,60	3	<b>0,658</b>
68. é fazer o que se quer	2,09	3	<b>0,553</b>
69. é estar entretido	0,34	3	<b>0,953</b>
70. é não estar a trabalhar	2,73	3	<b>0,435</b>
71. é estar em casa	14,08	3	<b>0,003</b>
72. é não estar em casa	1,36	3	<b>0,715</b>
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	13,62	3	<b>0,003</b>
74. é estar com a família ou amigos	1,04	3	<b>0,791</b>
75. Outro	5,91	3	<b>0,116</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
67. é estar sem fazer nada	2,08	4	<b>0,721</b>
68. é fazer o que se quer	11,04	4	<b>0,026</b>
69. é estar entretido	2,70	4	<b>0,609</b>
70. é não estar a trabalhar	1,74	4	<b>0,783</b>
71. é estar em casa	5,62	4	<b>0,229</b>
72. é não estar em casa	6,52	4	<b>0,164</b>
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	12,93	4	<b>0,012</b>
74. é estar com a família ou amigos	5,15	4	<b>0,273</b>
75. Outro	3,38	4	<b>0,497</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
67. é estar sem fazer nada	7,52	2	<b>0,023</b>
68. é fazer o que se quer	0,27	2	<b>0,875</b>
69. é estar entretido	2,29	2	<b>0,319</b>
70. é não estar a trabalhar	0,23	2	<b>0,893</b>
71. é estar em casa	2,60	2	<b>0,273</b>
72. é não estar em casa	0,41	2	<b>0,816</b>
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	5,33	2	<b>0,070</b>
74. é estar com a família ou amigos	2,75	2	<b>0,253</b>
75. Outro	0,77	2	<b>0,681</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
67. é estar sem fazer nada	1,95	2	<b>0,377</b>
68. é fazer o que se quer	0,20	2	<b>0,905</b>
69. é estar entretido	2,00	2	<b>0,369</b>
70. é não estar a trabalhar	3,97	2	<b>0,137</b>
71. é estar em casa	8,21	2	<b>0,016</b>
72. é não estar em casa	0,02	2	<b>0,991</b>
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	5,88	2	<b>0,053</b>
74. é estar com a família ou amigos	0,07	2	<b>0,965</b>
75. Outro	0,06	2	<b>0,969</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
67. é estar sem fazer nada	7,39	5	<b>0,193</b>
68. é fazer o que se quer	2,78	5	<b>0,734</b>
69. é estar entretido	13,98	5	<b>0,016</b>
70. é não estar a trabalhar	3,46	5	<b>0,629</b>
71. é estar em casa	17,02	5	<b>0,004</b>
72. é não estar em casa	3,00	5	<b>0,700</b>
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	17,96	5	<b>0,003</b>
74. é estar com a família ou amigos	6,42	5	<b>0,268</b>
75. Outro	0,63	5	<b>0,987</b>

**28. Tempo livre – trabalhos domésticos e cuidados à família (pag.115)**

## Classe: gênero

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	2972	6627	-5,290	<b>0,000</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	3266	6921	-4,535	<b>0,000</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	3852,5	7507,5	-2,639	<b>0,008</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	4147,5	10702,5	-3,916	<b>0,000</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	4521	8176	-0,853	<b>0,393</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	4843,5	8498,5	-0,005	<b>0,996</b>
82. cuidados e assistência à família	4341,5	7996,5	-1,734	<b>0,083</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	1,22	3	<b>0,749</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	4,88	3	<b>0,181</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	0,24	3	<b>0,971</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	1,62	3	<b>0,655</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	4,66	3	<b>0,198</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	15,65	3	<b>0,001</b>
82. cuidados e assistência à família	9,26	3	<b>0,026</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	8,97	4	<b>0,062</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	2,79	4	<b>0,594</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	14,49	4	<b>0,006</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	16,86	4	<b>0,002</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	9,02	4	<b>0,061</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	7,47	4	<b>0,113</b>
82. cuidados e assistência à família	0,54	4	<b>0,969</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	3772	10675	-2,909	<b>0,004</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	4630,5	11533,5	-0,481	<b>0,631</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	4605,5	8008,5	-0,512	<b>0,609</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	4424	7827	-2,105	<b>0,035</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	4192	7595	-1,602	<b>0,109</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	4781,5	8184,5	-0,054	<b>0,957</b>
82. cuidados e assistência à família	4094,5	7497,5	-2,432	<b>0,015</b>

## Classe: agregado familiar

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	3772	10675	-2,909	<b>0,004</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	4630,5	11533,5	-0,481	<b>0,631</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	4605,5	8008,5	-0,512	<b>0,609</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	4424	7827	-2,105	<b>0,035</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	4192	7595	-1,602	<b>0,109</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	4781,5	8184,5	-0,054	<b>0,957</b>
82. cuidados e assistência à família	4094,5	7497,5	-2,432	<b>0,015</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	7,66	2	<b>0,022</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	0,56	2	<b>0,755</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	0,51	2	<b>0,774</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	1,84	2	<b>0,398</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	1,21	2	<b>0,545</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	4,60	2	<b>0,100</b>
82. cuidados e assistência à família	0,58	2	<b>0,747</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	4,87	4	<b>0,301</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	5,65	4	<b>0,226</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	2,98	4	<b>0,561</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	14,26	4	<b>0,007</b>

80. ir a mercados ou centros comerciais	3,88	4	<b>0,423</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	5,63	4	<b>0,229</b>
82. cuidados e assistência á família	1,51	4	<b>0,826</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	4484	8855	-1,246	<b>0,213</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	4476,5	8847,5	-1,289	<b>0,198</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	4905	9276	-0,063	<b>0,950</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	4877,5	10548,5	-0,287	<b>0,774</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	4149	9820	-2,037	<b>0,042</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	4363,5	8734,5	-1,957	<b>0,050</b>
82. cuidados e assistência á família	4750,5	9121,5	-0,610	<b>0,542</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	7,90	5	<b>0,162</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	2,96	5	<b>0,706</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	24,54	5	<b>0,000</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	14,37	5	<b>0,013</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	13,67	5	<b>0,018</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	8,70	5	<b>0,122</b>
82. cuidados e assistência á família	16,76	5	<b>0,005</b>

## 29. Tempo livre – actividades cívicas e voluntariado (pag.117)

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
83. trabalho voluntário	4494	8149	-2,039	<b>0,041</b>
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	4813	11368	-0,128	<b>0,898</b>
85. dedicar-se a actividades religiosas	3630	7285	-4,131	<b>0,000</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
83. trabalho voluntário	2,98	4	<b>0,562</b>
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	12,48	4	<b>0,014</b>
85. dedicar-se a actividades religiosas	8,85	4	<b>0,065</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
83. trabalho voluntário	4242	11145	-3,241	<b>0,001</b>
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	4344,5	11247,5	-1,819	<b>0,069</b>
85. dedicar-se a actividades religiosas	4119,5	11022,5	-2,315	<b>0,021</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
83. trabalho voluntário	3,75	2	<b>0,153</b>
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	13,72	2	<b>0,001</b>
85. dedicar-se a actividades religiosas	7,07	2	<b>0,029</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
83. trabalho voluntário	9,98	4	<b>0,041</b>
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	13,48	4	<b>0,009</b>
85. dedicar-se a actividades religiosas	10,11	4	<b>0,039</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
83. trabalho voluntário	4519,5	8890,5	-2,359	<b>0,018</b>
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	4664,5	9035,5	-1,049	<b>0,294</b>
85. dedicar-se a actividades religiosas	3962	8333	-3,260	<b>0,001</b>

**30. Tempo livre: vida social e entretenimento – práticas culturais domésticas (pag.118)**

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
86. ver televisão	3720	10275	-4,094	<b>0,000</b>
87. ouvir rádio/música	3619,5	10174,5	-3,210	<b>0,001</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	2953	9508	-4,866	<b>0,000</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
86. ver televisão	7,79	3	<b>0,051</b>
87. ouvir rádio/música	6,04	3	<b>0,109</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	7,81	3	<b>0,050</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
86. ver televisão	7,61	4	<b>0,107</b>
87. ouvir rádio/música	14,91	4	<b>0,005</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	77,45	4	<b>0,000</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
86. ver televisão	4044	7447	-2,754	<b>0,006</b>
87. ouvir rádio/música	3763,5	7166,5	-2,721	<b>0,007</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	4238,5	7641,5	-1,444	<b>0,149</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
86. ver televisão	6,54	2	<b>0,038</b>
87. ouvir rádio/música	7,42	2	<b>0,024</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	0,07	2	<b>0,964</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
86. ver televisão	4,95	2	<b>0,084</b>
87. ouvir rádio/música	0,99	2	<b>0,611</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	6,44	2	<b>0,040</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
86. ver televisão	6,03	4	<b>0,197</b>
87. ouvir rádio/música	5,99	4	<b>0,200</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	12,88	4	<b>0,012</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
86. ver televisão	6,35	5	<b>0,274</b>
87. ouvir rádio/música	14,08	5	<b>0,015</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	11,17	5	<b>0,048</b>

**31. Tempo livre: vida social e entretenimento – práticas culturais de saída (pag.118)**

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
89. ir ao cinema	4798,5	11353,5	-0,391	<b>0,696</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	4685,5	11240,5	-0,761	<b>0,447</b>
91. ir a museus e exposições	4600,5	11155,5	-1,421	<b>0,155</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	4560	11115	-2,616	<b>0,009</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	3360	9915	-5,858	<b>0,000</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
89. ir ao cinema	9,19	3	<b>0,027</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	2,98	3	<b>0,395</b>
91. ir amuseus e exposições	1,30	3	<b>0,730</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	1,73	3	<b>0,630</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	6,01	3	<b>0,111</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
89. ir ao cinema	21,46	4	<b>0,000</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	2,55	4	<b>0,637</b>
91. ir amuseus e exposições	10,48	4	<b>0,033</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	15,77	4	<b>0,003</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	18,15	4	<b>0,001</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
89. ir ao cinema	4649,5	8052,5	-1,245	<b>0,213</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	4641,5	11544,5	-0,746	<b>0,456</b>
91. ir amuseus e exposições	4729	11632	-0,397	<b>0,691</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	4791,5	8194,5	-0,051	<b>0,960</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	4289	7692	-2,014	<b>0,044</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
89. ir ao cinema	4,36	2	<b>0,113</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	3,28	2	<b>0,194</b>
91. ir amuseus e exposições	2,35	2	<b>0,308</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	0,15	2	<b>0,926</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	7,06	2	<b>0,029</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
89. ir ao cinema	1,07	2	<b>0,585</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	2,93	2	<b>0,232</b>
91. ir a museus e exposições	0,70	2	<b>0,704</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	9,98	2	<b>0,007</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	0,31	2	<b>0,855</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
89. ir ao cinema	8,90	4	<b>0,064</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	4,74	4	<b>0,315</b>
91. ir amuseus e exposições	4,83	4	<b>0,306</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	15,36	4	<b>0,004</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	4,97	4	<b>0,291</b>

## Classe: motivo da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
89. ir ao cinema	0,89	3	<b>0,829</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	2,39	3	<b>0,495</b>
91. ir amuseus e exposições	1,16	3	<b>0,762</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	9,24	3	<b>0,026</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	11,03	3	<b>0,012</b>

**32. Tempo livre: vida social e entretenimento – actividades socioculturais (pag.120)**

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	4217,5	10772,5	-2,212	<b>0,027</b>
95. ir ao café ou à taberna	2438	8993	-6,321	<b>0,000</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	4118,5	10673,5	-2,001	<b>0,045</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	4588,5	11143,5	-0,665	<b>0,506</b>
98. visitar e ser visitado	4424,5	8079,5	-1,109	<b>0,267</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	3083	9638	-5,897	<b>0,000</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	4310	10865	-1,400	<b>0,162</b>
101. conviver com vizinhos ou amigos	4653,5	11208,5	-0,517	<b>0,605</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	8,84	3	<b>0,032</b>
95. ir ao café ou à taberna	23,38	3	<b>0,000</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	7,98	3	<b>0,046</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	10,43	3	<b>0,015</b>
98. visitar e ser visitado	2,58	3	<b>0,461</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	5,89	3	<b>0,117</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	0,95	3	<b>0,814</b>
101.conviver com vizinhos ou amigos	1,65	3	<b>0,649</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	9,87	4	<b>0,043</b>
95. ir ao café ou à taberna	27,91	4	<b>0,000</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	5,28	4	<b>0,260</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	5,53	4	<b>0,237</b>
98. visitar e ser visitado	4,15	4	<b>0,386</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	20,80	4	<b>0,000</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	6,79	4	<b>0,147</b>
101.conviver com vizinhos ou amigos	2,33	4	<b>0,675</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	4361	7764	-1,545	<b>0,122</b>
95. ir ao café ou à taberna	4082	7485	-1,887	<b>0,059</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	3936	7339	-2,384	<b>0,017</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	4514,5	7917,5	-0,736	<b>0,462</b>
98. visitar e ser visitado	4555,5	7958,5	-0,640	<b>0,522</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	4055,5	7458,5	-2,494	<b>0,013</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	4136,5	7539,5	-1,737	<b>0,082</b>
101.conviver com vizinhos ou amigos	4412	11315	-1,045	<b>0,296</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	8,01	2	<b>0,018</b>
95. ir ao café ou à taberna	9,49	2	<b>0,009</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	6,25	2	<b>0,044</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	9,25	2	<b>0,010</b>
98. visitar e ser visitado	10,51	2	<b>0,005</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	8,68	2	<b>0,013</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	5,78	2	<b>0,055</b>
101.conviver com vizinhos ou amigos	7,85	2	<b>0,020</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	11,54	2	<b>0,003</b>
95. ir ao café ou à taberna	13,25	2	<b>0,001</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	1,84	2	<b>0,398</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	1,17	2	<b>0,557</b>
98. visitar e ser visitado	0,61	2	<b>0,739</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	6,66	2	<b>0,036</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	1,58	2	<b>0,453</b>
101.conviver com vizinhos ou amigos	1,27	2	<b>0,530</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	10,78	4	<b>0,029</b>
95. ir ao café ou à taberna	17,98	4	<b>0,001</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	6,70	4	<b>0,153</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	1,77	4	<b>0,777</b>
98. visitar e ser visitado	7,52	4	<b>0,111</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	15,94	4	<b>0,003</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	6,66	4	<b>0,155</b>
101.conviver com vizinhos ou amigos	4,57	4	<b>0,334</b>

## Classe: motivo da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	4,67	3	<b>0,198</b>
95. ir ao café ou à taberna	5,67	3	<b>0,129</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	2,39	3	<b>0,496</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	7,12	3	<b>0,068</b>
98. visitar e ser visitado	9,20	3	<b>0,027</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	15,61	3	<b>0,001</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	1,11	3	<b>0,774</b>
101. conviver com vizinhos ou amigos	2,33	3	<b>0,507</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	4794	10465	-0,472	<b>0,637</b>
95. ir ao café ou à taberna	4409	10080	-1,354	<b>0,176</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	4924,5	9295,5	-0,012	<b>0,990</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	3822	9493	-2,846	<b>0,004</b>
98. visitar e ser visitado	4145	8516	-2,050	<b>0,040</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	4507	10178	-1,400	<b>0,161</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	4661,5	10332,5	-0,694	<b>0,488</b>
101. conviver com vizinhos ou amigos	4156	8527	-2,069	<b>0,039</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	5,87	5	<b>0,319</b>
95. ir ao café ou à taberna	22,41	5	<b>0,000</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	1,28	5	<b>0,937</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	15,20	5	<b>0,010</b>
98. visitar e ser visitado	11,81	5	<b>0,037</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	7,93	5	<b>0,160</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	8,71	5	<b>0,121</b>
101. conviver com vizinhos ou amigos	9,76	5	<b>0,082</b>

## 33. Prática de desportos (pag.122)

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
102. passeios a pé	4326	7981	-1,352	<b>0,176</b>
103. andar de bicicleta/correr	3886,5	10441,5	-2,600	<b>0,009</b>
104. caça e pesca	4389	10944	-3,334	<b>0,001</b>
105. prática de uma modalidade desportiva	4818	11373	-0,170	<b>0,865</b>
106. outras actividades	4845	11400	0,000	<b>1,000</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
102. passeios a pé	2,20	3	<b>0,532</b>
103. andar de bicicleta/correr	10,01	3	<b>0,018</b>
104. caça e pesca	5,40	3	<b>0,145</b>
105. prática de uma modalidade desportiva	6,79	3	<b>0,079</b>
106. outras actividades	0,00	3	<b>1,000</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
102. passeios a pé	3858,5	10761,5	-2,458	<b>0,014</b>
103. andar de bicicleta/correr	4008,5	7411,5	-2,150	<b>0,032</b>
104. caça e pesca	4469	7872	-2,410	<b>0,016</b>
105. prática de uma modalidade desportiva	4740	11643	-0,360	<b>0,719</b>
106. outras actividades	4797	8200	0,000	<b>1,000</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
102. passeios a pé	8,92	2	<b>0,012</b>
103. andar de bicicleta/correr	2,84	2	<b>0,241</b>
104. caça e pesca	6,53	2	<b>0,038</b>
105. prática de uma modalidade desportiva	3,00	2	<b>0,224</b>
106. outras actividades	0,00	2	<b>1,000</b>



## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
102. passeios a pé	4496	8867	-1,119	<b>0,263</b>
103. andar de bicicleta/correr	4157,5	9828,5	-2,075	<b>0,038</b>
104. caça e pesca	4901,5	10572,5	-0,199	<b>0,842</b>
105. prática de uma modalidade desportiva	4709,5	9080,5	-1,368	<b>0,171</b>
106. outras actividades	4929	9300	0,000	<b>1,000</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
102. passeios a pé	9,50	5	<b>0,091</b>
103. andar de bicicleta/correr	16,71	5	<b>0,005</b>
104. caça e pesca	4,07	5	<b>0,540</b>
105. prática de uma modalidade desportiva	7,45	5	<b>0,190</b>
106. outras actividades	0,00	5	<b>1,000</b>

## 34. Conceito de férias (pag.123)

## Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
132. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)	4005	7660	-2,440	<b>0,015</b>
133. é não ter nada para fazer	4287	10842	-1,706	<b>0,088</b>
134. é sair do sítio onde vivo (praia, temas, visitar família, etc.)	4513	8168	-0,913	<b>0,361</b>
135. é ter tempo para mim	4707,5	11262,5	-0,517	<b>0,605</b>
136. é ir ao estrangeiro	4829	11384	-0,111	<b>0,912</b>
137. é ser reformado (considero que estou sempre de férias)	4735	11290	-0,494	<b>0,622</b>
138.Outro	4534,5	11089,5	-1,343	<b>0,179</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
132. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)	4506	7909	-0,850	<b>0,396</b>
133. é não ter nada para fazer	4692	11595	-0,323	<b>0,747</b>
134. é sair do sítio onde vivo (praia, temas, visitar família, etc.)	4437	7840	-0,994	<b>0,320</b>
135. é ter tempo para mim	4252	7655	-2,059	<b>0,039</b>
136. é ir ao estrangeiro	4723,5	8126,5	-0,511	<b>0,610</b>
137. é ser reformado (considero que estou sempre de férias)	4539	11442	-1,164	<b>0,245</b>
138.Outro	4304,5	11207,5	-2,141	<b>0,032</b>

## Classe: idade da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
132. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)	8,24	2	<b>0,016</b>
133. é não ter nada para fazer	2,16	2	<b>0,340</b>
134. é sair do sítio onde vivo (praia, temas, visitar família, etc.)	3,80	2	<b>0,150</b>
135. é ter tempo para mim	1,05	2	<b>0,590</b>
136. é ir ao estrangeiro	2,77	2	<b>0,251</b>
137. é ser reformado (considero que estou sempre de férias)	1,28	2	<b>0,527</b>
138.Outro	0,64	2	<b>0,725</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
132. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)	12,16	4	<b>0,016</b>
133. é não ter nada para fazer	18,22	4	<b>0,001</b>
134. é sair do sítio onde vivo (praia, temas, visitar família, etc.)	5,16	4	<b>0,271</b>
135. é ter tempo para mim	0,94	4	<b>0,919</b>
136. é ir ao estrangeiro	6,53	4	<b>0,163</b>
137. é ser reformado (considero que estou sempre de férias)	13,49	4	<b>0,009</b>
138.Outro	4,79	4	<b>0,309</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
132. é não ter de trabalhar (agricultura, tarefas domésticas, etc.)	4842,5	10513,5	-0,249	<b>0,803</b>
133. é não ter nada para fazer	4681	10352	-0,752	<b>0,452</b>
134. é sair do sítio onde vivo (praia, temas, visitar família, etc.)	4351	10022	-1,575	<b>0,115</b>
135. é ter tempo para mim	4836,5	10507,5	-0,345	<b>0,730</b>
136. é ir ao estrangeiro	4806	9177	-0,843	<b>0,399</b>
137. é ser reformado (considero que estou sempre de férias)	4460	8831	-2,087	<b>0,037</b>
138.Outro	4925,5	9296,5	-0,015	<b>0,988</b>

## 35. Redes sociais e ocupação do tempo livre (pag.125)

Classe: género

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	15,114(a)	2	<b>,001</b>	,000
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	7,335(b)	2	<b>,026</b>	,024
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	3,955(c)	2	,138	<b>,132</b>

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 21,36.

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,25.

c 2 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,58.

12. Costuma ocupar o seu tempo livre:		Sexo	
		masculino	feminino
107. sozinho	N	11	42
	% no sexo	12,9%	36,8%
108. em família	N	46	50
	% no sexo	54,1%	43,9%
109. com amigos/ vizinhos	N	28	22
	% no sexo	32,9%	19,3%

Classe: estado civil

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	56,914(a)	2	<b>,000</b>	,000
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	1,770(b)	2	<b>,413</b>	,439
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	3,353(c)	2	<b>,187</b>	,204

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 20,60.

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,89.

c 2 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,26.

12. Costuma ocupar o seu tempo livre:		Estado civil	
		casado/ vive junto	solteiro, viúvo, divorciado/ separado
107. sozinho	N	10	43
	% no estado	8,5%	52,4%
108. em família	N	79	17
	% no estado	67,5%	20,7%
109. com amigos/ vizinhos	N	28	22
	% no estado	23,9%	26,8%

Classe: agregado familiar

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	58,257(a)	4	<b>,000</b>	,000
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	6,160(b)	4	<b>,187</b>	,196
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	3,856(c)	4	,426	<b>,443</b>

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 12,06.

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,79.

c 3 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,95.

12. Costuma ocupar o seu tempo livre:		Agregado familiar		
		Vive só	Núcleo reduzido (2 pessoas)	Núcleo alargado (mais de 2 pessoas)
107. sozinho	N	30	14	9
	% no agregado	62,5%	16,1%	14,1%
108. em família	N	2	52	42
	% no agregado	4,2%	59,8%	65,6%
109. com amigos/ vizinhos	N	16	21	13
	% no agregado	33,3%	24,1%	20,3%

## Classe: valor da reforma

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo
				Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	19,664(a)	8	,012	<b>,010</b>
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	8,126(b)	8	,421	<b>,412</b>
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	5,348(c)	8	,720	<b>,723</b>

a 6 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,47.

b 6 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,26.

c 8 cells (53,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

12. Costuma ocupar o seu tempo livre:		Valor de reforma				
		até 300 euros	de 301 a 500 euros	de 501 a 700 euros	de 701 a 900 euros	mais de 900 euros
107. sozinho	N	26	14	2	2	3
	% na reforma	26,0%	24,6%	15,4%	20,0%	30,0%
108. em família	N	58	27	5	1	4
	% na reforma	58,0%	47,4%	38,5%	10,0%	40,0%
109. com amigos/ vizinhos	N	16	16	6	7	3
	% na reforma	16,0%	28,1%	46,2%	70,0%	30,0%

## Classe: motivo da reforma

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo
				Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	14,256(a)	6	<b>,027</b>	,026
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	4,241(b)	6	,644	<b>,650</b>
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	13,525(c)	6	,035	<b>,039</b>

a 2 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,02.

b 4 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,45.

c 6 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,51.

12. Costuma ocupar o seu tempo livre:		Motivo de reforma			
		Ter atingido a idade	Ter atingido os descontos	Questões de saúde	Outros motivos
107. sozinho	N	21	8	16	8
	% no motivo	20,0%	28,6%	29,6%	66,7%
108. em família	N	59	12	23	2
	% no motivo	56,2%	42,9%	42,6%	16,7%
109. com amigos/ vizinhos	N	25	8	15	2
	% no motivo	23,8%	28,6%	27,8%	16,7%

## Classe: freguesia

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	32,175(a)	10	<b>,000</b>	,001
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	12,449(b)	10	,256	<b>,261</b>
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	6,049(c)	10	,811	<b>,831</b>

a 1 cells (5,6%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,77.

b 8 cells (44,4%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,29.

c 10 cells (55,6%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,88.

12. Costuma ocupar o seu tempo livre:		Freguesia					
		Bustos	Oiã	Troviscal	Oliveira do Bairro	Palhaça	Mamarrosa
107. sozinho	N	8	14	4	16	8	3
	% na Freg.	28,6%	24,6%	13,8%	36,4%	36,4%	15,8%
108. em família	N	13	31	7	22	13	10
	% na Freg.	46,4%	54,4%	24,1%	50,0%	59,1%	52,6%
109. amigos/ vizinhos	N	7	12	18	6	1	6
	% na Freg.	25,0%	21,1%	62,1%	13,6%	4,5%	31,6%

## 36. Constrangimentos do tempo livre (pag. 126)

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
120. falta de tempo	2,01	4	<b>0,734</b>
121. falta de transporte	11,96	4	<b>0,018</b>
122. problemas financeiros	0,80	4	<b>0,938</b>
123. doença	6,11	4	<b>0,191</b>
124. inexistência da actividade que gostaria	6,40	4	<b>0,171</b>
125. não ter companhia	4,78	4	<b>0,311</b>
126. outro	2,24	4	<b>0,691</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
120. falta de tempo	0,60	4	<b>0,963</b>
121. falta de transporte	2,43	4	<b>0,657</b>
122. problemas financeiros	0,27	4	<b>0,992</b>
123. doença	3,22	4	<b>0,522</b>
124. inexistência da actividade que gostaria	10,11	4	<b>0,039</b>
125. não ter companhia	8,51	4	<b>0,075</b>
126. outro	7,71	4	<b>0,103</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
120. falta de tempo	63	108	-1,499	<b>0,134</b>
121. falta de transporte	72	117	-1,020	<b>0,308</b>
122. problemas financeiros	72	117	-1,019	<b>0,308</b>
123. doença	71,5	116,5	-0,546	<b>0,585</b>
124. inexistência da actividade que gostaria	55	226	-1,604	<b>0,109</b>
125. não ter companhia	32	203	-3,023	<b>0,003</b>
126. outro	77	122	-0,333	<b>0,739</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
120. falta de tempo	2,33	4	<b>0,675</b>
121. falta de transporte	8,45	4	<b>0,076</b>
122. problemas financeiros	16,62	4	<b>0,002</b>
123. doença	3,44	4	<b>0,487</b>
124. inexistência da actividade que gostaria	4,61	4	<b>0,330</b>
125. não ter companhia	2,57	4	<b>0,632</b>
126. outro	5,17	4	<b>0,271</b>

**37. Realização de férias (pag. 127)**

Classe: agregado familiar

Estadística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
6,531(a)	2	<b>,038</b>	,045

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,61.

18. Passa habitualmente férias?		Agregado familiar		
		Vive só	Núcleo reduzido (2 pessoas)	Núcleo alargado (mais de 2 pessoas)
Não	N	38	61	56
	% no agregado	79,2%	70,1%	87,5%
Sim	N	10	26	8
	% no agregado	20,8%	29,9%	12,5%

Classe: outros rendimentos

Estadística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
4,857(b)	1	<b>,028</b>	,039

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 20,56.

18. Passa habitualmente férias?		Outros rendimentos	
		Não possui outros rendimentos	Possui outros rendimentos
Não	N	89	66
	% nos rendimentos	84,0%	71,0%
Sim	N	17	27
	% nos rendimentos	16,0%	29,0%

Classe: valor da reforma

Estadística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
15,759(a)	4	,003	<b>,004</b>

a 3 cells (30,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,26.

18. Passa habitualmente férias?		Valor de reforma				
		até 300 euros	de 301 a 500 euros	de 501 a 700 euros	de 701 a 900 euros	mais de 900 euros
não	N	84	43	10	3	7
	% na reforma	84,0%	75,4%	76,9%	30,0%	70,0%
sim	N	16	14	3	7	3
	% na reforma	16,0%	24,6%	23,1%	70,0%	30,0%

**38. Constrangimentos para não passar férias (pag.128)**

Classe: género

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	2633	4844	-1,626	<b>0,104</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (campo, gado, etc)	2879,5	5090,5	-0,456	<b>0,648</b>
143. porque não tenho companhia	2959	7054	-0,055	<b>0,956</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	2345	6440	-3,117	<b>0,002</b>
145 .por questões financeiras	2790	6885	-0,869	<b>0,385</b>
146. por motivos de saúde	2877,5	5088,5	-0,477	<b>0,633</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	2804	5015	-0,737	<b>0,461</b>
148 .outro	2877	5088	-0,429	<b>0,668</b>

## Classe: idade

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	0,64	3	<b>0,887</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc)	3,42	3	<b>0,331</b>
143. porque não tenho companhia	2,53	3	<b>0,469</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	1,29	3	<b>0,730</b>
145. por questões financeiras	2,01	3	<b>0,570</b>
146. por motivos de saúde	6,79	3	<b>0,079</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	3,39	3	<b>0,335</b>
148 .outro	9,02	3	<b>0,029</b>

## Classe: instrução

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	3,82	4	<b>0,430</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc)	2,35	4	<b>0,671</b>
143. porque não tenho companhia	2,92	4	<b>0,572</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	10,79	4	<b>0,029</b>
145 .por questões financeiras	2,82	4	<b>0,588</b>
146. por motivos de saúde	12,60	4	<b>0,013</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	6,43	4	<b>0,170</b>
148 .outro	10,23	4	<b>0,037</b>

## Classe: estado civil

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	2704,5	6890,5	-1,223	<b>0,221</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado)	2827	4972	-0,659	<b>0,510</b>
143. porque não tenho companhia	2486,5	6672,5	-2,350	<b>0,019</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	2910	7096	-0,237	<b>0,812</b>
145 .por questões financeiras	2773	4918	-0,893	<b>0,372</b>
146. por motivos de saúde	2644	4789	-1,621	<b>0,105</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	2826	7012	-0,585	<b>0,558</b>
148 .outro	2642,5	4787,5	-1,456	<b>0,145</b>

## Classe: agregado familiar

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	6,00	2	<b>0,050</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc)	5,74	2	<b>0,057</b>
143. porque não tenho companhia	3,64	2	<b>0,162</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	2,39	2	<b>0,303</b>
145 .por questões financeiras	0,34	2	<b>0,843</b>
146. por motivos de saúde	0,20	2	<b>0,904</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	0,26	2	<b>0,876</b>
148 .outro	3,13	2	<b>0,209</b>

## Classe: valor da reforma

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	7,44	4	<b>0,114</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc)	3,13	4	<b>0,536</b>
143. porque não tenho companhia	12,38	4	<b>0,015</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	18,59	4	<b>0,001</b>
145 .por questões financeiras	2,63	4	<b>0,622</b>
146. por motivos de saúde	4,75	4	<b>0,313</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	8,67	4	<b>0,070</b>
148 .outro	7,79	4	<b>0,100</b>

## Classe: outros rendimentos

	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	2805	5016	-0,796	<b>0,426</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (campo, gado, etc)	2792	6887	-0,897	<b>0,370</b>
143. porque não tenho companhia	2536	6631	-2,161	<b>0,031</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	2905,5	7000,5	-0,322	<b>0,748</b>
145 .por questões financeiras	2300	4511	-3,236	<b>0,001</b>
146. por motivos de saúde	2930,5	5141,5	-0,204	<b>0,838</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	2553	6648	-1,852	<b>0,064</b>
148 .outro	2898	5109	-0,332	<b>0,740</b>

## Classe: freguesia

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	6,18	5	<b>0,289</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc)	4,36	5	<b>0,499</b>
143. porque não tenho companhia	29,05	5	<b>0,000</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	1,21	5	<b>0,944</b>
145. por questões financeiras	4,91	5	<b>0,427</b>
146. por motivos de saúde	0,85	5	<b>0,974</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	15,33	5	<b>0,009</b>
148. outro	3,61	5	<b>0,607</b>

## 39. Satisfação com a forma como ocupa o tempo livre (pag.129)

## Classe: género

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	15,114(a)	2	<b>,001</b>	,000
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	7,335(b)	2	<b>,026</b>	,024
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	3,955(c)	2	,138	<b>,132</b>

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 21,36.

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,25.

c 2 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,58.

40. Tabelas da análise de *clusters* (pag. 131)

## Gostaria que me dissesse o que é para si ser idoso?

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
1. ser experiente e ter sabedoria	0,09	3	<b>0,992</b>
2. ser livre e não ter um trabalho	4,96	3	<b>0,175</b>
3. estar reformado	4,17	3	<b>0,244</b>
4. não poder fazer as mesmas coisas que fazia quando era novo	5,18	3	<b>0,159</b>
5. já não ter força para trabalhar	8,26	3	<b>0,041</b>
6. estar esquecido	3,93	3	<b>0,269</b>
7. perder capacidades físicas	1,80	3	<b>0,616</b>
8. perder capacidades psicológicas	0,00	3	<b>1,000</b>
9. ter mais de 65 anos	3,52	3	<b>0,318</b>
10. ter mais de 75 anos	6,27	3	<b>0,099</b>
11. outro	4,23	3	<b>0,237</b>

## Como encara a velhice?

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
20. não penso nisso	5,22	3	<b>0,156</b>
21. com tranquilidade e naturalidade	0,26	3	<b>0,968</b>
22. bem, desde que tenha saúde	2,18	3	<b>0,536</b>
23. preocupa-me o futuro (solidão)	1,95	3	<b>0,584</b>
24. não encaro bem, sinto-me incapaz de fazer muitas tarefas	10,53	3	<b>0,015</b>
25. sinto falta de uma profissão	1,63	3	<b>0,652</b>
26. preocupa-me a parte psicológica	0,00	3	<b>1,000</b>
27. preocupa-me a parte física (estética)	0,00	3	<b>1,000</b>
28. preocupa-me a parte física (perda de capacidades/doenças)	10,65	3	<b>0,014</b>
29. outro	3,39	3	<b>0,335</b>

## Como acha que os idosos são tratados actualmente?

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
30. no geral são bem tratados	6,19	3	<b>0,103</b>
31. já existem muitas actividades orientadas para este grupo etário	2,94	3	<b>0,401</b>
32. há muitas instituições que acolhem bem os idosos	1,78	3	<b>0,619</b>
33. são cuidados pelos seus familiares	9,45	3	<b>0,024</b>
34. há preocupações, mas não há resultados visíveis	1,48	3	<b>0,686</b>
35. são vistos como um empecilho	15,68	3	<b>0,001</b>
36. as pessoas não têm tempo, por isso não se preocupam	1,81	3	<b>0,613</b>
37. a família não está disponível para cuidar dos seus idosos	12,59	3	<b>0,006</b>
38. são abandonados/ ignorados pela família (solidão/lar)	2,14	3	<b>0,544</b>
39. são discriminados	2,70	3	<b>0,440</b>
40. outro	4,10	3	<b>0,251</b>

**Pode dizer-me o que é para si "tempo livre"?**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
67. é estar sem fazer nada	1,17	3	<b>0,760</b>
68. é fazer o que se quer	3,44	3	<b>0,329</b>
69. é estar entretido	4,07	3	<b>0,254</b>
70. é não estar a trabalhar	1,75	3	<b>0,627</b>
71. é estar em casa	11,63	3	<b>0,009</b>
72. é não estar em casa	4,45	3	<b>0,217</b>
73. é estar livre para fazer o que nos dá mais prazer	14,74	3	<b>0,002</b>
74. é estar com a família ou amigos	1,33	3	<b>0,721</b>
75. Outro	0,22	3	<b>0,974</b>

**E nos tempos livres, o que costuma fazer?****Categoria : "trabalhos domésticos e cuidados à família"**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
76. arrumar e organizar as coisas da casa	4,50	3	<b>0,212</b>
77. dedicar-se a trabalhos manuais (renda, carpintaria, etc)	6,52	3	<b>0,089</b>
78. trabalhos de jardinagem, cultivo e cuidados a animais	6,75	3	<b>0,080</b>
79. construção e/ou reparação de equipamento doméstico	1,69	3	<b>0,640</b>
80. ir a mercados ou centros comerciais	6,19	3	<b>0,103</b>
81. ensinar/ ler/ jogar/ acompanhar crianças	8,93	3	<b>0,030</b>
82. cuidados e assistência à família	8,37	3	<b>0,039</b>

**Categoria: "actividades cívicas e de voluntariado"**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
83. trabalho voluntário	0,99	3	<b>0,803</b>
84. frequentar associações ou sociedades recreativas	8,81	3	<b>0,032</b>
85. dedicar-se a actividades religiosas	4,11	3	<b>0,249</b>

**Categoria: "vida social e entretenimento e meios audiovisuais"****Praticas culturais domésticas**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
86. ver televisão	7,85	3	<b>0,049</b>
87. ouvir rádio/música	4,69	3	<b>0,196</b>
88. ler livros, jornais ou revistas	15,60	3	<b>0,001</b>

**Praticas culturais de saída**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
89. ir ao cinema	4,59	3	<b>0,205</b>
90. ir ao teatro ou outros espectáculos	1,08	3	<b>0,782</b>
91. ir a museus e exposições	2,04	3	<b>0,563</b>
92. ir à biblioteca ou livraria	6,95	3	<b>0,073</b>
93. ir a jogos de futebol ou outros desportos	10,04	3	<b>0,018</b>

**Actividades socioculturais**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
94. frequentar praças ou jardins públicos	10,53	3	<b>0,015</b>
95. ir ao café ou à taberna	37,90	3	<b>0,000</b>
96. ir a bailes, romarias ou festas populares	7,93	3	<b>0,047</b>
97. viajar em excursões, visitas turísticas, feiras, etc.	0,86	3	<b>0,834</b>
98. visitar e ser visitado	2,95	3	<b>0,399</b>
99. jogar às cartas/ bilhar/ damas/ outros jogos	24,21	3	<b>0,000</b>
100. ir comer fora com familiares ou amigos	9,50	3	<b>0,023</b>
101. conviver com vizinhos ou amigos	0,62	3	<b>0,893</b>

**Categoria: "prática de desportos"**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
102. passeios a pé	2,33	3	<b>0,507</b>
103. andar de bicicleta/correr	1,35	3	<b>0,718</b>
104. caça e pesca	7,83	3	<b>0,050</b>
105. prática de uma modalidade desportiva	9,89	3	<b>0,019</b>
106. outras actividades	0,00	3	<b>1,000</b>



**12. Costuma ocupar o seu tempo livre:**

	Estatística	G.L.	Valor de prova	Monte Carlo Valor de prova
12. Costuma ocupar o seu tempo livre:	24,636(a)	6	<b>,000</b>	,000
13. Está satisfeito com a forma como ocupa o seu tempo livre?	4,524(b)	6	<b>,606</b>	,608
14. Gostaria de preencher esse tempo de outra forma?	11,263(c)	6	,081	<b>,074</b>

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,21.

b 2 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,19.

c 5 cells (41,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,52.

12. Costuma ocupar o seu tempo livre:		Cluster			
		1	2	3	4
107. sozinho	N	8	7	19	13
	% no Cluster	16,7%	21,2%	29,7%	29,5%
108. em família	N	36	10	27	21
	% no Cluster	75,0%	30,3%	42,2%	47,7%
109. com amigos/ vizinhos	N	4	16	18	10
	% no Cluster	8,3%	48,5%	28,1%	22,7%

**Que motivos o levam a não preencher o tempo livre como gostaria?**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
120. falta de tempo	6,14	3	<b>0,105</b>
121. falta de transporte	1,86	3	<b>0,603</b>
122. problemas financeiros	2,62	3	<b>0,454</b>
123. doença	0,87	3	<b>0,831</b>
124. inexistência da actividade que gostaria	10,43	3	<b>0,015</b>
125. não ter companhia	2,34	3	<b>0,505</b>
126. outro	2,64	3	<b>0,450</b>

**Porque não passa férias?**

	Qui-quadrado	gl	Valor de prova
141. porque não gosto de abandonar a Casa	4,59	3	<b>0,204</b>
142. porque não tenho quem cuide das coisas (do campo, gado, etc)	1,98	3	<b>0,577</b>
143. porque não tenho companhia	3,43	3	<b>0,330</b>
144. porque acho que já passo férias todo o ano	3,00	3	<b>0,391</b>
145. por questões financeiras	5,72	3	<b>0,126</b>
146. por motivos de saúde	9,52	3	<b>0,023</b>
147. porque nunca passei férias (não sei o que isso é)	12,20	3	<b>0,007</b>
148. outro	4,54	3	<b>0,209</b>